



Retratos da Leitura no Brasil

6

Zoara Failla
organizadora



Retratos da
Leitura
no Brasil **6**



APOIO



PATROCÍNIO



PARCERIA



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRAZIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Retratos da
Leitura
no Brasil **6**

Zoara Failla
organizadora

Copyright © 2025 Instituto Pró-Livro

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser armazenada ou reproduzida por nenhum meio e de nenhuma forma, sem expressa permissão por escrito dos detentores dos direitos autorais.

Organizadora Zoara Failla



Produção Editorial Ab Aeterno

Coordenação Editorial Camile Mendrot | Ab Aeterno

Edição Gabriela Degen | Ab Aeterno

Revisão Luciano Bergamaschi, July Santos
e Isabella Braghini | Ab Aeterno

Projeto gráfico Vítor Goersch | Ab Aeterno

Edição de arte Ana Clara Suzano | Ab Aeterno

Diagramação Vítor Goersch, Liseth Campos,
Mariana Magro e Priscila Wu | Ab Aeterno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Retratos da leitura no Brasil 6 / Zoara Failla,
organizadora. -- São Paulo : Instituto Pró-Livro,
2025.

ISBN 978-65-987261-0-2

1. Hábitos de leitura 2. Leitura - Brasil -
Estatísticas 3. Livros e leitura - Brasil I. Failla,
Zoara.

25-272453

CDD-028

Índices para catálogo sistemático:

1. Livros e leitura 028

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª edição

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Impresso por Gráfica Santa Marta, em maio de 2025.

Instituto Pró-Livro
Alameda Joaquim Eugênio de Lima, 881
Conj. 1011/1012 – Jardim Paulista
São Paulo – SP
01403-001
www.prolivro.org.br
Tel.: (11) 3846-6475





Carta ao leitor

Por que ler *Retratos da Leitura no Brasil 6?*

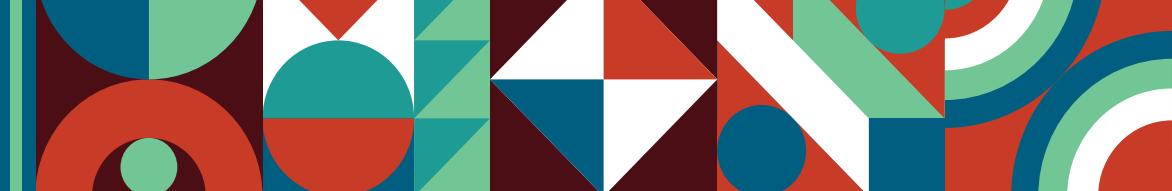
Instigar (novas) inquietações sobre a leitura no Brasil, seus desafios e oportunidades, foi o que moveu o Instituto Pró-Livro a convidar “provocadores” e leitores – incluindo você – para traduzirem o que nos revelou a 6ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, de 2024, materializando diferentes olhares sobre o cenário da leitura no país.

Escolher um “ângulo” para focar o “retrato” pode revelar qual cenário da leitura no Brasil queremos pintar. Focamos os 53% de brasileiros que não são leitores, os 36% que não leem porque não compreendem o que leem e, ainda, que somente 18% são leitores de literatura – ou preferimos nos alentar com as filas de jovens em eventos do livro e esquecer o que nos dizem os brasileiros *não leitores*?

Nesta publicação, escolhemos provocar as inquietudes, pois, se continuarmos contemplando passivamente a realidade da leitura no Brasil ou transferindo para algum outro agente, público ou civil, a culpa ou a solução para o retrato que nos encara, talvez já na próxima edição alcancemos o patamar de 80% de não leitores.

Por que isso importa? Para alguns, pode parecer pouco relevante, pois nunca se leu tanto na internet e nas redes sociais.

A ebulição nas teses e crenças sobre o poder dos livros entre aqueles que, como nós, se alimentam de ideias e de questionamentos, mas sempre dentro da mesma “bolha”, parece que não responde mais à questão central: ***por que não estamos conseguindo transformar este em um país de mais leitores, e de leitores críticos e autônomos?***



Por ora, nossa humilde e ainda vacilante resposta é: *vamos formar professores para formar leitores críticos, capazes de compreender e ser sujeitos de transformações – inclusive aquelas trazidas pela inteligência artificial –, sem deixarem de ser empáticos e orientados por valores humanistas e democráticos.*

Aceite o convite para entrar nas “entranhas” dessas páginas, que trazem diferentes perspectivas e inquietações sobre a pesquisa para responder à nossa principal questão: *como sair do “fundo do poço”?*

Trago o profundo agradecimento da diretoria do IPL aos parceiros, especialistas e articulistas que possibilitaram a pesquisa e esta obra.

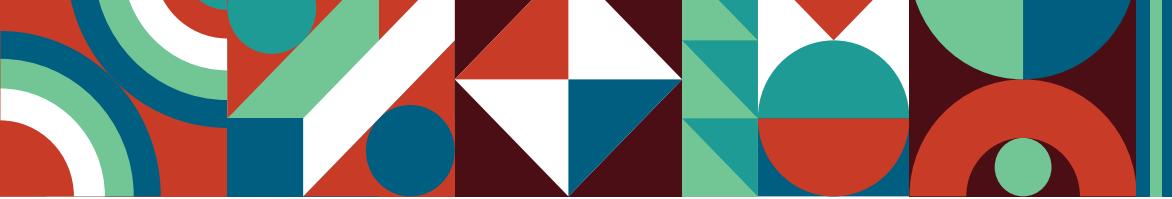
Seguimos juntos nesta inquietante direção: superar desafios para transformar o Brasil em um país de leitores críticos e ávidos por livros e literatura.

A 6^a edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil e este livro foram realizados pelo Instituto Pró-Livro, graças à Lei Rouanet/MinC, ao patrocínio do Itaú Unibanco, à parceria da Fundação Itaú e ao apoio das entidades do livro que mantêm o IPL (Abrelivros, CBL e Snel). A pesquisa foi aplicada pelo IPEC. Este livro contou, também, com o apoio da Fundação Santillana, da Companhia das Letras, da gráfica Santa Marta e da Suzano S.A.

Muito obrigada!

Zoara Failla

Coordenadora da pesquisa e organizadora desta edição



Sumário

PARTE 1

● Prefácio

A importância da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – Sevani Matos	13
Leitura: uma garantia do amanhã – Eduardo Saron	16
País de homens e livros: desafios para a construção do Brasil que queremos – Abrelivros, CBL, Snel	18

● Introdução

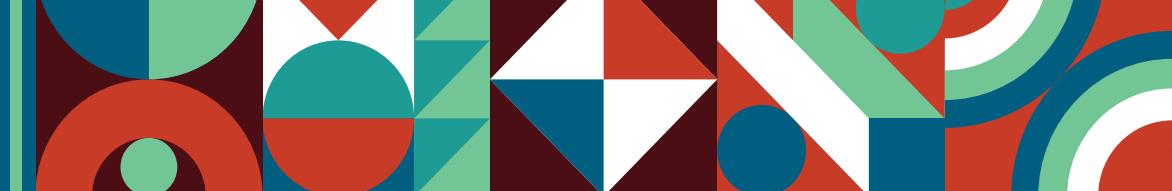
"Retratos" e leituras da 6ª pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – Zoara Failla	22
---	-----------

● Leitura transformando vidas e sociedades

1. O não leitor: seu crescimento ameaça o desenvolvimento social, humano e a democracia? – Karine Pansa	58
2. "Vai para a biblioteca, que isso passa": como as bibliotecas podem contribuir para um melhor retrato da leitura no Brasil – Bel Santos Mayer	64

● A formação do leitor

3. Arte, brinquedos, brincadeiras e contação de histórias: a criança como caminho para despertar o gosto pela leitura de livros – Idmea Semeghini-Siqueira e Nágila Euclides da Silva Polido	72
--	-----------



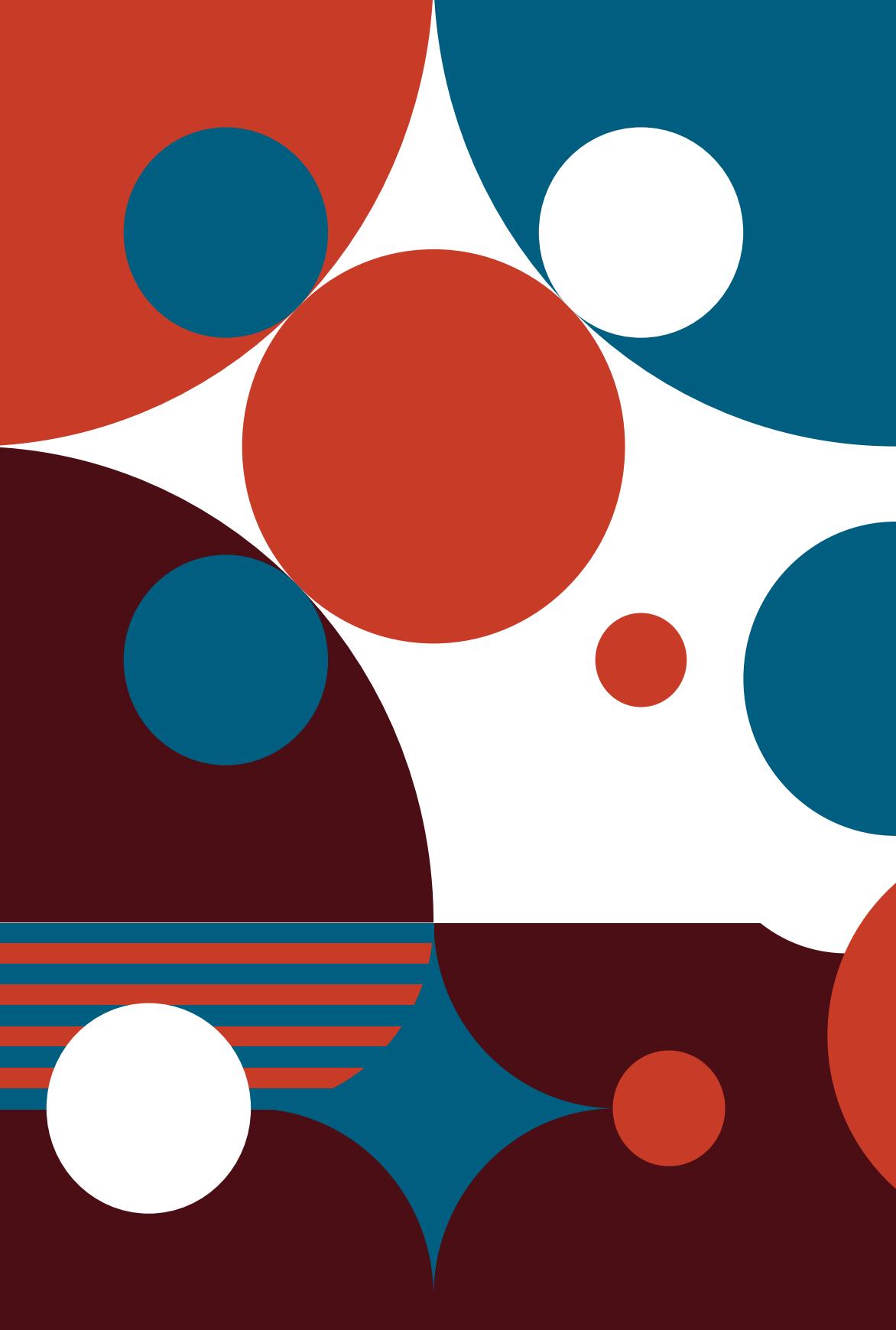
4. O envolvimento das famílias nas práticas leitoras com alunos do Ensino fundamental I: professora de escola pública de São Paulo conta sua experiência – Teresa Cristina Aliperti	84
5. Desafios para a formação de leitores na escola – Maria do Rosario Mortatti	93
6. O que temos a ler? Desafios e trajetórias na formação do leitor e a literatura – Eliana Yunes	99
7. A mediação da leitura literária em xeque – João Luís Ceccantini e Luiz Fernando Martins de Lima	108
8. Os influenciadores “literários digitais” e o declínio da leitura: formação de leitores ou fomento ao consumo? – Ana Erthal	118
9. Leitura e desmaterialização dos suportes da arte – Jéferson Assumção	125
D Acesso aos livros em bibliotecas, feiras e livrarias para a construção de uma sociedade leitora	
10. Bibliotecas além dos estereótipos: lugares de leitura, cultura e transformação social – Jorge Moisés Kroll do Prado	136
11. A expansão da demanda por livro passa por um projeto de país – Mariana Bueno	142
12. A crise da leitura: desafios e oportunidades para as livrarias brasileiras – Alexandre Martins Fontes	147
13. O livro como revolução: Bienais, feiras e o despertar cultural do Brasil – Rogerio Robalinho	152
D Como melhorar esse retrato? A pesquisa e as políticas públicas	
14. Comparação de tendências da população leitora em alguns países ibero-americanos – Margarita Cuéllar-Barona (diretora da Cervlalc-Unesco)	158



15. Por um outro retrato da leitura em nossas carteiras de identidade – Fabiano dos Santos Piúba	169
16. <i>Retratos da Leitura no Brasil e as Políticas Públicas do Livro e Leitura: o que nos diz a série histórica –</i> José Castilho Marques Neto	178

PARTE 2

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil	190
D O leitor de livros: perfil	208
D Indicadores de leitura: livros lidos e leitores	218
D Motivações e hábitos de leitura	226
D Barreiras para a leitura	235
D Gosto pela leitura e representações	244
D Principais Influenciadores	248
D Leitura atual: o que está lendo	254
D Livros e autores que conhece e prefere	266
D Leituras digitais e em outros suportes e meios	272
D Leitores de Literatura em livros e outras plataformas	284
D Acesso aos livros: consumo e compra	288
D Bibliotecas escolares e universitárias: percepções e uso	294
Realização e Comissão técnica	302





PARTE 1

Prefácio

A importância da pesquisa

Retratos da Leitura no Brasil

Sevani Matos

Em tempos de profundas transformações na sociedade, a leitura tem se mostrado essencial para o entendimento e a construção de um futuro digno e desejável para a nossa evolução. Assim, compreender a relação do brasileiro com o livro tornou-se tarefa indispensável àqueles que se dedicam à promoção da leitura como direito e prática formadora.

A leitura, em sua dimensão simbólica e civilizatória, não se desenvolve espontaneamente; exige mediação, investimento e conhecimento qualificado sobre seus percursos e obstáculos. Nesse contexto, a pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil*** consolida-se como um instrumento estratégico, oferecendo um retrato preciso e historicamente comparável dos hábitos, das motivações e das dificuldades que atravessam o comportamento leitor da população.

Há muito tempo se fala da necessidade de políticas estruturantes e eficientes para mudar a realidade da leitura no nosso país, mas pouco foi concretizado até o momento. A assinatura do decreto que regulamenta a Política Nacional de Leitura e Escrita em 2024 é, sem dúvida, um importante passo nesse sentido, e seguimos fortes no propósito de que o Brasil se comprometa com a formação de leitores. Ao obter dados e contextos, a pesquisa contribui para que políticas públicas, iniciativas institucionais e ações do mercado editorial sejam orientadas por evidências concretas — condição indispensável para qualquer projeto duradouro de formação leitora no país.

Desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro ao longo dos últimos 18 anos, a pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil*** tornou-se muito mais do que um levantamento estatístico; é um verdadeiro farol que orienta os caminhos da promoção da leitura no país. A cada nova edição, oferece um diagnóstico rigoroso e confiável sobre como os brasileiros leem, por que leem, o que leem, onde e em que condições o fazem e, sobretudo, por que muitos ainda não leem.

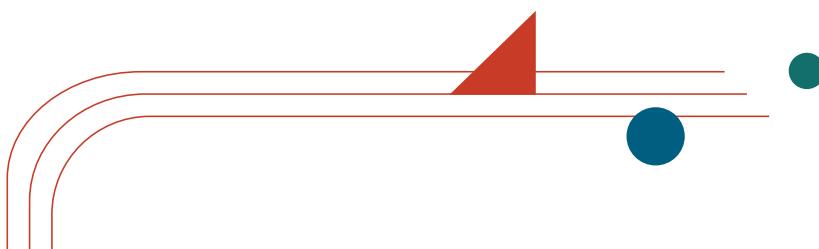
A ***Retratos da Leitura no Brasil*** tornou-se muito mais do que um levantamento estatístico; é um verdadeiro farol.

A relevância vai além dos números. A pesquisa contribui para identificar gargalos estruturais, mudanças de comportamento e impactos geracionais, além de mensurar o papel das escolas, das famílias, das bibliotecas, das novas mídias e do mercado editorial na formação de leitores. Isso permite que governos, educadores, pesquisadores, editoras e demais agentes do livro atuem com base em evidências, de forma mais efetiva e coordenada.

A metodologia da pesquisa segue as diretrizes do Cerlalc-Unesco e mantém rigor técnico e comparabilidade histórica. Realizada pelo Instituto Pró-Livro, a pesquisa só acontece porque há instituições que acreditam no poder transformador da leitura, como a Associação Brasileira de Livros e Conteúdos Educacionais (Abrelivros), a Câmara Brasileira do Livro (CBL), o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel) e parceiros como o Itaú Unibanco e a Fundação Itaú.

A ***Retratos da Leitura no Brasil*** já alcançou, em sua 6^a edição, mais de 200 municípios, trazendo, nesta última, dados inéditos a respeito da presença de livros infantis nos lares e da percepção das crianças sobre os hábitos de leitura dos pais.

Esses novos recortes são fundamentais para compreendermos como se forma — ou se interrompe — a relação com o livro desde a infância. Ao revelar, por exemplo, o afastamento progressivo da leitura por prazer à medida que a idade dos leitores avança, a pesquisa aponta caminhos urgentes para preservar e fortalecer o vínculo afetivo com os livros ao longo de toda a vida.

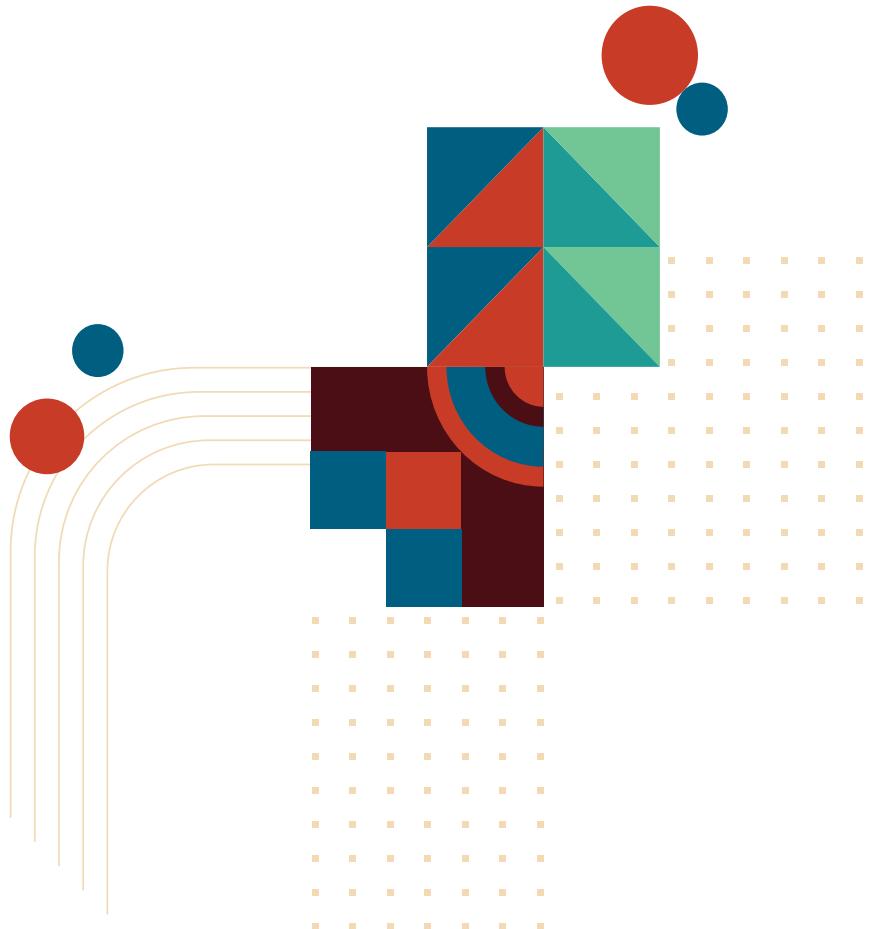


No Instituto Pró-Livro, acreditamos que ampliar o acesso ao livro e fomentar a leitura são compromissos com a transformação social do Brasil. A leitura forma cidadãos mais críticos, conscientes e preparados para os desafios do mundo contemporâneo, e a ***Retratos da Leitura no Brasil*** é uma ferramenta fundamental para garantir que esse compromisso se traduza em ações concretas.

Que este levantamento continue a inspirar políticas públicas duradouras, ações de fomento eficazes e o engajamento de toda a sociedade. Afinal, ler é, antes de tudo, um direito, e garantir esse direito significa construir um país mais justo, democrático e desenvolvido.

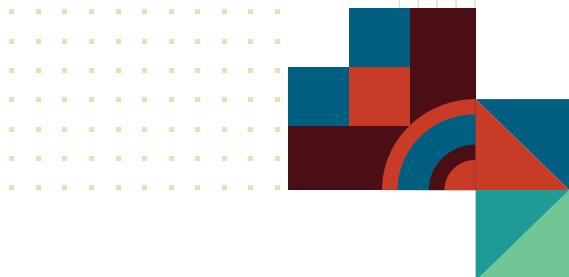
Sevani Matos

Presidente do Instituto Pró-Livro



Leitura: uma garantia do amanhã

Eduardo Saron



No cenário dinâmico do Brasil, onde a construção de futuros mais justos e equitativos depende da participação ativa de seus cidadãos, a leitura se afirma como um alicerce fundamental desse projeto. Ela nos possibilita questionar, compreender e, sobretudo, agir. A pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil***, conduzida pelo Instituto Pró-Livro (IPL), em parceria com a Fundação Itaú, apresenta dados alarmantes que reforçam a urgência de um esforço conjunto para construir um país que entenda a leitura como caminho para o desenvolvimento individual e coletivo. Isso porque, pela primeira vez em uma série histórica, o número de não leitores supera o de leitores.

O estudo apontou que, nos últimos quatro anos, o Brasil perdeu cerca de 6,7 milhões de leitores. Além disso, 53% da população brasileira não leu sequer parte de um livro nos três meses que antecederam o levantamento — considerando todos os gêneros e formatos, incluindo obras didáticas e religiosas. Se restringirmos a análise apenas aos livros lidos integralmente, o percentual de leitores cai para preocupantes 27%.

Esses números reforçam a urgência do restabelecimento e fortalecimento de políticas públicas de livro e leitura em todas as esferas governamentais. O legado do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) demonstra a importância de ações interdependentes coordenadas entre Estado e sociedade civil para impulsionar o acesso ao livro e a formação de leitores. A sustentabilidade das bibliotecas públicas — o equipamento cultural público

Pela primeira vez em uma série histórica, o número de não leitores supera o de leitores.

mais capilarizado do país – deve ser garantida por meio de políticas de Estado consistentes, assim como o reconhecimento da leitura como direito inerente a todos. Negar esse direito é privar indivíduos da capacidade de analisar, questionar e imaginar futuros. Leitores comprometidos constroem suas próprias narrativas, são críticos, inquietos e pouco suscetíveis à manipulação.

Outro dado alarmante do estudo é o declínio da escola como espaço de leitura: a menção à sala de aula como referência para os leitores caiu de 35% em 2007 para apenas 19% em 2024, o menor índice já registrado. Apesar dos desafios, é importante reiterar que a escola continua sendo um espaço primordial para o desenvolvimento de habilidades de letramento que influenciarão as competências e os hábitos de leitura ao longo da vida. Para muitas crianças, especialmente aquelas de famílias não leitoras e de contextos sociais vulneráveis, a escola, juntamente com as bibliotecas escolares e os professores, representa a principal oportunidade para o despertar do interesse e do gosto pela leitura. De acordo com a pesquisa, os educadores são os maiores responsáveis pelo interesse e indicação de livros na faixa etária de 5 a 17 anos. Por isso, investir para que a escola volte a ser um lugar de referência para a leitura é essencial.

A leitura nos permite vivenciar outras vidas, compreender emoções desconhecidas e conhecer culturas distantes. A ficção não mente; ela é uma tentativa subjetiva de alcançar outras possibilidades, convidando-nos a repensar criticamente o mundo que nos rodeia, a inovar e criar novos futuros.

Construir um Brasil de leitores exige um esforço coletivo e contínuo, com foco em soluções que atuem desde a primeira infância, fortaleçam o papel da escola e da família, valorizem os mediadores de leitura e garantam políticas públicas efetivas. Por isso, este prefácio é, sobretudo, um chamado. Apesar dos desafios, é imprescindível lembrar que, ao acreditarmos no poder da leitura, estamos acreditando no amanhã. Estamos criando condições para que cidadãos críticos, criativos e engajados construam uma sociedade mais justa e equitativa.

Eduardo Saron

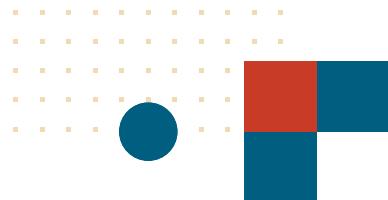
Presidente da Fundação Itaú

País de homens e livros: desafios para a construção do Brasil que queremos

José Angelo Xavier, presidente da Abrelivros

Sevani Matos, presidente da CBL

Dante Cid, presidente do Snel



O pensador brasileiro Darcy Ribeiro disse certa vez que, no Brasil, "a crise na educação não é crise, mas um projeto". A tirada de Darcy tem uma triste e amarga reverberação com o resultado da 6ª e última edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, estudo organizado pelo Instituto Pró-Livro, criado em 2005 e mantido até hoje por três das principais instituições do setor do livro no país: a Abrelivros, a CBL e o Snel.

Isso porque, entre dados inquietantes, houve um que sintetizou nossas preocupações: pela primeira vez o número de não leitores ultrapassou o de leitores no país. Se o objetivo das instituições que batalham por construir uma nação leitora é fazer com que os livros se tornem não meros objetos inertes, mas ferramentas vivas de transformação, essa informação teve um gosto de derrota. Porém, essa é apenas a derrota em uma batalha, muito ainda pode ser feito para reverter esse triste retrato.

Porque nós, das instituições mantenedoras do Instituto Pró-livro, continuamos a acreditar no livro: um instrumento de transformação social fundamental para a formação do cidadão crítico e consciente e ferramenta essencial para a educação que almejamos. A leitura proporciona uma visão muito mais ampla do mundo e da sociedade, faz refletir e questionar, nos preparando para realizar as revoluções necessárias.

Para começar, é preciso que o livro chegue aos leitores. Sem livro, não pode haver leitores. Mas o livro sozinho não faz milagre: é preciso ainda que haja capacitadores que consigam transformar o objeto livro nessa arma da mudança – principalmente nas idades escolares e na parcela da população que não tem condições de comprar livros, seja por falta de pontos de venda, seja por dificuldades financeiras.

Segundo a pesquisa, entre os 47% da população brasileira que se identifica como leitora, 77% estão estudando. É um número impressionante porque demonstra a correlação entre a leitura e a educação. Ao mesmo tempo, percebemos que há uma diminuição dos recursos entre as classes mais baixas para poder se dedicar aos livros. Entre os que ganham até um salário-mínimo como renda familiar, apenas 39% se dizem leitores. Para piorar, esse número era 7 pontos percentuais maior na edição de 2019 da pesquisa. Na Região Norte, a maior do país, que enfrenta as maiores dificuldades logísticas, o percentual de leitores despencou de 63% para 48% nesse mesmo período.

Como cita o relatório, "os resultados de 2024 reforçam uma tendência percebida desde 2007: quanto maior a escolaridade e a renda, maior é o hábito de leitura de livros, assim como também é maior entre aqueles que ainda são estudantes. Estes últimos, sobretudo pela leitura de livros indicados pela escola, didáticos ou literatura".

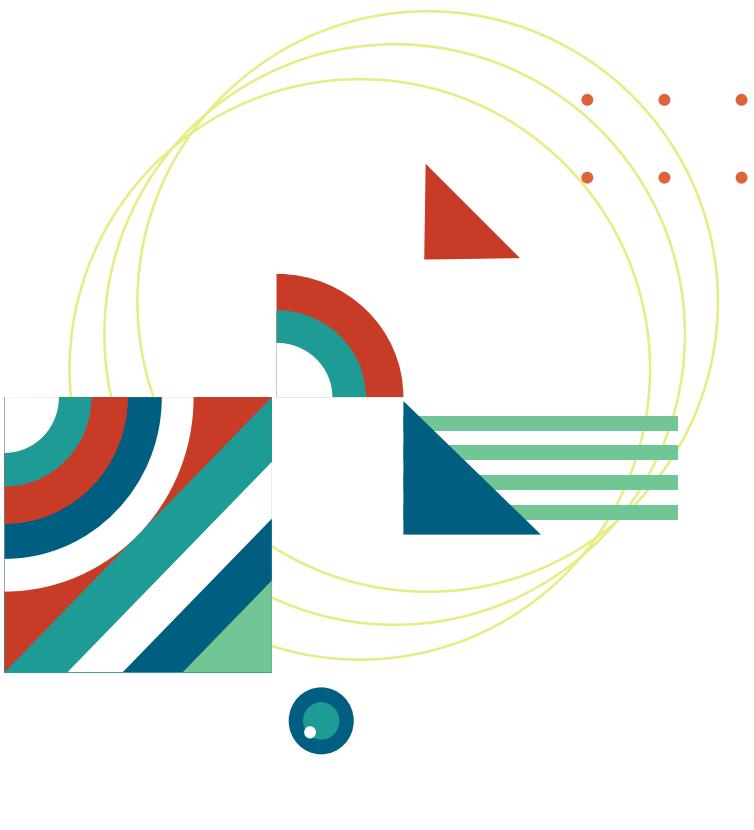
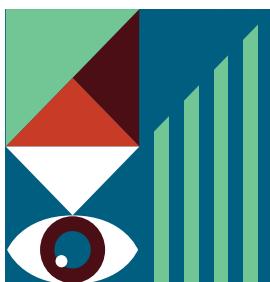
Ainda comprovando a importância da escola e de seus profissionais, podemos ressaltar que, num mundo em que se fala tanto de influenciadores digitais, os professores foram citados por 7% dos leitores na hora de escolher um livro, percentual bem superior ao dos influenciadores (2%). Os mestres e as mestras são lembrados por 8% como aqueles que inspiraram o gosto pela leitura, o segundo percentual mais elevado, atrás apenas da mãe ou responsável do sexo feminino – mas esse percentual era de 11 pontos na pesquisa anterior. Além disso, as salas de aula perderam espaço na hora da leitura: se elas foram mencionadas por 35% dos leitores em 2007, ano da primeira pesquisa realizada, tal número vem caindo sem variação e chegou a apenas 19% em 2024. Sobre as razões para não

Os resultados de 2024 reforçam uma tendência percebida desde 2007: quanto maior a escolaridade e a renda, maior é o hábito de leitura de livros, assim como também é maior entre aqueles que ainda são estudantes.

ler, 7% alegaram não ter bibliotecas por perto, um dos percentuais mais elevados.

Por isso, mais do que programas governamentais, que são essenciais e que precisam continuar, cada vez mais fortes, necessitamos também de um novo projeto, uma política séria e eficiente, que vise à mudança da triste tradição que insiste em se repetir. É necessário incentivar programas de compra e distribuição de livros, além de equipamentos próprios, como bibliotecas e salas de leitura, e o principal: profissionais gabaritados para trabalhar na criação de novos leitores e no fortalecimento do hábito da leitura daqueles que já se consideram leitores. Não é uma questão de escolha, mas uma atitude essencial para inverter a trajetória do projeto educacional alertado por Darcy Ribeiro e dar novos rumos à nossa sociedade.

Abrelivros, CBL e Snel



Introdução

“Retratos” e leituras da 6^a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil

Zoara Failla

Mas... ler livros para quê?

O que nos faz humanos?

A capacidade de transformar a natureza para produzir conforto?

De produzir conhecimento? De fazer história e evoluir? De transmitir conhecimento para as novas gerações?

De sentir empatia e compreender aquele que sofre ou que é tão diferente de você?

De querer desbravar e conhecer outros lugares e culturas?

Sim! Essas capacidades nos fazem mais humanos, mas a capacidade de escrever, de ler e compreender aquilo que leu nos possibilita:

Conhecer... avaliar... aplicar... questionar... imaginar... contar... narrar... escolher, sem ser manipulado!

Zoara Failla

O poder da leitura

Foi a narrativa – primeiro falada, depois escrita – que garantiu transmitir de geração para geração: o conhecimento, as crenças, a sabedoria e as histórias reais ou criadas...

Ler (literatura) possibilita desvendar aquilo que outros já viveram, produziram, criaram, sentiram... em outros lugares, outros tempos ou na imaginação.

Multiplica e possibilita viver muitas vidas e experiências. Desvenda outros sentimentos e histórias escondidas. Possibilita desvendar outras visões de mundo, outras percepções sobre o que é ser humano e seu significado.

Zoara Failla

Acreditar no poder da leitura é o que nos move

Acreditar no poder da leitura e estar atento aos riscos que nossa sociedade pode enfrentar se mantivermos mais da metade da população brasileira sem domínio e sem interesse pela leitura é o que move o Instituto Pró-Livro (IPL), e todos aqueles que acreditam no poder da leitura, a promover a ampla divulgação e a discussão sobre os resultados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*.

É fundamental criar muito "barulho" para que os resultados da pesquisa sejam ouvidos por quem tem o poder de propor políticas públicas e investir em ações efetivas para transformar esse país em um país de mais leitores críticos, autônomos e que compreendem o que leem.

Leitura e literatura – "antídoto" para o "cérebro podre"

A compreensão sobre o poder da leitura e da literatura tem sido defendida há tempos por educadores e estudiosos, mas, na última década, com a internet e o aumento do interesse pelas telas, neurocientistas e psicólogos como a americana Maryanne Wolf, autora de *O cérebro leitor*, o francês Michel Desmurget, autor de *A Fábrica de Cretinos Digitais* e *Faça-os ler*, e o brasileiro Miguel Nicolelis, autor de *O verdadeiro criador de tudo: como o cérebro humano esculpiu*

o mundo como nós o conhecemos, entre outros, têm alertado para os riscos da grande exposição de crianças e jovens a telas e redes sociais, e, consequentemente, para os riscos do abandono dos livros.

Vários estudos, em diferentes correntes, têm buscado demonstrar a relação entre a linguagem e o pensamento no desenvolvimento da inteligência humana. Essas teorias têm sido retomadas para alertar sobre os riscos de retrocessos no desenvolvimento da capacidade cognitiva.

A exposição às telas, segundo esses neurocientistas, tem afetado o desenvolvimento cognitivo, a memória, a capacidade linguística fundamental para a construção do pensamento analítico, a comunicação, e, em especial, o desenvolvimento emocional, gerando ansiedade, hiperatividade e irritabilidade. A frequência do uso de celulares também prejudica a convivência entre as pessoas e as relações interpessoais, que são substituídas por mensagens eletrônicas.

A leitura de livros e de literatura seria o “antídoto” para o retrocesso da inteligência (*brain rot* ou cérebro podre), e, principalmente, para os riscos que esse retrocesso pode gerar: a alienação das pessoas, a desestruturação social, do desenvolvimento humano e da democracia.

Na pesquisa Retratos da Leitura, é possível avaliar o poder da leitura na vida social e cultural das pessoas, quando compararmos o que leitores e não leitores realizam no tempo livre. Identificamos um percentual e um repertório muito maior de atividades de toda natureza, culturais, sociais, esportivas e de lazer, entre os que são leitores. Dormir e descansar são as únicas atividades que os não leitores praticam mais do que os leitores. Leitores de literatura em livro também indicam o interesse por práticas sociais de leitura como slams, saraus, clubes de leitura e eventos literários.



Desafios

O resgate do tempo dos livros

Vivemos hoje esse enorme desafio: conseguir despertar uma geração entorpecida e viciada pelo que acessa nas telas e pelo que compartilha nas redes sociais para o interesse pelos livros.

Apesar do poder da internet em roubar o tempo do livro, temos outros desafios que são fundamentais, inclusive para resgatar o tempo para o livro.

A **6^a edição da Retratos da Leitura no Brasil** confirma esse interesse pela internet e redes sociais ao revelar que 81% dos brasileiros usam seu tempo livre na internet, com uma elevação de 31 pontos percentuais de 2015 para 2024. Somente 20% informam ler livros no tempo livre (eram 24% em 2019).

O desafio é grande porque ler é uma prática que exige solidão, que pede concentração e que desperta a imaginação, mas não oferece os estímulos visuais e sonoros que estimulam e viciam os jovens, além de ser dependente do domínio da competência escrita e do letramento.

Ler não é tarefa fácil para quem ainda não foi “conquistado” e é impraticável para quem não comprehende aquilo que lê. Preocupa saber que, segundo a 6^a edição da pesquisa, entre os 53% dos brasileiros que declararam não serem leitores de livros, 36% informaram que não leem porque têm dificuldades de compreensão.

Porém ler também não é tarefa fácil para aquele a quem não foi concedido o direito à descoberta do prazer de ler – somente 25% dos entrevistados, entre 14 e 39 anos, declararam gostar muito de ler. Não ter paciência para ler, não ter tempo ou não gostar de ler são as principais alegações apresentadas na pesquisa por quem está sempre conectado e compartilhando seu momento na internet, com *selfies* ou *memes*: mais de 90% dos entrevistados entre 14 e 39 anos estão na internet ou nas redes sociais durante seu tempo livre.

Resgatar esses jovens das telas é um grande desafio para professores, famílias e mediadores de leitura.

Talvez seja necessário entender o que permeia essa necessidade de conexão digital para promover outras conexões: compartilhar experiências de leitura, envolver as famílias nas práticas leitoras, criar grupos – presenciais ou *online* – para a troca dessas experiências; recontar as histórias e analisar os personagens; descobrir livros em uma biblioteca...

Quem acha que não gosta (de ler) é porque não encontrou o "namorado" que lhe dá prazer.

Vamos defender e cobrar políticas públicas que garantam o direito à descoberta do ***prazer da leitura***.

Para descobrir como encarar o desafio de conquistar ou reconquistar essa geração entorpecida pelas telas e que ainda não descobriu o poder da leitura e a magia da literatura, convidamos os **autores que assinam os capítulos desta obra** a trazerem, com base em

sus pesquisas, suas experiências e nos resultados da 6^a edição da pesquisa, reflexões sobre como conquistar esses leitores.

A respeito dessas reflexões, não esqueço o que nos ensinou Ana Maria Machado, que assinou o capítulo "Sangue nas Veias" na 3^a edição da pesquisa *Retratos da Leitura*. Com base nas suas observações enquanto proprietária de uma livraria, ela nos diz:

Durante esse tempo, nunca encontrei uma criança ou jovem que não gostasse de ler um bom texto, se a sua aproximação com a literatura se fizesse como deve ser. Encontrei muitos que achavam que não gostavam. Mas depois descobriam que não gostavam daquele tipo de leitura que lhes estava sendo imposto. É preciso poder escolher. E ter variedade para escolher. Depois de rejeitado o primeiro livro, o segundo, quantos forem necessários, virá um que traga uma descoberta. Por isso custumo dizer que ler é como namorar. Quem acha que não gosta é porque está com um parceiro que não lhe dá prazer. Trate de trocar.

O alerta de especialistas sobre os riscos de não formarmos leitores proficientes e críticos e a experiência dessa genial escritora nos lembram que precisamos mobilizar todos os que acreditam no poder transformador e essencial da leitura a **defender políticas públicas e ações** que sejam efetivas e que garantam o direito à

descoberta do **prazer da leitura e da literatura** a todos os brasileiros, em especial, às crianças e jovens, reconhecendo que ler literatura não é mero entretenimento, atividade escolar obrigatória ou hábito elitista, mas que:

A literatura representa a oportunidade de uma experiência humana única e insubstituível.... Implica uma imersão mais profunda na relação com as outras pessoas, porque nos faz compreender as diferenças que existem entre todos nós e perceber de quantas semelhanças somos feitos, apesar de toda essa diversidade.

Ana Maria Machado

Neste momento que vivemos no Brasil e no mundo, não podemos deixar de destacar o poder da leitura na formação de um cidadão com capacidade crítica e protagonista das suas escolhas pessoais e políticas.

A sedução dos conteúdos fracionados e sintéticos que permitem desvendar um pouco de tudo

Reflito sobre crenças e verdades quando algum jovem – que, suspeito, já cedeu à sedução dos conteúdos fracionados ou sintéticos que permitem desvendar e “postar” um pouco de tudo – me questiona sobre as leituras no suporte digital e sobre o acesso a informações e conteúdos por meio de plataformas.

Não podemos negar que o mundo digital facilita muita a comunicação. Mas, muitas vezes, somos invadidos por mensagens com *memes*, em geral machistas e preconceituosas, ou *fake news*. Lidar com e responder a esse “ruído” pode ser extremamente irritante e consumir muito tempo. Nesses momentos, penso naqueles que não têm a capacidade de crítica e discernimento para saber que podem estar sendo enganados por esse tipo de mensagem.



O que isso tem a ver com a revelação de que 53% dos brasileiros não são leitores? Tudo! Não lhes foi garantido ou não exerceram o direito de serem leitores críticos, com habilidade analítica e de compreensão sobre as informações que lhes chegam.

Por que estamos perdendo leitores?

O principal desafio que os resultados da pesquisa despertam é a identificação, entre tantas revelações sobre o comportamento leitor e não leitor do brasileiro escondidas em números, de por que não estamos conseguindo formar e ampliar o número de leitores.

Estamos perdendo leitores de livros, e de outros materiais e modos de leitura, em todos os segmentos da pesquisa, inclusive nos estratos da população brasileira em que, até 2015, encontrávamos os maiores percentuais de leitores, como entre os que têm nível superior e de maior renda. Apesar de a pesquisa confirmar que maior nível de escolaridade e melhor poder aquisitivo têm impacto importante na constituição de leitores autônomos e assíduos, verificamos queda no percentual de leitores de nível superior, de 82%, em 2015, para 63%, em 2024 – cerca de 20 pontos percentuais –, e, na Classe A, de 76% para 62% – cerca de 14 pontos percentuais, sendo que na faixa etária dos 5 aos 10 anos a queda foi de 9 pontos percentuais. Somente na faixa dos 11 aos 14 anos, e entre estudantes do Ensino Fundamental II, não identificamos queda entre 2019 e 2024.



Apesar de saber que o uso do tempo livre na internet não é a única razão para essa queda, é nos segmentos de nível superior, melhor poder aquisitivo e acima de 14 anos que encontramos os maiores percentuais de quem usa o tempo livre na internet e nas redes sociais: 91% têm nível superior – entre estes, somente 35% declararam ler livros no tempo livre. O percentual também fica acima de 90% na faixa etária 14 a 39 anos, em que identificamos queda de cerca de 5 pontos percentuais em leitores.

Considerando todos os entrevistados:

- 78% usam o tempo livre na internet
- 71% estão nas redes sociais trocando mensagens
- 20% leem livros no tempo livre

Uma revelação impactante, em relação ao uso do tempo livre

em frente às telas, foi que 43% das crianças de 5 a 10 anos e 39% daquelas de 11 a 13 anos estão entretidas com videogames. Somente 25% delas informaram ler livros no tempo de lazer.

Os dados apontam como tendência, desde 2015, uma elevação de 31 pontos percentuais no uso do tempo na internet e 28 pontos percentuais no WhatsApp ou Telegram.

Alguns defendem que nunca se leu tanto na internet. A questão é avaliar o que está sendo lido nesse suporte, sendo que cerca de 80% dos brasileiros informam estar em aplicativos de mensagens.

Quando perguntado, aos leitores, que leituras realizam na internet *fora do tempo livre*, esses dados melhoram um pouco: 73% dizem buscar notícias e informações e 40%, baixar livros. Entre os não leitores 50% buscam notícias e informações, 8% baixam livros e 33% declaram não realizar leituras na internet.

A *Retratos* e os números que inquietam

Amplamente divulgada e comentada, a **6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil** nos inquietou pela revelação de que, pela primeira vez desde 2007 – quando se deu início à construção da série histórica –, temos mais não leitores (53%) do que leitores (47%).

Incrementa essa inquietação saber – além de que essa redução representa 6,7 milhões de brasileiros com mais de 5 anos e que, desde 2019, perdemos 11,3 milhões de leitores – que, desde 2007, com pequena melhora em 2015, mais da metade dos brasileiros não leem nenhum trecho de nenhum livro de qualquer gênero, incluindo Bíblias, religiosos, técnicos e didáticos.

Há 17 anos esse “retrato” revela que não estamos conseguindo estancar essa “hemorragia” de leitores – como diz José Castilho – e reverter essa desastrosa falência na formação de leitores.

Solicitamos ao Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe (Cerlalc) comparar o que nos revelou a *Retrato da Leitura no Brasil* com dados de outros países da Ibero-América. Apesar das diferentes metodologias e amostragens, Margarita Cuéllar-Barona, diretora do Cerlalc, nos traz essa análise no capítulo “Comparação de tendências da população leitora em

alguns países ibero-americanos”, revelando que a queda também foi identificada em outros países que realizam a pesquisa: Argentina, Colômbia e México. Somente na Espanha não houve queda.

Quem são os não leitores?

O não leitor é o brasileiro a quem não garantimos o direito de se encantar com palavras escritas que invadem sua mente por meio de histórias contadas ou inventadas e do despertar da imaginação para gostos e emoções de personagens de outras realidades, culturas e épocas. Roubamos seu direito de entender e, portanto, de gostar e de acreditar ou desacreditar daquilo que lê.

De acordo com a pesquisa, os não leitores são aqueles que não leram nem um trecho de um livro – impresso ou digital –, de qualquer gênero, nos últimos três meses.

Em 2024, segundo a pesquisa:

- 107,6 milhões (53%) de brasileiros não leram nem um trecho de um livro em três meses.
- 150,6 milhões (75%) não são leitores de literatura.
- 72 milhões (36%) revelaram que não leem porque têm dificuldades para compreender o que leem.

Piora esse “retrato” saber que, apesar de anuncermos que somente 43% da população brasileira é leitora, se considerarmos livros inteiros lidos, esse percentual cai para 27%; e para 25% quanto aos que leem livros de literatura (18% livro inteiro). Este dado nos diz que 150 milhões de brasileiros não leem literatura.

Também caiu o número de livros lidos pelos brasileiros. Em 2011, era de 4,7/ano a média de livros em geral. Em 2024, cai para 3,6/ano – essa média inclui didáticos, Bíblias, religiosos e livros lidos em parte –; sendo 2,07 livros inteiros e 1,17 livros de literatura.

Por que não leem os não leitores?

Entre os não leitores 6% são analfabetos ou declaram não saber ler, e 17% estão cursando ou cursaram até a 4^a série do Ensino Fundamental, faixa em que as práticas de leitura ainda não estão devidamente consolidadas. Essa condição, em parte, explica o baixo índice de leitura de livros dessa população (40%), segundo a pesquisa.

Quando perguntados sobre dificuldades para ler, 36% dos entrevistados declaram ter alguma dificuldade para a leitura – leem devagar, não compreendem o que leem, não têm concentração. Essas dificuldades revelam problemas de formação leitora no processo educacional. Outros 26% dizem não ter paciência para ler. Somente 38% informam não ter nenhuma dificuldade – esse percentual era de 48% em 2007.

A porcentagem de respondentes com dificuldade para ler está em sintonia com o que revela o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf). Em 2024, segundo o Inaf¹, o Brasil tinha, na população com mais de 15 anos de idade, 29% de analfabetos funcionais – 7% analfabetos e 22% com alfabetização rudimentar. Entre os alfabetizados funcionalmente, 10% são avaliados como proficientes, 25% como intermediários e 36% como elementares. Assim, acreditamos que apenas 35% dos avaliados, os alfabetizados proficientes e intermediários, compreendem plenamente aquilo que leem.

Não compreender o que se lê é a principal barreira à formação do leitor que encontra grande dificuldade até mesmo para entender uma frase.

Quem são os leitores, segundo a *Retratos*

Segundo a definição da pesquisa, são leitores de livros aqueles que leram até mesmo um trecho de um livro – impresso ou digital – de qualquer gênero, em um período de três meses anteriores à pesquisa.

Mesmo com essa definição – que parece “generosa”, pois considera a leitura até de trecho de um livro de qualquer gênero, incluindo Bíblias, religiosos, didáticos, técnicas e literatura, além de incluir livros lidos por vontade própria ou por exigência da escola, profissional ou religiosa –, a pesquisa identificou que, em 2024, somente 47% da população com mais de 5 anos pode ser classificada como leitora.

¹ INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL. *Alfabetismo no Brasil*. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Se considerarmos somente livros lidos inteiros e por vontade própria, começamos a “descascar” esses números, e o que eles revelam é mais assustador e desafiador: ampliamos o percentual de *não leitores leitores* – aqueles que não leem livros, mas compreendem o que leem.

Os não leitores leitores

Se 36% informam que têm dificuldade de compreensão leitora e 53% são considerados *não leitores* – porque não leram nenhum trecho de livro em período de três meses –, concluímos que cerca de 17% foram considerados não leitores, porque não leram nem um trecho de um livro em três meses, porém dominam as habilidades de leitura. Ampliando para o período de 12 meses, 49% informaram não ter lido nenhum livro.

Vamos considerar esses 17% como os “*não leitores*” leitores – porque não indicam dificuldades para ler, mas, *por outras razões*, informaram não serem leitores de livros.

Essa revelação nos alerta para buscar fatores além da compreensão leitora, que é a condição essencial para sermos leitores.

Outras variáveis, como o hábito e o gosto pela leitura, a paciência ou as habilidades para a leitura “profunda”, o interesse e a valorização do livro, o acesso aos livros, a falta de tempo e o uso do tempo livre na internet, segundo a pesquisa, impactam nos índices de leitura daqueles que dominam as habilidades leitoras.

Não basta compreender o que se lê, é preciso gostar de ler

A elevação no percentual daqueles que informaram *não gostar de ler* é um dos principais fatores a considerar para entender por que temos leitores entre os “não leitores” de livros. Subiu de 22% para 29% aqueles que não gostam de ler e caiu de 31% para 26% os que dizem que gostam um pouco.

Outra possível razão que encontramos na pesquisa é a **pouca valorização da leitura**. Ao explicar a ausência da leitura, recebe maior indicação: a falta de tempo (46%). A falta de tempo e o desinteresse indicam que outras atividades são priorizadas ou mais valorizadas.

Mas, como despertar o interesse e o gosto pela leitura?

Esse é o desafio fundamental: como despertar o interesse pela leitura de livros e o gosto pela leitura de literatura.

A importância de estimular o hábito de ler desde cedo

A leitura não é uma habilidade inata do ser humano, precisa ser ensinada e apreendida. Inicia-se com a alfabetização na escola, onde aprendemos a decodificar e entender o significado de palavras e frases; e, ao ganhar habilidade e proficiência nessa habilidade, a compreender o conteúdo dos textos. Mesmo assim, o hábito da leitura precisa de treino para ser desenvolvido e praticado, e o gosto pela leitura precisa ser despertado e mantido.

As famílias têm um papel especial no despertar do interesse e do gosto pela leitura e pelos livros, de forma lúdica e afetiva. Exercem seu papel social de educar e transmitir valores, princípios e costumes da sociedade em que vivem por meio de exemplos e da socialização. Desse modo, têm o poder de despertar o gosto pela leitura e pelo livro. Isso envolve ler livros *para* e *com* os filhos, contar histórias, levá-los a bibliotecas e livrarias, ler como exemplo e presentear com livros, como nos revelou a *Retratos*. A leitura compartilhada em família possibilita a criação de uma memória afetiva em relação aos livros que perdura ao longo da vida adulta.

Mas são conhecidas as dificuldades da grande maioria das famílias brasileiras para promover a leitura. Não são leitoras e não reúnem as condições econômicas e sociais para exercer essa influência, não dispõem de recursos para a compra de livros ou tempo para levar seus filhos a uma biblioteca, não têm bibliotecas próximas ou desconhecem essa possibilidade.

Apesar do papel essencial das famílias na formação leitora, dadas as limitações que grande parte delas encontram, a escola passa a ser o espaço privilegiado para essa formação, e, dependemos, em especial, do professor.

Aqui, segundo a *Retratos da Leitura*, vemos outro desafio: o **perfil leitor dos professores** entrevistados é muito parecido com o perfil leitor dos brasileiros. Nas listas de livros lidos ou preferidos,

os mais frequentes são: a Bíblia, livros religiosos e de autoajuda. Esse repertório de leituras não os ajuda a desenvolver práticas leitoras que sejam significativas para seus alunos.

É urgente formar professores leitores, que atuem como mediadores de leitura desenvolvendo práticas leitoras cativantes e promotoras de trocas e compartilhamento de experiências. E remunerados adequadamente para que não tenham que trabalhar em jornadas duplas, sem tempo para a leitura ou para a preparação das aulas.

Eliana Yunes, em seu texto “O que temos a ler? Desafios e trajetórias na formação do leitor e a literatura”, conclui sua reflexão sobre **os desafios para a formação de leitores** propondo: “... rever os parâmetros que usamos para identificar/formar um leitor, hoje, pois me parece que a leitura nas práticas escolares (famílias leitoras, ainda as há?) está presa a modelos de séculos passados”. **A ficção, sobretudo literária** – porque no uso direto da linguagem verbal – **deveria estar na prioridade metodológica da formação do leitor, e não apenas do leitor literário.**

O **acesso aos livros** aparece como outro desafio: garantir acesso a livros de literatura, tanto a estudantes quanto a professores, independentemente de sua aplicabilidade em sala de aula. Quase 60% dos alunos do ensino básico das escolas públicas dependem das bibliotecas para acesso aos livros indicados pelos professores. Mas, sabemos, segundo censo do MEC, que cerca de 50% das escolas não têm uma biblioteca escolar. Quando ela existe, 29% dos estudantes informam que não encontram os livros indicados ou que os professores não indicam livros.

A formação de leitores

Especialistas nos ensinam que o despertar para a leitura acontece na infância, porém a pesquisa aponta alguns problemas nesse momento crucial da formação.

Apesar de encontrarmos o maior percentual de quem diz gostar de ler na **faixa etária de 5 a 10 anos**, a *Retratos* revelou que o livro que está sendo substituído, nas famílias, pelos celulares no tempo livre das crianças (43% estão nos *games*). Parece que estamos descartando esse interesse ao invés de alimentá-lo.

Logo, nessa faixa etária, apesar de gostarem de ler (41% gostam muito e 45% gostam um pouco), identificamos a **redução no percentual de leitores** de 71% (2019) para 62% (2024), com impactos no Ensino Fundamental I. Uma possível explicação para essa queda pode estar em outras revelações da pesquisa: a redução no percentual de leitura em sala de aula; a informação de que os professores não indicam livros para 29% dos estudantes e que 22% não encontram ou encontram parte dos livros indicados.

Esse dados podem explicar por que estamos “perdendo leitores” no momento crucial da alfabetização.

Creditamos parte dessa queda também à pandemia, pois esses alunos ficaram sem aulas presenciais e sem acesso a livros. A maioria não conseguia acessar as aulas *online* por não ter acesso à internet ou ter pouco tempo para usar dispositivos como celulares, muitas vezes dos seus pais.

Somente não identificamos redução entre estudantes do **Ensino Fundamental II** (75%) e na faixa etária dos **11 aos 13 anos**, que se manteve em 81%. Nessa faixa, encontramos o maior percentual de leitores, em especial porque na pesquisa são considerados os livros didáticos entre os livros lidos.

A inclusão de didáticos pode, em parte, explicar por que temos mais leitores nas faixas dos 5 aos 10 e 11 a 13 anos. Encontramos um dado positivo ao comparar as informações sobre faixa etária com as da 5^a edição. Na edição de 2019, na faixa de 5 a 10 anos, houve aumento no percentual de leitores. Certamente, essa garotada, agora na faixa de 11 a 13 anos e no Ensino Fundamental II, garantiu os 81% de leitores na única faixa que não teve redução. Esse dado confirma a importância de promover a leitura desde cedo.

As famílias

A *Retratos*, desde as primeiras edições, confirma o poder que as famílias – aquelas que são leitoras, têm maior nível de escolaridade e reúnem as condições para exercer esse papel – têm de despertar o interesse e o gosto pela leitura. As mães são mais citadas do que os pais e revezam o primeiro lugar, nas citações, com os professores.

Em relação ao **despertar do gosto pela leitura**, é importante comparar os dados de *não leitores* aos de *leitores* para confirmar a

importância da família como influenciadora: 76% dos *não leitores* nunca foram presenteados com livros na infância, enquanto no universo dos considerados leitores esse índice cai para 49%. Nos lares dos não leitores, 61% nunca viram a mãe lendo.

Pai e mãe somam
20% das citações
entre leitores e 6%
entre os não leitores.

Quando perguntados sobre quem influenciou seu gosto pela leitura, pai e mãe somam 20% das citações entre leitores e 6% entre os não leitores. Também encontramos mais leitores entre aqueles cujos pais liam com eles ou para eles, que viam seus pais lendo, e até entre aqueles que foram presenteados com livros,

o que confirma a importância do exemplo e da valorização da leitura de livros para os filhos. Chama a atenção os 85% de *não leitores* que disseram que não identificam ninguém como influenciador – entre os leitores foram 54%.

A mediação da leitura mostra a importância dos pais que leem com seus filhos e que desenvolvem atividades com os livros: 49% dos leitores citaram as mães, contra somente 29% dos não leitores (20 pontos percentuais de diferença). Em relação aos professores, parece que a diferença é menor: 89% dos leitores e 79% dos não leitores citaram o professor. Não temos como avaliar como aconteceu essa mediação, mas é provável que não tenha sido tão efetiva no despertar do gosto pela leitura desses não leitores.

Escola

As dificuldades das famílias brasileiras em serem influenciadoras no despertar do gosto pela leitura impõem que as escolas, além da alfabetização, do letramento e da formação leitora, promovam práticas de leitura que sejam mobilizadoras e significativas para crianças e jovens.

Escolas precisam oferecer espaços lúdicos e multilinguagens para as crianças, como defendem Idmea Semeghini-Siqueira e Nágila Euclides da Silva Polido, que assinam o artigo "Arte, brinquedos, brincadeiras e contação de histórias a crianças como caminhos para despertar o gosto pela leitura de livros":

A inclusão de crianças na Educação Infantil – período de maior plasticidade cerebral – é um fator decisivo para o desenvolvimento do letramento emergente lúdico na infância, ao propiciar o encantamento pelas histórias, pela leitura (Wolf, 2019).

É premente o acesso de todas as crianças do Brasil à Educação Infantil (creche e pré-escola) [...].

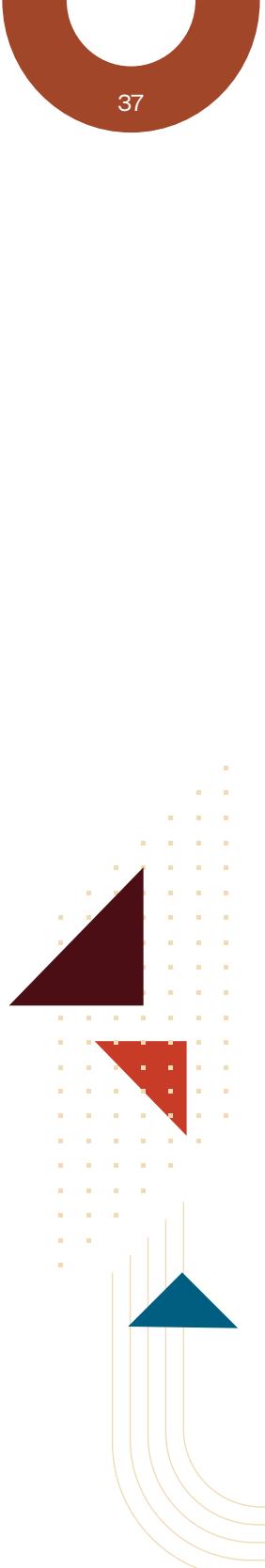
[...] priorizar o foco inicial na leitura lúdica poderá contribuir para desatar nós, reduzindo as desigualdades sociais, uma vez que ninguém se torna leitor se não tiver a oportunidade de desenvolver o gosto pela leitura.

Para os alunos do ensino básico, é necessário que as escolas possibilitem o acesso aos livros e o compartilhamento das experiências de leitura, envolvendo toda a comunidade escolar, incluindo as famílias. Para isso, as escolas necessitam contar com professores leitores, bibliotecas escolares equipadas com bibliotecários ou profissionais para atendimento e com acervo diversificado para promover práticas mobilizadoras, compartilhadas e integradas ao projeto escolar.

As práticas leitoras e a indicação de livros pelos professores

A pesquisa assinala a redução no tempo dedicado à leitura nas salas de aula. Quando perguntados sobre o local da leitura, a sala de aula, que era citada por 33% dos entrevistados em 2011, cai para 19% em 2024. A queda também aparece de 2019 (23%) para 2024 (19%). As leituras também caem nas bibliotecas (em geral), de 20% para 14%, e nas bibliotecas escolares, conforme apresentado a seguir, nas indicações de livros pelos professores.

A pouca frequência das práticas leitoras em 2024 também surge na indicação de livros pelos professores: 29% dos respondentes no Ensino Fundamental II informam que professores não indicam livros. Sobre a leitura atual, somente 28% das crianças de 5 a 10 anos informam que foi indicação do professor, e, de 11 a 17 anos, somente 18%. No Ensino Fundamental I e II, 28% leem literatura



indicada pela escola pelo menos uma vez por semana, mas 34% informam que não leem porque professores não indicam.

Em um período de 12 meses, se compararmos 2015 a 2024, houve redução de 17% para 12% na indicação de livros (em geral) pela escola, e redução de 0,94 para 0,65 livros lidos. Quando a pergunta é sobre livros didáticos: 45% (Fundamental I) e 29% (Fundamental II) dizem ler todo dia, e 28 % e 31% dizem que leem pelo menos uma vez por semana.

Essas revelações apontam para a necessidade de investigar melhor a queda nas práticas leitoras. O perfil leitor dos professores, revelado por essa edição da pesquisa, apresentado a seguir, certamente é um dos principais motivos. Mas temos outros: mais da metade das escolas não tem uma biblioteca escolar, o que dificulta a indicação de livros pelos professores e o acesso aos livros pelos alunos.

O perfil leitor dos professores

O perfil leitor dos professores revelado pela *Retratos* indica as dificuldades para que desenvolvam práticas leitoras que sejam significativas para seus alunos. Na indicação dos últimos livros lidos, 62% dos professores revelam não estar lendo nenhum livro, e 16% disseram não lembrar do título ou do autor.

Entre aqueles que estão lendo (cerca de 20%), a Bíblia é a mais citada, seguida de livros religiosos, em especial evangélicos. Nessa lista, apesar da pouca frequência e pulverização de títulos, aparecem entre os sete mais citados os autores J. K. Rowling, da série Harry Potter, e Napoleon Hill, autor de *Mais esperto do que o Diabo*. Nenhum autor clássico ou autor brasileiro contemporâneo.

Também identificamos queda no percentual daqueles que informaram gostar de ler, de 63% (2019) para 54% (2024). Com baixo interesse pela literatura e repertório de leituras limitado, os professores certamente terão dificuldades para selecionar livros de literatura para seus alunos, e, principalmente, terão dificuldades para desenvolver práticas leitoras e mediação da leitura para despertar o interesse pela leitura de livros e a mobilização dos seus alunos.

Faz-se urgente repensar a formação dos professores

Muito falamos sobre a importância das práticas leitoras em salas de aula, mas a grande maioria dos professores não é leitora, e, possivelmente, não aprendeu como colocar em prática as teorias das principais correntes teóricas apresentadas pelos seus formadores. Em conversas com professores, percebemos que dominam essas teorias e apresentam citações em suas falas, mas será que aprenderam a transformá-las em práticas? Há discussões e definição de projetos, com as coordenações ou gestões pedagógicas, sobre como promover a leitura, se possível, integrando as disciplinas e envolvendo bibliotecários ou o responsável pelas bibliotecas? Os professores conhecem o acervo das bibliotecas? Como o bibliotecário pode ajudá-los na escolha dos livros para seus alunos? Como mobilizar as famílias para que contribuam para o despertar do interesse pelos livros e para integrá-las às práticas leitoras promovidas pela escola? Isso nos revela a professora Teresa Aliperte, que assina o texto "O envolvimento das famílias nas práticas leitoras com alunos do Ensino fundamental I – professora de escola pública de São Paulo conta sua experiência".

É urgente formar professores leitores, para que atuem como mediadores de leitura desenvolvendo práticas leitoras significativas, cativantes e promotoras de trocas e compartilhamento de experiências de leitura. E, como propõe Maria do Rosario Mortatti em "Desafios para a formação de leitores na escola":

O melhor meio de infundir amor e gosto genuínos a algum escrito e levá-lo a ser lido, com prazer e legítima felicidade, é introduzi-lo no currículo da educação básica e dos cursos de formação de professores.

É fundamental que as políticas públicas garantam a formação de professores leitores nas faculdades ou por meio de formação continuada, com bolsas de estudo e remuneração adequada, viabilizando a participação daqueles que já estão em sala de aula.

Acesso aos livros

Bibliotecas

A série histórica da *Retratos da Leitura no Brasil* mostra que as bibliotecas são percebidas pela grande maioria dos brasileiros como locais para estudantes e para estudar. Essa representação, em parte, explica a baixa frequência: em 2024, somente 12% frequentaram bibliotecas *sempre* ou *às vezes*. Esse percentual era um pouco maior em 2019 (17%).

Também houve redução no percentual daqueles que sabem da existência de uma biblioteca em seu município ou bairro: de 67%, em 2011, para 45%, em 2024. Essa acentuada queda pode refletir o fechamento de bibliotecas.

As bibliotecas escolares e universitárias são as mais frequentadas por aqueles que fazem uso de bibliotecas: 45%, em 2024, e 58%, em 2019, mas também aqui identificamos a redução em frequentadores. As comunitárias foram citadas por 5% desses entrevistados, sem indicar queda, e 15% dos entrevistados informaram saber da existência de uma em seu bairro ou cidade. Já as bibliotecas digitais, incluídas na pesquisa em 2024, foram citadas por 11% desses frequentadores.

Essas reduções estão em sintonia com a redução no percentual de leitores, em especial, estudantes. Em relação à existência de bibliotecas próximas ou no entorno de potenciais frequentadores, sabemos que quase 1.500 bibliotecas públicas foram fechadas em oito anos. Segundo dados do **Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP)** eram 6.057 em 2010, e passaram a 4.639; como nos informa Bel Santos Meyer, em seu artigo “Vai para a biblioteca, que isso passa” – como as bibliotecas podem contribuir para um melhor retrato da leitura no Brasil”.

Os principais problemas apontados pelos *não frequentadores* foram: não ter tempo (35%), não gostar de ler (22%) e a distância 14%; mas, quando perguntados sobre o que os faria frequentar bibliotecas, 39% disseram que *nada*, em 2024, e 29%, em 2019 – o que indica a elevação do desinteresse e a piora na representação sobre as bibliotecas.

Também aqui percebemos que representações simbólicas a respeito da leitura e dos livros são percebidas por meio da desvalorização da importância das bibliotecas como um lugar de acesso aos livros, o que confirma a necessidade de se rever o modelo e o atendimento oferecido nas bibliotecas.

Os frequentadores de bibliotecas, apesar do pequeno número, avaliam bem esses equipamentos e o atendimento. O item pior avaliado é o acervo, pois cerca de 40% dos frequentadores não encontram todos os livros que procuram.

Já a avaliação, pelos estudantes, das bibliotecas escolares e universitárias, que são as mais frequentadas, indica que 30% encontram os livros indicados pelos professores, 8% não encontram e 21% afirmam que os professores não indicam livros.

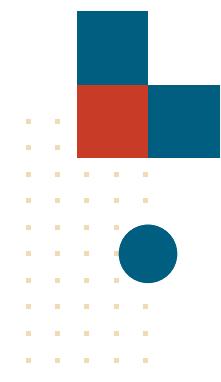
Várias bibliotecas já estão revendo o atendimento e o uso de seus espaços para, além do acesso aos livros e da leitura, promover o acesso à informação, a construção de conhecimentos, encontros e diálogos sobre leitura e sobre experiências pessoais e da comunidade.

Se concordarmos com essa proposta – que está sendo defendida por organismos internacionais, como o Cerlalc –, vamos torcer para que mais jovens frequentem as bibliotecas para uso de computadores, encontros, discussões; e, assim, descubram o que esses espaços têm para oferecer para nos distanciar da dispersão das redes sociais, como nos diz Bel Santos Meyer em seu texto:

Dante do “projeto” de sequestro do nosso tempo e da nossa atenção – seja com jornadas de trabalho exaustivas, seja nos dispersando nas redes sociais –, as bibliotecas devem ser “cápsulas de atenção”, como as denominou o filósofo e professor Jorge Larrosa Bondía.

Certamente, se as bibliotecas passarem a ser o espaço do “barulho” ou “cápsulas de atenção” para a troca de experiências e de revelações, vamos ampliar a frequência nas bibliotecas e provocar a descoberta dos livros.

Isso não substitui a importância do acesso ao livro e da promoção da leitura nas bibliotecas, mas é preciso mudar a representação de que são espaços somente para estudantes e para estudar, como revelado pela *Retratos*. Devem promover encontros e o compartilhamento de experiências sobre leitura, sobre escrita,



contação de histórias, encontros com autores, discussões sobre problemas vividos pela comunidade, e encontros com os livros. Para isso, devem contar com bibliotecários e profissionais capacitados para serem mobilizadores e promotores de leituras, além de desenvolverem suas atividades de gestão e técnicas.

Importante, em relação à **atuação dos bibliotecários**, destacar o que nos diz Jorge Moisés Kroll do Prado em "A reimaginação das bibliotecas: releituras necessárias para uma sociedade leitora". Quando ingressou no curso de Biblioteconomia, imaginou que teria disciplinas dedicadas à promoção da leitura e sobre literaturas, mas ficou decepcionado:



Dos 55 cursos de Biblioteconomia existentes no Brasil, que juntos somam 1.521 disciplinas obrigatórias em seus projetos político-pedagógicos, somente 17 delas são dedicadas aos estudos da leitura ou para a formação de leitores². Essa ineficiente formação irá se refletir nas ações ou na ausência delas.

Em relação às **bibliotecas escolares e universitárias**, apesar de serem as mais frequentadas, a pesquisa revelou uma redução no percentual de indicação de livros pelos professores, em especial na educação básica.

Foram menos 11 pontos percentuais na indicação de livros pelos professores no Ensino Fundamental I. Em 2019, 18% dos estudantes informaram que o professor não indicava livros; em 2024, 29%. No Ensino Fundamental II, não houve redução, o que pode explicar por que não identificamos redução no percentual de leitores somente nesse segmento.

É no Ensino Médio que encontramos a pior avaliação, somente 24% informam que encontram todos os livros – a queda, em relação a 2019, foi de 7 pontos percentuais –, 41% encontram parte dos livros e 20% dizem que os professores não indicam livros. Seria esperado que os professores indicassem mais livros para a leitura durante essa fase, devido à preparação para o ENEM e demais avaliações para ingresso no ensino superior.

² Dados do projeto de pesquisa em andamento "Mercado editorial da Biblioteconomia brasileira", sob coordenação de Jorge Moisés Kroll do Prado.

Sem dúvida essa redução no uso da biblioteca escolar ou salas de leitura (em alguns estados os livros ficam em “salas de leitura”) está em sintonia com a revelação da queda de 5 pontos no percentual de estudantes que informaram não ler em sala de aula (de 24% para 19%). Essa queda também indica que os professores reduziram a promoção de práticas leitoras nesses espaços.

Os programas de distribuição de livros e as escolas sem bibliotecas

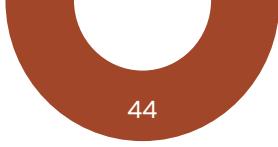
O fato de que os livros indicados pelos professores não são encontrados nas bibliotecas escolares mostra problemas em relação ao acervo e à manutenção da periodicidade dos programas de distribuição de livros, mas temos outro grave obstáculo, já indicado: metade das escolas públicas brasileiras não têm uma biblioteca.

É urgente retomar o programa de universalização das bibliotecas escolares para garantir que todas as escolas do Brasil tenham sua biblioteca. A pesquisa aplicada pelo Instituto Pró-Livro em 2018 mostrou a importância dessas bibliotecas na aprendizagem dos alunos. Mas não basta garantir a instalação desses equipamentos, é preciso definir parâmetros para seu funcionamento, atendimento e sua integração ao projeto pedagógico da escola, e pensar em programas que tragam a comunidade escolar, em especial as famílias, para compartilhar experiências de leitura nesses espaços.

Sabemos que muitas escolas, em especial as rurais, não dispõem de salas e infraestrutura adequada para a instalação de uma biblioteca. Muitas têm somente uma sala (multisseriada). Será importante garantir bibliotecas itinerantes, instaladas em veículos ou barcos. Também há dificuldades para garantir que todas as bibliotecas tenham um bibliotecário. É preciso pensar em redes e coordenação com bibliotecários que possam orientar e atender agentes de leitura ou professores que cuidem desses espaços.

A falta de tempo e os espaços da leitura e do livro

Os entrevistados também apontaram frequentemente a **falta de tempo** como motivo para não ler. Isso pode explicar, em partes, a menor frequência de usuários em espaços de leitura que exigem



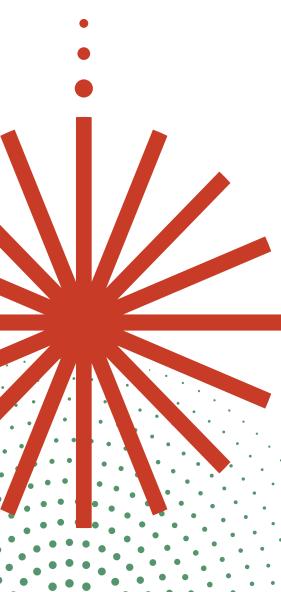
deslocamento, como bibliotecas, e o aumento da frequência da leitura em casa. A pesquisa nos diz que a residência é o local de leitura preferido dos respondentes. Essa preferência se mantém acima de 80% desde 2007, e aumentou para 85% em 2024, apesar de também refletir a redução no percentual de leitores. Essa redução pode também ser sintoma da menor oferta de lugares para ler e para buscar livros, conforme já explicitado.

Além do fechamento de bibliotecas, centenas de **livrarias** que ofereciam espaços agradáveis para a leitura e promoção dos livros foram fechadas, como a Livraria Cultura, que era uma referência na cidade de São Paulo, além das redes FNAC e Saraiva, entre inúmeras outras livrarias pelo Brasil.

Eram espaços que encantavam especialmente as crianças que folheavam os livros infantis. Alexandre Martins Fontes, no texto “A crise da leitura: desafios e oportunidades para as livrarias brasileiras”, defende a importância da Lei Cortez para a sobrevivência dessas “vitrines de histórias”, como diz: “É ali, naquele ambiente de troca de ideias, de busca pelo conhecimento, cercadas por incontáveis histórias e um mundo infinito de possibilidades, que as pessoas descobrem os livros”.

Mas quem lê por gosto sempre encontra um lugar ou momento para se dedicar à leitura. Se houve redução em salas de leitura e bibliotecas é porque faltam ações de promoção à leitura nesses espaços, por professores, bibliotecários e agentes de leitura.

Se livrarias estão sendo fechadas é porque faltam leitores, consumidores de livros e políticas que garantam sua sobrevivência.



O consumo de livros

Não me aprofundarei nessa análise, já que essa pauta será melhor abordada pela especialista nesse tema, Mariana Bueno, no artigo “A expansão da demanda por livro passa por um projeto de país”; mas não resisti em destacar que 81% dos brasileiros não compraram nenhum livro em um período de três meses e que 40% nunca compraram um livro, enquanto 24% compraram há mais de dois anos.

Apesar de cerca de 38 milhões de brasileiros (19%) terem comprado um livro em um período de três meses (esse número corresponde ao revelado na pesquisa *Panorama do Consumo de Livros* da CBL) —, vale destacar que 163 milhões de brasileiros (81%)

não são compradores de livros. Sabemos que vários fatores, inclusive econômicos, explicam esse número, mas, certamente, as dificuldades de compreensão leitora de 36% da população e o desinteresse crescente pela leitura de livros (53% não são leitores) contribuem para esse cenário.

Ampliar o número de leitores de livros, além de todos os impactos em desenvolvimento pessoal e no desenvolvimento social e humano do país, deve impactar positivamente o consumo e o mercado livreiro, com o que concorda Mariana Bueno:

Neste sentido, a expansão da demanda por livros está intrinsecamente vinculada à formação de uma sociedade leitora. Para que tal sociedade se estabeleça, torna-se imprescindível a implementação de políticas públicas que garantam não apenas o acesso aos livros, mas também capacitem os indivíduos para a leitura e, além disso, promovam o hábito de leitura.

Influenciadores e o interesse pelo livro

Quando perguntados sobre o principal **influenciador** no despertar do **gosto pela leitura**, 71% dos brasileiros não identificam ninguém – 54% dos leitores e 85% dos não leitores. Entre os principais indicados se mantêm, desde a edição de 2007 da pesquisa, com alternância, **o professor e a mãe**. Se incluirmos o pai, a família fica sempre em primeiro lugar.

Apesar de identificarmos, durante o tempo livre, o intensivo uso das telas e das mídias sociais, somente 1% dos leitores brasileiros indicaram um "**influenciador digital**" como alguém que despertou o interesse pela leitura.

É interessante observar a importância dos filmes na **origem do interesse por literatura**, verificada nas edições de 2019 e 2024 da pesquisa. Em 2024, os filmes foram citados por 47% dos leitores, e as letras de músicas, por 25%. Os clubes de leitura ficaram em torno de 15% das citações. Entre os jovens cresce o percentual que ouve *podcast*.

Na população acima dos 50 anos, identificamos o maior percentual de leitores de Bíblias e livros religiosos, além da **influência de líderes religiosos, padres e pastores** na indicação de livros (25%).

As demais citações confirmam a **importância dos influenciadores tradicionais**, conforme edições anteriores da pesquisa: 46% citaram a escola ou professor (71% entre 11 e 14 anos); amigos: 38%; a mãe: 29% de todos os entrevistados (67% entre 5 e 10 anos e 54% entre 11 e 14 anos).

Influenciadores digitais despertam interesse pela leitura ou pelo autor do livro?

Quando perguntamos sobre o **último livro lido ou comprado**, esse personagem – o influenciador digital – desponta, revelando mudanças no comportamento de jovens leitores de literatura que são compradores de livros (segundo a pesquisa, somente 18% dos brasileiros compraram livros em um período de três meses). Na faixa de 18 a 29 anos, 16% é o percentual de indicação de **influenciadores digitais** para a compra do último livro. Já entre os leitores de literatura em outros meios que não o livro, somente 8% citam a influência de redes sociais, o que indica que receber poesias, contos ou trechos de romances pelas redes sociais desperta pouco interesse pela literatura.

João Luís Ceccantini e Luiz Fernando Martins de Lima, no texto “A mediação da leitura literária em xeque”, analisam se os novos **influenciadores (digitais) desempenham a função de mediadores**. Segundo os autores:

O mercado editorial percebeu algo que a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil revela, mesmo que seja um fenômeno ainda incipiente [...]. Mas esse fenômeno se dá sob a tutela de um universo cultural multimidiático que necessariamente pisa o tempo todo no mundo das obras literárias – e é esse universo que direciona suas leituras.

Eles citam o poder dos *booktokers*:

Essa comunidade [...], à qual pertencem criadores de conteúdos sobre livros predominantemente jovens – o típico usuário do aplicativo TikTok – na qual as obras são brevemente resenhadas, apreciadas ou depreciadas, exaltadas ou ridicularizadas, na velocidade acelerada característica do meio.

Para exemplificar, eles citam a indicação (pelos entrevistados na pesquisa) da escritora Colleen Hoover (1979).

Influenciadores (digitais) literários formam leitores?

Essa é a questão que orienta a reflexão de Ana Erthal, no artigo “Os influenciadores ‘literários digitais’ e o declínio da leitura: formação de leitores ou fomento ao consumo?”. Segundo ela, para responder:

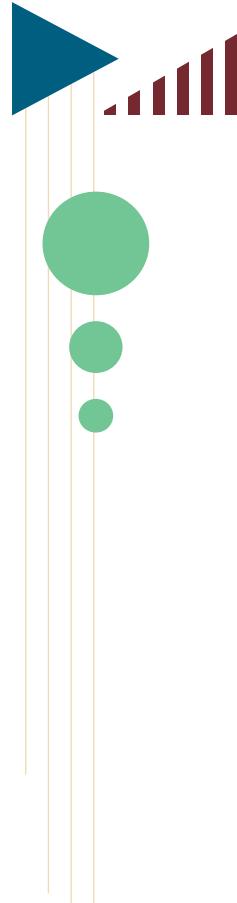
Torna-se necessário ampliar o debate sobre influência literária para compreender quais estímulos atravessam a audiência a partir do conteúdo e como ela reage a esses estímulos: as pessoas são levadas a ler e desenvolvem o “prazer da leitura” ou satisfazem suas curiosidades sobre as narrativas e constroem um capital cultural a partir do conteúdo dos influenciadores e suas redes de influência?

A autora deixa uma questão importante: “O ‘prazer de ler’ pode estar sendo substituído por resenhas e resumos que economizam horas de leitura”? Esses “leitores” estariam fazendo uso dessas resenhas ou leituras fragmentadas para participar de um coletivo, como um clube de leitura ou de um grupo nas redes sociais, mas sem ter lido o livro?

Se a resposta for “sim”, podemos dizer que os “influenciadores digitais” ganham o “status” de “influenciadores literários”, como os denomina Ana Erthal. Nessa categoria podemos encontrar influenciadores que são leitores e que seriam potenciais mediadores (digitais) no despertar do interesse pela leitura de livros de diferentes autores e editoras, como os *booktokers*, citados por João Ceccantini e Luiz Martins. Entretanto, sabemos que a maioria desses influenciadores oferece seu “capital social” ou rede de seguidores para promover a venda de livros de um autor ou de uma editora. Muitas vezes, usa essa rede para vender seu próprio livro.

Os influenciadores e os eventos do livro

Em pesquisa *Retratos da Leitura* aplicada durante a Bienal Internacional do Livro de São Paulo em 2022, já foi identificado o potencial dos *booktokers* na indicação dos livros lidos e comprados





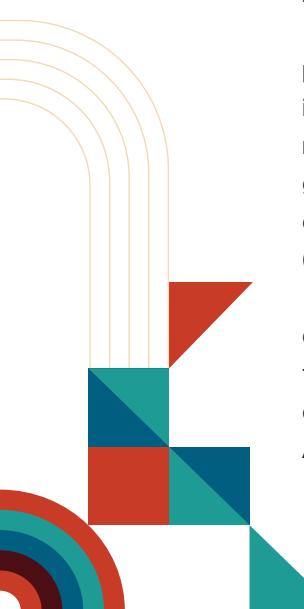
na bienal. É importante levar em conta que o perfil leitor do frequentador desses eventos (96% declararam ser leitores de livros e são jovens entre 14 e 39 anos) é bastante diferenciado em relação ao perfil leitor do brasileiro, revelado pela pesquisa nacional.

Interesse pela leitura do livro ou pelo autor do livro?

Esse fenômeno retoma uma indagação que trouxe no livro da 5^a edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. Esses influenciadores despertam leitores para essas obras ou meros seguidores, que ficam nas filas em feiras de livros aguardando um autógrafo ou *selfie*? Tais filas levam muitos a questionarem os dados da pesquisa sobre a queda de leitores jovens, pois os eventos do livro mostram que muitos jovens amam e compram livros. Tomara esse interesse perdure na vida de cada um.

A questão que fica é: estamos formando leitores, consumidores de livros ou seguidores de influenciadores?

Ler no papel ou no digital? – A preferência e a concentração dos leitores



Pela primeira vez, a pesquisa ***Retratos da Leitura*** investigou a preferência e a avaliação dos entrevistados sobre as leituras realizadas no suporte papel ou no digital.

Oitenta e três por cento declararam que o último livro lido era em papel e 16%, digital. Quando perguntados sobre a preferência, 57% indicam o papel, 22% o digital e 21% que tanto faz. Essa avaliação não se altera muito entre 14 e 39 anos, e entre leitores de livro em geral e de literatura. A preferência pelo papel se amplia um pouco entre os leitores com mais de 40 anos (64%) e com nível superior (66% preferem o papel).

Quando perguntados sobre a **concentração na leitura**, 68% declaram que a interrompem mais no digital e 53% que a concentração nesse suporte é mais difícil. Cinquenta e oito por cento conseguem ler por mais tempo no papel *versus* 23% no digital. Aprendem **mais palavras novas**: 42% no papel, 19% no digital e 38%

tanto faz. Consegue **imaginar melhor** o personagem e entender melhor a história: 48% e 49% no papel; 15% no digital e 36% tanto faz.

Nas faixas etárias acima de 18, em torno de 60% conseguem ler por mais tempo no papel. Sobre a maior **interrupção na leitura** para consultar celular, cerca de 70% acima de 14 anos informam que interrompem mais quando leem no digital.

Interessante notar que acima de 65% dos leitores com nível superior indicam que preferem ler no papel em todas as alternativas apresentadas na pesquisa.

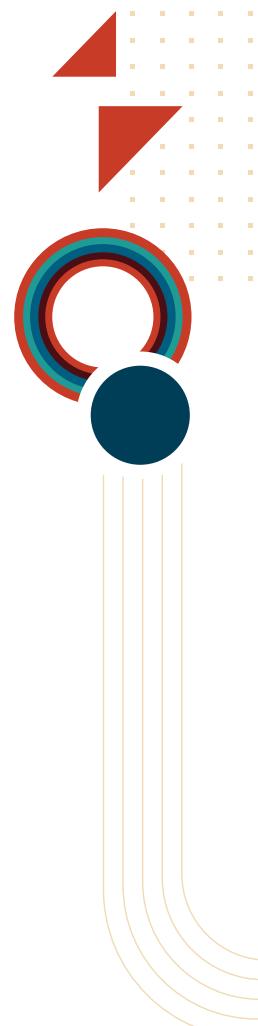
As representações simbólicas sobre a importância dos livros

Alguns dados da pesquisa podem revelar que estamos “perdendo” a cultura simbólica ou as representações positivas sobre a importância da leitura de livros e literatura. O livro sempre foi associado a acesso ao conhecimento, à cultura e à garantia de alguma distinção intelectual do leitor.

Na edição de 2011 da pesquisa, 64% identificaram a leitura como *fonte de conhecimento para a vida*, e, em 2024, para 41% a leitura traz *conhecimento*. Essa queda na percepção da importância da leitura, mesmo com alteração na formulação da questão, é bastante expressiva. Nessas representações, o sentido utilitário do livro parece estar presente. A leitura identificada como uma atividade prazerosa, que pode ser associada à literatura, foi indicada somente por 4% dos entrevistados.

São muitos os fatores que podem impactar as representações simbólicas, mas o interesse de mais de 90% dos entrevistados entre 14 e 39 anos pela internet e redes sociais, e a percepção de que é possível acessar qualquer informação e estar sempre atualizado via internet certamente contribuem para a desvalorização da leitura e do livro como fontes de conhecimento e de informação.

Reconhecemos a importância das mídias na alimentação das representações sociais. Fatos recentes, certamente, contribuíram para a desvalorização da importância dos livros e para a representação, no imaginário da população, de que podem ser “perigosos” para a formação de seus filhos, em especial, junto à população mais vulnerável e menos escolarizada.



A divulgação em diferentes mídias e redes sociais sobre:

- A censura a livros de autores reconhecidos, como *O Menino Marrom de Ziraldo*, contribuiu para uma imagem de que livros podem ser “perigosos”;
- A defesa, por gestores públicos, da substituição de livros que pudessem trazer manipulação ideológica por conteúdos em plataformas;
- A confissão por líderes políticos de que não gostam de ler ou de que livros “têm muita coisa escrita”;
- Líderes religiosos que condenam a leitura de alguns livros por serem “profanos”.

Certamente, essas “ideias”, entre outras, que foram amplamente divulgadas contribuíram para que parcela da população identificasse os livros como ameaça.

Feiras e bienais contribuem para a representação positiva do livro

Por outro lado, a ampla divulgação em diferentes mídias sobre o sucesso das bienais e feiras do livro e da literatura em todo o Brasil, sem dúvida, contribuiu para alimentar uma representação simbólica positiva sobre os livros e seus autores. Há filas e entrevistas com leitores muito jovens destacando seus interesses pelos livros e o encantamento nesses encontros, como defende Rogerio Robalinho em seu texto “O livro como revolução – Feiras, Bienais e o despertar cultural do Brasil”.

Manifestações contra a censura de livros, como aconteceu na **Bienal do Livro Rio** em 2023, certamente têm impacto positivo no resgate das representações positivas sobre o livro.

O perigo dos livros

Não por acaso, na história da humanidade, os livros e a literatura foram alvos de regimes autoritários e das ditaduras – os nazistas queimaram milhões de livros que acreditavam não se alinhar com sua “ideologia”. Várias obras de literatura representaram mundos *perversos* onde não existe leitura ou com empobrecimento linguístico, como *1984*, de George Orwell, ou *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley.

Atualmente estamos revivendo a "fabricação de cretinos", para usar um termo de Michel Desmurge, de forma muito mais poderosa, porque nos invade pelos celulares. E parece não ser por acaso: grandes empresas de tecnologia, como a Meta, proprietária do Facebook e Instagram, conhecem ou promovem os efeitos da "criação" de "cretinos digitais", mas continuam a priorizar seus interesses comerciais e provavelmente também políticos, no sentido de manipulação e poder, dessa desconstrução da inteligência humana e da capacidade dos indivíduos de serem sujeitos das suas escolhas.

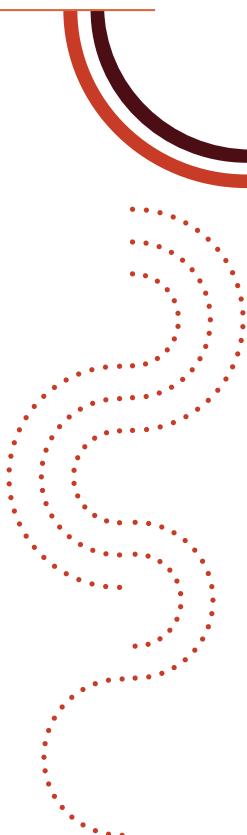
Ler – o antídoto para o "cérebro podre"

O desenvolvimento social e humano de nossa sociedade pode ser comprometido e podemos viver uma regressão na produção de conhecimento e nas relações humanas devido aos efeitos nocivos do uso excessivo de telas, como alertam os cientistas que estudam nosso cérebro?

Torna-se forçoso voltar a um assunto já tratado nestas linhas, apontando o risco das representações sobre o livro como ameaça; ao constatar que não estamos conseguindo garantir o direito à leitura de livros e da literatura a mais da metade dos brasileiros e que a tendência é piorar – não podemos ignorar o risco de retrocessos sociais e o alerta de neurocientistas sobre o impacto no desenvolvimento da capacidade cognitiva, mental e linguística, com a ausência da leitura de livros e de conteúdos mais complexos.

O uso excessivo de mídias sociais e o consumo compulsivo de conteúdo de baixa qualidade – como notícias sensacionalistas, teorias da conspiração e entretenimento vazio – podem encolher a massa cinzenta, diminuir a capacidade de atenção e enfraquecer a memória? Os aplicativos modernos são projetados para nos "espionar" por meio dos metadados, e nos manter viciados na busca de novidades e estímulos. O mundo na tela tem diferente temporalidade e parece linear, gerando a urgência na busca de respostas e soluções, gerando ansiedade e hiperatividade.

Atualmente estamos revivendo a "fabricação de cretinos", para usar um termo de Michel Desmurge, de forma muito mais poderosa, porque nos invade pelos celulares.



Já vivemos os efeitos do “cérebro podre” e da ausência da leitura

Além do alerta sobre os riscos para o cérebro na ausência da leitura, seus efeitos já estão impactando nossa sociedade. Uma população que lê pouco não desenvolve seu pensamento crítico e pode ser facilmente manipulada, em especial, por *fake news*. Um leitor crítico sabe analisar as informações e conteúdo que chegam até ele, identificando o que é confiável. A dificuldade para avaliar as informações que acessa pode impactar sua qualidade de vida, sua visão de mundo, suas relações pessoais e profissionais, e, quando estudante, pode dificultar a construção do conhecimento e da aprendizagem.

Para o país, o mais grave é não conseguir discernir se as informações que chegam, especialmente pelas redes sociais, são confiáveis, podendo comprometer nossa democracia.

A formação cultural e humana é essencial para o desenvolvimento humano e para a democracia de um país. Como nos diz Karine Pansa, em seu artigo “O não leitor – seu crescimento ameaça o desenvolvimento social, humano e a democracia?”:

[...] O [Ljubljana Reading Manifesto] manifesto defende que a leitura de alto nível atua como um antídoto contra as formas mais perigosas de manipulação social: populismos, teorias da conspiração, desinformação orquestrada. Apenas leitores bem preparados têm os recursos internos necessários para filtrar informações, resistir a narrativas simplificadoras e tomar decisões informadas. Assim, ler bem não é apenas uma habilidade escolar – é um mecanismo de proteção democrática.

Nem tudo está perdido?

Essa visão catastrófica não é compartilhada por todos, nem mesmo por alguns dos convidados para esta obra. Há muitos questionamentos sobre nossa capacidade de entender a dimensão de uma transformação que desestrutura nossas crenças e o conhecimento que nos guiou até aqui.

Estaríamos frente a uma nova forma de produção de conhecimento e de desenvolvimento cognitivo e linguístico? Uma nova linguagem e dimensão para a criação de ficção? Outras conexões e criações coletivas? Difícil, sem transgredir as referências que temos, imaginar. Jéferson Assumção traz indagações quase transgressoras sobre essa questão instigante no seu texto "Leitura e desmaterialização dos suportes da arte".

Tomara as impactantes transformações que estamos vivendo sejam um novo estágio do desenvolvimento humano, como alguns defendem, desde que os valores e direitos humanos, a liberdade democrática, a preservação da natureza, a tolerância, a empatia e a indignação com a miséria sobrevivam a essas "transgressões".

Nossa expectativa ao publicar essa obra

Esperamos que a ampla divulgação da pesquisa e da análise sobre os resultados desse amplo diagnóstico sobre a leitura no Brasil, a partir de diferentes olhares e experiências, indique caminhos para estancar essa "hemorragia" de leitores e impacte os formuladores de **políticas públicas e de estratégias de formação e incentivo à leitura**.

Como alerta José Castilho no texto "*Retratos da Leitura no Brasil* e as Políticas Públicas do Livro e Leitura – o que nos diz a série histórica":

[...] em um país com profundas desigualdades econômicas, sociais, educacionais e culturais, agravadas por uma história de construção perversa do corpo social, marcada pela exclusão e iniquidade de toda ordem, ter ou não ter uma política pública voltada à formação leitora é vital para o desenvolvimento ou a involução do direito à leitura e à escrita para toda a população. [...] Formar leitores/as é uma decisão política estratégica e só se realiza em períodos democráticos e incluentes com políticas e planos construídos aos moldes da PNLE e do PNLL.

Somente políticas de Estado, que se mantêm independentemente da mudança de governos e da vontade política de governantes, podem promover reversão nesse retrocesso e **transformar o Brasil em um país de mais leitores, melhorando seu patamar de desenvolvimento humano e social e sua posição em avaliações sobre a educação, como o Program for International Student Assessment (Pisa)**.

Sabemos que, por mais estratégicas que sejam ações da sociedade civil, com projetos exitosos e metodologias revolucionárias, dadas a dimensão e as profundas desigualdades sociais, econômicas, educacionais e de infraestrutura em escolas e bibliotecas em nosso país, somente políticas públicas que deem conta de todos os desafios identificados pela pesquisa e a garantia de investimentos para sua implementação conseguirão estancar esse retrocesso.

Ficamos na torcida para que as políticas públicas e programas recentemente anunciados, como a regulamentação da Lei da Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), se efetivem e ganhem amplitude. Esperamos, também, que se dissemine a implementação de Planos do Livro e Leitura em todas as cidades do Brasil, e sejam ampliados programas como:

- Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) Educação Infantil, com obras literárias para bibliotecas públicas e comunitárias de todo o Brasil;
- Vans com exemplares do PNLD Literário circulando em cidades, assentamentos e locais sem bibliotecas;
- A instalação de bibliotecas comunitárias em unidades do Minha Casa, Minha Vida.

Essas ações são fundamentais para **iniciar** o enfrentamento dos desafios revelados pela pesquisa, mas precisam vir acompanhadas de programas robustos e continuados de **formação de professores, bibliotecários e mediadores de leitura**, como agentes fundamentais para a dinamização e transformação dos espaços de formação de leitores.

É urgente retomar o programa de **universalização das bibliotecas escolares**, finalmente codificado pela Lei nº 14.837,

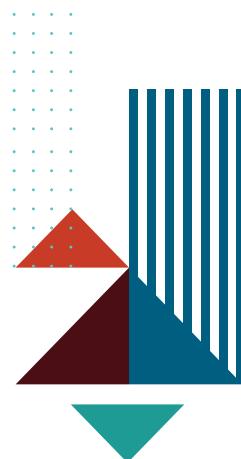
de 2024. Instalar bibliotecas em todas as escolas, atendendo a parâmetros mínimos de funcionamento, acesso à internet, atualização de acervos e bibliotecários ou profissionais habilitados para a promoção de atividades orientadas por gestão e projetos pedagógicos. Envolver toda a comunidade escolar para que as bibliotecas sejam espaços de acolhimento, de produção de conhecimento e de compartilhamento de experiências de leitura e escrita. Nas escolas que não dispõem de infraestrutura que possibilite a instalação de uma biblioteca, serão bem-vindas as vans-bibliotecas, com orientação em rede por bibliotecários onde não for possível manter esses profissionais.

Em creches e escolas infantis, dada a importância do despertar do gosto pela leitura ainda durante a infância, é fundamental investir na **instalação de espaços lúdicos e multilinguagem** para receber o acervo de literatura infantil, com bibliotecários ou mediadores de leitura formados para atender a crianças e despertar o interesse pela leitura de literatura e pelos livros de forma lúdica e afetiva, como defendem Idmea Semeghini-Siqueira e Nágila Polido.

O ex-ministro de Culturas, Artes e Saberes da Colômbia, Juan David Correa, em seminário na Bienal Internacional do Livro de São Paulo 2024, afirmou que o sucesso das bibliotecas na Colômbia está na oportunidade de “criar grandes centros de diálogo, reflexão e empoderamento das comunidades locais”. Ressaltou que a manutenção desses espaços e construção do hábito da leitura é capaz de transformar a realidade, mesmo em áreas mais afastadas dos grandes centros urbanos.

Essa fala destaca pontos importantes para orientar políticas públicas para as bibliotecas, e confirma o que as Redes de Bibliotecas Comunitárias já estão desenvolvendo. Essa constatação nos mostra que “não é preciso inventar a roda”, como disse Dolores Prades no lançamento da 6^a edição da pesquisa, em novembro de 2024.

E, por último, é fundamental promover **campanhas nacionais de valorização da leitura e dos livros**. Resgatar representações positivas sobre a importância da leitura de livros e da literatura para o desenvolvimento social, a formação humanista, os ideais democráticos e a empatia.



Tomara as inquietações provocadas pela 6^a edição da pesquisa *Retratos da Leitura* despertem a vontade de transformar teses e discursos em investimentos e ações efetivas para transformar o Brasil em um país de leitores críticos e protagonistas da transformação social e democrática.

Zoara Failla

Socióloga pela UNESP, com mestrado em Psicologia Social pela PUC-SP e pós-graduação pela FGV-SP. Foi consultora do PNUD e coordenou o Programa de Melhorias do Ensino Médio/SEE-SP. Prestou consultoria nos cinco PALOPs, entre outras atividades, na FUNDAP. Desde 2006, coordena os projetos do Instituto Pró-Livro: o Prêmio IPL – Retratos da Leitura, e instalações infantis em bienais de São Paulo, Rio e Maceió; as cinco últimas edições da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*; a pesquisa *Retratos da Leitura – Bibliotecas Escolares* (2018) e a *Retratos da Leitura em Eventos do Livro* (Bienal de São Paulo – 2022; Bienal do Rio – 2019 e FLUP – 2019). Foi organizadora das 3^a, 4^a e 5^a edições da obra *Retratos da Leitura no Brasil* e autora de vários artigos sobre o comportamento leitor do brasileiro. Também foi presidente do Sindicato dos Sociólogos de São Paulo.





Leitura

transformando vidas
e sociedades

1. O não leitor: seu crescimento ameaça o desenvolvimento social, humano e a democracia?

Karine Pansa

Não é de hoje que sabemos: a leitura é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento humano e para o fortalecimento das democracias. Mas os dados da 6^a edição da pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil***, lançada pelo Instituto Pró-Livro em 2024, acendem um alerta grave. O percentual de leitores caiu de 52% em 2019 para 47% em 2024, o que significa que mais da metade dos brasileiros com 5 anos ou mais (53%) não leu nenhum livro, nem mesmo em partes, nos três meses anteriores à pesquisa.

Trata-se de um dado que deveria nos mobilizar como sociedade. Afinal, não estamos falando apenas de um hábito cultural que se perde, mas de uma competência que impacta diretamente a capacidade de compreender o mundo, de se posicionar, de participar e de transformar.

**Quem não lê, não comprehende.
Quem não comprehende, não participa**

Entre os motivos citados pelos não leitores, um dos principais é “não comprehendo o que leio”. Essa resposta aparece com mais frequência entre os mais jovens e nas classes sociais de menor escolaridade, evidenciando uma carência estrutural que precisa ser



enfrentada com urgência. O desafio não se resolve apenas com mais livros ou bibliotecas (embora isso seja fundamental), mas com ações consistentes que desenvolvam a capacidade leitora em sua complexidade. Isso exige a valorização da leitura como prática cognitiva profunda, contínua e transformadora.

Essa ideia encontra respaldo no *Ljubljana Reading Manifesto*, lançado na Feira de Frankfurt em 2023. O manifesto, que conta com o apoio de organizações internacionais como International Publishers Association (IPA), PEN International e International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA), defende a leitura de alto nível – aquela que demanda atenção, paciência cognitiva, empatia e pensamento crítico principalmente. É esse tipo de leitura que permite ao cidadão construir uma visão analítica da realidade, identificar falácia e contradições, compreender contextos históricos e sociais e exercer seu papel de forma consciente em uma democracia.

Leitura de alto nível: o que é e por que importa

Segundo os autores do manifesto, a leitura de alto nível envolve mais do que decodificar palavras: exige o desenvolvimento de habilidades metacognitivas, de empatia cognitiva, de análise argumentativa e de compreensão profunda de textos longos e complexos. Essas competências não surgem espontaneamente. Elas precisam ser cultivadas ao longo da vida, com estímulo desde a infância, ambiente favorável à leitura e formação continuada dos educadores.

A leitura profunda permite ao leitor estabelecer relações entre textos, contextos e culturas, questionar pressupostos, reconhecer vieses e desenvolver autonomia intelectual. Em tempos de desinformação e discursos simplificados, essas habilidades se tornam condição para o exercício da cidadania. Democracias frágeis produzem leitores frágeis – mas o contrário também é verdadeiro: leitores resilientes fortalecem as democracias.

A leitura profunda permite ao leitor estabelecer relações entre textos, contextos e culturas, questionar pressupostos, reconhecer vieses e desenvolver autonomia intelectual.



Além disso, o manifesto defende que a leitura de alto nível atua como um antídoto contra as formas mais perigosas de manipulação social: populismos, teorias da conspiração, desinformação orquestrada. Apenas leitores bem preparados têm os recursos internos necessários para filtrar informações, resistir a narrativas simplificadoras e tomar decisões informadas. Assim, ler bem não é apenas uma habilidade escolar – é um mecanismo de proteção democrática.

O Brasil que não lê: o que os dados nos dizem

A 6^a edição da pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil*** revela que apenas 18% dos leitores leem literatura por vontade própria. Os títulos mais lidos continuam sendo a Bíblia, livros religiosos e de autoajuda. Embora importantes para muitos, essas leituras, em geral, não provocam o exercício crítico que textos literários mais densos podem proporcionar. O consumo literário no país é limitado, e isso reflete desigualdades de acesso, de formação escolar e de estímulo familiar e social.

Apenas
20%
dos entrevistados
disseram usar seu
tempo livre para
ler livros.

Adicionalmente, apenas 20% dos entrevistados disseram usar seu tempo livre para ler livros. Atualmente, a maioria se dedica às redes sociais, à TV ou ao consumo rápido de conteúdos digitais. Essa mudança na atenção e nos hábitos impacta diretamente a capacidade de sustentar leituras longas. A leitura digital, apesar de promissora, tende a ser fragmentada, dispersa e superficial. O *Ljubljana Reading Manifesto* adverte: o risco não está apenas em não ler, mas em não conseguir mais sustentar uma leitura contínua, exigente, com profundidade.

A pesquisa ainda mostra que a maioria das pessoas que abandonam a leitura o faz por desinteresse ou por dificuldades de compreensão. E isso reforça a urgência de se trabalhar não só o acesso, mas também a competência leitora. Ler, hoje, é, mais do que nunca, um ato de resistência.

Democracia se faz com leitores preparados

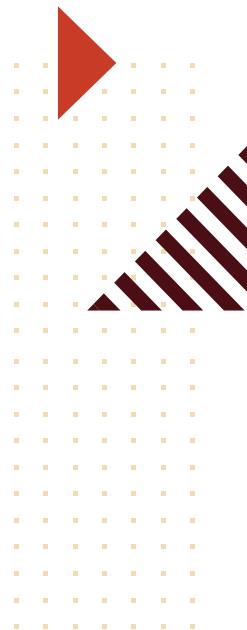
A democracia exige leitores ativos. Leitores que compreendam o que está em jogo nos debates públicos, que saibam distinguir argumentos sólidos de discursos manipuladores e que tenham repertório para participar do diálogo social. Como afirmou o primeiro-ministro da Noruega, Jonas Gahr Støre: "Sem boas habilidades de leitura, é difícil participar ativamente da sociedade".

Nesse contexto, a leitura se torna um verdadeiro ato político. O acesso à informação não é suficiente se os cidadãos não têm competência para interpretá-la criticamente. A escola, nesse processo, ocupa um lugar central: é na formação básica que se estabelecem as bases para o desenvolvimento leitor. Mas a escola não pode estar sozinha. A família, os espaços culturais, os meios de comunicação e as políticas públicas precisam trabalhar juntos.

Como tornar isso realidade no Brasil?

Para promover a leitura de alto nível no Brasil, é necessário um compromisso multissetorial. Algumas direções possíveis:

1. **Políticas públicas estruturadas:** não basta distribuir livros. É preciso garantir formação continuada para professores, mediadores de leitura e bibliotecários. É necessário integrar leitura ao currículo escolar com metodologias eficazes e avaliação qualificada. Os professores devem ser formados não apenas para ensinar a ler, mas para formar leitores críticos.
2. **Valorização das bibliotecas:** as bibliotecas precisam ser reconfiguradas como centros de leitura crítica, e não apenas como depósitos de livros. Projetos de mediação, rodas de leitura e clubes literários devem ser ampliados. É preciso garantir que bibliotecas estejam presentes nas escolas, bairros e comunidades, com profissionais capacitados e acervos atualizados.



- 
3. **Fomento à literatura de qualidade:** incentivar a produção e a circulação de obras literárias que estimulem o pensamento crítico, com diversidade de vozes, gêneros e temas, é essencial. Precisamos garantir que o leitor brasileiro tenha acesso a obras que o desafiem, que promovam empatia, reflexão e aprofundamento.
 4. **Acesso democrático e inclusivo:** a leitura precisa alcançar populações historicamente marginalizadas. Isso inclui oferta de livros em diferentes formatos, línguas e suportes, além da promoção da leitura como direito cultural. É essencial que crianças indígenas, quilombolas, com deficiência ou que vivem em situação de vulnerabilidade tenham acesso ao livro desde cedo.
 5. **Campanhas e pactos sociais:** é hora de encarar a leitura como uma prioridade nacional, com campanhas permanentes e ações coordenadas entre governo, setor editorial, terceiro setor, mídia e comunidade escolar. A leitura deve ser vista como eixo estratégico para o desenvolvimento humano e social do país.

Conclusão: a leitura como estratégia de sobrevivência democrática

A leitura de alto nível não é um luxo acadêmico. Ela é a base de uma sociedade crítica, solidária e participativa. A crescente parcela da população que não lê, ou que lê sem compreender, representa um alerta para todos nós. O fortalecimento da leitura, nesse cenário, é mais do que uma meta educacional: é uma urgência democrática.

Como enfatiza o *Ljubljana Reading Manifesto*, precisamos entender a leitura como técnica central de formação cognitiva e social. Se queremos uma sociedade mais justa, informada e plural, precisamos começar pelo óbvio: formar leitores. Leitores que pensem. Leitores que escolham. Leitores que resistam.

O Brasil precisa reagir. E a leitura é o caminho mais sólido, mais estratégico e mais transformador que podemos seguir.

Karine Pansa

Foi presidente da International Publishers Association (IPA) até o final de 2024, sendo a terceira mulher a ocupar o cargo desde a fundação da entidade, em 1896. Atua há mais de 30 anos no setor editorial e é, atualmente, proprietária do grupo editorial Girassol, especializado em livros infantis. É formada em Administração de Empresas pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), foi presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL) entre 2011 e 2015, e hoje integra sua diretoria estatutária. Também é membro do Conselho de Curadores da Fundação Dorina Nowill para Cegos. Ao longo de sua trajetória, tem atuado fortemente na defesa da liberdade de publicação, do direito autoral, da leitura como direito e da inclusão no mercado editorial global, dedicando-se à promoção da leitura de qualidade como ferramenta de transformação social e fortalecimento da democracia.

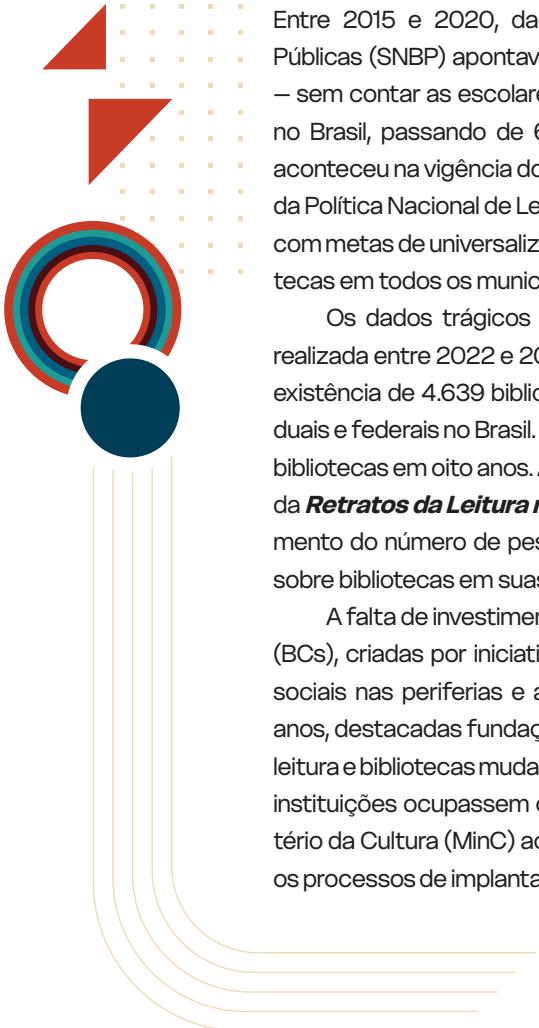


Referências bibliográficas

- FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil 6*. 1. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024.
- FAILLA, Zoara. O livro para além do livro. PublishNews, 26 set. 2023. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/09/26/o-livro-para-além-do-livro>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- LJUBLJANA READING MANIFESTO. *Ljubljana Reading Manifesto*. Disponível em: <https://readingmanifesto.org/>. Acesso em: 7 maio 2025.
- PANSA, Karine. *Democracy is built on literacy* – Karine Pansa. Tradução livre. Documento interno.
- SOBOTA, Guilherme. Feira de Frankfurt 2023: Manifesto defende a importância da leitura em alto nível. PublishNews, 18 out. 2023. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/10/18/feira-de-frankfurt-2023-manifesto-defende-a-importancia-da-leitura-em-alto-nivel>. Acesso em: 7 maio 2025.
- WORLD EXPRESSION FORUM. Workshop "How to advance the freedom to read?". 2024.

2. “Vai para a biblioteca, que isso passa”: como as bibliotecas podem contribuir para um melhor retrato da leitura no Brasil

Bel Santos Mayer



Entre 2015 e 2020, dados do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) apontavam que cerca de 800 bibliotecas públicas – sem contar as escolares e universitárias – haviam sido fechadas no Brasil, passando de 6.057 para 5.293 bibliotecas. Esta queda aconteceu na vigência do Plano Nacional de Cultura (2010 a 2024) e da Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE – Lei nº 13.696/2018), com metas de universalização, implantação e manutenção de bibliotecas em todos os municípios brasileiros.

Os dados trágicos estavam subestimados. Uma atualização realizada entre 2022 e 2023, disponível no site do SNBP, informou a existência de 4.639 bibliotecas públicas municipais, distritais, estaduais e federais no Brasil. Portanto, houve uma perda de quase 1.500 bibliotecas em oito anos. Ao cruzarmos estes dados com a 6^a edição da ***Retratos da Leitura no Brasil***, notamos, sem surpresa, o crescimento do número de pessoas que não usam nem têm informação sobre bibliotecas em suas cidades.

A falta de investimento se estende às Bibliotecas Comunitárias (BCs), criadas por iniciativa de indivíduos, coletivos e organizações sociais nas periferias e áreas mais distantes do país. Nos últimos anos, destacadadas fundações empresariais atuantes na área do livro, leitura e bibliotecas mudaram suas linhas de atuação, sem que outras instituições ocupassem o vazio deixado. O rebaixamento do Ministério da Cultura (MinC) ao status de secretaria em 2019 atravancou os processos de implantação dos Planos Municipais do Livro, Leitura,

Literatura e Bibliotecas (PMLLB) e a destinação de recursos para o incentivo à leitura.

Quem tem acompanhado esses dados, seja de perto ou a distância, não se surpreende que a 6ª edição da pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil*** refletiu uma queda na frequência às bibliotecas: se, em 2019, 17% dos respondentes disseram frequentar bibliotecas sempre ou às vezes, em 2024 esse percentual caiu para 9%. É previsível, mas inaceitável, por tudo o que as bibliotecas de acesso público fazem e podem fazer para o desenvolvimento humano e cultural de indivíduos e de grupos sociais ao longo da vida, oferecendo condições básicas para o compartilhamento de saberes e tomada de decisão, criando comunidades e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida (IFLA; Unesco, 2022).

O Brasil que lê nas bibliotecas comunitárias

Esperamos que um levantamento nacional atualizado sobre as bibliotecas comunitárias – bibliotecas de acesso público –, como definido no Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), não demore. Podemos olhar para alguns números relevantes: a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) conta com 119 unidades organizadas em 11 redes locais, distribuídas em 23 cidades; a Expedição Vaga Lume mantém 95 BCs distribuídas em 22 municípios da Amazônia Legal; e, em 2023, um edital para Pontos de Leitura do MinC contemplou 300 BCs dentre 810 iniciativas inscritas. Ou seja: as bibliotecas comunitárias existem!

Essa modalidade de biblioteca é reconhecida por seus freqüentadores – na maioria jovens, mulheres, pessoas pretas, indígenas e periféricas – como o espaço que os(as) acolheu e reconciliou com a escola e a continuidade dos estudos. São freqüentes os relatos que atribuem à ação dos(as) mediadores(as) de leitura das bibliotecas comunitárias o gosto pelos livros e pela participação no universo poético, político, cultural, social e educacional do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas, conforme revelado no estudo “O Brasil que Lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores” (2018), realizado pela Universidade Federal

de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e pelo Centro de Cultura Luiz Freire.

O percentual de frequentadores(as) de bibliotecas comunitárias apontado nas duas últimas edições da *Retratos da Leitura no Brasil* é pequeno (4%), mas expressivo para um movimento de base, de defesa do direito humano à literatura, que vem contribuindo para a ampliação da biodiversidade nas estantes das diferentes tipologias de bibliotecas e livrarias, nas festas literárias, saraus e bienais.

90%
dos entrevistados(as)
dizem não frequentar
ou raramente
frequentar bibliotecas.

Nas BCs encontramos mediadores(as) de leitura, leitores(as) de obras clássicas e contemporâneas de diferentes autorias que são capazes de citar o nome da obra e do autor(a) dos livros que leram; mediadores(as) que se habituam a carregar livros na mochila para ganhar tempo lendo e, quiçá, influenciar seus vizinhos de trajeto. São também mediadores(as) que se movem por horas para participar de banquetes literários, em que encontram autores(as) que lhes importam, por terem atravessado pontes, física ou simbolicamente, para chegar a periferias culturalmente efervescentes.

39%
afirmam que nada os
faria frequentá-las.

Na pesquisa, 90% dos entrevistados(as) dizem não frequentar ou raramente frequentar bibliotecas, e 39% afirmam que nada os faria frequentá-las. Devo dizer que não sabem o que estão perdendo, pois desconhecem o que são, para que servem, como se movem e o que fazem – ou podem fazer – as bibliotecas. Para além da

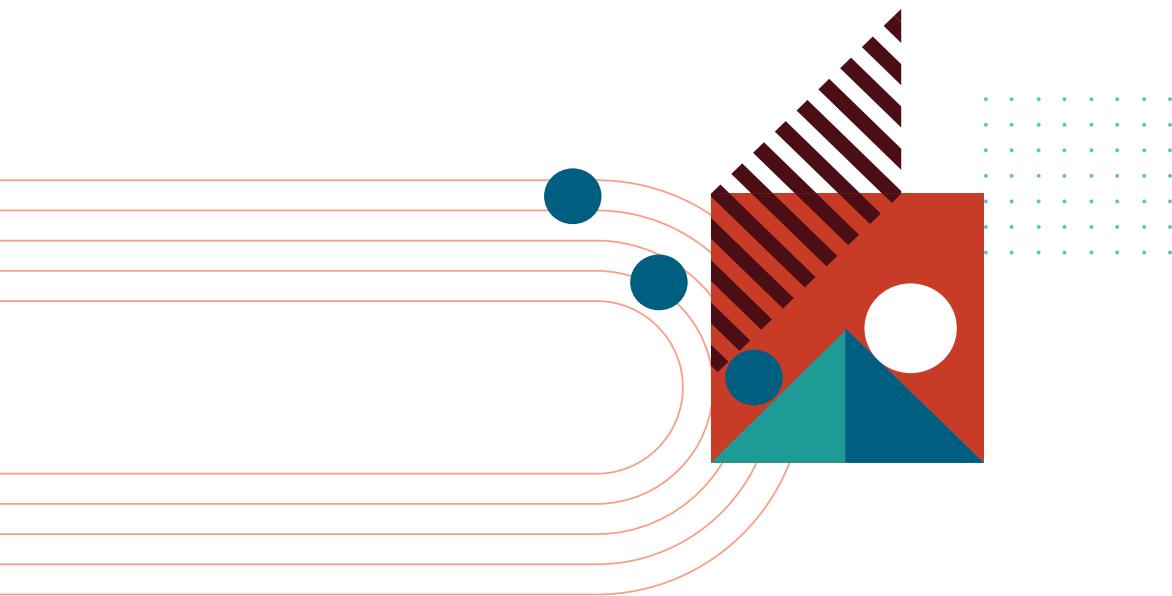
consulta e empréstimo de livros, cada vez mais, as bibliotecas têm oferecido programações de qualidade para diferentes públicos: exposições, bate-papo com autores(as), lançamento de livros, mediação de leitura, contação de histórias, círculos de leitura, alfabetização, apoio à pesquisa e formações.

Os dados da pesquisa nos provocam a refletir sobre a percepção que se tem das bibliotecas públicas como lugares voltados aos estudos (59%) ou somente para estudantes (17%). Apenas 24% a percebem como um local para todas as pessoas e para a comunidade. Há um desconhecimento das bibliotecas e suas práticas. Você

que lê este texto, conhece ou frequenta alguma biblioteca do seu bairro ou cidade? Por cinco anos, em uma pós-graduação, propus a cada estudante que encontrasse “uma biblioteca para chamar de sua”, que a observasse nos detalhes e pensasse formas de torná-la próxima ao seu imaginário de biblioteca.

Os relatos sobre acolhimento e mediação foram sempre emocionados e emocionantes, coincidindo com a pesquisa: quem frequenta as bibliotecas gosta muito (88%), considera que elas são bem cuidadas (92%) e 61% encontram os livros que procuram. Há 13% que frequentariam bibliotecas se houvesse uma próxima a sua casa. Não conseguir chegar a pé a uma biblioteca, viver com até dois salários-mínimos (52%) e precisar fazer escolhas acertadas para o dinheiro esticar até o final do mês implicam em deixar o lazer de lado e contribuem para que as bibliotecas sejam estranhas a tantas pessoas.

Nota-se que o(a) leitor(a) tem uma vida cultural mais abrangente que o(a) não leitor(a). Se o(a) leitor(a) tem uma média de atividade de leitura de 7,6, a média do(a) não leitor(a) é de 5,3. Além disso, 58% dos(as) leitores(as) escreve, enquanto apenas 27% dos(as) não leitores(as) praticam a mesma atividade. Se 65% dos(as) leitores(as) escutam música no rádio, 50% dos(as) não leitores dispensam esta atividade. Enquanto 14% dos(as) leitores(as) buscam oficinas de arte, entre os não leitores(as) o percentual é de apenas 3%. A programação das bibliotecas pode ser a porta de entrada para a leitura de livros e acesso a outras linguagens.



As bibliotecas como “cápsulas de atenção”

Em outubro de 2024, em Barcelona, participei do II Encontro do Sistema Iberoamericano de Redes Nacionais de Bibliotecas (Sirbi). O evento reuniu representantes dos sistemas nacionais de bibliotecas dos países membros do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe (Cerlalc) sob o tema “Ação bibliotecária pela equidade e justiça”. Refletimos sobre “prioridades globais para bibliotecas vitais”, bibliotecas atentas às necessidades humanas e ao desenvolvimento social. Nesse encontro, reafirmamos a nossa confiança na responsabilidade das bibliotecas em promover o acesso à leitura, à informação, à literatura, à conversa e ao diálogo, além de serem pontos de convergência das demandas de uma comunidade, laboratórios de inovação e de busca de soluções para desafios pessoais e coletivos.

Tudo aquilo que faz parte da vida de uma comunidade deveria estar e caber numa biblioteca. A biblioteca pode ser um ponto de encontro, estudo e construção de respostas possíveis para as questões de uma comunidade. Deveria ser o primeiro lugar de busca de respostas para os “Como? Onde? Por quê? Por quem?”.

Diante do “projeto” de sequestro do nosso tempo e da nossa atenção – seja com jornadas de trabalho exaustivas, seja nos dispersando nas redes sociais –, as bibliotecas devem ser “cápsulas de atenção”, como as denominou o filósofo e professor Jorge Larrosa Bondía em um bate-papo informal. Elas têm potencial para proteger a nossa atenção, ser espaço de preservação dos saberes que, como as cápsulas, protegidas externamente, vão liberando aos poucos os seus benefícios.

Tenho sido promotora e testemunha do bem que a atenção capturada pela leitura proporciona.

Voltando à ***Retratos da Leitura no Brasil***, embora inúmeras pesquisas assegurem os benefícios da leitura, 49% dos entrevistados(as) ignoram os dados e preferem fazer outras coisas com seu tempo livre. Nós, das bibliotecas, precisamos pensar formas

49%
dos entrevistados(as)
preferem fazer outras
coisas com seu
tempo livre.

para que mais pessoas possam conhecer os ganhos dos encontros literários. Quem sabe, um caminho seja ter bibliotecas vivas, espalhando ações de leitura da maternidade ao cemitério, cobrindo as diferentes fases da vida.

Se os motivos dos(as) não leitores(as) para não terem lido nos últimos três meses convergem para a falta de tempo (33%), falta de gosto pela leitura (32%), falta de paciência (13%) e dificuldades de leitura (6%), vale notar que o percentual das pessoas que dedicam tempo livre à internet só cresce: saltamos de 66% em 2019 para 78% em 2024. Precisamos ser guardiãs e guardiões do tempo e gerar mais e mais momentos de leituras coletivas, (re)aprendizagem da leitura e (re)conexão com palavras em sequências de sentidos. Ler e compreender o que leu. Saborear as palavras. Ler e criticar o lido. Saber.

Vale tornar públicos os acertos das bibliotecas, as ações que contribuem para aproximar atividades cotidianas a histórias, a leituras de mundo e de palavras. É essencial conhecer a comunidade e colocar em destaque livros que dialogam com seus interesses; ter, por exemplo, acervo selecionado para quem gosta de futebol, de culinária, de plantas, de artesanato, de gente, de bicho, de passado, de futuro, de romance, de prosa, de crônica, de teatro, de poesia; e expor livros que surpreendam quem acredita que não gosta de ler. Nas bibliotecas, há gente disposta a ler para quem, por diferentes motivos, não consegue ler sozinho. Garantir tempo, alfabetização e oficinas criativas para quem quiser escrever as histórias que ouviu, viu ou inventou. Há sempre algo novo acontecendo nas bibliotecas.

Se nos chama a atenção o fato de mais de 90% dos adolescentes e jovens (14 a 29 anos) passarem o tempo livre na internet, 80% das crianças (11 a 13 anos) fazerem o mesmo e, ainda, que 80% das pessoas na faixa dos 18 aos 29 anos gastem seu tempo no WhatsApp, em que circula toda sorte de (des)informação, e menos da metade (48%) escolha se encontrar com amigos(as), as bibliotecas precisam – e podem – ser um bom lugar de encontro

Vale notar que o percentual das pessoas que dedicam tempo livre à internet só cresce: saltamos de **66%** em 2019 para **78%** em 2024.

e convivência com os seus e com os outros. As escolas que não o fazem poderiam (precisam) encurtar o caminho da escola às bibliotecas e sugerir que as famílias façam o mesmo. Todo mundo deveria entrar nessa “cápsula de atenção” algumas vezes. Encontramos que 65% dos leitores(as) conversaram com alguém sobre os livros lidos e 55% receberam indicação para os livros de leitura. Haverá melhor lugar que a biblioteca para essas conversas?

Sigamos fazendo a nossa parte e contagiando mais pessoas a incluírem as bibliotecas em suas vidas, na vida das comunidades, nos orçamentos e nos programas de governo.

Bel Santos Mayer

É educadora social e mestra em Turismo pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), com especialização em Pedagogia Social. Coordena o Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC), é cogestora da Rede de Bibliotecas Comunitárias LiteraSampa e membro do grupo de pesquisa em Direitos Humanos, Democracia, Política e Memória do Instituto de Estudos Avançados (IEA/USP).

Referências bibliográficas

- FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil 6*. 1. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024.
- FERNANDEZ, C.; MACHADO, E; ROSA, E. *O Brasil que Lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores*. [Olinda]: CCLF, 2018. Disponível em: <http://ccdf.org.br/project/o-brasil-que-ler-bibliotecas-comunitarias-e-resistencia-cultural-na-formacao-de-leitores/>. Acesso em: 8 maio 2025.
- INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS; UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022. Tradução: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições. *Repositório FEBAB*, [São Paulo], 2022. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6247>. Acesso em: 8 maio 2025.



A formação do leitor

3. Arte, brinquedos, brincadeiras e contação de histórias: a criança como caminho para despertar o gosto pela leitura de livros

Idmea Semeghini-Siqueira

Nágila Euclides da Silva Polido

A criança pequena, ao brincar com sons e palavras na companhia de adultos e crianças faz emergir o letramento/literacia. Parlendas e trava-línguas oferecem experiências de brincar com sons, palavras e significados e os portfólios, que documentam esse processo, dão a oportunidade para demonstrar o que a criança sabe. A professora, ao registrar as parlendas com os desenhos das crianças e dar visibilidade a tais produções, mostra não só suas práticas para construção do letramento/literacia como também o que a criança está aprendendo.

Tizuko Mochida Kishimoto

*O poema é a fruta
A poesia, o sabor.
O poema está no livro.
A poesia, no leitor.*

Francisco Marques Vírgula Chico dos Bonecos

A 6^a edição da pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil*** foi recebida com grande expectativa por todos aqueles que, de algum modo, estão envolvidos com a leitura e a formação de leitores, pois os dados apresentados nesta edição já revelam as consequências dos comportamentos, hábitos e rotinas que foram significativamente afetados pelo período de confinamento a que todos fomos submetidos entre 2020 e 2021, durante a pandemia de covid-19. A queda do percentual de leitores de 52% (2019) para 47% (2024) e da média de livros lidos entre todos os entrevistados nos últimos três meses, de 2,60 (2019) para 2,04 (2024), sinaliza que o comportamento leitor e os hábitos de leitura do brasileiro apresentam sequelas do cenário excepcional dos últimos cinco anos.

Para nós, educadoras que atuam com a leitura na pesquisa e na docência na educação básica e no ensino superior, os dados relativos à faixa etária de 5 a 10 anos são particularmente relevantes, pois esse foi um dos grupos que mais sofreu com o isolamento sanitário, a suspensão das aulas presenciais e a implementação do ensino remoto justamente no momento de início e consolidação da alfabetização, ou seja, o último ano da Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, na série histórica desta pesquisa, a escola e/ou o professor, assim como a mãe ou responsável do sexo feminino, são as respostas mais frequentes quando a pergunta se refere às principais influências e à origem do interesse pela leitura literária para as faixas etárias de 5 a 10 anos e de 11 a 13 anos, englobando todo o Ensino Fundamental. Esse dado se mantém nesta edição.

Nesse contexto, alguns questionamentos são inevitáveis: o confinamento teria promovido uma modificação nos influenciadores de leitura literária da família? Esse período de afastamento teria alterado o papel da escola e dos professores como referências significativas no acesso aos livros e na formação desses leitores literários? De que forma a interrupção no processo de alfabetização dessas crianças teria afetado a sua formação como leitores?

Nesse contexto, alguns questionamentos são inevitáveis: o confinamento teria promovido uma modificação nos influenciadores de leitura literária da família?

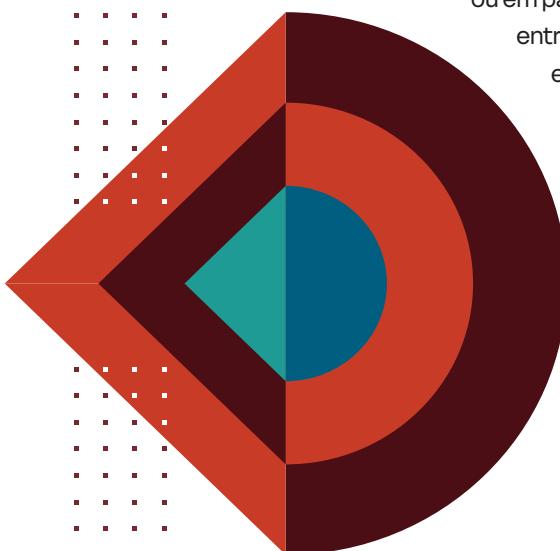
Buscando pistas para essas reflexões, inicialmente procedemos à análise de alguns recortes da pesquisa, sobretudo nos dados da faixa etária de 5 a 10 anos, especialmente naqueles que envolvem a leitura literária e os principais influenciadores: escola e/ou professor e a mãe ou responsável do sexo feminino. A partir desses dados, apresentamos uma breve discussão sobre arte e leitura – os livros de Arte Visual & Literatura Infantil – na infância, com destaque para as relações entre bebê/criança e mãe/pai. Em seguida, focalizamos o tema sob o viés da Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, articulando os dados da leitura a indicadores sociais mais recentes e àqueles relacionados à alfabetização. Concluindo o artigo, mas não a reflexão, tecemos algumas considerações finais.

Crianças e livros: o retrato mais recente

Em nossas análises, procuramos observar dados que nos possibilitassem delinejar o comportamento leitor das crianças entre 5 e 10 anos, que constituíram 6% da amostra da pesquisa, com o objetivo de identificar aspectos que tenham de alguma forma influenciado o perfil dos leitores infantis. Nosso foco está voltado especialmente para a leitura literária e como esses textos têm penetrado nos hábitos de leitura das crianças.

Como vimos, a média de livros lidos, inteiros ou em partes, nos últimos três meses caiu entre todos os entrevistados (leitores e não leitores), passando de 2,60 (2019) para 2,04 (2024). Entre os leitores, também houve queda, de 5,04 (2019) para 4,36 (2024). No entanto, permanece a tendência de que, quanto maior a renda e a escolaridade, maior o hábito de leitura.

Percebe-se que a literatura ocupa ainda um lugar



importante nas leituras realizadas por indicação escolar ou por vontade própria, e que leitores de literatura tendem a ler mais e de maneira espontânea. Se o leitor de literatura lê livros em papel, também pertence ao grupo que mais gosta de ler (96%), suplantando os leitores de literatura apenas em outros meios (79%).

Quanto às motivações e hábitos de leitura, o gosto se destaca como principal motivo, mesmo apresentando queda (de 26%, em 2019, para 24%, em 2024), assim como todos os demais fatores.

Entre os elementos que influenciam a escolha de um livro, "Capa" e "Dicas de professores" são os mais lembrados entre leitores de 5 a 17 anos.

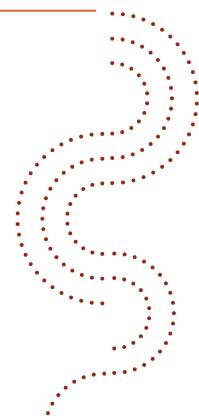
Quanto à frequência de leitura de livros em geral, independentemente do suporte e tendo como base saber ler e escrever, observa-se que, em comparação com as demais faixas etárias, o período entre os 5 e os 17 anos apresenta a melhor frequência de leitura, seja de livros indicados pela escola ou por vontade própria, com os livros de literatura tendo um desempenho significativamente positivo. Nas faixas etárias dos 5 aos 10 e dos 11 aos 13 anos também estão os grupos que mais gostam de ler, com 86% e 87%, respectivamente.

O gênero mais lido entre estudantes são Contos (32%), seguidos por Bíblia (25%), Romance (19%), Didáticos (18%), Poesia (18%), Infantis e Histórias em quadrinhos, gibis e RPG (15%). Os livros juvenis ocupam apenas a 11^a posição, com 7%. Portanto, a literatura está mais presente nas leituras realizadas por aqueles que ainda frequentam a escola ou ensino superior. Entretanto, as literaturas infantil e juvenil têm perdido espaço, e provavelmente não para outras leituras, já que nenhum outro gênero apresentou aumento relevante em seus percentuais, o que pode significar uma migração da leitura para outras atividades.

Ao observarmos os dados relativos às atividades realizadas em seu tempo livre, percebemos que há queda no percentual de "Sempre" para a resposta "Lê livros em papel ou livros digitais"

Quanto às motivações e hábitos de leitura, o gosto se destaca como principal motivo.

A literatura está mais presente nas leituras realizadas por aqueles que ainda frequentam a escola ou ensino superior.



(de 24% para 20%) e aumento das respostas relacionadas ao uso de internet (de 66% para 78%) e de WhatsApp e Telegram (de 61% para 71%). Na faixa etária de 5 a 10 anos, a opção “Lê livros em papel ou livros digitais” aparece em 10º lugar (25%).

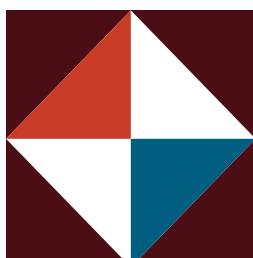
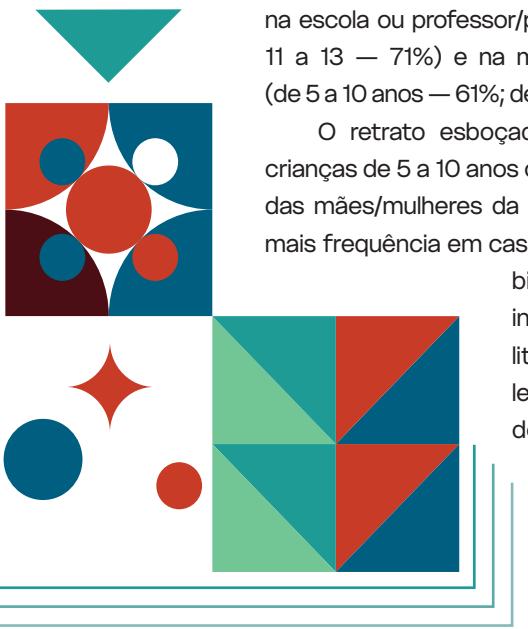
Na pergunta específica sobre uso da internet, a grande maioria dos entrevistados acessa e troca mensagens por chats e redes sociais, além de escutar música. “Ler livros” ficou em último lugar entre as atividades listadas nas respostas estimuladas.

Entre todos os entrevistados, os principais influenciadores no gosto pela leitura continuam sendo as mães ou responsável do sexo feminino e professora ou professor.

As crianças e adolescentes leitores até 17 anos leem com maior frequência em casa, na sala de aula ou nas bibliotecas, nessa ordem. Entre todos os entrevistados, os principais influenciadores no gosto pela leitura continuam sendo as mães ou responsável do sexo feminino (9%) e professora ou professor (8%). Em todos os perfis, as mães são percebidas como aquelas que mais mantêm hábitos de leitura no grupo familiar.

Para as crianças leitoras de literatura, independentemente do meio, a origem do gosto pela literatura está marcadamente na escola ou professor/professora (de 5 a 10 anos — 67%; de 11 a 13 — 71%) e na mãe ou responsável do sexo feminino (de 5 a 10 anos — 61%; de 11 a 13 — 54%).

O retrato esboçado por esses dados mostra que as crianças de 5 a 10 anos começam a gostar de ler por influência das mães/mulheres da família e dos professores. Leem com mais frequência em casa, na sala de aula ou na sala de leitura/biblioteca escolar, sobretudo os livros indicados pela escola, didáticos ou de literatura. Apesar do uso da internet, a leitura é predominantemente em livros de papel.



Arte, Leitura e Literatura na infância: quando começa a construção

Há algum tempo, o debate sobre a leitura literária na infância tem se aprofundado, trazendo contribuições relevantes para se discutir o processo de formação do leitor. Entende-se a primeira infância como um ciclo que se inicia ainda na etapa intrauterina e se estende até os 6 anos de idade. Também já se sabe que esse é o período de maiores possibilidades quanto à maturação e à aprendizagem, quando a linguagem se expande por meio das interações e das experiências que envolvem os sistemas motrizes, afetivos e cognitivos. Corsino (2021, p. 99) destaca:

O bebê responde, desde cedo, às ações e palavras do outro, com sorrisos, acenos, movimentos, sons; com o próprio corpo, dialogicamente experencia o mundo, numa contínua relação com o outro que exige ainda uma constante negociação de significados, produção de sentido e vivência da alteridade. Analisando interações entre adultos e bebês, em diferentes culturas, observa-se que narrativas, canções, brincadeiras com palavras e toques não apenas participam, mas também potencializam as interações. Para Lopes (2016), desde bebês, nós precisamos de experiências narrativas iniciais, tanto aquelas que organizam a vida cotidiana, quanto as narrações e jogos poéticos que compõem os contos, as cantigas de ninhar, as parlendas, entre outros, alimentando o território da ficção. Essa urdidura de palavras sustenta a tessitura da própria experiência humana.

Sabemos, então, que a formação do leitor literário não se inicia apenas com a escolarização. Reyes (2010) indica que mães, pais e cuidadores não se limitam a responder às demandas físicas, mas também são responsáveis pelas primeiras experiências do bebê e da criança com a linguagem, sendo a matriz ou “ninho” de todo ato de leitura. A autora ainda sugere que as atividades simbólicas realizadas

Sabemos, então, que a formação do leitor literário não se inicia apenas com a escolarização.

entre o bebê e a mãe oferecem chaves para, posteriormente, entender o valor da leitura, da arte e da literatura. A poesia, “primeira experiência literária ancorada na sonoridade das palavras e em seus poderes conotativos”, fornece a bagagem básica para ingressar na aventura da interpretação, essencial a toda leitura. Esses são os alicerces da “casa de palavras” que cada ser humano constrói a partir de suas próprias experiências, possuindo zonas privadas e pessoais, que serão o espaço para compreender o texto literário em todas as suas dimensões.

A poesia, “primeira experiência literária ancorada na sonoridade das palavras e em seus poderes conotativos”, fornece a bagagem básica para ingressar na aventura da interpretação, essencial a toda leitura.

A construção dessa “casa de palavras” tem continuidade nas experiências vividas pelas crianças na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, quando a arte, brinquedos, brincadeiras, a contação de histórias e a leitura de livros de Arte Visual e Literatura Infantil e de livros-objeto estético e/ou lúdico (o livro-brinquedo) exercitam a imaginação e a sensibilidade.

Em busca de soluções: Educação Infantil em foco

A inclusão de crianças na Educação Infantil – período de maior plasticidade cerebral – é um fator decisivo para o desenvolvimento do letramento emergente lúdico na infância, ao propiciar o encantamento pelas histórias e pela leitura (Wolf, 2019). O brincar será o cerne das atividades com as múltiplas linguagens, envolvendo artes plásticas, música e artes cênicas, permeadas por jogos, brincadeiras, atividades de oralidade, leitura e contação de histórias, recorrendo aos livros de Arte Visual & Literatura Infantil.

É premente o acesso de todas as crianças do Brasil à Educação Infantil (creche e pré-escola), para que a capacidade de ler se desenvolva ludicamente. O brincar de ler e a releitura compartilhada pelas crianças são estratégias que irão viabilizar a aprendizagem da escrita sem sofrimento no decorrer do Ensino Fundamental.

Comumente, o termo “alfabetização” envolve a leitura e a escrita. Entretanto, priorizar o foco inicial na leitura lúdica poderá

contribuir para desatar nós, reduzindo as desigualdades sociais, uma vez que ninguém se torna leitor se não tiver a oportunidade de desenvolver o gosto pela leitura. Semeghini-Siqueira e Bezerra (2015, p. 174) já destacavam que:

Quando o assunto for a questão da educação no Brasil, com ênfase na aprendizagem e no ensino de linguagem / Língua Materna / Língua Portuguesa, o foco terá de ser direcionado ao menos para: a situação econômica, financeira, política e sociocultural do país, que determina as condições das famílias; o papel das diferentes mídias: o acesso às novas tecnologias de comunicação e informação; o acesso aos bens culturais; o acesso à diversidade de recursos disponíveis nas escolas públicas e particulares e a formação preliminar, inicial (no ensino superior) e contínua de professores.

No momento atual, há tópicos fundamentais que ainda precisam ser focalizados, envolvendo a **educação**. Qual a porcentagem de crianças que têm acesso aos Centros de Educação Infantil – à creche e à pré-escola – no Brasil? Todas as escolas têm bibliotecas, salas de leitura ou cantinhos de leitura nas salas de aula? O governo está enviando brinquedos e livros de literatura solicitados pelas escolas? As bibliotecas universitárias dispõem de acervo diversificado de livros de literatura para formação do professor como leitor? Os novos recursos da inteligência artificial já estão sendo discutidos nos cursos de formação de professores, uma vez que nossos jovens já estão fazendo uso dessa tecnologia? Certamente, a maioria dessas questões irá requerer novas investigações.

No dossiê *Educação Infantil: em questão as crianças de 0 a 3 anos e a creche*, Moro e Pinazza (2020, p. 1-4) ressaltam que:

Os direitos de bebês e crianças bem pequenas são o foco de atenção de pesquisadores e educadores em diferentes fóruns de debates internacionais e nacionais, apontando que, na esfera global, em variadas medidas, os serviços destinados à faixa etária de 0 a 3 anos padecem de fragilidade no interior das decisões de legisladores e gestores. (p. 1)



Atender a aspectos essenciais da formação inicial e continuada e da carreira e remuneração docente de professoras e professores que atuam ou venham a atuar com bebês e crianças bem pequenas significa valorizá-las como segmento social que deve ter seus direitos respeitados e efetivados, em reconhecimento às especificidades da docência para e com bebês e crianças bem pequenas. (p. 3)

Assim, os questionamentos de antes, continuam reverberando hoje: Como atender a uma demanda muito maior que a oferta de creches em grande parte dos municípios brasileiros? (p. 4)

No que tange à Educação Infantil, dados mais atuais foram obtidos por meio do documento *Síntese de Indicadores Sociais – Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira* - IBGE (2024). O acesso à creche para as crianças de 0 a 3 anos está restrito a 38,7%. Quanto às crianças de 4 e 5 anos, o acesso à pré-escola é de 92,9%, uma vez que se trata de escolaridade obrigatória.

Mais de
50% de
nossos jovens
de 15 anos não
são leitores
proficientes e
têm dificuldades
para entender
um texto simples.

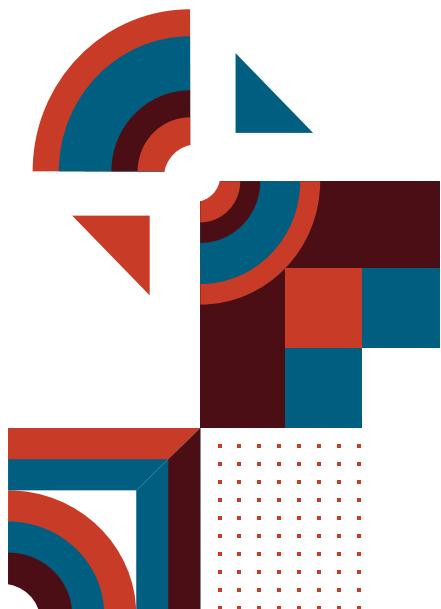
Uma das consequências desse acesso restrito das crianças de 0 a 3 anos à creche – **38,7%** – no já mencionado período de maior plasticidade cerebral constitui uma das explicações para os resultados da pesquisa internacional Pisa, realizada em 2019. Dos 79 países participantes, o Brasil ocupa o 58º lugar. O levantamento registrou que mais de 50% de nossos jovens de 15 anos não são leitores proficientes e têm dificuldades para entender um texto simples. O Pisa 2022 confirma essa constatação preocupante.

Dando continuidade a essa investigação sobre as condições atuais para o desenvolvimento das crianças no que se refere à linguagem, em particular à leitura, localizamos um estudo sobre *Pobreza Multidimensional na Infância e Adolescência no Brasil (2017-2023)*, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, que apresenta dados sobre alfabetização de crianças.

A pobreza na infância e na adolescência tem múltiplas dimensões, que vão além da monetária. É o resultado da inter-relação entre privações, exclusões e as diferentes vulnerabilidades a que meninas e meninos estão expostos e que impactam seu bem-estar. Considerando tais questões, o Unicef decidiu refletir sobre as dimensões da pobreza, realizando um estudo publicado em 2018, estimando o quantitativo de crianças que tiveram seus direitos negados, considerados em situação de pobreza multidimensional, utilizando dados de 2015. (p. 5)

Esse relatório foi atualizado em 2023 e mostrou que a não alfabetização saltou de 14% a 30%. Ao analisar esses dados, Boto (2025) em entrevista para o Jornal da USP, além de destacar que "a pobreza é um problema multidimensional", ressalta que:

O investimento na educação, o investimento na qualidade do trabalho do professor, o investimento na formação dos professores, o investimento, portanto, no pagamento justo desses profissionais também atuam no sentido de contribuir para resultados mais efetivos de ensino. É necessário, evidentemente, que haja medidas voltadas especificamente para suprir essa privação de acesso à escolarização, essa privação que houve naquele momento da pandemia e que está trazendo consequências até hoje.



Considerações finais

No artigo "O encantamento das crianças pelos livros e pela leitura nas famílias e nas escolas: letramento emergente e alfabetização", na 5^a edição da pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil***, Semeghini-Siqueira (2021, p. 88) conclui dizendo que "ao investir na primeira infância, o foco estará voltado para a raiz do problema, cuja solução viabilizará a formação de leitores". Hoje, conforme demonstram os recuos nos dados discutidos neste artigo, a tarefa é ainda mais desafiadora.

Ao investir na primeira infância, o foco estará voltado para a raiz do problema, cuja solução viabilizará a formação de leitores.

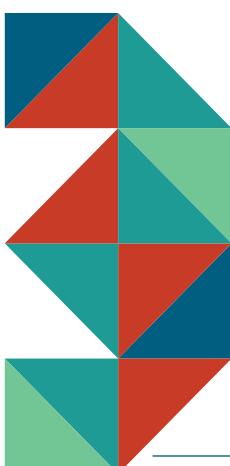
Ao finalizar este texto, temos de relatar o encantamento produzido nas crianças por *Seis Meses Depois...*, um livro acompanhado de jogo cooperativo, com cartas, que contém brincadeiras com rimas e dialoga com as crianças. Na página 31, Francisco Marques Vírgula Chico dos Bonecos anuncia:

Seis meses depois, chegando debaixo da árvore misteriosa, reuniu os bichos, assim como nós estamos reunidos aqui, e anunciou cantando:

*_ Fruta pé.
Preto pá.
Prato pó.
Pá pó pé.*

Idmea Semeghini-Siqueira

Graduada em Letras, doutora em Linguística e livre-docente em Educação pela USP. Como professora sênior da Faculdade de Educação da USP, atua na pós-graduação e orienta pós-doutorados. Desenvolve pesquisas concernentes à leitura e alfabetização no âmbito da magia/arte & informação/ciência em textos impressos e hipermediáticos. Publicou textos focalizando o letramento emergente lúdico na infância para viabilizar uma alfabetização sem sofrimento. Na SEE-SP e na SME-SP atuou na formação de professores.



Na FEUSP, participa do GP "Contextos Integrados de Educação Infantil", do GP "Observatório da Educação" e coordena o GP "Diversidade Cultural, Linguagem, Mídias e Educação".

Nágila Euclides da Silva Polido

Graduada em Letras, mestra e doutora em Linguagem e Educação pela Faculdade de Educação da USP, com pesquisas focadas na leitura e formação de leitores. Participa do GP "Diversidade Cultural, Linguagem, Mídias e Educação". Além de atuar na formação de professores, é orientadora de Sala de Leitura da rede municipal de São Paulo, tendo feito parte da equipe coordenadora do Núcleo de Salas e Espaços de Leitura da SME-SP e participado da elaboração da publicação *Sala de leitura: vivências, saberes e práticas*, documento orientador do programa.

Referências bibliográficas

- BONECOS, Francisco Marques Vírgula Chico dos. *Seis meses depois*. Ilustrado por Thaisa Borges. São Paulo: Peirópolis, 2024.
- BOTO, Carlota. Falta de alfabetização de crianças e adolescentes cresce no Brasil, segundo a Unicef. *Jornal da USP no Ar*, São Paulo, 4 fev. 2025.
- CORSINO, Patrícia. Infância e literatura nas urdiduras de palavras e imagens. In: MACEDO, Maria do Socorro A. N. (org.). *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. São Paulo: Parábola, 2021. p. 93-107.
- MORO, Catarina; PINAZZA, Mônica Appenzato. Educação Infantil: em questão as crianças de 0 a 3 anos e a creche. *Educação Unisínas*, São Leopoldo, v. 24, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2020.241.06>. Acesso em: 8 maio 2025.
- REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- REYES, Yolanda. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.
- SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idmea; BEZERRA, Gema Galgani. Formação preliminar, inicial e contínua de professores de linguagem da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. In: CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idmea (org.). *Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental: formação docente, inovação, aprendizagem significativa*. São Paulo: Cengage Learning, 2015.
- SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idmea. O encantamento das crianças pelos livros e pela leitura nas famílias e nas escolas: letramento emergente e alfabetização. In: FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da Leitura no Brasil 5*. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2021. p. 78-89.
- WOLF, Maryanne. *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era*. Tradução de Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

4. O envolvimento das famílias nas práticas leitoras com alunos do Ensino fundamental I: professora de escola pública de São Paulo conta sua experiência

Teresa Cristina Aliperti

Atuo como professora efetiva do Ensino Fundamental I da rede pública estadual de São Paulo desde 2006. Desenvolvo um trabalho voltado à formação do leitor e do leitor do texto literário com meus alunos desde então, por meio de um processo sistemático e contínuo de práticas de leitura ao longo do ano escolar, que inclui formações com as famílias, visitas a livrarias, bibliotecas e participação em programas culturais.

Durante esses anos de prática, vivências e observações como professora, pedagoga e pesquisadora, constatei que o processo de formação leitora é composto por vários agentes, e não somente pela escola e o professor, ideia bastante difundida no meio escolar e na nossa sociedade. São agentes que precisam trabalhar de forma holística e sinérgica para que possam cumprir com suas responsabilidades nesse processo.

Numa visão macro, temos a sociedade brasileira, que deveria valorizar a leitura e assegurar uma educação de qualidade a todos os cidadãos. A partir daí, podemos nomear as políticas públicas, o Ministério da Educação, as faculdades de Pedagogia e Letras, a Secretaria da Educação, a Diretoria de Ensino, as escolas, os professores, os pais, os familiares, os alunos, o Conselho Tutelar, a Vara da Infância e

Adolescência e o Ministério Público. Além desses agentes, podemos incluir toda a rede multidisciplinar, composta por psicólogos, psico-pedagogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais e profissionais de saúde, necessários no suporte ao processo de ensino-aprendizado realizado pela escola. Esses agentes funcionam como uma grande máquina, que necessita que todas as peças estejam funcionando de forma sincronizada e adequada para atingir seu objetivo e potencial – que, no nosso caso, é a formação e construção de um país leitor.

Em relação ao papel da escola, do professor e da família na formação do leitor, temos aqui três agentes que atuam diretamente no dia a dia do fazer escolar, ou seja, no ambiente escolar, e que deveriam trabalhar holisticamente no processo de formação leitora, através de práticas de leitura sistemáticas e contínuas, realizadas por todos os envolvidos nesse processo, com o apoio da gestão escolar e do próprio aluno.

A escola é a instituição que deveria garantir a inserção do aluno na cultura letrada, formar cidadãos críticos e reflexivos, preparados para exercer seus direitos e deveres, formar leitores através das práticas de leitura desenvolvidas pelos professores com o apoio da gestão escolar, acolher e aproximar as famílias do processo de ensino-aprendizado, assim como resgatar o protagonismo dos pais e familiares na formação do leitor.

Infelizmente, não é com essa realidade que nos deparamos atualmente no ambiente escolar brasileiro, principalmente na questão da formação de leitores, haja vista os resultados da 6ª edição da pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil***, organizada pelo Instituto Pró-Livro.

Segue exemplo de algumas perguntas feitas aos entrevistados e das respostas relatadas:

Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura

	2024	2019
Mãe ou responsável	9%	8%
Professor (a)	8%	11%
Parente	4%	4%
Pai ou responsável	4%	4%

Seus pais ou outros parentes costumavam ler para você? Entre 5 e 13 anos (%)



Seus pais ou outros parentes costumavam ler para você? Entre 5 e 13 anos (%)



Origem do interesse por literatura por faixa etária – 5 a 10 anos

Mãe ou responsável do sexo feminino	61%
Outro parente	31%
Pai ou responsável	31%
Escola ou professor	67%

No item **Mediação para leitura**, temos os seguintes resultados:

Mediação para leitura	
Lê, lia sozinho sempre ou às vezes	91%
Seu pai lê/lia para você sempre ou às vezes	29%
Sua mãe lê/lia para você sempre ou às vezes	49%
Seus professores leem/liam para você sempre ou às vezes	89%
Algum outro adulto que mora com você lê/lia para você sempre ou às vezes	33%

Embora os resultados da pesquisa não sejam favoráveis em relação à formação leitora do brasileiro de forma geral, eles revelam que a família e a escola/professor ainda desempenham um papel importante no processo de formação leitora, ou seja, na aquisição do hábito e do prazer da leitura. Esse fator é especialmente perceptível no quesito de origem do interesse por literatura demonstrado na faixa dos 5 aos 10 anos, ou seja, crianças que estão cursando o Ensino Fundamental I, e no quesito de mediação para leitura feita pelo adulto no despertar pelo gosto da leitura.

Esses dados demonstram a importância de construirmos políticas de Estado que valorizem e legitimem a leitura e a literatura como direito de todo cidadão brasileiro, para que desta maneira possamos formar cidadãos reflexivos, críticos, autônomos, empáticos, criativos, com condições de exercer seus direitos e deveres. Segundo Cândido: "Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável" (2011, p. 193).

Todavia, a escola e os professores podem mudar esse cenário, ajudando a resgatar o protagonismo das famílias no processo de formação de leitores.

"Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável".

Desenvolvo trabalho teórico e prático de formação das famílias na área da leitura e literatura, realizado durante as reuniões de pais na escola ao final de cada bimestre. O objetivo é resgatar o protagonismo das famílias no processo de formação leitora, aproxima-las do processo de ensino-aprendizado, do ambiente escolar e do mundo das histórias.

Faz-se necessário ajudar a família a assumir suas responsabilidades éticas, morais e educacionais em relação a seus filhos, para que possam adquirir consciência de sua importância no processo de ensino-aprendizado e na formação do cidadão. A escola, sozinha, não dá conta dessa empreitada; ela necessita da parceria da família.

Para esse intento, a reunião de pais é utilizada como espaço privilegiado de formação das famílias, em que apresento minha metodologia de trabalho, enfatizando a importância de todos nesse processo ao longo do ano e a relevância dessa parceria para que o trabalho possa transcorrer de forma sistemática e contínua. Dessa maneira, o trabalho realizado pela família contribuirá para o cultivo e desenvolvimento do prazer e hábito da leitura nas crianças, proporcionando continuidade ao trabalho desenvolvido na escola.

Segundo Petit (2009, p. 22), “a leitura é uma arte que se transmite mais do que se ensina. Vários estudos demonstram que a transmissão no seio da família permanece a mais frequente”. A mesma autora também ressalta que:

Várias pesquisas confirmaram a importância da familiaridade precoce com os livros, de sua presença física na casa, de sua manipulação, para que a criança se tornasse, mais tarde, um leitor. A importância, também, de ver os adultos lerem. E ainda o papel das trocas de experiências relacionadas aos livros, em particular as leituras em voz alta, em que os gestos de ternura, a inflexão da voz, se misturam com as palavras [...] O que atrai a atenção da criança é o interesse profundo que os adultos têm pelos livros, seu desejo real, seu prazer real. (Petit, 2008, p. 140)

“A leitura é uma arte que se transmite mais do que se ensina. Vários estudos demonstram que a transmissão no seio da família permanece a mais frequente”.

Costumo iniciar as reuniões lendo um poema ou uma história, seguida de conversa, com o objetivo de aproximar os familiares das histórias, para que possam vivenciar o mundo da literatura. Compartilho com os familiares as práticas de leitura desenvolvidas por mim durante o ano, para que possam conhecê-las e, assim, compreender o trabalho que desenvolvo de formação de leitores: Leitura diária do professor, Roda de leitura, Sala de leitura, Canto da leitura, Leitura compartilhada dos textos de História, Geografia, Ciências e Matemática, Leitura em sala de aula e Acervo da sala de aula.

Explico aos pais, com maiores detalhes, a dinâmica da prática "Sala de leitura", porque terão uma participação importante na sua realização. Uma vez por semana, as crianças frequentam a sala de leitura da escola, onde escolhem um livro para ser levado para casa durante a semana. Caso queiram ficar mais tempo com o livro, ele poderá ser renovado na semana seguinte. Além da leitura individual da criança, o livro deve ser compartilhado com a família. A sensibilização e a aproximação da família com a literatura acontecem dessa forma, quando os pais leem com os filhos em casa, compartilhando o livro escolhido pela criança, seja proveniente da sala de leitura ou qualquer outro escolhido por eles em casa. Ressalto a importância desse momento amoroso e afetivo para estreitar o relacionamento familiar. Conforme Machado, "diferentes livros lidos cedo, na infância, ou adolescência, passam a fazer parte indissociável da bagagem cultural e afetiva que seu leitor incorporou pela vida afora, ajudando-o a ser quem foi" (2002, p. 11). Muitas famílias não têm condições de comprar livros, não frequentam bibliotecas, livrarias ou, muitas vezes, não valorizam o objeto livro. Portanto, o livro levado pela criança da sala de leitura para casa torna-se o protagonista que proporciona a aproximação tanto dos pais quanto da criança com a

"Diferentes livros lidos cedo, na infância, ou adolescência, passam a fazer parte indissociável da bagagem cultural e afetiva que seu leitor incorporou pela vida afora, ajudando-o a ser quem foi"



literatura. Dessa forma, a escola garante o acesso ao livro por todas as crianças.

O trabalho de formação dos familiares ocorre de forma teórica e prática, pois tento ilustrar a teoria com o trabalho que desenvolvo em sala de aula com os alunos, para que a formação seja significativa e real. Essas formações acontecem em todas as reuniões de pais. Infelizmente, nem todos os pais comparecem. Por conta disso, preciso retomar alguns pontos importantes em todas as reuniões para permitir que estes pais e familiares tenham acesso às informações e conhecimentos relevantes no processo de formação de leitores. A cada encontro tento aprofundar algumas questões teóricas, explicando sua importância e trazendo exemplos práticos do dia a dia para serem utilizados no ambiente e rotina familiares.

Durante as reuniões, permaneço aberta a perguntas e dúvidas que possam surgir em relação ao trabalho desenvolvido em sala de aula e ressalto a importância da parceria entre todos nós ao longo do ano para a formação do leitor literário, para o processo de ensino-aprendizado e na formação do cidadão.

Saliento, em todas as reuniões, a importância da leitura para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, da criatividade, imaginação, senso crítico, empatia, na aquisição do conhecimento geral e na formação do ser humano.

Converso com os pais sobre a importância dos programas culturais, das visitas a livrarias e bibliotecas, para que possam ampliar a leitura de mundo das crianças e, assim, expandir o repertório e experiências que vivenciarão no ato da leitura e significação do texto. Conforme Freire: "A leitura do mundo precede

sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele" (1982, p. 22). As várias leituras que fazemos do mundo nos proporcionam novas possibilidades de ação.

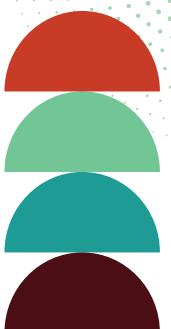
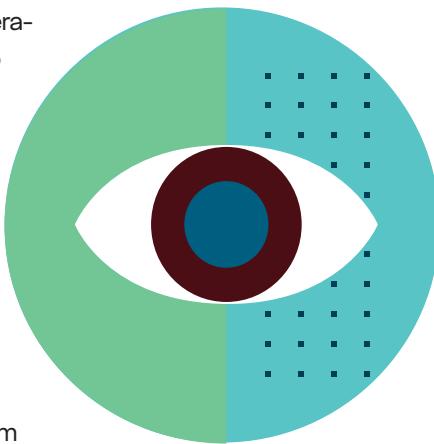
Converso também sobre a importância da leitura diária feita pelos pais no ambiente familiar com as crianças, como um momento afetuoso e amoroso em que irão vivenciar o mundo das histórias

A aproximação dos pais com a leitura e literatura acontece tanto pelo compartilhamento das histórias que possuem no acervo da família como pelos livros levados pelas crianças toda semana, escolhidos da sala de leitura da escola.

juntos, e sobre a importância da construção de um acervo de livros no ambiente familiar de qualidade estética e literária. Dessa forma, a aproximação dos pais com a leitura e literatura acontece tanto pelo compartilhamento das histórias que possuem no acervo da família como pelos livros levados pelas crianças toda semana, escolhidos da sala de leitura da escola.

Ao longo do ano, percebo uma mudança positiva na atitude dos pais em relação à leitura. As famílias que já tinham o hábito da leitura continuam lendo, mas com referencial teórico que as ajuda a entender melhor o processo de formação leitora e sua importância como mediadores nesse processo. Por sua vez, a grande maioria daqueles que não costumavam ler começa a fazê-lo. No final do ano, a maior parte dos pais agradece imensamente pelo trabalho desenvolvido e comenta que os filhos adquiriram prazer na leitura. Muitos se surpreendem ao perceber que os filhos pedem livros de presente para o Papai Noel, em vez de brinquedos. Fico extremamente feliz pelo reconhecimento e pelos comentários positivos das famílias em relação ao trabalho desenvolvido ao longo do ano. Ressalto que esse trabalho somente foi possível através da parceria, respeito e confiança criados entre todos.

A leitura possibilita que o sujeito se configure ao longo da sua trajetória de vida, portanto, o papel do mediador faz-se essencial nessa trajetória. O trabalho inovador de formação que desenvolvo com as famílias durante as reuniões de pais realizadas ao longo do ano escolar permite à família ser esse mediador e protagonista no processo de formar leitores para a vida. Conforme Vieira defende, "o leitor formado na família tem maior facilidade em lidar com os



signos, comprehende melhor o mundo no qual está inserido, senso crítico desenvolvido mais cedo" (*apud* Junqueira; Feba, 2017). Fica clara, aqui, a relevância de a mediação acontecer no ambiente familiar na mais tenra idade da criança.

Concluo afirmando que necessitamos de políticas públicas que legitimem e garantam esse espaço de protagonismo e formação das famílias no ambiente escolar, para que possam trabalhar holisticamente com a escola e professor no processo de formação de leitores e cidadãos preparados para usufruir de seus direitos e deveres.

Os dados revelados na 6^a edição da pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil*** demonstram claramente que, juntos, a família, a escola e o professor ainda desempenham um papel fundamental no processo de formação leitora.

Teresa Cristina Aliperti

Formada em Pedagogia pela PUC-SP; mestre em Educação do Deficiente Auditivo pela Gallaudet University, Washington, D.C., EUA; mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP; doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. Possui ampla experiência na área da Educação. Atua desde 2006 como professora efetiva no Ensino Fundamental I na rede pública estadual de São Paulo, onde desenvolve um trabalho inovador na área da leitura e na formação do leitor do texto literário. Ministrou o curso de extensão na PUC-SP: "Práticas de leitura e a formação do leitor".

Referências bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- FEEBA, Berta Lucia; JUNQUEIRA, Renata (org.). *Mediação de leitura: espaços e perspectivas na formação docente*. Tubarão: Copiart, 2017.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldini. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.



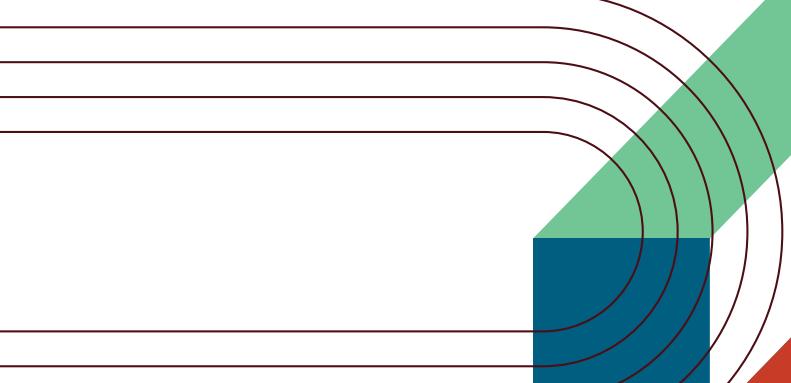
5. Desafios para a formação de leitores na escola

Maria do Rosario Mortatti

1

Enquanto lia e analisava os resultados da 6^a edição da pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil**, de fato “o mais completo estudo sobre o comportamento do leitor brasileiro” (2024, p. 292), ecoaram duas provocativas lembranças de leituras envolvendo os desafios para a formação de leitores na escola. Uma delas é a advertência do psicólogo russo Lev S. Vigotski (1926 [2004], p. 328): “[...] o melhor meio de infundir ódio a algum escrito e levar a que ele não seja lido é introduzi-lo no currículo escolar.” A outra é de um episódio que vivenciei recentemente em uma aula da disciplina “Conteúdo, metodologia e prática de ensino: língua portuguesa e literatura infantil”, que ministro em curso de Pedagogia, que forma futuros professores para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I. No início das aulas, leio sempre um bom texto literário (completo), “simplesmente” com o objetivo de propiciar vivências estéticas e contribuir para a ampliação do repertório de leitura. Numa noite, todos atentos e envolvidos, os alunos ouviam a leitura do conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, até que, próximo ao clímax da história, uma aluna, que teclava incessantemente no

“[...] o melhor meio de infundir ódio a algum escrito e levar a que ele não seja lido é introduzi-lo no currículo escolar.”



celular, virou-se para a colega, cochichou algumas palavras e ambas soltaram risinhos ruidosos. Interrompi a leitura e expressei minha frustração com a falta de sensibilidade em relação a um conto tão bonito. Em “legítima defesa”, a aluna responsável pelo incidente se justificou: “Eu só estava dizendo para ela que já conheço esse conto, não tenho interesse; a professora deu para a gente ler na escola...”.

Os problemas da leitura no Brasil vêm sendo debatidos sistematicamente desde pelo menos as décadas finais do século passado. E, neste século, vêm se agravando com os novos e complexos contextos sociais, políticos, culturais e educacionais, como retrata o manancial de dados sobre a situação pouco animadora da leitura dos brasileiros na atualidade. Ainda hoje, a formação de leitores, especialmente na escola, representa um dos principais desafios para assegurar o direito à leitura e à escrita, bem como sua importância para o desenvolvimento da leitura no Brasil, visando à construção da democracia e ao desenvolvimento social e econômico mais justo e igualitário. É na educação escolar – por dever do Estado e

direito subjetivo – que se ensina e se aprende a ler e escrever na língua materna, condição necessária para a formação de leitores. Esse processo envolve diretamente a formação de estudantes e de professores como agentes principais, além de outros fatores indispensáveis, como acesso aos diferentes materiais e suportes e condições adequadas de formação e de trabalho docente, entre tantos.

2

Segundo os organizadores da pesquisa, “Os resultados de 2024 reforçam uma tendência percebida desde 2007, na 1ª edição: quanto maiores a escolaridade e a renda, maior é o hábito de leitura de livros, assim como também é maior entre aqueles que ainda são estudantes. Estes últimos, sobretudo pela leitura de livros indicados pela escola, didáticos ou literatura” (p. 69).

Ao mesmo tempo em que essa avaliação indica uma tendência alentadora em contraposição à advertência e ao

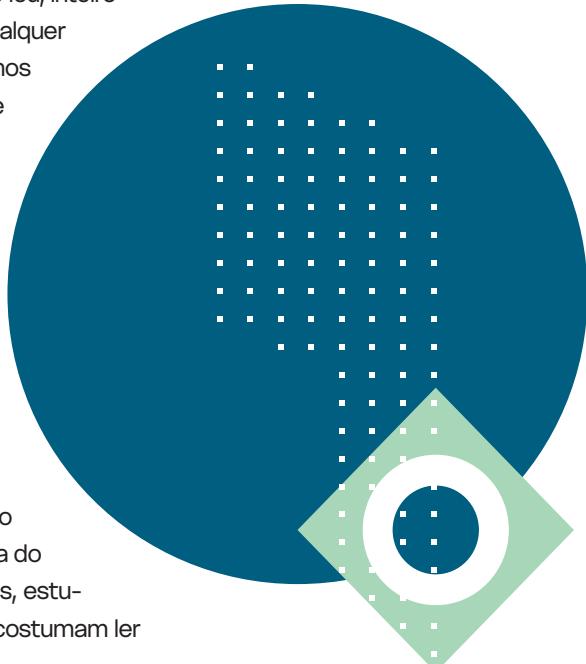
Quanto maiores a escolaridade e a renda, maior é o hábito de leitura de livros, assim como também é maior entre aqueles que ainda são estudantes.

episódio mencionados na introdução deste texto, também aponta para os muitos desafios ainda a serem enfrentados.

Considerando as bases estatísticas da pesquisa; as definições de leitor (47%) – aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de qualquer gênero, impresso ou digital, nos últimos três meses – e não leitor (53%) – aquele que declarou não ter lido nenhum livro, ou parte de um livro, nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses; e que a maioria dos leitores (77 %) estuda atualmente, com maior ocorrência de leitores na educação básica, selecionei para reflexão sobre o papel da escola e do professor na formação de leitores, principalmente, dados relativos a: indicadores de leitura, motivação para ler, fatores que influenciam escolha do livro, frequência de leitura entre leitores, estudantes e professores, lugares em que costumam ler e perfil do leitor professor.

Considerando a média de livros lidos em 2024 e a média de 4,19 livros lidos nos últimos três meses, a quantidade dos livros lidos por vontade própria (2,34), incluindo literatura (1,51), é um pouco maior do que a dos indicados pela escola (1,81), que incluem livros didáticos, textos escolares, literatura. A exigência da escola não é a motivação para ler mais citada, perdendo para gosto pessoal e distração. Escola e professor também não estão entre os primeiros fatores que influenciam a escolha do livro. Além disso, quando se trata de livros de literatura (no formato impresso ou em outros meios), dicas de outras pessoas precedem dicas de professores, embora sua influência seja mais alta entre estudantes do Ensino Fundamental I e II.

Quanto à frequência e aos lugares de leitura, predominam textos escolares e livros didáticos indicados pela escola, lidos todos os dias ou quase todos os dias em todas as faixas de escolaridade.



Em relação aos livros lidos por vontade própria, incluindo livros de literatura indicados pela escola, a frequência maior é de uma vez por semana. No entanto, a casa é o lugar predominante para a leitura, seguida da biblioteca ou sala de leitura da escola ou da faculdade, destacando-se que escola, sala de aula e sala de leitura não aparecem como lugares de leitura compartilhada.

A mediação do professor é destacada principalmente pela importância da leitura em voz alta para os alunos e pela influência no gosto e interesse pela leitura entre leitores e não leitores, perdendo apenas para mãe ou responsável do sexo feminino.



Entre os 385 entrevistados que são professores ou atuam na área de Educação, 286 são leitores e 50% estão lendo no momento. Pouco mais da metade (54%) gosta muito de leitura e 86% têm livros em casa. Os títulos e autores mais citados e marcantes entre esses leitores são a Bíblia, obras religiosas e *O pequeno príncipe*, além de clássicos da literatura brasileira (provavelmente “clássicos” também dos currículos escolares), a série Harry Potter e contos infantis – semelhantemente ao perfil dos leitores em geral.

Para a maioria dos leitores, a leitura traz conhecimento e facilita aprendizagem na escola, precedendo o significado da leitura como atividade interessante e prazerosa. No entanto, as principais motivações para escolher o livro atual são gosto ou interesse pessoal e motivos religiosos. A indicação do professor e da escola são, em algumas respostas, citadas em menor proporção; em outras, indicação de professor e de amigo são as mais citadas.

3

Os resultados da 6^a edição da pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil*** e os dados selecionados e sintetizados acima podem e devem ser ainda esmiuçados e complementados, especialmente no que diz respeito ao papel da literatura na formação de leitores, que é também um dos desafios a serem considerados. Por ora, porém, conforme as questões que conduziram a leitura e a análise, destaca-se, mais uma vez, o papel da escola e do professor para promover e mediar a formação de leitores e contribuir para avaliação e formulação de políticas públicas, investimentos e programas voltados à formação leitora e ao acesso ao livro no ensino básico.

Entre os principais desafios para a formação de leitores na escola, talvez se possa e se deva formular mais questões do que respostas. Entre as perguntas mais urgentes, destacam-se: a escola é, de fato, um lugar privilegiado de leitura para fomentar o gosto e o prazer de ler, sem imposições e cerceamentos em obediência cega e burocrática a programas e currículos nem como mero treino para os alunos obterem melhores índices nas avaliações e testes padronizados? O professor que não lê por vontade própria ou por falta de tempo e sobrecarga de trabalho ou lê apenas textos técnicos, didáticos ou de literatura infantil para trabalhar com seus alunos poderá, com um repertório limitado de leitura, contribuir para a formação do gosto pela leitura – por vontade própria – em seus alunos? Não seria este o momento de promover o debate e o diálogo entre as definições e perfil do leitor apresentados na pesquisa em pauta e as definições de leitor, leitura e formação de professores (para o ensino da leitura e escrita) presentes, por exemplo, em programas, políticas públicas, testes padronizados e pesquisas específicas do campo educacional, que têm definições e indicadores diferentes para avaliação da aprendizagem da leitura e do índice de alfabetização ou alfabetismo funcional?

Entre os principais desafios para a formação de leitores na escola, talvez se possa e se deva formular mais questões do que respostas.

Para problemas da leitura no Brasil, certamente não há soluções milagrosas. Mas o impacto dos retratos apresentados na série histórica da pesquisa pode nos mover para concentrar esforços em reflexões compartilhadas que contribuam para ações duradouras em todos os níveis e setores sociais, educacionais, culturais, editoriais e políticos envolvidos. Quem sabe seja possível vislumbrar um futuro em que, contrapondo-nos à advertência do psicólogo russo, possamos afirmar que o melhor meio de infundir amor e gosto genuínos a algum escrito é levá-lo a ser lido, com prazer e legítima felicidade, é introduzi-lo no currículo da educação básica e dos cursos de formação de professores... e, assim, considerar também o alerta do filósofo e linguista húngaro Tzvetan Todorov sobre a ameaça moderna: "A literatura não poder fazer parte da formação cultural dos indivíduos como leitores, principalmente pela forma impositiva e árida de ensino a crianças e jovens e também aos futuros professores. O leitor, por sua vez, procura nos livros o que possa dar sentido à vida. E é ele quem tem razão" (2018, p. 81).

Maria do Rosario Mortatti

É poeta, escritora e professora titular na Universidade Estadual Paulista – campus de Marília. Licenciada em Letras, mestre e doutora em Educação, livre-docente em Alfabetização e presidente emérita da Associação Brasileira de Alfabetização. Além de livros, artigos e ensaios sobre história da educação, alfabetização e ensino de língua e literatura, é autora de livros de poemas, contos e crônicas. Recebeu o 54º Prêmio Jabuti – Educação (2012), concedido pela Câmara Brasileira do Livro, pelo livro *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história* (Editora Unesp).

Referências bibliográficas

- FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da Leitura no Brasil 6*. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024. 291p.
- TODOROV, Tzvetan. O que pode a literatura? In: TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 5. ed. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2018. p. 76-77, 81.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A educação estética. In: VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Psicologia pedagógica*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Publicação original em 1926).

6. O que temos a ler?

Desafios e trajetórias na formação do leitor e a literatura

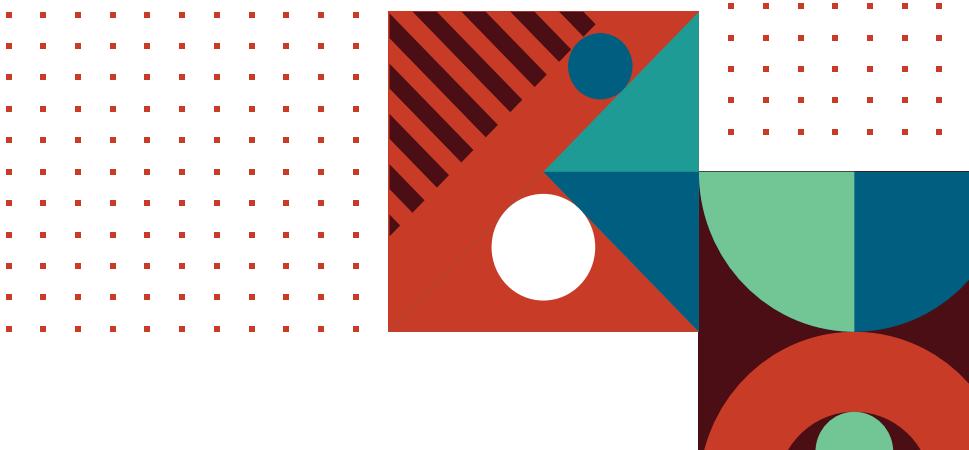
Eliana Yunes

Preliminares

Tanto já se escreveu sobre isso que sentimos, desde o título, um certo *déjà-vu*.

Sabemos o quanto a escrita tem raízes no controle das sociedades e na exclusão dos iletrados, por guardar na ilegibilidade os segredos do poder. Sabemos também que nem sempre o que está escrito vale, pois camufla outras realidades e intenções. Paralelamente, a escrita é também perigosa, menos do que nos tempos iniciais de Gutenberg, que podiam levar escritores à fogueira (não só das vaidades); tanto que, para evitar os mal-entendidos, inventaram os prefácios. Ainda hoje, os tribunais estão cheios de processos semelhantes.

Contudo, sabemos o quanto a escrita garantiu a memória das culturas, ao ultrapassar os limites do espaço e do tempo no universo das oralidades. O Direito, antes consuetudinário, ganhou ares inarradáveis a partir das leis consagradas em códigos grafados. A escrita expandiu também a extensão da convivialidade e, ao cravar as línguas faladas, criou povos e nações.



É preciso, no entanto, repensar o conceito de leitura com que lidamos, pois é verdade que a “leitura de mundo precede a leitura da palavra”, na reflexão do mestre pernambucano Paulo Freire¹. E, certamente, ele o deduziu do entendimento de que os “primitivos”, os povos originários, leram seu meio ambiente, seu entorno, o tempo, e interpretaram, com sua cultura, as relações pessoais e sociais em vista da sobrevivência. Destas leituras, nasceram os mitos, as lendas, os contos que passaram da narração oral para narrativas escritas, presentes em intertextualidades ainda hoje.

Tanta foi a valorização da letra que aquele que não a entende, isto é, não lê, mal pode discernir os sentidos no meio do mundo. Não é nenhuma surpresa, pois, que a manipulação e a distorção estejam levando milhares, milhões de pessoas à perda de sua condição cidadã em todo o planeta. E, mesmos leitores menos experientes estão fadados a perder-se no emaranhado das histórias mal contadas.

Ler a letra tornou-se vital para situar-se no mundo.

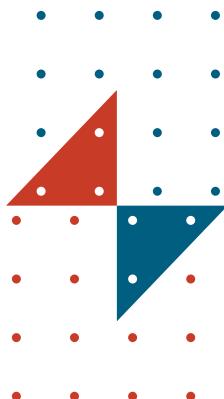
Fazer uma pesquisa que apresente um “retrato” de um fenômeno, mensurar um abstrato, tornando-o concreto e visível, é, por si, uma tarefa árdua que, no dizer de historiadores, está na dependência do processo e dos pressupostos que embasam sua meta e seu desafio. Assim, há muitas maneiras de ler os dados obtidos, considerados os algoritmos

que entrarem na composição.

O Brasil é um país de 210 milhões de habitantes, com um grave índice de analfabetos (7,4% em 2024, pelo IBGE)², salário-mínimo que mal cobre alimentação e moradia, escolarização precária, condições sociais limitadas, assolado por uma corrupção política endêmica, que se apropria acintosamente dos recursos que proveriam à nação uma qualidade de vida compatível com seus recursos naturais e econômicos.

¹ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2021.

² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 25 abr. 2025.



Surpreendentemente, no entanto, o país dispõe de uma geração extraordinária de artistas, cientistas e pesquisadores capazes, de notoriedade internacional, da física à neurologia, da arquitetura à culinária, além dos esportes e da criatividade exuberante dos desfiles do carnaval. No jargão popular, há “algo mais no ar que os aviões de carreira” ou, à maneira de Shakespeare, “algo estranho no reino da Dinamarca”.

O Brasil tem 5.565 municípios, e 73% deles com 10 mil a 20 mil habitantes; água encanada? Esgoto? Nem a metade deles tem uma biblioteca pública, um teatro, cinema ou livraria. Com essa distribuição demográfica, a repartição federal dos recursos poderia garantir qualidade de vida a três quartos da população e respeito ao povo, caso houvesse administração pública competente, instruída e proba.

Isto considerado, pode não haver espanto maior quanto aos resultados desta pesquisa; vale reler o escopo do trabalho, acatadas a metodologia de aplicação e leitura dos dados.

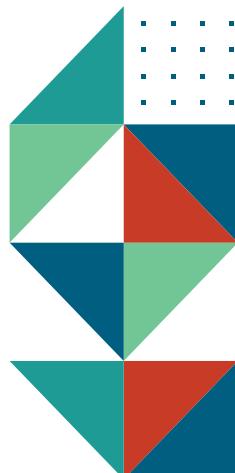
Não precisamos teorizar e discorrer sobre o efeito com que as leituras de mundo e da escritura impactam a vida social e política. No fundo, elas precisam confrontar-se, dialogar, deixar-se comparar em suas versões, para que seja possível vislumbrar o terreno minado em que pisamos. A mesma publicidade que exalta a colaboração e a comunidade oculta a preferência do emissor pelas tecnologias desumanizantes nas suas atuações econômicas.

Diante destas preliminares, pensemos nos desafios mais óbvios e graves.

Não precisamos teorizar e discorrer sobre o efeito com que as leituras de mundo e da escritura impactam a vida social e política.

Desafios

O primeiro deles é a irredutível necessidade de se rever o conceito de literatura e seu papel no engendramento das civilizações. Isto está posto desde a consideração que os filósofos gregos fizeram da vida na pólis, usando as tragédias e epopeias para apresentar sua cultura e valores pelo distanciamento ficcional. Longe de ser mera erudição e expressão de artes de cena, associada à música e à dança, a literatura, além da criatividade estética, constituiu uma



escola de pensamento ao ar livre, em que a filosofia e a ética compuseram provocações à reflexão sobre ocorrências do cotidiano, pessoais e coletivas.

No senso comum, a literatura é coisa de academias, universidades, intelectuais, pois deixou de circular nas praças e foi confinada aos textos escritos que salvaguardam o memorável e custam caro no mercado. Os espaços de arena foram fechados em palcos, e só os iniciados acessam os sentidos possíveis do que antes seria popular, sem qualquer desdouro. Uma peça no CCBB e na Feira de Caruaru tem não só públicos diferentes, mas classes de público, embora a diferença esteja na desigualdade efetiva no campo educacional. Lá em Pernambuco, no fim de tarde dos trabalhos do engenho, João Cabral de Melo Neto viveu sua “Descoberta da Literatura”³, lendo cordel para analfabetos.

Isto nos leva ao segundo tópico, em que a dificuldade de compreensão leitora passa pela relação palavraramundo, como advertira Paulo Freire. Por isso, espantaria que nas margens a leitura se desenvolvesse com visibilidade imperceptível no centro, pois, na periferia, a leitura é uma demanda concreta para entrar nas redes e escapar do sistema tóxico da marginalidade. Os leitores críticos que buscamos formar não habitam apenas as esferas de “leituras de alto nível”. Há que se olhar em outra direção.

Os dados da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias⁴ (RNBC) revelam leitores em altos índices, e a formação de clubes de leitura, presenciais e *online*, cresce exponencialmente. A pesquisa levada adiante pela Cátedra Unesco de Leitura com a mesma chancela dada a *Retratos – Quanto vale o Brasil que lê?* – durante a pandemia, revelou mais de mil iniciativas em curso, sendo cerca de 350 bastante consolidadas, integrando cada uma diferentes perfis de leitores e de estratégias promotoras. No YouTube estão os webinários que os reuniram em debates nos quais apresentam metodologias de formação continuada para além do ensino formal. O MEC ou o MinC se ocupam de reconhecer e apoiar estas iniciativas

³ MELO NETO, João Cabral. Escolas das facas (1980). In: MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

⁴ REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. Disponível em: <https://rnbc.org.br>. Acesso em: 25 abr. 2025.

como o fez antes o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler) da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e o Agentes de Leitura do Programa Nacional do Livro e Leitura (PNLL)?

A busca de emancipação tem na leitura a solidez que o empreendedorismo não traz sozinho.

Mais adiante, o desafio de manter a beleza e a qualidade do livro em preços compatíveis com o bolso do consumidor, em espaços não tradicionais; a princípio, o encanto das livrarias intimida os que ficam à porta, mas é possível pensar em eventos e campanhas com autores notórios e de obras de qualidade, com gêneros diversos, para resgatar da mesmice o leitor das mídias digitais, procurando a valorização política do ato de ler e de suas vantagens plurais.

Mas o decisivo é compreender uma inversão que a teoria da literatura propôs ao colocar o leitor em destaque na relação com o texto e o contexto. Por conta da tradição, a progressão leva ingenuamente da leitura de imagens (como se isto fosse óbvio) à das grandes obras ficcionais que fazem parte do cânon. Entretanto, para entender-se e ao mundo grande no entorno, não será pelas notícias de jornal, revistas em quadrinhos, documentários históricos e biografias que vai eclodir o pensamento capaz de duvidar, questionar, associar, discordar, no caminho da formação intersubjetiva de que nasce o ser pensante, o sujeito, o cidadão.

Literatura é semente da inserção no mundo, da aquisição de expressões e vocabulário, da criação de imagens, do pensamento filosófico. A literatura não é a cereja do bolo, dizemos desde os anos noventa, na criação do Proler. Ao contrário, trata-se do fermento na massa da linguagem e do pensamento. Pela literatura, intensa e extensamente, deveríamos começar, não pela "gramatiquice"⁵, como denunciou Lobato. A educação do *trivium* e *quadrivium* é medieval; os sujeitos são outros e outras são as necessidades que os assediam.

Todo o programa de educação do Fundamental I deveria restringir-se à audição, conversação, leitura e escrita (criação) — ouvir, falar, ler e escrever. Na expressão de Roland Barthes⁶, em 1977,

⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2008.

⁶ BARTHES, Roland. *Aula*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

ao entrar no Collège de France, a literatura é a antidisciplina, pela qual tudo o mais pode ser “disciplinado”. Considerando o acervo e a adequação à maturidade emocional e cognitiva dos estudantes, ler literatura é a forma de abrir-se ao mundo para pensá-lo sem dogmatismos. De quebra, a formação da cidadania, no contexto e escopo do século XXI, há que radicalizar e rever todo o conteúdo e metodologia das séries iniciais. A gramática é assentada na lógica, donde é preciso maturidade adquirida no uso do narrar, na recepção da narrativa. O enfrentamento das mídias redutoras ocorreria pela capacidade reflexiva do próprio usuário. E a trajetória de formação do leitor literário não careceria de receitas novedosas.

Trajetórias

Já aqui sevê que o problema da leitura literária, tratado à margem no Ensino Fundamental, afeta a leitura por inteiro, já que esta pesquisa trata do objeto livro como um todo e se depara com o alto índice de leituras religiosas frente às ficcionais. Porque é disto que se trata: aos livros “culturais” faltam índices relevantes. Mas quem os apresentou ao leitor e onde? Quem compartilhou as ideias, comentou perspectivas? Coisa rarefeita.

A leitura deixaria de ser uma exigência pesada se o ritmo da educação infantil não fosse abortado na alfabetização. Mas, é claro, formar um leitor literário no sistema atual é tarefa árdua, porque ocorre de modo suplementar, adicional, muitas vezes eventual, desconectada da atualidade e dos demais conhecimentos “desejáveis”.

Ah...! A formação dos mediadores! É vital! Como ler *Iracema*, de Alencar, e chegar ao ponto fulcral do desastre da colonização invasiva? Como assistir ao filme *Guerra de Canudos*, de Sérgio Rezende, e tratar das guerras coloniais? Ler literatura e descobrir a polifonia ensina a pensar no seu próprio convívio. Ouvir o outro, debater com respeito, argumentar, é prontamente um exercício transmissível da ficção à vida social, na onda do sentipensamento. É a porta que se abre aos conteúdos formalizados que virão depois.

O conceito de literatura derramou-se para além das páginas e da quarta capa: a ideia do literário expandiu-se a outros gêneros e suportes, porque narrar é o modo do pensar; o conhecimento não

é transmitido por osmose, mas construído pelo imaginário humano frente ao mundo. A passagem do “entendimento” do fenômeno a uma forma simbólica é trabalho de criação, de ficção e expressão. E não é estático: tanto que o campo da física se corrige continuamente, assim como a biologia, a nutrição e a química. Até a gramática se altera! A língua é tão só um recorte antropocultural, vivo.

Portanto, na base, o aprender a pensar é dependente direto do narrar. E já temos registros de que a **oralidade**, vide Walter Benjamin⁷, é o modo pelo qual o desenho do mundo se apresenta conforme a cultura, quando sai das paredes das cavernas e a comunicação passa de dêitica a sonora. Ouvir histórias, e muitas vezes (de novo!), como pedem os pequenos que as repitamos, permite construir sentidos, apurar o entendimento das coisas, além de configurar imagens múltiplas, pelo deslocamento metafórico, e recontá-las do seu jeito particular.

As histórias estão no mundo, não só nos livros e filmes; perceber e elaborar uma organização dos acontecimentos e descobrir que há versões paralelas, alcançar a diversidade de perspectivas, prepara a mente para avançar sobre narrativas mais distantes, mais longas, mais complexas. É destas **memórias** tecidas na vivência que brota a riqueza da experiência partilhada com o outro, pessoa ou personagem. O cultivo do vivido, em trama rizomática e não linear, em que se desenha a **subjetividade**, como assunção singular da intersubjetividade, dá lugar à **interação** de que fala Wolfgang Iser⁸ ao tratar da recepção, como a acolhida e suplemento, face à alteração de contextos do autor e do leitor.

A prática constante do uso da linguagem literária, que nunca é desmotivada em relação à vida humana, cria **acervos** de vida, amplia generosamente os horizontes de tempo e espaço, criando **intertextualidades** inéditas e, com isso, **interpretações** *sui generis*. Diante do poema, da narrativa, da película, há mais perguntas que respostas, pois estas estão a cargo do leitor, diante da **fruição** que as incertezas provocam. Com o tempo, a demanda ao leitor será dizer o seu, produzir



⁷ BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: BENJAMIN, Walter. *O contador de histórias e outros textos*. Tradução de Patrícia Lavelle. São Paulo: Hedra, 2020.

⁸ ISER, Wolfgang. *El acto de leer*. Madrid: Taurus, 1987.

sua **escritura**, saber-se coautor de uma obra, quando a desdobra em um ensaio ou crítica, em um comentário ou depoimento.

Assim como a forma altera o conteúdo, os suportes interferem na matéria, e o leitor de mídias digitais, para ter alguma autonomia frente às opções de entrada, carece de maior destreza no uso da linguagem verbal. Sem um repertório prévio de leituras, sequer pode optar no Google por uma das respostas apresentadas às suas questões. O suporte que atrai milhões de seguidores leitores, que compartilham sem entender onde põem seu “de acordo”, precisa de urgente tratamento entre pesquisadores, para considerar por que o brasileiro não atinge maturidade leitora, embora leia o tempo todo. Os desafios e as estratégias estão apenas rascunhados acima.

À medida que o universo da linguagem tece o imaginário e o simbólico na realidade que observa, a capacidade de lidar com o conhecimento objetivo, de expandir sua compreensão do mundo para outros campos do saber, será estímulo à leitura *tout court* de jornais, revistas, história, geografia, ciências, música, matemáticas, teatro, cinema, vídeos, fotografias e publicidade. A capacidade de pensar se intensifica e se estrutura a partir dos afetos, como insumos da racionalidade, comprometida com saberes diversos e não apenas com o dado alheio, impregnado pelo senso comum.

A questão não é ler apenas, mas saber o que fazer a partir da leitura, disse Paul Ricoeur⁹.

Com estas considerações, proponho rever os parâmetros que usamos para identificar/formar um leitor hoje, pois me parece que a leitura nas práticas escolares (famílias leitoras, ainda as há?) está presa a modelos de séculos passados. No entanto, os índices de uma pesquisa como esta poderiam ser outros. Os pesquisadores experientes que trabalham o tema talvez consigam convencer as instituições responsáveis pela educação e cultura de que a ficção, sobretudo literária – porque no uso direto da linguagem verbal – deveria estar na prioridade metodológica da formação do leitor, e não apenas do leitor literário.

⁹ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. v. 2.

O nó górdio do nosso problema não é o decréscimo de leitores; é o acréscimo significativo de analfabetos funcionais.

Eliana Yunes

Professora universitária (1970-2018) no Brasil e visitante no exterior, tem formação em Filosofia e Letras, e doutorados em Linguística e Literatura. Pesquisadora, ensaista e crítica, com publicações sobre Interpretação, Teorias da Leitura e Formação de Leitores, além de estudos inter e transdisciplinares nas áreas de Hermenêutica, Letras, Educação, Artes, Teologia e Políticas Públicas. Orientadora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) de 1975 a 2018, organizadora do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler) da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) de 1991 a 1996, e cocriadora da Cátedra Unesco de Leitura no Brasil e da Rede de Estudos Avançados em Leitura (ReLer), em 2005. Dirigiu o Instituto Interdisciplinar de Leitura (iiLer) da PUC-Rio e, até 2018, foi conselheira da Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério da Cultura (MinC).



Referências bibliográficas

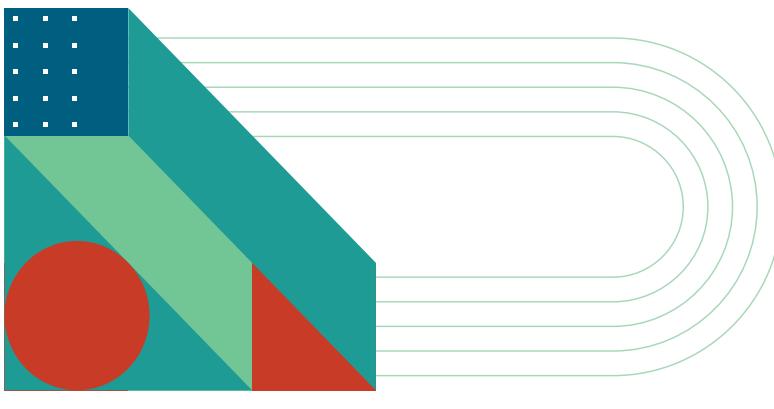
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- MELO NETO, João Cabral. Escolas das facas (1980). In: MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. Disponível em: <https://rnbc.org.br>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2008.
- BARTHES, Roland. *Aula*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *O contador de histórias e outros textos*. Tradução de Patricia Lavelle. São Paulo: Hedra, 2020.
- ISER, Wolfgang. *El acto de leer*. Madrid: Taurus, 1987.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. v. 2.

7. A mediação da leitura literária em xeque

João Luís Ceccantini

Luiz Fernando Martins de Lima

Pela primeira vez em 18 anos, ou seja, desde que começou a ser realizada pelo Instituto Pró-Livro, em 2007, a pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil** registra um número maior de *não leitores* em relação ao número de *leitores* (44)¹. Entretanto, por mais alarmante que esse dado possa parecer à primeira vista, não chega a constituir uma grande surpresa. É significativo observar que, no conjunto das pesquisas, o número constatado de leitores e de não leitores flutua ao redor dos 50% desde 2007. Vale destacar, inclusive, que já houve, ao longo do processo, uma queda no número de leitores de 5 pontos percentuais de um quadriênio para outro (de 2007 para 2011), ocorrendo, posteriormente, em 2015, um aumento percentual de 6 pontos. Assim, sem nos deixarmos levar pelo imediatismo de um diagnóstico tétrico, pode-se dizer que a proporção entre leitores e não leitores no Brasil, nas últimas duas décadas, não se alterou de forma radical.



¹ Quando os dados informados se referirem à 6^a edição da pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil**, o número do slide em que o dado consta será expresso em parênteses.

Contudo, ao observarmos, sob uma perspectiva cronológica, as informações da pesquisa em suas várias edições, desde 2007, um dado decisivo salta aos olhos: houve um aumento considerável, entre os pesquisados, de leitores informando que, para ler, não são influenciados por ninguém. Em 2007, na 2^a edição da pesquisa, apenas 14% dos leitores entrevistados atestaram não ser influenciados por ninguém para ler; em 2011, 17%; em 2015, 55%; em 2019, 52%; e, por fim, nesta edição, 54%. Esses dados, mesmo para os mais céticos quanto a pesquisas de caráter quantitativo, certamente são eloquentes. Estaria o leitor contemporâneo vivendo em estado de solipsismo constante, não encontrando incentivo e estímulos significativos para ler oriundos do universo familiar, escolar ou mesmo dos amigos, entre outras fontes?

Estaria o leitor contemporâneo vivendo em estado de solipsismo constante, não encontrando incentivo e estímulos significativos para ler oriundos do universo familiar, escolar ou mesmo dos amigos, entre outras fontes?

Para entender melhor os dados apresentados, é necessário, acima de tudo, examinar o que quer dizer exatamente o “ninguém em especial” da resposta dos entrevistados. É impossível que um leitor se forme *ex nihilo*. Ainda que as opções dadas pela pesquisa para a resposta sobre quem foi o principal incentivador do gosto pela leitura pudessem, talvez, ser consideradas de certa forma abrangentes, as

² Masterplot é um conceito do crítico literário norte-americano Peter Brooks em seu *Reading for the Plot: Design and Intention in Narrative* (Cambridge: Harvard University Press, 1984), segundo o qual certos padrões narrativos se arraigam no imaginário dos leitores de maneira a refletir seus desejos. São padrões de histórias que gostamos de ouvir repetidamente – seja na ficção ou na realidade – porque sua estrutura nos agrada, uma vez que vão ao encontro de nossos valores. Assim, o leitor contra tudo e contra todos seria um exemplo de *masterplot*.

categorias implicam a personificação da influência, ou seja, a influência necessariamente partiria de um indivíduo – mãe, pai, parente, professor etc. Fenômenos de natureza cultural, social, psicológica ou mesmo existencial também fazem parte da formação do leitor individual. A título de exemplificação, pode-se dizer que até mesmo o “modelo negativo” pode vir a ser um grande incentivo à leitura: em meio a um ambiente exclusivamente de não leitores, uma pessoa oprimida pelo seu entorno social pode recorrer aos livros como uma forma de escape ou de individuação, sendo percebida, talvez, como uma “desajustada” entre os seus, mais afeitos a outras atividades, as quais possuiriam mais valor naquele contexto em que está imersa, mas, ao mesmo tempo, diferenciada positivamente para si mesma e, quem sabe, para outros leitores, também “desajustados” em seu meio, ainda que possivelmente raros.

É possível encontrar potenciais respostas sobre esses aspectos mais complexos de incentivo à leitura (que não a influência direta de um indivíduo) em outros segmentos da pesquisa. Em primeiro lugar, quando se pergunta a leitores e não leitores quais atividades realizam em seu tempo livre (180), as respostas indicam que quem lê normalmente se envolve mais em outras atividades – que, supostamente, competiriam com a leitura pelo tempo livre dos sujeitos –, como o uso da internet, a prática de esportes ou o envolvimento com jogos de videogame. A exceção verificada é a prática de assistir à televisão, uma atividade em declínio na sociedade contemporânea, cultivada hoje principalmente pelas gerações mais velhas (181). Com isso, é possível notar que a leitura e outras atividades da esfera do entretenimento não são mutuamente excludentes; ao contrário, elas tendem a coexistir na vida dos leitores. Isso, aliás, é um importante dado, na contramão do senso comum, já perceptível em edições anteriores da pesquisa.

Ademais, é importante observar as respostas dos entrevistados quando questionados sobre a origem do interesse pela literatura (202) – aqui, explicitamente, o “ninguém” da resposta sobre o incentivo à leitura começa a se delinear. Entre algumas respostas mais tradicionais, como a indicação da escola ou de algum *professor* (uma resposta ainda prestigiada) ou a influência de um *bibliotecário* (uma resposta menos citada), algumas respostas mais curiosas chamam a atenção: a opção mais votada é “porque viu filmes baseados em livros ou histórias de autores”. Além disso, entre as respostas figuram também “por causa de letras de músicas” e “com um influenciador digital, com um youtuber, pela internet”. Todas essas três respostas, mais ou menos mencionadas pelos entrevistados, se relacionam com atividades conduzidas pelos leitores concomitantemente ao hábito da leitura dentre as mais votadas (180): usar a internet (1º), usar WhatsApp ou Telegram (2º), escutar música ou rádio (4º) e assistir a vídeos ou filmes em casa (5º).

Percebe-se, deste modo, um perfil de leitor multifacetado, conectado às novas mídias e não necessariamente sequestrado por elas, como previa, por exemplo, o apocalíptico Harold Bloom³ ao falar das crianças criadas à frente da televisão, que se tornariam adolescentes criados à frente de computadores, desvinculados do universo da leitura. Na contramão dessa linha de pensamento, percebe-se que os leitores investigados pela pesquisa, de forma muito significativa, encontram motivação e estímulos para ler em variados artefatos culturais oriundos de novas mídias, como música, cinema e TV via *streaming* e redes sociais.

No caso da música, cantores e bandas das mais diversas tendências artísticas fazem referências a obras literárias em muitas canções. É o caso, por exemplo, da banda norte-americana Metallica, que tem uma canção de muito sucesso com o nome

No caso da música, cantores e bandas das mais diversas tendências artísticas fazem referências a obras literárias em muitas canções.

³ Em *Como e por que ler* (Objetiva, 2000, p. 19).

"For Whom the Bell Tolls", uma referência ao celebrado romance *Por quem os sinos dobraram*, de Ernest Hemingway; a banda inglesa Iron Maiden faz referências a várias obras literárias, como *O senhor das moscas*, de William Golding, e *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley; a cantora brasileira Pitty, por sua vez, igualmente se refere à distopia de Huxley em seu álbum de estreia, *Admirável Chip Novo*. Não se pode ignorar que o universo musical, especialmente o de língua inglesa, de modo constante conecta sua audiência a obras literárias de natureza diversa.

Quanto ao cinema e à TV – normalmente consumidos hoje em dia via *streaming* –, configuram-se como dois casos modelares dignos de nota nesse contexto das variadas influências e motivações para a leitura. O primeiro deles diz respeito ao romance preferido pela personagem Bella, da saga *Crepúsculo: O morro dos ventos uivantes* (1847), de Emily Brontë (1818-1848). Talvez hoje seja evidente que o fato de uma obra cinematográfica ser produto da *adaptação* de uma dada obra literária naturalmente levaria potenciais leitores ao encontro da obra de origem, como se tem verificado correntemente. No entanto, não deixa de ser espan-toso que a mera *menção*, num dado romance contemporâneo,

de natureza marcadamente mercadológica, supostamente voltado ao público (feminino?) jovem, de uma obra literária pertencente ao cânone inglês, depois transformada num filme, tenha despertado tão forte interesse dos jovens leitores pelo clássico. E tal interesse foi astutamente percebido pelo mercado editorial, a ponto de, no Brasil, a editora Leya ter lançado uma versão do romance, em 2022, em que na capa figura o selo: "O livro preferido de Bella e Edward da saga *Crepúsculo*", numa explícita tentativa de capitalizar o sucesso dos livros juvenis para promover uma obra literária clás-sica já em domínio público.

Quanto ao cinema e à TV – normalmente consumidos hoje em dia via *streaming* –, configuram-se como dois casos modelares dignos de nota nesse contexto das variadas influências e motivações para a leitura.

O segundo caso que chama a atenção, também constituindo exemplo eloquente dos processos de recepção de obras literárias "clássicas" pelos jovens leitores atualmente, refere-se ao seriado produzido pela BBC e transmitido no Brasil via Netflix *Sherlock*

(2010). Trata-se de uma modernização dos contos e romances de Arthur Conan Doyle (1859-1930), centrada num dos personagens mais célebres da história da literatura, o detetive Sherlock Holmes. A série foi um sucesso no mundo todo, inclusive no Brasil, reacendendo o interesse pelos textos que estiveram na base dessa produção, o que levou a Companhia Editora Nacional, por exemplo, a republicar os livros de Doyle nos quais figura Sherlock Holmes como personagem. É muito significativo que o projeto gráfico em que se inserem as obras remeta à série da BBC, estampando na capa dos livros imagens de Benedict Cumberbatch e Martin Freeman, respectivamente intérpretes de Sherlock Holmes e John Watson, e que apresente introduções aos volumes escritas pelos atores, produtores e outras pessoas envolvidas com a série.

O mercado editorial percebeu algo que a pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil*** revela, mesmo que seja um fenômeno ainda incipiente: os leitores estão aí, sim; eles não desapareceram. Mas hoje estão mergulhados nas redes sociais, assistem a muitos filmes e séries e ouvem música. Essas novas mídias de modo algum substituíram a leitura, como muitos acabam por simplificar a questão. Contudo – e este é o ponto fulcral desta análise –, elas têm substituído, em maior ou menor grau, os mediadores tradicionais de leitura: o mundo acadêmico, os prêmios literários mais célebres ou locais, escolas e professores. Assim, o leitor se desenvolve como tal sem, necessariamente, a influência de ninguém específico – professores, pais, mães etc. Mas esse fenômeno se dá sob a tutela de um universo cultural multimidiático que necessariamente pisa o tempo todo no mundo das obras literárias – e é esse universo que direciona suas leituras. Talvez o caso mais notável desta edição da ***Retratos da Leitura no Brasil*** seja o da hoje célebre escritora Colleen Hoover (1979).

Numa análise das leituras mais recentes dos leitores entrevis-tados, chama a atenção o caso de *É assim que acaba* (2016), obra recentemente adaptada para o cinema numa “superprodução” – note-se aí o processo multimidiático uma vez mais em ação. O sucesso alcançado pela obra merece um olhar mais cuidadoso,

O mercado editorial percebeu algo que a pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil*** revela, mesmo que seja um fenômeno ainda incipiente: os leitores estão aí, sim; eles não desapareceram.

pois traz à tona a influência de um novo nicho mediador que, a partir de agora, não poderá ser ignorado pelos pesquisadores da área da leitura: a comunidade dos *booktokers*.

Colleen Hoover figura nesta edição da ***Retratos*** em três indicações: aparece pela primeira vez na lista de autores mais conhecidos (228); entre os autores que os leitores mais gostam (227); e, mais supreendentemente, é a autora de literatura mais lida quando os entrevistados são questionados sobre o último livro lido ou que estão lendo (239), ficando atrás apenas dos *Apóstolos*, de Ellen G. White (autora de livros religiosos) e de Augusto Cury (autor de livros de autoajuda), à frente de J. K. Rowling e Machado de Assis, autores de ficção amplamente citados nas últimas edições da ***Retratos***.

Colleen Hoover não é uma escritora oriunda de nenhum *establishment* literário. Autopublicou seu primeiro livro em 2012 na livraria Amazon, para que sua mãe pudesse ler em seu Kindle.

Alcançou sucesso, mesmo que moderado, apenas pelo boca-a-boca virtual proporcionado pelas redes sociais. No entanto, em 2016, com *É assim que acaba*, Hoover se tornou uma autora best-seller, alcançando o topo de importantes listas de mais vendidos, como a do *New York Times*, no que diz respeito a vendas impressas e virtuais combinadas⁴. Isso se deu graças ao

interesse, em 2021, em meio à pandemia de Covid-19, por parte de uma comunidade de *tiktokers*, que passaram a divulgar massivamente a obra. Essa comunidade é conhecida como *BookTok*, à qual pertencem criadores de conteúdos sobre livros predominantemente jovens – o típico usuário do aplicativo TikTok – e na qual as obras são brevemente resenhadas, apreciadas ou depreciadas, exaltadas ou ridicularizadas, na velocidade acelerada característica do meio. Dentro dessa comunidade, aliás, se fazem presentes

⁴ Cf. THE NEW YORK TIMES. *Combined Print & E-Book Fiction – Best Sellers*. 16 Jan. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/books/best-sellers/2022/01/16/combined-print-and-e-book-fiction/>. Acesso em: 10 maio 2025.

os criadores de conteúdo de subgêneros específicos, como Literatura Fantástica, Ficção Científica ou Literatura LGBTQIA+.

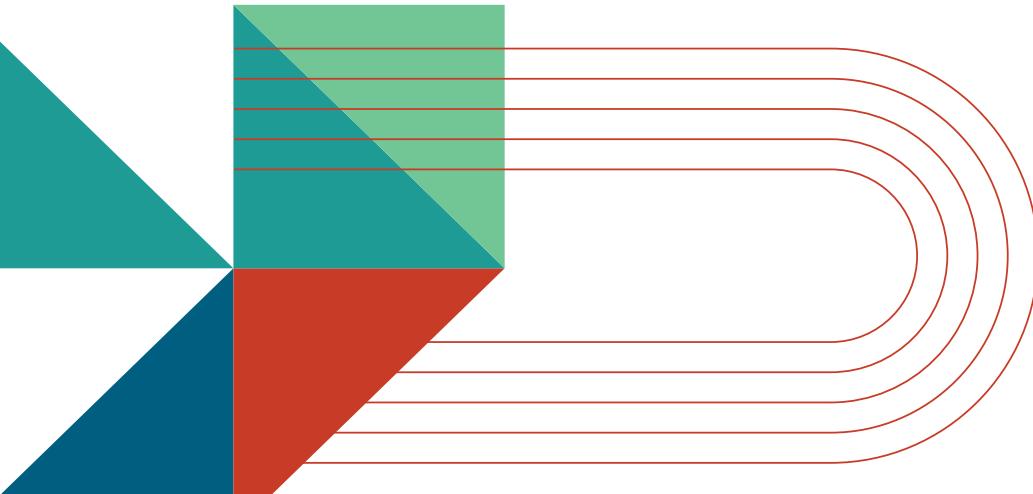
É provável que esse momento de Colleen Hoover seja fugaz. Ela não figurou em outras versões da pesquisa, e talvez não apareça nas próximas, como ocorreu com alguns escritores. É o caso de George R. R. Martin, presente na 5^a edição, mas não nesta. Além disso, deve ser destacado que outros fatores relevantes do ponto de vista mercadológico podem influenciar a presença de obras específicas. É o caso da presença mais insinuante de títulos como *O diário de Anne Frank* ou *1984*, que recentemente passaram a ser dominio público e que, por isso, passam a ser mais massivamente publicados e divulgados pelas editoras no mundo todo. Ainda assim, é impossível ignorar fatores mais recentes e que causam maior perplexidade no que diz respeito à formação do leitor, como a cultura das redes sociais, dificilmente analisáveis, porque são difíceis de serem tomadas como *corpus* sem muita simplificação. Seria necessário conviver, como um antropólogo, nesse meio, para entender suas peculiaridades. Isso, até que a Sociologia da Leitura apresente novas ferramentas para entender melhor esse mais recente fenômeno da mediação.

Aos mediadores tradicionais – pesquisadores, professores, bibliotecários, entre outros – parece ser necessário instrumentalizar em seu benefício esse fenômeno, como o faz o mercado editorial. É preciso, sem preconceitos, se envolver nas *culturas literárias multimidiáticas*, de cinema e séries de TV, músicas, *booktubers*, clubes de leitura virtuais, fanfiction (leitura e produção), eventos literários e de cultura pop – tópicos que estão sendo mencionados neste texto de modo acelerado, mas que merecem muito mais atenção, com base nos dados revelados pela 6^a edição da *Retratos da Leitura no Brasil*. É fundamental deixar preconceitos de lado, para entender como essas culturas funcionam em sua dinâmica multifacetada e nelas encontrar espaço para a

Ainda assim, é impossível ignorar fatores mais recentes e que causam maior perplexidade no que diz respeito à formação do leitor, como a cultura das redes sociais, dificilmente analisáveis, porque são difíceis de serem tomadas como *corpus* sem muita simplificação.

inserção de obras como um *Admirável Mundo Novo* ou um *Morro dos ventos uivantes*, mas não somente, uma vez que a atenção dos leitores já foi chamada para obras como essas. É preciso relacioná-las à série literária mais complexa de obras, numa rede de conexões que prevê a cultura em um sentido expandido, macro, multimidiático; em que a leitura das grandes obras literárias, canonizadas pelos historiadores da literatura e pela crítica especializada, não precisa ser uma atividade ciumenta e possessiva. Os leitores querem fruir essas obras, mas não somente elas, e a harmonia entre os artefatos culturais de qualidade pode existir no universo de interesse do leitor desde que seja promovida com qualidade.

É necessário assumir, com convicção e abertura de espírito, o papel da mediação, porque ela pode ocorrer sem nós, “os especialistas em leitura”. Quando nos perguntamos o que e como se lê hoje, fica patente que boa parte das escolhas se inserem num movimento de mão dupla muito marcante. De outras mídias para os livros; dos livros para outras mídias. Ou seja, ler não significa ler “apenas” um dado livro em si, mas ler o livro que deu origem a uma série televisiva, a um videogame, a uma HQ etc., assim como significa ler também o livro que tantos outros leitores estão lendo e difundindo aos quatro ventos, especialmente nas redes sociais. Se nas primeiras edições da pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil***, esse cenário já se esboçava, nas últimas três edições esse aspecto se tornou incontornável para qualquer mediador empenhado em fazer um bom trabalho, frente aos mais de 50% de leitores, como um todo, que dizem não ser influenciados por ninguém para ler.



João Luís Ceccantini

É professor do Curso de Pós-Graduação em Letras da Unesp – FCL Assis. Dedica-se à pesquisa de temas como *leitura, literatura infantil e juvenil e literatura brasileira contemporânea*, com várias publicações na área. Integra, na Unesp, o Grupo de Pesquisa Literatura e formação do leitor: implicações estéticas, históricas e sociais e, na Espanha, a Red Temática de Investigación Literaturas Infantiles y Juveniles en el Marco Ibérico, vinculada à Universidade de Santiago de Compostela.

Luiz Fernando Martins de Lima

É licenciado, mestre e doutor em Letras pela Unesp, *campus* de Assis. É docente do IFSP, *campus* Sorocaba, onde atua junto ao Ensino Médio e ao Ensino Superior em Letras e em Pedagogia, conduzindo, entre outras iniciativas, projetos de ensino e extensão voltados para a criação de círculos de leitura entre jovens. É integrante do Grupo de Pesquisa Literatura juvenil: crítica e história, além de ser membro da Academia Sorocabana de Letras.

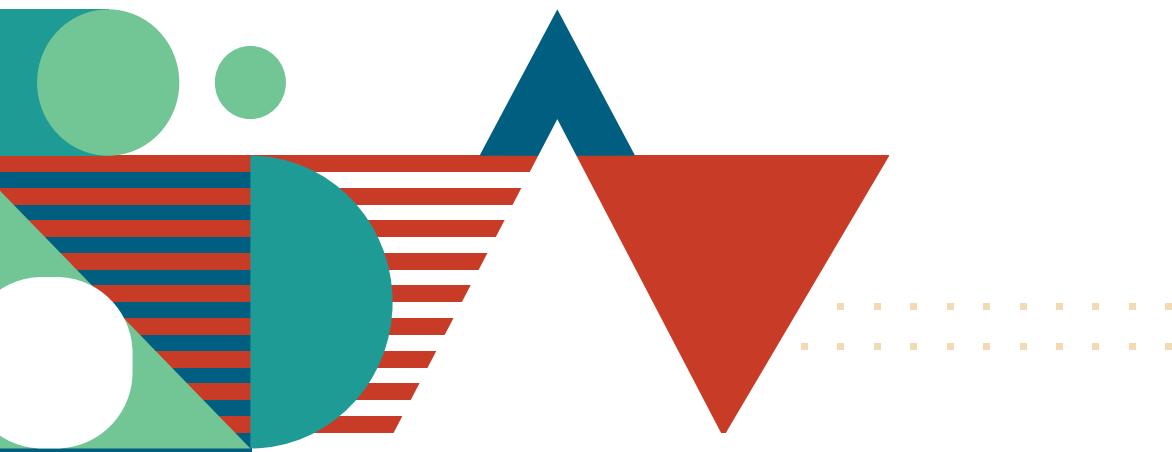


8. Os influenciadores “literários digitais” e o declínio da leitura: formação de leitores ou fomento ao consumo?

Ana Erthal

São muitas as dimensões que significam “influência” e variados os campos de estudo científico que se debruçam sobre o termo. A Comunicação e os Estudos de Mídia, por exemplo, exploraram o conceito de influência vinculado à ideia de persuasão, ou seja, como jornalistas, publicitários, profissionais de relações públicas e celebridades poderiam influenciar as audiências por meio de discurso ou de imagem. Na era da comunicação em massa, no modelo um para muitos, milhares de pessoas foram influenciadas a consumir bens e serviços a partir de estratégias persuasivas aprimoradas pela Psicologia Motivacional.

A partir dos anos 1920, a Psicologia Motivacional tomou as ideias de Freud (2013) sobre a natureza da motivação no contexto das necessidades humanas como um estímulo intrínseco. A necessidade atuaria como uma força persistente e não momentânea, e a satisfação acabaria com a necessidade, portanto, haveria um modo de descobrir as demandas humanas e satisfazê-las, criando mensagens capazes de influenciar pessoas ao consumo daquilo que elas nem imaginavam desejar, via meios de comunicação de massa.



Na Sociologia, emergiram conceitos de valor atribuídos à capacidade de poder e influência no cenário de disputas do capitalismo. Bourdieu extraiu diferentes formas de capital – econômico, cultural e social –, em que o capital econômico se converte em dinheiro e pode ser institucionalizado como patrimônio; o capital cultural pode ser convertido em qualificações educacionais e em capital econômico; e o capital social pode ser convertido em títulos capazes de elevar a reputação individual e, consequentemente, em capital econômico.

Os Estudos de Influência adotaram o conceito de capital social de Bourdieu de modo literal, conforme definição do autor:

Capital social é um agregado de recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de familiaridade e reconhecimento mútuos – ou em outras palavras, ao pertencimento a um grupo – que oferece a cada um de seus membros o suporte de um capital possuído coletivamente, uma 'credencial' que lhes dá crédito, nos vários sentidos da palavra. (Bourdieu, 2004, p. 21)

Para Bourdieu, o capital social seria fruto de um esforço contínuo na manutenção de laços entre indivíduos e a coletividade. Seria necessário um investimento de energia para construir e conservar a rede de conexões e estabelecer compromissos subjetivos, como o reconhecimento e a gratidão. O capital social, portanto, dependeria da competência individual, do desejo e da necessidade de cada um. Atualmente, essa perspectiva de Bourdieu sobre as formas de capital também inspira as reflexões sobre os influenciadores da era digital.

A popularização das redes e das tecnologias de transmissão de dados transformou a experiência nos meios de comunicação – atualmente, todos são produtores e consumidores de conteúdo. Pode-se influenciar e ser influenciado a partir de fotografias, de

A popularização das redes e das tecnologias de transmissão de dados transformou a experiência nos meios de comunicação – atualmente, todos são produtores e consumidores de conteúdo.

citações de livros, de depoimentos, de receitas, e recomendações – inspirar comportamentos, promover transformações de mentalidade, oferecer perspectivas a partir de qualquer ponto de vista. Qualquer perfil pode influenciar. Porém, atravessada pelo *marketing* e pelo desejo humano de constituir capital social, essa oportunidade veio a se tornar um ofício: o de “influenciador digital”.

O influenciador digital é considerado um agente de influência, uma pessoa exposta nas redes que cria e dissemina conteúdos, que atua em uma rede de influências com atores diversos (outros influenciadores e influenciados), compartilhando conteúdo capaz de persuadir um público específico, influenciando comportamentos, opiniões e, sobretudo, decisões de consumo. De acordo com a pesquisa da Influency.me (2025)¹, empresa especialista em *marketing* de influência, o Brasil possui 2 milhões de influenciadores digitais, é o segundo país em números no mercado de influência, e movimenta cerca de R\$ 2,3 bilhões a partir da ativação dos influenciadores², que exercem poder simbólico e social sobre as audiências em várias categorias.

A 6ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2024) revelou que 22% dos entrevistados apontaram influenciadores digitais como uma das origens de seu interesse pela leitura, especialmente entre leitores de livros de literatura (24%) e outros meios (19%). No entanto, apenas 2% mencionaram influenciadores como fator determinante na escolha específica de um livro para ler. Trata-se da categoria de influenciadores literários, criadores de conteúdo digital que produzem resenhas, recomendações, análises e discussões sobre livros em plataformas como YouTube (em que são chamados de *booktubers*), Instagram (*bookstagrammers*), TikTok (*booktokers*), e blogs. De modo geral, o conteúdo divulga lançamentos e promove

O Brasil possui

2 milhões

de influenciadores digitais, é
o segundo país em números
no mercado de influência.

goria de influenciadores literários, criadores de conteúdo digital que produzem resenhas, recomendações, análises e discussões sobre livros em plataformas como YouTube (em que são chamados de *booktubers*), Instagram (*bookstagrammers*), TikTok (*booktokers*), e blogs. De modo geral, o conteúdo divulga lançamentos e promove

¹ INFLUENCY.ME. *Pesquisa Influencer Marketing no Brasil para 2025*. Disponível em: <https://influency.me/materiais-ricos/pesquisa-influencer-marketing-no-brasil-para-2025/>. Acesso em: 10 maio 2025.

² GOLDMAN SACHS. *The creator economy could approach half a trillion dollars by 2027*. 19 Apr. 2023. Disponível em: <https://www.goldmansachs.com/insights/articles/the-creator-economy-could-approach-half-a-trillion-dollars-by-2027>. Acesso em: 25 abr. 2025.

discussões sobre a literatura com o objetivo de influenciar hábitos de consumo literário.

Dentro da categoria de influenciadores literários digitais, são encontradas especificidades de conteúdos que podem se especializar em gêneros narrativos, da epopeia ao conto, em exploração de livrarias ou bibliotecas, em estilos clássicos ou contemporâneos, e em para ler e para ter. Os influenciadores literários digitais se utilizam de estratégias diferenciadas para cobrir os nichos que constituem o universo dos livros e que podem se converter em espaço de marketing e geração de capital social, cultural e econômico.

Não há precisão quantitativa que indique o número exato de *booktubers*, *bookstagrammers* e *booktokers* no Brasil, porém o mercado reconhece o crescimento das comunidades, refletindo o aumento do interesse por conteúdo literário nas plataformas digitais e do interesse das editoras em utilizar a influência como estratégia de *marketing*. A organização do espaço físico das livrarias oferece destaque para os títulos discutidos nas redes sociais.

Uma pesquisa publicada em 2023³ identificou seis dos canais literários mais influentes no YouTube Brasil, totalizando aproximadamente 2,91 milhões de inscritos e uma média anual de 624 vídeos, com 34,78 milhões de visualizações. No Instagram, os 10 perfis mais relevantes de influenciadores literários possuem em média 150 mil seguidores cada, e a cauda longa da categoria se estende com as especificidades de conteúdo distribuído por centenas de microinfluenciadores (perfis com menos de 2 mil seguidores). O TikTok, desde o início das atividades no Brasil, se destacou como uma plataforma influente para a comunidade literária. A hashtag #BookTokBrasil possui atualmente 14 bilhões de visualizações, indicando um engajamento

³ JIMÉNEZ, Andrea Giráldez. El arte de aprender. *Revista Educación Artística: Investigación*, v. 14, n. 14, 2023. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5771/577174946003/html/>. Acesso em: 10 maio 2025.

massivo⁴. Embora esse número reflita a popularidade do conteúdo literário, não há estatísticas consolidadas disponíveis sobre a quantidade de criadores de conteúdo literário ativos na plataforma.

O lado positivo do fenômeno da influência literária seria a retomada da atividade leitora e a disseminação do “prazer de ler”, capaz de ativar circuitos de extraordinária complexidade cerebral, promover estímulos sensoriais e despertar a imaginação. Segundo Wolf, “o ato de ler incorpora, como nenhuma outra função, a capacidade quase milagrosa do cérebro de ir além de suas capacidades originais geneticamente programadas, como a visão e a linguagem” (2019, p. 14). Mais do que isso, a leitura proporciona a capacidade de ser transportado para lugares, de imaginar a

dinâmica dos personagens e de vivenciar emoções produzidas pela narrativa. Como exemplifica Wolf,

o ato de ler é um lugar especial em que os seres humanos são libertados de si mesmos para se transportarem a outros e, assim, aprender o que significa ser outra pessoa com aspirações, dúvidas e emoções que nunca teriam conhecido de outro modo. (2019, p. 55)

Esses atributos da leitura também são defendidos pelos influenciadores literários em seus vídeos ao citarem trechos dos livros que leem e buscarem palavras que possam dar significado ao conjunto de sensações abaladas pela leitura. Os vídeos curtos apresentam uma linguagem, estética e ritmo que criam uma esfera especial para a condição de leitor: para mergulhar na experiência sensorial e cognitiva da leitura, as pessoas precisam investir seu tempo em livros.

De acordo com a 6ª edição da pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil***, o tempo seria o vetor mais escasso e razão pela qual os respondentes não se dedicariam mais à atividade leitora. Esse dado representa uma trilha para a compreensão dos números da

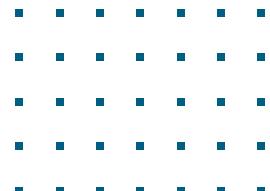
⁴ Pesquisa direta na plataforma.

influência literária digital. O tempo livre, de acordo com a pesquisa, é distribuído entre atividades digitais, tais como usar internet (78%), usar WhatsApp e Telegram (71%), ouvir música (57%), assistir a vídeos e filmes em casa (53%) e acessar redes sociais (49%). Ou seja, embora as pessoas não estejam lendo durante o tempo livre, podem ser atravessadas pelo interesse a partir de suas redes de influência, sejam amigos, celebridades ou desconhecidos.

A disseminação de conteúdos falsos e a autenticidade dos perfis – disfarçada por um manto de intenções de *marketing* – devem ser pontos de atenção para a audiência dos influenciadores literários digitais. A comunidade deve proteger seu direito como consumidor ao ser impactada por um conteúdo com finalidade de promover comunicação mercadológica, ciente de que influenciadores exercem poder de compra e se utilizam de elementos persuasivos para motivar as pessoas ao consumo. Afinal, pessoas são influenciadas a comprar ou a ler livros? Os influenciadores contribuem para a formação de leitores ou apenas fomentam o consumo?

Torna-se necessário ampliar o debate sobre influência literária para compreender quais estímulos atravessam a audiência a partir do conteúdo e como ela reage a esses estímulos: as pessoas são levadas a ler e desenvolvem o “prazer da leitura” ou satisfazem suas curiosidades sobre as narrativas e constroem um capital cultural a partir do conteúdo dos influenciadores e suas redes de influência? Poderia o influenciador ser seu próprio antagonista? Em meio a uma profusão de conteúdos tão elaborados, ele desperta ou sacia o desejo pela leitura? Um ambiente interativo e intenso como as redes sociais se diferencia totalmente da atividade solitária e devotada da leitura, que parece oferecer menos estímulos às mentes fustigadas por tantos atrativos digitais. Na contemporaneidade, os diálogos foram reduzidos tanto quanto as interações sociais e as atividades analógicas, exigindo menos comprometimento para que as relações se estabeleçam e menos conhecimento – que se tornou ubíquo, instantâneo e geralmente está na palma das

Poderia o influenciador ser seu próprio antagonista?
Em meio a uma profusão de conteúdos tão elaborados,
ele desperta ou sacia o desejo pela leitura?

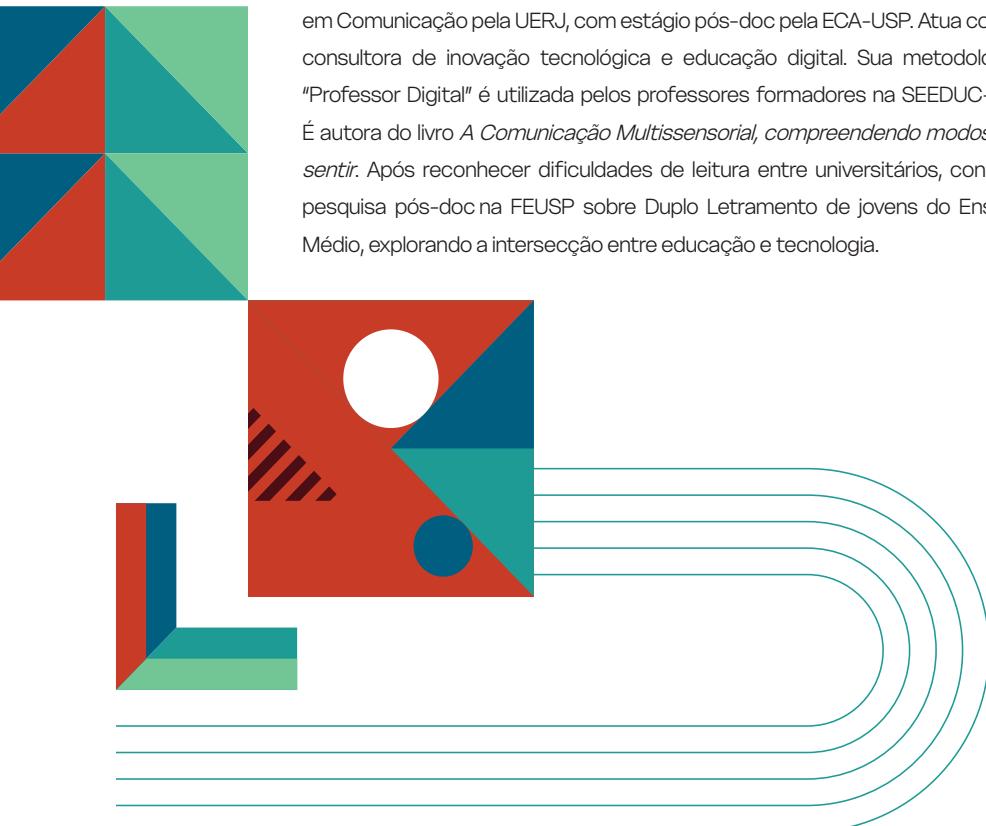


mãos. O “prazer de ler” pode estar sendo substituído por resenhas e resumos que economizam horas de leitura.

Enquanto buscamos respostas para esses novos paradigmas, revela a 6^a edição da pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil*** que a influência começa dentro de casa e na escola, são os cuidadores, os irmãos e os professores os agentes apontados como os personagens que iniciaram a formação leitora dos respondentes. Enquanto os influenciadores precisam exibir números de seguidores, visualizações, curtidas e compartilhamentos para demonstrar seu sucesso e capital social (tornando-se cobiçados por editoras, por exemplo), pais e mães precisam apenas criar um tempo exclusivamente dedicado a seus filhos para, juntos, dividirem as aflições, descobertas e alegrias de uma boa narrativa.

Ana Erthal

Jornalista e psicanalista por formação, possui mais de 20 anos de experiência em pesquisa acadêmica e docência nos níveis de graduação e pós. Doutora em Comunicação pela UERJ, com estágio pós-doc pela ECA-USP. Atua como consultora de inovação tecnológica e educação digital. Sua metodologia “Professor Digital” é utilizada pelos professores formadores na SEEDUC-RJ. É autora do livro *A Comunicação Multissensorial, compreendendo modos de sentir*. Após reconhecer dificuldades de leitura entre universitários, conduz pesquisa pós-doc na FEUSP sobre Duplo Letramento de jovens do Ensino Médio, explorando a intersecção entre educação e tecnologia.

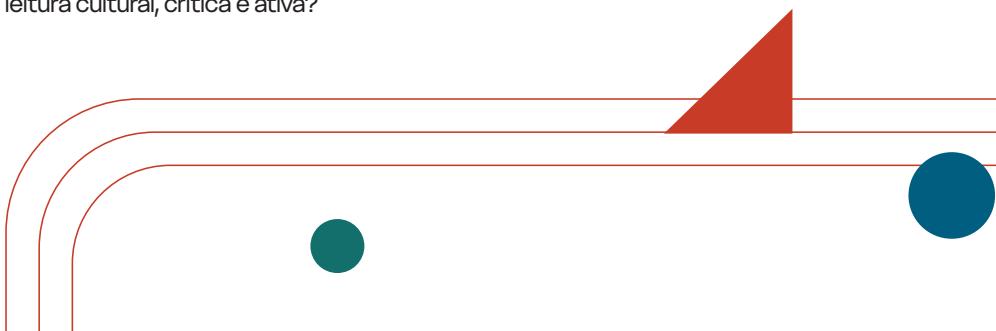


9. Leitura e desmaterialização dos suportes da arte

Jéferson Assumção

A pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil*** 2024, além de mostrar que há mais não leitores (53%) do que leitores (47%) em nosso país, aponta um aumento do uso da internet no tempo livre dos brasileiros, superior a 80%. Diante dessa transição para o digital, uma migração que já aconteceu na música e no cinema há mais tempo, não seria o momento de nos perguntarmos também sobre como as pessoas estão lendo no mundo digital? Quando fazemos as perguntas atuais (sem dúvida necessárias e que precisam continuar a ser feitas), estamos nos referindo à diminuição de leitores ou de leitores de livros? Para fazer um paralelo com a música ou o cinema, isso não seria a mesma coisa que falarmos sobre a diminuição de consumidores de discos ou CDs, ou do público que consome cinema via DVD?

A migração de leitores dos livros para o ambiente digital deveria nos fazer perguntar sobre que tipo de leitura se pratica nas redes sociais e ambientes digitais diversos. Novas perguntas são necessárias para a leitura em tempos de profundas mudanças tecnológicas e de impactos nas formas (incluindo a forma-livro). Afinal seria preconceito presumir, sem evidências, que se trata apenas de uma leitura funcional ou passiva a que se ocorre nesses ambientes. Apesar do já medido declínio de leitores de livros, observa-se um crescente número de clubes de leitura online (de livros físicos e digitais), além de plataformas de compartilhamento de escritas e de leituras (no Brasil, Skoob, Skeelo e a globalmente utilizada Wattpad). Pode haver nesses ambientes, precisamos perguntar, também uma leitura cultural, crítica e ativa?



Questões como essas estão presentes em pesquisas realizadas nos Estados Unidos¹, Coreia do Sul² e China³. Nessas pesquisas, além de se perguntar sobre a leitura de livros, tende-se a aprofundar questionários sobre novos formatos e tipos de leitura, incluindo *webtoons* (quadrinhos digitais com rolagem vertical), *webnovels* (romances seriados publicados online, em capítulos diários/semanais) e *light novels* (mistura de texto e ilustrações), em plataformas como WebNovel (China), KakaoPage (Coreia), Wattpad (global). Além desses formatos, também mapeiam o crescente interesse dos leitores por audiobooks e podcasts narrativos (histórias originais em formato de audiosérie), *visual novels*, narrativas interativas com ramificações (escolhas do leitor alteram a história), livros-jogo: que combinam texto com mecânicas de RPG, interativas e atraentes para os nativos digitais. Esses formatos também estão sendo lidos no Brasil?

Definir atualmente o que é um leitor é algo singular e desafiador.

No artigo “A digitalização da leitura e o consumo de informações”, publicado no Jornal da USP em 11 de dezembro de 2024, Leonardo Assis, pesquisador do Laboratório de Cultura, Informação e Sociedade da Escola de Comunicações e Artes da USP, defende a necessidade de a pesquisa ***Retratos da Leitura no Brasil*** não limitar a definição de leitura e de leitor ao objeto livro, o que, segundo ele, “pode restringir a análise de um fenômeno muito mais amplo”.

Definir atualmente o que é um leitor é algo singular e desafiador. Essa questão tem sido impactada por mudanças tecnológicas e culturais desde a popularização de meios de comunicação como o rádio, o cinema e a televisão. Hoje, a internet e as ferramentas de inteligência artificial tornam essa definição ainda mais difusa e complexa. A pesquisa adota como parâmetro o acesso ao livro, seja ele físico ou digital, mas será que isso basta para capturar a realidade da leitura no contexto atual?

¹ How Americans Read Books, 2023, sobre leitura profunda versus distração.

² Naver Webtoon, sobre *webtoon* e interatividade.

³ Academia Chinesa de Ciências Sociais.

Conforme o autor, hoje o consumo de informação acontece em múltiplos formatos e ambientes, com muitos lendo artigos em *blogs*, notícias em aplicativos, postagens em redes sociais e mensagens em plataformas digitais.

Essas formas de leitura, embora não estejam necessariamente vinculadas ao livro, têm um papel significativo na maneira como nos conectamos com o mundo e adquirimos conhecimento. Talvez seja o momento de ampliar os horizontes e reconsiderar como definimos a prática da leitura.

Para ampliar esses horizontes, penso que seria importante atentarmos para o fato da desmaterialização dos suportes da arte como um dado importante do nosso tempo. O vinil, o CD, o DVD deram lugar ao *streaming*, sem que possamos dizer que as pessoas passaram a ouvir menos música hoje do que há duas décadas. As lojas de disco praticamente não existem mais, assim como as locadoras de DVD, e parece claro que essas mudanças tecnológicas também pressionam o número e a distribuição territorial de nossas livrarias. Neste sentido, falar sobre a diminuição de leitores de livros talvez seja a mesma coisa que falarmos sobre a diminuição de fruidores de discos ou CDs, ou do público que consome cinema via DVDs.

A desmaterialização dos suportes da arte é um dado importante do nosso tempo. O vinil, o CD, o DVD deram lugar ao *streaming*, sem que possamos dizer que as pessoas passaram a ouvir menos música hoje do que há duas décadas. As lojas de disco praticamente não existem mais, assim como as locadoras de DVD, e parece evidente que essas mudanças tecnológicas também pressionam o número e a distribuição territorial de nossas livrarias. Neste sentido, falar sobre a diminuição de leitores de livros talvez seja a mesma coisa que falarmos sobre a diminuição de consumidores de discos ou CDs, ou do público que consome cinema via DVDs.

Diferentemente do diagnóstico de Walter Benjamin (1892-1940) em seu clássico artigo “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1936), o que temos hoje é a obra de

Neste sentido, falar sobre a diminuição de leitores de livros talvez seja a mesma coisa que falarmos sobre a diminuição de fruidores de discos ou CDs, ou do público que consome cinema via DVDs.

A escrita é uma tecnologia de gravação da memória externa humana. Ela está presente desde uma tábua de argila suméria até um *tablet* ou um celular

arte na época de sua *infinita* reproduzibilidade técnica. A escrita é uma tecnologia de gravação da memória externa humana. Ela está presente desde uma tábua de argila suméria até um *tablet* ou um celular, passando por tantos outros suportes físicos, pedras, couros, papel, madeira etc. Todos esses suportes carregam ou carregaram a escrita e a literatura e possibilitam a leitura. E o suporte digital?

O triunfo da informalidade

A professora Eliana Yunes faz uma diferenciação entre leitura solidária e leitura solitária, que interessa muito neste momento único da história da tecnologia. A leitura solidária precede a escrita.

É a leitura ao redor do fogo, circular, coletiva. A leitura solitária, dos livros, é produto da invenção da imprensa e teve seu predomínio por cerca de 500 anos. Com o digital, voltamos a ver o crescimento de uma leitura solidária, ou seja, articulada com outras leituras, coletiva e em rede, pressionando não apenas a ideia de leitura solitária, como também a de livro e a de autoria.

Junto com isso, há o triunfo da informalidade, ou seja, a dissolução de fronteiras e das legitimações do mundo analógico-formal-industrial. O símbolo máximo dessa dissolução é a convergência tecnológica na figura de um smartphone, em que o toca-discos, a máquina fotográfica, a câmera de cinema e o livro estão em um produto (suporte) só, de base digital. Com essa convergência avassaladora, tudo o que é formal se desmancha no ar do digital – para o bem e para o mal. O grande risco que corremos é a hiperinformalidade destruir as legitimações e com isso o lugar do livro e da educação. Até a democracia corre o risco de sucumbir à ação direta e à hiperinformalidade.

Vivemos um momento em que a última geração dos nascidos no mundo analógico, dos livros, se encontra com as primeiras gerações dos nascidos no ambiente digital, os nativos digitais.

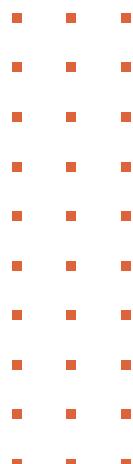
Com essa convergência avassaladora, tudo o que é formal se desmancha no ar do digital – para o bem e para o mal.

A próxima geração já não terá mais contato com os nascidos na era tipográfica. Daí a enorme responsabilidade de se passar a essas novas gerações uma defesa do livro, este que é o lugar dos longos encadeamentos lógicos e estéticos, fundamental numa época de fragmentação e de desatenção. Essa defesa, no entanto, não pode ser binária ou disjuntiva, mas sim conectiva, em relação com essa nova realidade. Precisamos entender melhor o mundo digital, observar não apenas suas potencialidades sinistras (em 1924, I. A. Richards, em *Princípios de Crítica Literária*, dizia: "não sondamos ainda as potencialidades sinistras do cinema e do autofalante", preocupado com os impactos das novas tecnologias de sua época na literatura), mas também suas possibilidades conectivas e seus impactos na dimensão cidadã, nas novas expressões simbólicas e na diversidade estética.

Para essa defesa, precisamos também colocar em perspectiva a própria ideia de livro, não apenas de maneira romântica ou idealizada, mas considerando o que ele é na realidade, como produto cultural. Necessitamos pensá-lo em suas dimensões econômica, cidadã e simbólica (estética, criativa). Também devemos colocar em perspectiva o tipo de leitura que se pratica tanto em relação aos livros quanto no mundo digital. Para isso, é necessário propor novas perguntas, ampliando o universo que já conhecemos para dentro dessa realidade cultural, econômica e tecnológica que se impõe.

O digital trouxe um ambiente singular ao triângulo do sistema literário "autor-obra-público", de Antonio Cândido. Ele criou um entorno não linear, ponto a ponto, descentralizado, fluido, e uma nova economia, compartilhada, digital e colaborativa, que afeta os três elementos do sistema. Como não poderia deixar de ser, a tríade do sistema de Cândido traz implícito um intermediário, o editor, que faz materialmente a obra (livro) e se encarrega de oferecê-la ao público leitor. Por ser o dono do meio de reprodução, é ele o elo mais forte da cadeia da economia do livro e muitas vezes condiciona os outros dois elementos (o autor que será publicado e o tipo de obra oferecida para a leitura do público). No entanto, se na era industrial esse

Vivemos um momento em que a última geração dos nascidos no mundo analógico, dos livros, se encontra com as primeiras gerações dos nascidos no ambiente digital, os nativos digitais.



intermediário era o único que garantia a produção do livro e sua distribuição ao público, hoje, com a obra de arte na época de sua infinita reproduzibilidade técnica, ele já não é mais elemento incontornável para que o público tenha acesso à obra literária, ou mesmo a produza. No mundo digital, em certos casos, até nem mais existe. Isso sem entrar no tema da Inteligência Artificial (IA), que nos coloca outros elementos ainda mais complexos em termos de produção textual, distribuição e leitura.

Poderíamos, por exemplo, perguntar sobre os impactos dessa desmaterialização nos três grandes campos que formam a base de uma política cultural contemporânea: a economia (o livro e sua indústria); a cidadania (a leitura) e o valor simbólico, estético, criativo (a literatura). Se a leitura e a literatura existem antes do livro e independem do seu suporte, a atual desmaterialização do suporte livro impacta negativamente a cidadania e o estético? Traz menos diversidade? Impacta a qual ponto na cidadania? E os livros físicos? Seriam eles os únicos guardiões da diversidade e da perspectiva cidadã? Os livros não vão morrer, certamente. Continuarão, ao lado das novas tecnologias, mas que significado terão para o mundo em que entramos com tanta velocidade?

De acordo com o que vemos nas edições da ***Retratos da Leitura no Brasil***, hoje, do ponto de vista de um conteúdo crítico, cidadão ou estético-criativo, não parece haver superioridade no que está sendo lido nos livros na comparação com o universo digital. Basta ver em todas as edições da pesquisa a lista dos títulos que os brasileiros dizem ter consumido. Muito dificilmente a última lista, com livros de autoajuda, entretenimento, liderança e mesmo religiosos, é superior qualitativamente em comparação com o que se lê num celular ou *tablet*, mesmo que em fragmentos.

Sem uma pesquisa aprofundada desse universo só podemos fazer conjecturas, mas no mínimo o que se lê no digital é parecido com o que os brasileiros têm lido no suporte livro. O fato é que não temos dados para dizer que a leitura no ambiente digital é ou não menos interessante e impactante do ponto de vista simbólico, cidadão, educacional e cultural.

Por se tratar de economia e de negócios (legítimos, é claro), em qualquer parte do mundo o conteúdo cidadão ou de diversidade estética não é exatamente o que norteia mais centralmente os mercados. Basta ver a lista dos mais vendidos em qualquer país do mundo. Os *best-sellers*, com louváveis exceções, não têm trazido exatamente um aprofundamento crítico e ampliador de nossa ideia de sociedade e de mundo, e talvez não sejam um grande exemplo de invenção e experimento estético. Eles certamente têm seu valor. Formam leitores. São lidos, fruídos e levam emoção e prazer. Mas eles seriam superiores ao que está sendo lido no ambiente digital?

Em setembro do ano passado, o então ministro da Cultura da Colômbia, Juan David Correa, fez uma intervenção importante na Bienal do Livro de São Paulo. Na ocasião, ele perguntou aos editores presentes no auditório qual a responsabilidade do mundo editorial no aprofundamento da democracia. Deu como exemplo os livros publicados em seu país. Segundo ele, dos 50 títulos mais vendidos, 48 tinham como tema liderança, competitividade, empreendedorismo, individualismo e autoajuda. Por que não havia entre os livros mais vendidos aqueles que trazem valores mais coletivos e solidários, de debates sobre os temas que mais impactam a sociedade? Os livros não são bons, em si, pelo fato de serem livros, segundo Juan David.

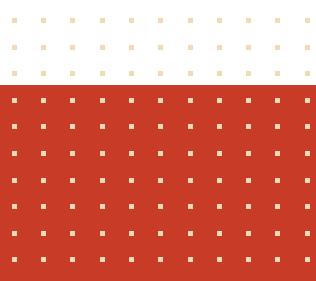
No Brasil, temos uma grande diferença. Aqui, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE/MEC), compra cerca da metade dos livros produzidos em nosso país (quase 40% do faturamento). Além de seu impacto econômico, essas compras equilibram os valores estéticos e cidadãos, porque suas coleções são formadas por meio de comissões de especialistas, que não tratam o livro exclusivamente do ponto de vista do mercado. Isso é bom para todos, diversifica a produção e amplia a bibliodiversidade brasileira. A importância desse programa é enorme para um país com ainda baixos índices de alfabetização e de compreensão plena de um texto complexo – resultado de 300 anos de proibição de se fazer livros aqui, além de 400 anos de escravidão.



O gênero livro

O escritor argentino Julio Cortázar (1914-1984) dizia haver um “gênero livro”, ou seja, o próprio suporte determinaria a forma, ficcional no caso. O fato é que o livro, como gênero ou como suporte, é, como já falamos, o lugar privilegiado dos longos encadeamentos lógicos e estéticos. É também o lugar por excelência da narração complexa, a formar “uma espécie de todo”, de fechamento e de conclusão. O filósofo coreano Byung-Chul Han, em *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo* (Editora Vozes, 2024) defende a narração contra o “liso da tela” e sua rolagem infinita. Ele afirma que os processos narrativos escapam à aceleração, ao instituírem um tempo próprio, interno. É impossível acelerar uma leitura sem perder as nuances, as profundidades e os encadeamentos de uma história.

As narrações (histórias escritas ou contadas, os filmes, as peças de teatro, as letras de músicas) instituem um tempo próprio, separado do tempo real e muito longe da vertigem digital. O digital é aditivo, não conclusivo, para Han. A falta de conclusão, de fim, do ponto de vista da saúde, é perturbadora e fator de geração de ansiedade, o que todo pai e mãe de crianças e adolescentes em nosso tempo tem percebido e sofrido. O livro permite sentidos e fins (mesmo os de finais abertos), mas fundamentalmente aqueles livros com impactos estéticos, criativos. Como dizia Umberto Eco em *Seis passeios pelos bosques da ficção* (Companhia das Letras, 2002), “o texto é uma máquina preguiçosa, esperando que o leitor faça a sua parte”. Poderíamos nos perguntar: diante de suportes mais interativos, eficientes, que fazem tudo, sons, imagens, ideias, quem, então, é o preguiçoso?



A leitura atenta, exigente, dos códigos escritos, é fundamental para a constituição de um sujeito autônomo e crítico, influindo na capacidade de absorvermos complexidades e de desenvolver o pensamento abstrato, como por exemplo Walter Ong (1912-2003) observou em *Oralidade e Cultura Escrita* (Papiro, 1998). Por ser uma tecnologia de baixo estímulo, a escrita nos brinda com uma possibilidade única ao nos exigir que nós mesmos façamos as imagens, os sons e os sentidos. Ela é uma tecnologia precária e é justamente essa precariedade sua riqueza maior, porque nos constrói como sujeitos na interação com ela. Mas será que ela também não está presente de alguma forma no mundo digital, apesar das redes sociais e dos vídeos cada vez mais curtos? A questão a saber é se, às margens da interação heterônoma, desatenta e hipnótica do digital, não está se desenvolvendo também uma leitura digital e analógica, coletiva, solidária, feita em rede, trazendo à tona novas perspectivas sobre o Brasil e o mundo, a partir de novos sujeitos políticos e culturais, antes invisibilizados.

Apesar da história da educação no Brasil, um país de megadiversidade cultural e de megadesigualdade social, as periferias têm oxigenado o debate cultural e literário brasileiro. E isso tem a ver também com a apropriação da tecnologia digital por essas populações e o uso criativo e autônomo que muitas vezes têm vindo à tona com elas. Precisamos chegar mais perto de como essas leituras são feitas, porque elas qualificam o que pensamos sobre leitores no Brasil, para muito além dos livros do mercado editorial tradicional. Há uma emergência de novos sujeitos políticos e culturais ocupando a cena com suas leituras de mundo e suas escritas, devido às possibilidades do mundo digital e da desintermediação, do comum. Há certo tempo, era comum pensarmos na tríade estado, mercado e sociedade civil, os "ponto gov", "ponto com" e "ponto org". Agora há uma outra categoria, o comum, o que aproveita a tecnologia digital para sua expressão e fruição simbólicas e para a invenção de novas formas de ser e viver, do ponto de vista cidadão,

Precisamos chegar mais perto de como essas leituras são feitas, porque elas qualificam o que pensamos sobre leitores no Brasil, para muito além dos livros do mercado editorial tradicional.

simbólico e econômico. É preciso se aproximar dessas manifestações e enxergar com mais qualidade os novos usos e leituras que dali emergem. É isso o que se percebe nos inúmeros saraus, coletivos articulados na Periferia Brasileira de Letras (PBL), nas redes de bibliotecas comunitárias, pontos de leitura, pontos de cultura, Agência de Notícias das Favelas, Flup etc. São digitais e analógicos, ao mesmo tempo. *Digitalógicos*, não uma coisa ou outra.

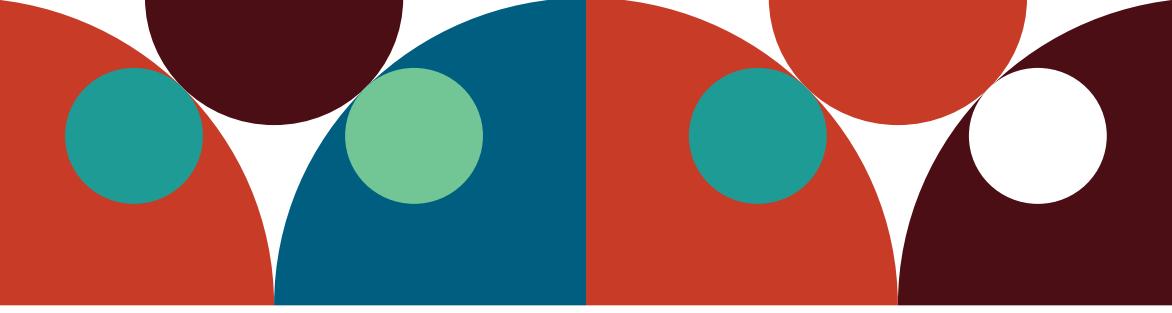
Jéferson Assumção

É diretor de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, da Secretaria de Formação, Livro e Leitura do Ministério da Cultura (Sefili/MinC).



Referências bibliográficas

- ASSIS, Leonardo. A digitalização da leitura e o consumo de informações. *Jornal da USP*, 11 dez. 2024. Disponível em: <https://jornalusp.br/artigos/a-digitalizacao-da-leitura-e-o-consumo-de-informacoes/>. Acesso em: 9 maio 2025.
- JOBST, Nina. Webtoon industry in South Korea – statistics & facts. *Statista*, 27 Nov. 2024. Disponível em: <https://www.statista.com/topics/8434/webtoon-industry-in-south-korea/#topicOverview>. Acesso em: 6 maio 2025.
- KAIWEI, Zhang (ed.). *Digital book readership in China reaches 530 mln in 2022: report*. *People's Daily Online*, 25 Apr. 2023. Disponível em: <https://en.people.cn/n3/2023/0425/c90000-20011102.html>. Acesso em: 9 maio 2025.
- MONTGOMERY, David. 54% of Americans read a book this year. *YouGov*, 21 Dec. 2023. Disponível em: <https://todayyougov.com/entertainment/articles/48239-54-percent-of-americans-read-a-book-this-year>. Acesso em: 9 maio 2025.
- VIDAL, Iara. *China vivencia uma revolução da leitura*. Revista Fórum, 14 ago. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/chinaemfoco/2023/8/14/china-vivencia-uma-revolucao-da-leitura-142240.html>. Acesso em: 9 maio 2025.
- XINHUA. *Leitores online da China ultrapassam 530 milhões, diz relatório*. Xinhua Português, 28 fev. 2024. Disponível em: <https://portuguese.news.cn/20240228/78b1cc9665e5460ea8d1d2968e5bb31/c.html>. Acesso em: 9 maio 2025.
- XINHUA. *Taxa de alfabetização funcional no Brasil é de 81%, aponta pesquisa*. Xinhua Português, 28 fev. 2024. Disponível em: <https://portuguese.news.cn/20240228/78b1cc9665e5460ea8d1d2968e5bb311/c.html>. Acesso em: 9 maio 2025.



Acesso aos livros

em bibliotecas, feiras e livrarias
para a construção de uma
sociedade leitora



10. Bibliotecas além dos estereótipos: lugares de leitura, cultura e transformação social

Jorge Moisés Kroll do Prado

Ao se falar de bibliotecas ou da atuação de bibliotecários, há uma percepção imaginária e cultural bastante arraigada em torno desses termos. Se considerarmos que a linguagem essencialmente moldou ao longo da História as sociedades e suas estruturas políticas, econômicas e tecnológicas, pode ser evidente que o senso comum acabe tomando um significativo espaço.

É senso comum que as bibliotecas são espaços que abrigam livros, geralmente associados às atividades de estudo e leitura, nos quais se preserva a produção cultural e intelectual. Atualmente, enquanto professor de Biblioteconomia, mas ainda mesmo durante minha formação como bibliotecário, um dos ensinamentos mais comuns de se ouvir é justamente sobre a composição etimológica da palavra "biblioteca". Quero começar este texto a partir deste ponto para que possamos refletir sobre os dados que a 6^a edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* trouxe.

Há várias opções teóricas e didáticas para se ensinar qualquer assunto. Todas são válidas e não se esgotam em si mesmas. Para explicar o que é biblioteca, um dos caminhos mais tradicionais é recorrer à origem do termo, a partir da seguinte formulação vinda do grego: *biblion*, significando "livro", e *theca*, como "caixa" ou "depósito". Diga-se de passagem, algo não muito convidativo nem dinâmico. O que esperar deste ponto de partida, que por gerações tem ensinado estudantes de Biblioteconomia e, consequentemente,

delineado o modo de pensar e interpretar de sociedades ao longo da História sobre o que é biblioteca?

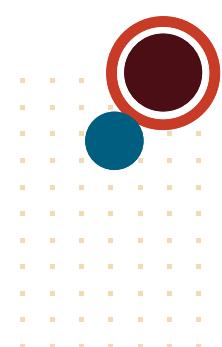
Como um contraponto a essa proposta, encontrei na obra do bibliotecário Richard Ovenden *Queimando livros: uma história sobre o ataque ao conhecimento* (publicado pela Globo Livros em 2022) a menção de que “biblioteca” seria um termo oriundo da região de Biblos, no antigo Egito. Dessa cidade, partiam os rolos de papiro para a Grécia, movimentando a riqueza da comunidade.

Qual seria nosso imaginário e nossa compreensão de biblioteca se a entendêssemos, desde o princípio, como um espaço que amplia as riquezas de suas comunidades? Riquezas intelectuais, culturais, morais, cidadãs, igualitárias, críticas e de acesso à informação.

Ao nos deparamos com os dados encontrados na 6^a edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, desponta como um dos destaques o dado de que há quase menos 7 milhões de leitores em comparação a 2019. Isso se dilui entre todas as classes sociais e faixas etárias. Mas como se dá essa análise quando a menção se trata das bibliotecas? Discutirei a partir da perspectiva do que poderíamos chamar de “3 As”: o acesso, o acervo e as ações.

Sobre o **acesso**, as bibliotecas em geral, independentemente de sua tipologia, ocupam o terceiro lugar entre os espaços onde se costuma ler livros. Destas, as universitárias estão entre as mais utilizadas (11%), seguidas das públicas (4%) e das comunitárias (2%). Não há surpresa em relação aos dados sobre as bibliotecas universitárias, visto que são as que mais recebem recursos entre as demais, estando mais bem munidas de equipes, de infraestruturas (tecnológica e predial) e de acervos. Sua gestão é sistêmica nas universidades, e, mesmo que descentralizada, existe uma coordenação central que estabelece parâmetros, padrões e formas de aquisição. Também se destaca a ação de avaliação do MEC que incluiu as bibliotecas como um dos elementos estruturantes da universidade.

O que é lastimável, no entanto, é a falta de menção às bibliotecas escolares, que deveriam ser consideradas como responsáveis pelo primeiro acesso à leitura da maioria das pessoas. De todo modo,



Desponta como um dos destaques o dado de que há quase menos

7 milhões
de leitores em comparação a 2019.

isso também não é surpresa, conforme dados do Censo Escolar de 2022, que indicam que somente 31% das escolas públicas possuem bibliotecas. É um dado bastante generalista, que provavelmente coloca, de maneira equivocada, as salas de leitura como sinônimo de biblioteca, sendo ambas com a ausência de bibliotecários.

Quando o público respondente da pesquisa foi questionado sobre as razões para não ler mais, a ausência de bibliotecas próximas surgiu como o quinto motivo mais mencionado (9% para estudantes e 6% para não estudantes). Há um fator cultural e um fator político por trás disso.



Há quinze anos, quando ingresssei no curso de Biblioteconomia, tal como muitos, imaginei que teria disciplinas dedicadas à promoção da leitura, que estudaríamos literaturas e que nos debruçaríamos em análises profundas do que líamos.

O fator cultural acompanha o que Carrión e Caine¹, em seus últimos livros, destacam quanto ao impacto da tecnologia no consumo de livros, em especial a compra em livrarias. O rápido acesso, legal ou ilegal, a diferentes textos e mídias, ilustra um aspecto de acomodação, em que os indivíduos colocam a distância como um fator impeditivo para socializações e acesso aos livros. Já o fator político reflete a ausência ou desmantelamento de políticas públicas voltadas às bibliotecas. Somente entre as bibliotecas públicas, segundo o Sistema Nacional, o número diminuiu. Sabemos que esse dado é discutível e não reflete a realidade, visto que advém de um mapeamento frágil, mas podemos afirmar que estamos longe de ter os investimentos necessários para o fortalecimento da rede de bibliotecas públicas.

Ainda no que tange ao acesso, a pesquisa indica que os livros emprestados em bibliotecas escolares foram a terceira opção (16%) e os emprestados em bibliotecas públicas ou comunitárias apareceram como a sexta opção (5%) mais mencionada como a principal forma de acesso ao livro. Isso não significa, no entanto, acesso a um acervo crítica e tecnicamente desenvolvido, visto ser comum essas bibliotecas dependerem de doações ou realizarem esforços hercúleos para a

¹ Jorge Carrión publicou em 2020 a obra *Contra a Amazon e outros ensaios sobre a humanidade dos livros* e Danny Caine, em 2023, *Como resistir à Amazon e por quê*, ambos pela Editora Elefante.

aquisição de obras mais recentes ou que atendam às necessidades informacionais de suas comunidades.

Ao falarmos do segundo "A", de **acervo**, a *Retratos da Leitura no Brasil* não chega a questionar a percepção do público sobre a qualidade das coleções que constituem as bibliotecas que frequentam. No entanto, podem ser elencados alguns dados interessantes que circundam esse aspecto.

Já observamos que o empréstimo em bibliotecas escolares, públicas e comunitárias foi mencionado como um dos principais modos de "aquisição"² do último livro que leu e que isso não significa um acervo de qualidade. O acervo precisa contemplar as diferentes formas de leitura, indo muito além da obra impressa ou digital. A concepção contemporânea de biblioteca deve extrapolar a visão limitante dedicada às estantes reais ou digitais e conceber fontes informacionais que fortaleçam não somente a leitura por entretenimento ou formação, mas a leitura de mundo, a leitura construtora de cidadania.

Quanto mais longevas as faixas etárias, menor é o acesso desse público às bibliotecas. Depois dos 40 anos, a pesquisa indicou que não há nenhum percentual acima de 5% entre os respondentes que utilizam bibliotecas. E aqui, acredito, não se trata de uma responsabilidade do acervo somente, mas sim do ideário em torno da biblioteca. Se fosse um problema de acervo, seria algo mais simples de se resolver.

E, por fim, temos o terceiro e último "A" da análise deste capítulo; o das "**ações**". É o mais importante dos três, pois é aquele que melhor ressignifica e reimagina o que é uma biblioteca.

Há quinze anos, quando ingressei no curso de Biblioteconomia, tal como muitos, imaginei que teria disciplinas dedicadas à promoção da leitura, que estudaríamos literaturas e que nos debruçaríamos em análises profundas do que líamos. O panorama foi o contrário e reflete o contexto formativo dos bibliotecários no país. Dos 55 cursos de Biblioteconomia existentes no Brasil, que juntos somam 1.521 disciplinas obrigatórias em seus projetos político-pedagógicos, somente 17 delas são dedicadas aos estudos da leitura

² Termo utilizado pela pesquisa.

ou para a formação de leitores³. Essa ineficiente formação irá se refletir nas ações ou na ausência delas.

Em 2024, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* colocou "Bibliotecário ou atendente de biblioteca" como uma das opções de resposta à pergunta "Pessoas que influenciam o gosto pela leitura". O número de respondentes foi zero. O dado só se altera quando a análise é feita entre estudantes e não estudantes (1% dos estudantes mencionou bibliotecários) e a faixa etária (1% das crianças de 11 a 13 anos foram influenciadas pelos profissionais).

Há várias justificativas para tal, desde a ausência dos profissionais nas escolas até as míseras equipes que precisam lidar com inúmeras atividades além da promoção da leitura, a falta de recursos e, claro, a questão formativa apontada acima. Antes de formar leitores, é necessário ser leitor e reconhecer os diferentes estágios de formação das crianças, da formação continuada dos indivíduos, da leitura crítica e das ações decorrentes dessas leituras. É necessário, ainda, reconhecer as técnicas e ferramentas que extrapolam a "leitura comum", que se limita ao livro, e expandam o seu significado.

Sobre a representação da biblioteca, os respondentes da pesquisa afirmaram em grande parte que se trata de um lugar para pesquisar ou estudar (59%). Outras opções tradicionais foram mencionadas, como um espaço para empréstimo de livros (18%), para lazer ou passar o tempo (13%), consultar documentos (4%) e acessar a internet (2%), entre outros.

A opção mais interessante de todas, no entanto, foi a de a biblioteca ser entendida por esse público como um lugar de convivência da comunidade (7%). É aqui que se encontra a centralidade das ações de uma biblioteca, que vão além do seu acervo. Para que haja essa convivência, é necessário que a biblioteca reconheça as demandas e atue estrategicamente para atendê-las. Isso ressignifica também o diálogo entre biblioteca, leitura e leitores.

Ao longo de suas páginas, em uma leitura atenta do relatório da pesquisa, podemos elucidar inúmeras práticas ou não de leitura que poderiam ampliar a atuação da biblioteca nesse sentido de convivência. Um desses exemplos são os meios de leitura que não sejam

³ Dados do projeto de pesquisa em andamento "Mercado editorial da Biblioteconomia brasileira", sob coordenação do autor.

os livros apontados pelos respondentes, como as mídias sociais (22%), blogs (8%), sites de internet (23%) e até mesmo WhatsApp (21%). As bibliotecas devem usufruir desses dados e convertê-los em ações que também fortaleçam essas práticas.

As bibliotecas são os espaços mais dignos e possibilidadores do acesso à informação e à leitura. Precisam ser reconhecidas pelo governo e pelo mercado como o primeiro espaço e, na maioria das vezes, o espaço contínuo que vai garantir, especialmente às classes sociais baixas e médias, uma vida mais digna. São as bibliotecas os espaços legítimos para garantir o direito fundamental de acesso à informação (como prerrogativa da Declaração Universal dos Direitos Humanos) e à literatura (como defendido por Antonio Candido). Entidades como a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (Febab) e outros coletivos no país tem sido, no entanto, os atores que buscam trabalhar por esse fortalecimento.

Enquanto aguardamos por uma nova edição da *Retratos da Leitura no Brasil*, que exercitemos um esforço e uma postura ativa de reimaginação das bibliotecas, para que tenhamos mais leitores. É neste exercício que se reafirma a tríade do acesso (bibliotecas acessíveis em todos os sentidos, participativas, democráticas e cidadãs), do acervo (que reflete as comunidades, que seja crítico, que seja coletivamente construído) e das ações (promovendo e fortalecendo a cidadania, possibilitando as leituras de livros e de mundo, dando uma visibilidade dinamizadora da economia criativa e intelectual das comunidades). O resultado pode nos levar a uma riqueza como a de Biblos, aqui não meramente econômica, mas de espírito crítico, intelectual e de concórdia social.

Jorge Moisés Kroll do Prado

É professor da Universidade de São Paulo, junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, e Presidente (2020-2023 e 2023-2026) da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições. Bibliotecário por formação (Udesc), mestre em Gestão da Informação (Udesc) e doutor em Ciência da Informação (UFSC).



11. A expansão da demanda por livro passa por um projeto de país

Mariana Bueno

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* aponta que 47% da população brasileira é leitora. É a primeira vez que esse percentual fica abaixo dos 50%. Quando comparado a 2015, ano em que o país alcançou o patamar mais alto da série, com 56% de leitores na população, essa redução significa uma queda de 11,3 milhões de brasileiros leitores. A pesquisa também revela que a principal forma de acesso ao livro é a compra: 47% da população afirmou ter adquirido ao menos um livro. O livro presenteado é a segunda forma de aquisição mais mencionada, apontada por 22% dos entrevistados. É intuitivo presumir que um presente foi comprado. Somando os dois resultados, esse percentual é de 69%.

Assim como a pesquisa *Panorama do Consumo de Livros* (PCL), realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Nielsen BookData, a *Retratos* indica que cerca de 80% da população do país não é consumidora de livros. Para a indústria do livro, leitor é demanda e, portanto, uma redução da população leitora é um sinal de alerta para o setor, que já enfrenta uma demanda bastante limitada.

Deste modo, o mercado do livro tem uma escolha a ser feita: elaborar uma estratégia pensando única e exclusivamente na manutenção da demanda já existente ou, alternativamente, conceber novas estratégias que promovam o crescimento da demanda por livros.

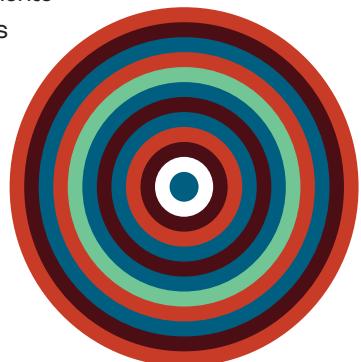
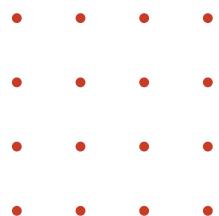
Em outras palavras, o setor editorial pode optar por atender aos cerca de 20% da população que já é consumidora, ficando à

mercê de uma demanda enxuta e que, em grande parte, enfrenta barreiras sociais e econômicas para acessar os livros. Isso ocorre em um contexto no qual o setor já enfrenta desafios significativos, seja pelo aumento do uso de redes sociais e serviços de *streaming*, que fazem com que as pessoas dividam o tempo livre de maneira diferente; seja pelas dificuldades em expandir o número de exemplares vendidos ou recuperar o preço do livro, que, segundo a pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*, sofreu uma redução em termos reais de 36% nos últimos 18 anos.

Por outro lado, o setor pode pensar na expansão desta demanda, e na transformação desse cenário. Para isso, duas questões devem ser respondidas: uma de curto prazo e outra de longo prazo.

A primeira questão é como alcançar uma demanda que está reprimida, que existe, mas não se realiza. Esse grupo é formado por indivíduos que não enfrentam nenhuma restrição estrutural, como renda, fluência de leitura ou outro fator que impeça a leitura e aquisição de um livro. São pessoas que leram, mas não compraram, que baixaram livros da internet, os pegaram emprestados em bibliotecas, com amigos ou familiares. São indivíduos que possuem capacidade leitora, mas não têm o hábito de leitura porque preenchem o tempo livre com outras atividades, ou ainda aqueles que não têm ponto de venda de livro próximo. A PCL mostrou que 28% dos consumidores de livros estão na Região Nordeste e, segundo o Anuário Nacional de Livrarias (ANL), essa região conta com apenas 11% das livrarias do país. Esse percentual é inferior ao da região Sul, que possui cerca de 20 milhões de habitantes a menos que o Nordeste, mas conta com 19% das livrarias do país. Além disso, segundo a *Retratos* e a PCL, em termos absolutos, a maioria dos leitores e consumidores está na classe C, população que geralmente vive nos bairros mais afastados e periféricos das grandes cidades, diferentemente das livrarias, que na sua grande maioria estão localizadas nas regiões mais nobres. A PCL também mostra que o Nordeste concentra a maior parte da população que afirmou não ter comprado ao menos um livro nos últimos 12 meses, por falta de livrarias próximas.

A segunda questão é referente à restrição estrutural da demanda por livros. Esse grupo é



formado por indivíduos que enfrentam alguma restrição estrutural que impede a realização dessa demanda, seja porque possuem renda familiar muito baixa ou por falta de capacidade leitora. São leitores das classes mais baixas, que acabam consumindo pouco ou nenhum livro por conta de uma restrição orçamentária. Ainda que os indicadores econômicos recentes apontem uma significativa redução da taxa de desemprego e um aumento da massa salarial, a renda média do brasileiro permanece muito baixa, afetando o consumo das famílias.

Os indicadores econômicos recentes apontem uma significativa redução da taxa de desemprego e um aumento da massa salarial, a renda média do brasileiro permanece muito baixa, afetando o consumo das famílias.

Além disso, uma outra dimensão neste sentido deve ser abordada: há uma questão de gênero que perpassa a leitura e o consumo de livros. A *Retratos* indica que as mulheres representam 51% da população e, de acordo com a PCL, elas correspondem a 61% dos consumidores de livros. A *Retratos* também aponta que as pessoas que mais influenciaram o gosto pela leitura foram as mães (ou responsáveis do sexo feminino) ou algum professor, profissão majoritariamente exercida por mulheres. Segundo o estudo *Education at a Glance*, realizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil se destaca negativamente por oferecer um dos menores salários aos professores e realizar um dos menores investimentos por aluno entre os países analisados. Segundo a PCL, o percentual de mulheres é ainda maior entre aqueles que consomem mais de dez livros por ano, 62% contra 38% de homens. As mulheres são a maioria da base da pirâmide econômica e social e, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), as mulheres ganham 76% da remuneração dos homens. Há, portanto, uma relação entre gênero e renda, e pensar numa expansão da demanda por livros implica também ter este fator no horizonte.

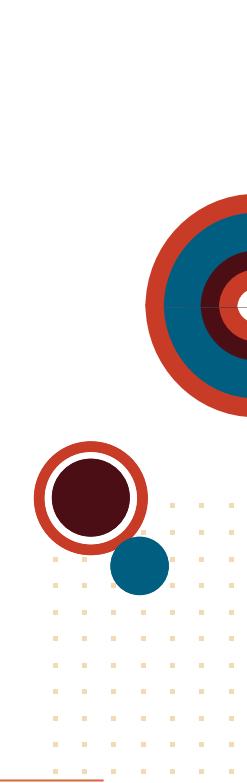
Em relação aos indivíduos que têm baixa ou nenhuma capacidade leitora, a última edição do Program for International Student Assessment (PISA), também realizado pela OCDE, apontou que o Brasil ficou em 57º lugar na categoria proficiência em leitura, num ranking composto por 77 países. O documento aponta também



que cerca de metade dos estudantes do país não alcançou o nível básico desta mesma categoria. O *World Development Report*, relatório produzido pelo Banco Mundial em 2018¹, mostrou que, mantidas as condições atuais, os estudantes brasileiros levarão 260 anos para atingir o mesmo nível de proficiência em leitura que a média detectada pela OCDE. O INAF, relatório produzido pelo Instituto Paulo Montenegro sobre analfabetismo funcional, apontou um decréscimo do número de analfabetos no país, contudo, a mobilidade foi da base para o meio da pirâmide, sem alteração no topo. Em 2018 o percentual da população com total capacidade leitora permaneceu em 12%, o mesmo de 2002/2003. Não há como pensar numa expansão da demanda por livros sem transformar essa realidade.

Neste sentido, no curto prazo, trata-se de alcançar a demanda reprimida. Os dados indicam que parte da população lê, mas não compra livros. Para isso, é preciso ultrapassar as fronteiras que hoje estão estabelecidas. É essencial combater a pirataria e conscientizar a população sobre suas implicações em toda a cadeia produtiva do livro, que afetam diretamente os trabalhadores do setor. É necessário pensar na abertura de novos pontos de vendas, fora do eixo Rio-São Paulo ou em bairros menos abastados. É fundamental tratar o livro como a mercadoria popular que ele realmente é.

No longo prazo, trata-se de ultrapassar barreiras estruturais, o que implica em transformações mais profundas. Trata-se de uma política de Estado, não de governo, capaz de alavancar esses indicadores econômicos, sociais e educacionais. Trata-se de um projeto de país. Não há como pensar num projeto de desenvolvimento desconsiderando esses indicadores, sem a ampliação dos investimentos diretos e indiretos na educação. Nesse sentido, não há educador ou linguista no mundo que negue o papel central do livro na aquisição da proficiência linguística e da capacidade leitora. Esses avanços também estão diretamente ligados ao desenvolvimento



A expansão da demanda por livros está intrinsecamente vinculada à formação de uma sociedade leitora.

¹ WORLD BANK. World Development Report 2018: Learning to Realize Education's Promise. Washington, DC: World Bank, 2018. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/publication/wdr2018>. Acesso em: 10 maio 2025.

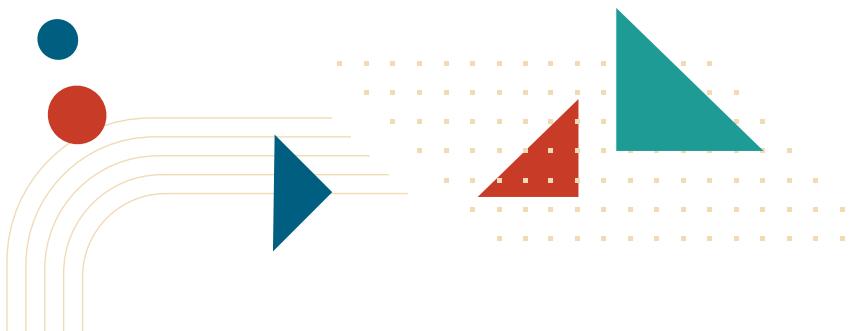
socioeconômico, uma vez que os índices educacionais são determinantes na avaliação do grau de desenvolvimento dos países, focando na capacidade de leitura e no grau de letramento da população. Além disso, o número de alunos matriculados deixou de ser uma medida confiável à medida que os países em desenvolvimento ampliaram o acesso à escola. As implicações macroeconômicas são evidentes: o que está em jogo é, por exemplo, o montante e a qualidade do investimento direto externo realizado, considerando que esses investimentos levam em conta a capacitação da força de trabalho e a qualidade do trabalho no país.

Neste sentido, a expansão da demanda por livros está intrinsecamente vinculada à formação de uma sociedade leitora. Para que tal sociedade se estabeleça, torna-se imprescindível a implementação de políticas públicas que garantam não apenas o acesso aos livros, mas também capacitem os indivíduos para a leitura e, além disso, promovam o hábito de ler.

A redução do número de leitores implica na redução da demanda por livro. Ampliar a demanda por livro passa, necessariamente, pela transformação do país. Parafraseando Sérgio Vaz, "sagrado não é quem escreve, sagrado é quem lê".

Mariana Bueno

É economista formada pela PUC-SP e possui MBA em Inteligência Estratégica, Competitiva e Econômica pela FIPE-USP. É coordenadora de pesquisas econômicas e setoriais da Nielsen BookData. Possui mais de 20 anos de experiência em pesquisa econômica, sendo 16 deles voltados para a cadeia produtiva do livro. Nos últimos anos vem se dedicando a estudar o desempenho do mercado editorial brasileiro e de outros países e suas relações e impactos com indicadores econômicos e sociais.



12. A crise da leitura: desafios e oportunidades para as livrarias brasileiras

Alexandre Martins Fontes

A 6^a edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, divulgada em novembro de 2024, mostra que 7 milhões de leitores brasileiros sumiram do mapa nos últimos cinco anos. Pela primeira vez na história recente do país, há mais não leitores do que leitores.

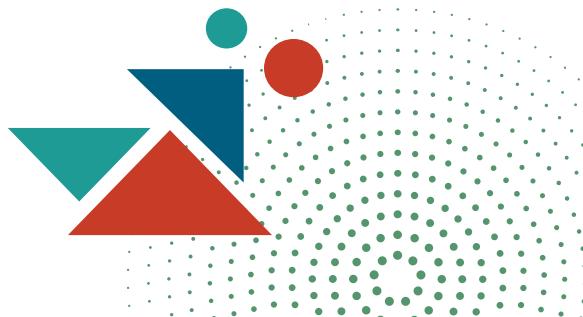
Infelizmente, a crise da leitura não é uma exclusividade brasileira. Reproduzo aqui um trecho de uma reportagem recente da revista inglesa *The Bookseller*¹:

"No relatório mais recente do *National Literacy Trust*, 34,6% dos jovens de 8 a 18 anos disseram que gostam de ler em seu tempo livre - o nível mais baixo desde que a NLT iniciou sua pesquisa anual há duas décadas. A frequência de leitura está em baixa, com apenas 29% das crianças em idade escolar primária (5 a 10 anos) relatando que leem em seu tempo livre; esse percentual cai para menos de 20% no início do ensino médio (11 a 14 anos). Estudo após estudo internacional vê a tendência de queda refletida em todo o mundo."

Trata-se de uma crise semelhante à crise climática. O mundo como um todo, e particularmente a indústria editorial, precisa encontrar saídas para esse gravíssimo problema.

O que está por trás dessa triste realidade? O que fazer para reverter esse quadro? Mais precisamente, quais são os desafios e as oportunidades das livrarias brasileiras num cenário tão inquietante e desafiador?

¹ WOOD, Heloise. Children's reading rates plummet to lowest since records began, National Literacy Trust data shows. *The Bookseller*, 5 Nov. 2024. Disponível em: <https://www.thebookseller.com/news/childrens-reading-rates-plummet-to-lowest-since-records-began-national-literacy-trust-data-shows>. Acesso em: 25 abr. 2025.



Pretendo aqui me concentrar nessa última pergunta e tentar atender ao gentil convite que recebi da Zoara Failla, coordenadora da 6ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* e desse importante projeto editorial.

O que fazer para que o Brasil tenha mais leitores e mais livrarias?

Gosto de citar uma frase de Neil Gaiman, renomado autor inglês: "Uma cidade sem livrarias pode até se considerar uma cidade, mas ela sabe que não está enganando ninguém".

Infelizmente, são muitas as cidades brasileiras sem livrarias. E, se não tomarmos cuidado, essa situação só tenderá a piorar: lentamente, perderemos as poucas livrarias que ainda sobrevivem em nossas ruas e bairros.

Ninguém questiona a magia e a fundamental importância dos livros e da leitura. Mas onde começa essa magia? Tudo começa na livraria!

É ali, naquele ambiente de troca de ideias, de busca pelo conhecimento, cercadas por incontáveis histórias e um mundo infinito de possibilidades, que as pessoas descobrem os livros. Livros que depois serão divulgados nos jornais ou nas mídias sociais, que serão debatidos em salas de aula ou indicados num almoço com os amigos, que serão adaptados para séries e filmes... É graças ao trabalho das livrarias que essas portas se abrem na vida de milhões de pessoas, todos os dias.

Como editor e livreiro, estou convencido do papel mais do que fundamental das livrarias. Por isso mesmo, não tenho poupado tempo ou energia para apontar para as pessoas, e, em especial, para nossa classe política, os desafios enfrentados pelo setor livreiro nacional.

Nos últimos anos, testemunhamos o desaparecimento de três das mais importantes redes de livrarias do país: Cultura, Saraiva e FNAC. A primeira, uma livraria com mais de 70 anos de história; a segunda, uma empresa centenária, com lojas espalhadas em dezenas de cidades brasileiras; a terceira, uma multinacional que dispensa apresentações. No ano passado, lamentamos o fechamento da Livraria Malasartes, no Rio de Janeiro, e da Livraria Mandarina, em São Paulo. A lista de livrarias que perdemos nos últimos 10 anos é extensa e preocupante. Se levarmos em consideração somente as

três grandes redes (Saraiva, Cultura e FNAC), o Brasil perdeu mais de 130 mil metros quadrados de livrarias.

Não nos iludamos: o menor número de livrarias nas ruas de nossas cidades vem contribuindo para as quedas nos índices de leitura no Brasil.

Infelizmente, até agora, temos vivido num país que vem assistindo calado à lenta destruição do ecossistema do livro.

Neste ponto, é inevitável falarmos sobre a mobilização da indústria editorial brasileira pela aprovação do PLS 49/2015 (a Lei Cortez), na minha opinião, a luta mais importante do nosso seguimento.

O debate sobre a Lei Cortez nunca esteve tão intenso, tão presente e tão urgente. Mas, afinal, o que é a Lei Cortez e o que ela pretende estabelecer?

O objetivo da Lei Cortez é criar um mercado mais justo e mais equilibrado para toda a cadeia livreira do país, impedindo que grandes empresas usem descontos agressivos como estratégia para eliminar a concorrência.

Em poucas palavras, a Lei Cortez estabelece que, nos primeiros 12 meses após o lançamento de um livro, as livrarias – físicas ou virtuais – não poderão oferecer descontos superiores a 10%, calculados a partir do preço de capa estabelecido pela editora. Uma vez que a restrição proposta se aplica apenas aos lançamentos, cerca de 95% dos títulos disponíveis no mercado continuarão a ser vendidos sem qualquer restrição de desconto. No entanto, os 5% restantes farão toda a diferença para a saúde financeira das livrarias e do mercado editorial como um todo.

Faço aqui uma pausa para uma breve síntese das práticas comerciais do mercado editorial: no mundo inteiro, a editora responsável pela publicação de uma obra literária (o livro) é também responsável por estabelecer o preço de revenda para o consumidor final (preço de capa). Uma vez que os preços de capa estejam estabelecidos, a editora disponibiliza suas obras para as livrarias com um desconto acordado entre as partes (preço líquido). A diferença entre o preço de capa (preço de revenda para o consumidor final) e o preço líquido (valor acordado entre a livraria e a editora) constitui a margem que uma livraria tem para pagar suas despesas e seus investimentos como aluguel, folha de pagamento, impostos,

benfeitorias e marketing. Sem essa margem, nenhuma livraria, independentemente do tamanho, da localização, ou da especialização, terá oxigênio para funcionar.

Uma vez aprovada, a Lei Cortez beneficiará não apenas a cadeia do livro, mas a sociedade de um modo geral. Ao impedir a concorrência predatória e garantir a sobrevivência e a sustentabilidade do setor, autores e editoras se beneficiarão de um ecossistema saudável, com mais pontos de venda e maior diversidade de títulos. Os leitores também sairão ganhando, pois a lei contribuirá para a bibliodiversidade, evitando que apenas os livros mais comerciais dominem o mercado.

Brasileiros que visitam a Argentina e a França voltam de Buenos Aires e de Paris maravilhados com suas livrarias e seus cafés, abarrotados de crianças, de jovens, homens e mulheres de todas as idades. E, como Descartes, logo pensam: ao contrário de nós brasileiros, argentinos e franceses cultuam o livro, a leitura, a literatura e as livrarias.

O que a maioria dos brasileiros não sabe é que Argentina e França, assim como Portugal, México, Espanha, Japão, Alemanha, Coreia do Sul, Itália, entre outros, possuem, há décadas, leis que defendem e protegem a atividade livreira. Sem essas leis, as Saraivas, Culturas, Mandarinas e Malasartes desses países também estariam enfrentando enormes dificuldades.

O Brasil precisa se unir, o mais rapidamente possível, aos países que reconhecem a importância fundamental do livro e da leitura e que não medem esforços para proteger o ecossistema literário.

Sem uma lei que atue a favor da atividade livreira e combatá a concorrência predatória, estamos assistindo à criação de um monopólio no setor – monopólio que leva inevitavelmente à destruição do mercado.

Esse, aliás, não é somente um fenômeno exclusivo do nosso país. Essa triste realidade vem sendo verificada também nos Estados Unidos, na Inglaterra e em países onde não existem regras que impeçam a criação de monopólios no setor.

Faço aqui uma rápida comparação entre dois países ricos: Estados Unidos e Alemanha. Nos Estados Unidos, onde não há uma lei a favor da atividade livreira, a Amazon representa mais de 50% do mercado editorial, enquanto as livrarias independentes do país vêm lentamente fechando suas portas. Na Alemanha, onde, há décadas,

vigora uma lei que impede a concorrência predatória, a Amazon representa somente 18% do mercado livreiro. Em outras palavras, na Alemanha, 82% dos leitores optam por comprar seus livros diretamente das livrarias. Não por acaso, o índice de leitura na Alemanha está entre os maiores do mundo e sua indústria livreira é poderosíssima.

Afinal, a quem interessa um país sem livrarias, sem editoras e sem bibliodiversidade? A quem interessa um monopólio no setor editorial?

Muita gente aponta que o livro no Brasil é caro. Independentemente do preço, é importante dizer que nos países onde existe um monopólio, os preços dos livros são necessariamente mais caros. Inúmeros estudos internacionais apontam que os preços dos livros são sensivelmente mais baixos naqueles países onde existem leis que se posicionam a favor de uma concorrência saudável entre livrarias. Quando o assunto é cultura, nenhum monopólio deveria ser tolerado.

Todos sabemos que a Lei Cortez não é o fim de uma jornada, mas ela representa um passo importante para proteger o futuro do setor livreiro e democratizar o acesso à leitura.

Diversas pesquisas demonstram que crianças que leem apresentam melhor desempenho na escola e na vida. Recentemente, ao comentar sobre os benefícios da leitura, o autor inglês Frank Cottrell-Boyce acertou na mosca: para ele, a leitura é “um privilégio invisível”.

Um dos maiores desafios que enfrentamos como nação é criar condições para que os brasileiros tenham maior acesso a esse “privilegio invisível”.

São muitos os caminhos para que cheguemos lá. Minha contribuição tem sido trabalhar intensamente para que o Brasil conte com mais livrarias nas ruas e nos bairros das suas cidades.

Viva o livro!

Vida longa às livrarias brasileiras!

Alexandre Martins Fontes

É diretor executivo da Editora WMF Martins Fontes e da Livraria Martins Fontes Paulista. Formado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), atualmente presidente da Associação Nacional de Livrarias (ANL).



13. O livro como revolução: Bienais, feiras e o despertar cultural do Brasil

Rogério Robalinho

O cenário brasileiro da leitura e do consumo de livros revela mais do que estatísticas frias: mostra uma sociedade em permanente disputa entre seu potencial cultural latente e um preocupante distanciamento do livro como prática cotidiana. Dados recentes, revelados pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, apontam que cerca de 52% dos brasileiros declararam ter o hábito da leitura. O número médio de livros consumidos a cada trimestre – aproximadamente 2,6 livros por pessoa – confirma que, apesar dos esforços empreendidos até aqui, ainda convivemos com profundas contradições que limitam o alcance da literatura como ferramenta de transformação social e cultural.

Como coordenador da Bienal Internacional do Livro de Pernambuco há mais de três décadas, acompanhei de perto os desafios impostos por essa realidade. Vi o mercado editorial brasileiro alternar entre ciclos de crescimento promissor e períodos difíceis, marcados por crises econômicas e mudanças bruscas nos hábitos culturais da população. Mais do que testemunha, fui também um agente ativo das profundas transformações que as Bienais, como eventos estratégicos, ajudaram a impulsionar na sociedade brasileira. Hoje, posso afirmar com segurança: as Bienais e as grandes feiras literárias brasileiras representam não apenas uma oportunidade ímpar de estímulo ao consumo de livros, mas são verdadeiros motores de transformação cultural, capazes de moldar leitores, influenciar tendências literárias e redefinir o papel da literatura no Brasil.

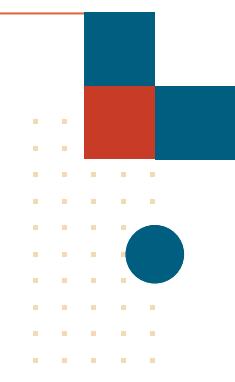


A força das Bienais reside precisamente em sua capacidade de atrair e mobilizar diferentes públicos. Pesquisas realizadas durante a Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro (2019) e a Bienal de São Paulo (2022) revelaram um perfil instigante dos visitantes desses eventos: mais de 95% deles se declararam leitores frequentes, apresentando um consumo médio de até sete livros nos três meses anteriores à pesquisa. Esses números, significativamente superiores às médias nacionais, comprovam que eventos literários desempenham papel decisivo na formação de uma comunidade leitora forte, engajada e crítica. Contudo, vão além: indicam que o público das Bienais já está predisposto a se tornar um agente multiplicador, inspirando outras pessoas em suas redes sociais e círculos de convivência a adotarem o hábito da leitura com mais frequência e profundidade.

No entanto, limitar o impacto das Bienais apenas aos leitores habituais seria ignorar talvez o maior valor social e cultural desses eventos. Ao longo das três décadas em que atuo diretamente na realização da Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, presenciei inúmeras vezes a poderosa capacidade transformadora dessas iniciativas sobre o público ocasional — aquele que, muitas vezes, frequenta uma Bienal por curiosidade ou influência externa. Esses visitantes entram em contato, talvez pela primeira vez, com um ambiente que celebra o livro como objeto central de identidade cultural. Encontram uma atmosfera vibrante, onde escritores consagrados, autores emergentes, influenciadores digitais e leitores entusiastas convivem num espaço de diálogo, descoberta e paixão genuína pela literatura. Muitos saem da Bienal transformados, tornando-se leitores frequentes e defensores da leitura em suas comunidades.

É especialmente animador perceber o impacto desses eventos no público jovem, frequentemente descrito, de forma equivocada, como distante do livro. Nas últimas edições da Bienal de Pernambuco, bem como nas maiores bienais do país, testemunhamos

Uma juventude ávida por descobrir novas vozes literárias, animada pela interação direta com seus autores favoritos e influenciada positivamente por uma nova geração de criadores de conteúdos digitais que tem no livro seu maior foco de interesse.



Eventos como a Bienal Internacional do Livro de Pernambuco possibilitam que escolas, educadores e famílias integrem crianças ao universo dos livros em um ambiente estimulante, acolhedor e convidativo.

demandar mais títulos, mais diversidade e mais representatividade no mercado editorial. Essas demandas impulsionam o mercado editorial a evoluir, democratizando a produção cultural e permitindo que editoras independentes e autores autopublicados concorram, em condições igualitárias, pela atenção de um público cada vez mais exigente e crítico.

O impacto econômico direto das Bienais também merece destaque contundente. Esses eventos representam momentos estratégicos cruciais para as editoras e autores, concentrando uma parcela significativa do faturamento anual do setor e viabilizando lançamentos importantes que definem tendências literárias e editoriais para os meses seguintes. Editoras de todos os portes – inclusive pequenos empreendimentos independentes e autores autopublicados – encontram nesses eventos uma vitrine essencial para atingir um público mais amplo, confirmando o papel das Bienais não apenas como promotoras da cultura literária, mas como essenciais fomentadoras da economia criativa do país.

Ainda mais fundamental é o papel das Bienais na formação cultural e educacional de crianças e adolescentes. Eventos como a Bienal Internacional do Livro de Pernambuco possibilitam que escolas, educadores e famílias integrem crianças ao universo dos livros em um ambiente estimulante, acolhedor e convidativo. Ao participarem dessas experiências desde cedo, milhares de

exatamente o contrário: uma juventude ávida por descobrir novas vozes literárias, animada pela interação direta com seus autores favoritos e influenciada positivamente por uma nova geração de criadores de conteúdos digitais que tem no livro seu maior foco de interesse. Jovens leitores não apenas lotam auditórios e sessões de autógrafos, como também passam a

jovens brasileiros têm sua relação com a literatura moldada de forma positiva e duradoura, consolidando hábitos que repercutirão em toda a sua trajetória escolar e profissional.

Após mais de três décadas dedicadas à produção cultural e à realização da Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, posso afirmar com convicção: as Bienais não são apenas eventos culturais importantes; são fundamentais, indispensáveis e estratégicos para a construção de uma sociedade mais crítica, educada e socialmente consciente. Sua capacidade de transformação ultrapassa os limites da cultura e toca o cerne da cidadania, da educação e do desenvolvimento nacional.

É tempo, portanto, de ampliarmos nossa compreensão sobre o papel crucial que as Bienais desempenham na consolidação do Brasil como uma nação leitora. Expandir seu alcance, diversificar seus públicos e fortalecer o impacto desses eventos é uma missão necessária e urgente. Sómente assim poderemos garantir que cada Bienal cumpra seu maior objetivo: despertar no brasileiro o amor duradouro pela leitura e pela literatura, motores fundamentais do nosso desenvolvimento social e cultural.

As Bienais não
são apenas
eventos culturais
importantes; são
fundamentais,
indispensáveis e
estratégicos para
a construção de
uma sociedade
mais crítica,
educada e
socialmente
consciente.

Rogério Robalinho

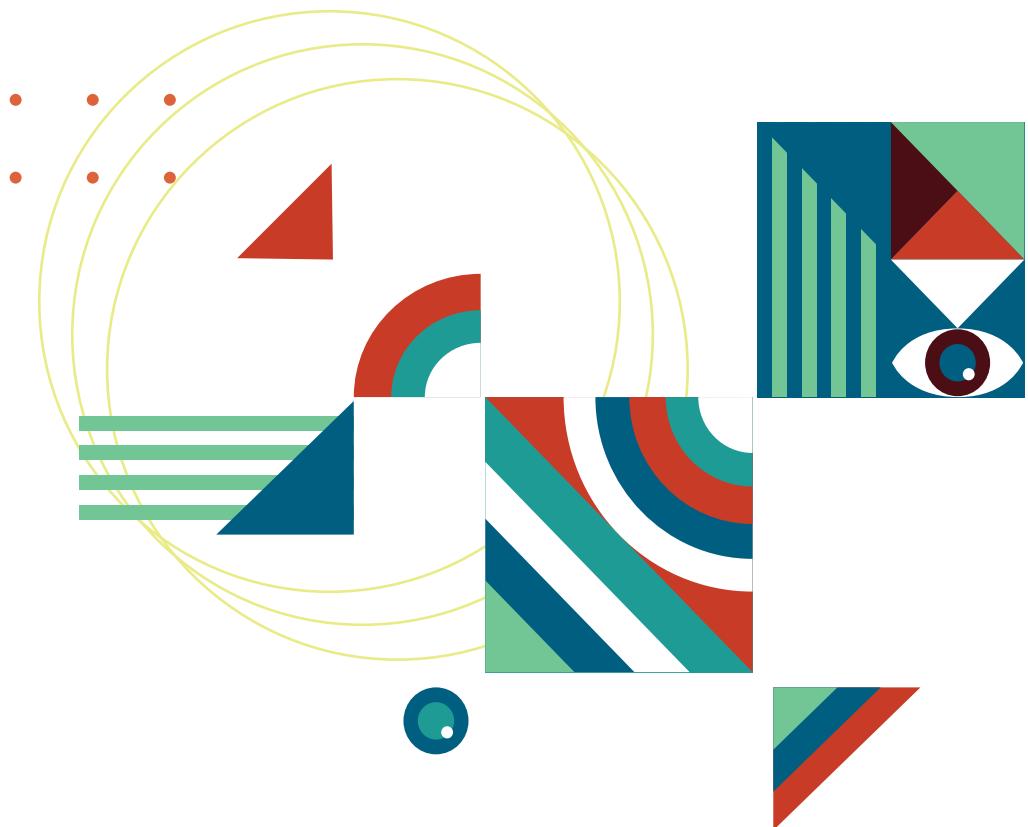
É produtor cultural, diretor da Cia de Eventos e coordenador da Bienal Internacional do Livro de Pernambuco há mais de três décadas, com reconhecida experiência em gestão de eventos culturais e literários no Brasil.

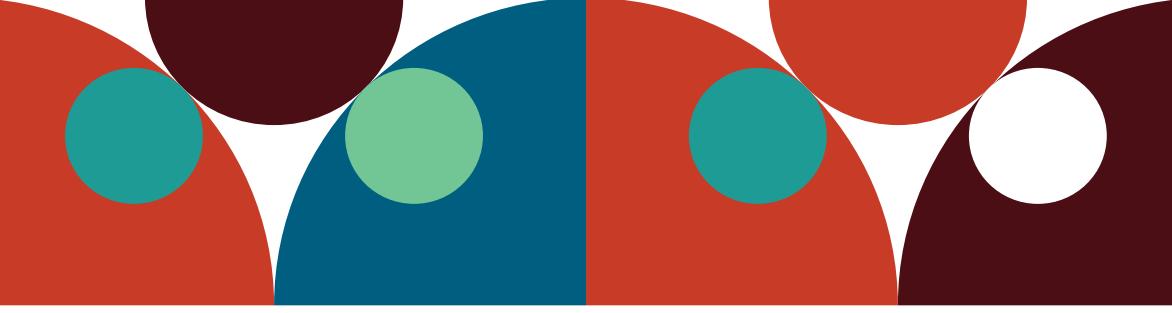
Sócio-diretor da Cia de Eventos, produtora com mais de quarenta anos de atuação na área de animação e produção cultural, sempre preocupado em dinamizar as propostas de lazer e cultura recifense. Tem contribuído para descobrir e apresentar os melhores valores de nossa cultura nacional, regional e local.

No currículo, constam turnês realizadas por todo o Norte e Nordeste com artistas como Gilberto Gil, Gal Costa, Rita Lee, Paralamas do Sucesso, João Gilberto, Tim Maia, Alceu Valença, Marisa Monte, Titãs, Cazuza, Raul Seixas

e Elba Ramalho, que já lhe credenciaram entre os melhores produtores do país. Em 2023 palestrou no Festival Literário Internacional de Paracatu (Fliparacatu) e na Festa Literária de Poços de Caldas (Flipoços), além da Bienal do Livro de São Paulo.

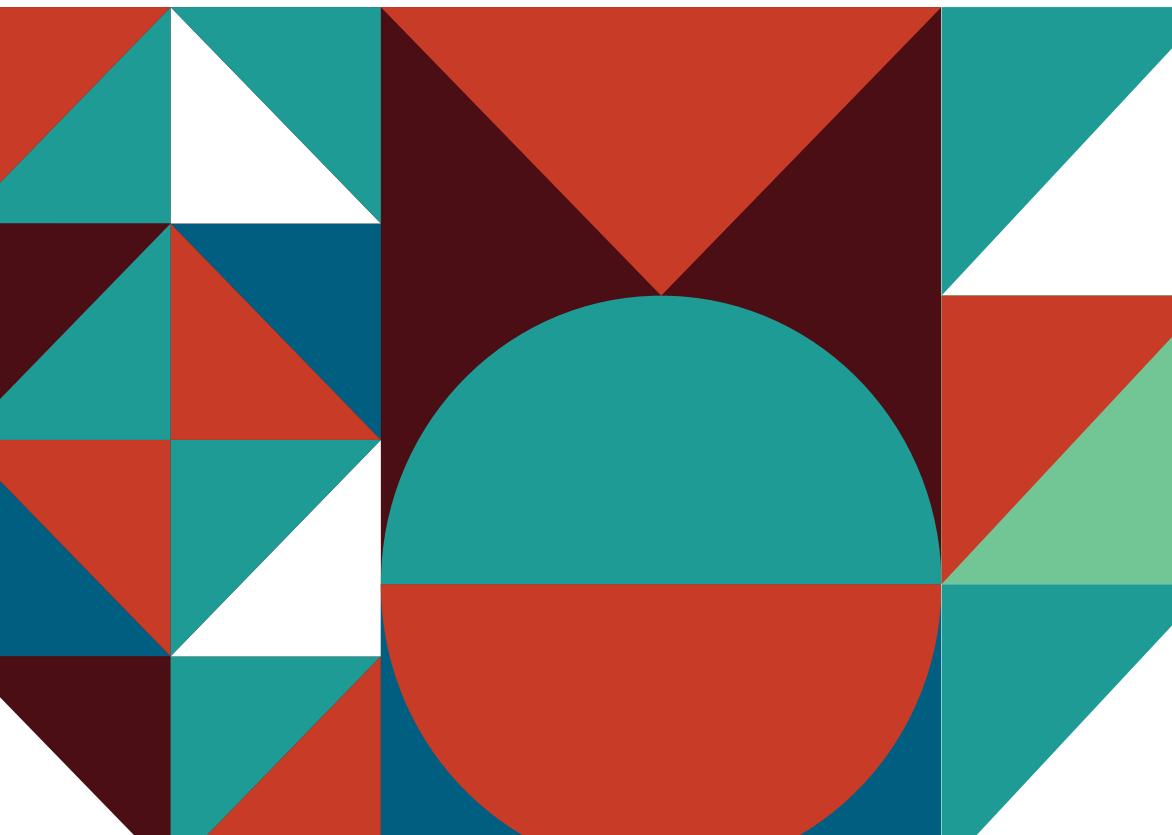
Foi responsável pela direção e produção de vários eventos de grande envergadura, como: Festival de Inverno de Garanhuns, Circuito do Frio, Carnaval do Recife, Recife Convida, Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, Bienal Geek, MPB Petrobrás, Feira do Livro do Vale do São Francisco e Expoidea, além de diversas outras realizações e articulações. Também dirigiu o espetáculo Humor na Feira, que tinha os declamadores Zelito Nunes e Eugênio Jerônimo em cena.





Como melhorar esse retrato?

A pesquisa e as
políticas públicas



14. Comparação de tendências da população leitora em alguns países ibero-americanos

Margarita Cuéllar-Barona, diretora da Cерlalc-Unesco

Tradução: Ricardo Salinas

1. Introdução

Este capítulo apresenta uma comparação descritiva de tendências em um indicador essencial para compreender as práticas de leitura e de consumo de livros: a porcentagem da população que leu ao menos um livro durante um determinado período de tempo (o último ano ou o último trimestre). Analisam-se as tendências desse indicador nas principais pesquisas de Argentina, Brasil, Colômbia, Espanha e México durante um período que abrange, aproximadamente, a última década. Seu propósito é examinar tendências compartilhadas para propor perguntas que orientem investigações posteriores de maior profundidade e diferentes metodologias, assim como fixar as bases de discussões urgentes para as políticas sindicais e públicas em torno do livro e da leitura na América Latina.

Como parte de sua missão de promover o desenvolvimento de sociedades leitoras em condições de igualdade e de justiça em toda Ibero-América, o Cерlalc promoveu metodologias para analisar o comportamento leitor, acompanhou o desenho de várias pesquisas do continente e analisou tendências tanto nas metodologias de

Como melhorar esse retrato?

estudo como nas próprias práticas leitoras. Desde 2014, com a publicação de uma nova versão da *Metodología común para examinar e medir o comportamento leitor*¹, o Cерlalc recomenda perspectivas estatísticas que deem conta da complexidade das práticas contemporâneas, reconhecendo as transformações da cultura escrita e do livro como tecnologia educativa e cultural.

A análise estatística da leitura apresenta desafios importantes. Em 2023, por solicitação do Ministro da Cultura do Peru, o Cерlalc realizou uma investigação comparativa de doze relatórios ibero-americanos — incluindo *Retratos de Leitura no Brasil* —, analisando dez dimensões das práticas leitoras, uso de bibliotecas e acesso e compra de livros². Esse estudo revelou uma grande diversidade de perspectivas metodológicas que dificulta as comparações diretas entre os relatórios. Porém, o indicador da população leitora apresenta variação menor em sua definição, facilitando a comparação de suas tendências.

Para esta análise, foram selecionadas pesquisas com ao menos três versões, uma posterior a 2020, e que permitissem isolar os indicadores por gênero e por faixa etária, como se apresenta na tabela seguinte.



¹ CЕRLALC. *Metodología común para examinar e medir o comportamento leitor*.

O encontro com o digital. Bogotá: Cерlalc, 2015. Disponível em: https://cerlalc.org/wp-content/uploads/2018/09/Metodología_comportamiento_leitor.pdf. Acesso em: 11 maio 2025.

² GONZÁLEZ, J.; PANCHE, L.; THAINE, F. Aproximación al análisis del comportamiento lector en encuestas de Iberoamérica. In: *¿Cómo son las prácticas lectoras de la población peruana?* Lima: Ministerio de Cultura del Perú, 2023. Disponível em:

<https://cerlalc.org/wp-content/uploads/2024/08/Como-son-las-practicas-lectoras-de-la-poblacion-peruana-1.pdf>. Acesso em: 11 maio 2025. p. 13-95.

Tabela 1.

Pesquisas incluídas neste estudo.

País	Pesquisa	Série histórica	Entidade responsável
Argentina	<i>Encuesta Nacional de Consumos Culturales</i> ³	2013, 2017, 2022	Secretaría de Cultura de Argentina
Brasil	<i>Retratos da Leitura</i> ⁴	(2000), (2007), 2011, 2015, 2019, 2024	Instituto Pró-Livro
Colômbia	<i>Encuesta de Consumo Cultural</i> ⁵	2010, 2012, 2014, 2016, 2017, 2020	Departamento Administrativo Nacional de Estadística
Espanha	<i>Hábitos de lectura y compra de libros en España</i> ⁶	(2000-2012), 2017-2023	Federación de Gremios de Editores de España
México	<i>Módulo sobre Lectura (MOLEC)</i> ⁷	2015-2024	Instituto Nacional de Estadística y Geografía

Entre parênteses indicam-se os anos das séries que não foram incluídos nesta comparação.

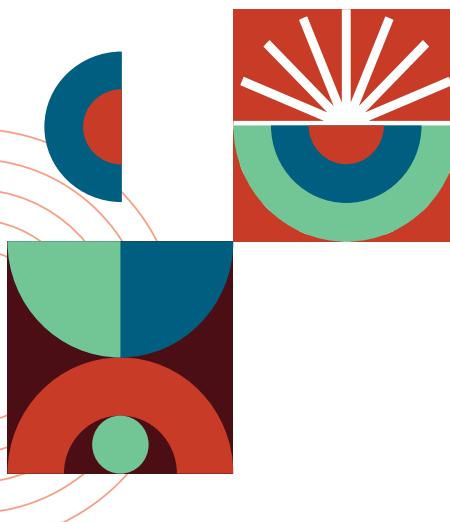
³ SISTEMA DE INFORMACIÓN CULTURAL DE LA ARGENTINA. *Encuesta Nacional de Consumos Culturales 2022*: resultados, base de datos y metodologías. Buenos Aires. Disponível em: <https://www.sinca.gob.ar/VerNoticia.aspx?Id=95>. Acesso em: 11 maio 2025.

⁴ INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Pesquisas e projetos IPL*: Pesquisa Retratos da Leitura. São Paulo. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/>. Acesso em: 11 maio 2025.

⁵ COLÔMBIA. Departamento Administrativo Nacional de Estadística. *Encuesta de consumo cultural (ECC)*. Disponível em: <https://www.dane.gov.co/index.php/estadisticas-por-tema/cultura/consumo-cultural>. Acesso em: 11 maio 2025.

⁶ FEDERACIÓN DE GREMIOS DE EDITORES DE ESPAÑA. Disponível em: <https://www.federacioneditores.org/>. Acesso em: 11 maio 2025.

⁷ INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFIA. *Módulo sobre Lectura (MOLEC)*. Disponível em: <https://www.inegi.org.mx/programas/molec/>. Acesso em: 11 maio 2025.



Como melhorar esse retrato?

Cabe assinalar as dificuldades metodológicas e estatísticas que supõe uma comparação rigorosa, devido às diferenças nos desenhos amostrais, anos de realização da pesquisa, desenhos dos formulários e, com certeza, conceitos de leitura que permeiam cada estudo. Esta análise não pretende ignorar estas dificuldades, mas somente propõe uma perspectiva geral de tendências.

2. Tendências da população leitora por país

2.1. Argentina

A média da população leitora de livros na Argentina indica que, durante o período de 2013 a 2022, 50% da população leu ao menos um livro por ano, similarmente a outros países latino-americanos analisados (56% no Brasil, 50% na Colômbia e 44% no México). De uma maneira geral, observa-se uma diminuição de 5 pontos percentuais (pp) entre 2013 e 2022, tendência compartilhada com os demais países estudados. Não obstante, o período de 2017-2022 mostra uma recuperação generalizada tanto no valor total como em quase todos os grupos.

Duas tendências se destacam no caso argentino. Primeiro, enquanto todas as faixas etárias apresentaram uma redução, o grupo de pessoas entre 12 e 17 anos cresceu 9 pp durante o período analisado. De forma reiterada, como se verá nos outros países, a parcela populacional dos adolescentes mostra percentuais muito altos, possivelmente por sua participação em uma educação secundário e fatores relacionados com práticas de leitura no tempo livre.

Segundo, a Argentina apresenta um fenômeno atípico: em 2022, a porcentagem da população de mulheres leitoras é menor que a dos homens (uma diferença de 5 pp). Este fenômeno merece uma análise considerando possíveis aumentos na carga de cuidados durante e depois da pandemia. É significativo que na década estudada a população leitora de homens tenha incrementado em 3 pp, enquanto a de mulheres leitoras tenha reduzido em 15 pp: sem dúvida, uma mudança notável.

Tabela 2.

População leitora (anual) na Argentina entre 2013 e 2022, em população total, dividida por gênero e por faixa etária.

	Anos		
	2013	2017	2022
	Total	56%	44%
Por gênero			
Mulher	63%	51%	48%
Homem	50%	37%	53%
Por faixa etária			
12/13-17	68%	72%	77%
18-29	61%	51%	58%
30-49	57%	41%	46%
50-64	56%	40%	46%
65+	42%	29%	40%

Elaboração própria a partir dos resultados da Encuesta Nacional de Consumos Culturales.

2.2. Brasil

Diferentemente de outros países da região (que medem a leitura anual), a pesquisa *Retratos* define desde 2007 uma pessoa leitora como quem “leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos 3 meses”, definição similar à utilizada pela Espanha. Entre 2011 e 2024, a média de população leitora trimestral foi de 50%. Em comparação com a Espanha (68%), trata-se de um valor consideravelmente menor. O indicador mostra uma queda de 3 pp entre 2011 e 2024, com aumentos em 2015 e 2019, e uma nova queda de 5 pp na última medição.

A média de população leitora trimestral foi de

50%

Porém, o indicador “penetração e média de leitura de livros nos últimos 12 meses”, comparável com os indicadores anuais do resto da América Latina, apresentou uma queda maior: a população brasileira que leu ao menos um livro no último ano passou de 62% em 2015 (superior à média latino-americana) a

Como melhorar esse retrato?

51% em 2024, uma variação de 11 pp, uma das reduções mais altas registradas neste estudo. Cabe notar que a média desse indicador anual entre 2015 e 2024 é de 56%, ainda superior às médias da região.

A respeito do indicador trimestral oficial, destacam-se várias tendências: como em todos os países, as populações jovens são mais leitoras: ainda que haja uma diminuição nas faixas de 5-11, 11-13 e 14-17 anos, só houve uma queda considerável na de 14-17 anos (de 9 pp), a maior entre todas as faixas etárias, situação que requer análise urgente por parte do governo e do setor editorial. É de especial interesse o aumento de 8 pp na população acima de 70 anos, fenômeno que só se repete na Espanha. Por último, como na Argentina, a diminuição da população leitora brasileira entre mulheres é maior que entre os homens (de 54% em 2011, passam a 49% em 2024); elas seguem sendo, porém, mais leitoras que os homens, fenômeno consistente com os demais países.

Tabela 3.

População leitora (trimestral) no Brasil entre 2011 e 2024, em população total, dividida por gênero e por faixa etária.

	Anos			
	2011	2015	2019	2024
Total	50%	56%	52%	47%
Por gênero				
Mulher	54%	59%	54%	49%
Homem	44%	52%	50%	44%
Por faixa etária				
5-10	66%	67%	71%	62%
11-13	84%	84%	81%	81%
14-17	71%	75%	67%	62%
18-24	53%	67%	59%	53%
25-29	47%	59%	55%	51%
30-39	48%	57%	53%	45%
40-49	41%	48%	45%	41%
50-69	33%	41%	38%	34%
70+	24%	27%	26%	32%

Elaboração própria a partir dos resultados da Retratos da Leitura.

2.3. Colômbia

A *Encuesta de Consumo Cultural de Colombia (Pesquisa de Consumo de Cultura da Colômbia)* mede a população leitora de livros em períodos de um ano. Entre 2010 e 2020 (a última medição), a média deste indicador é de 50%, inferior ao indicador anual do Brasil (56%), igual ao argentino (50%) e ligeiramente superior ao mexicano (44%). Durante o período analisado, o valor mostra uma queda total de 5 pp, similar à evidenciada nos outros países da região.

A respeito de gênero, a pesquisa colombiana segue o padrão habitual: as mulheres leem mais que os homens (54% frente a 46%, segundo a última medição), com quedas de 5 pp em ambos os casos, tendência similar àquela observada no México, como será visto mais adiante.

Quanto às idades, a Colômbia repete a tendência de porcentagens maiores em populações jovens (78% da população de 5-11 anos e 65% na faixa de 12-25 são leitores, segundo a última medição), com um destacado crescimento de 16 pp de leitores infantis entre 2010-2020. Nas demais faixas etárias, a diminuição no percentual de população leitora é consistente com a observada em outros países.

Tabela 4.

População leitora (anual) na Colômbia entre 2010 e 2020, em números totais, dividida por gênero e por faixa etária.

	Anos					
	2010	2012	2014	2016	2017	2020
Total (12+)*	55%	48%	48%	48%	50%	50%
Por gênero						
Mulher	59%	50%	51%	51%	54%	54%
Homem	51%	45%	46%	45%	46%	46%
Por faixa etária						
5-11	61%	55%	62%	77%	82%	78%
12-25	69%	61%	65%	63%	68%	65%
26-40	51%	44%	45%	46%	48%	48%
41-64	48%	40%	39%	39%	41%	42%
65+	42%	35%	35%	35%	37%	40%

Elaboração própria a partir dos resultados da Pesquisa de Consumo de Cultura da Colômbia.

* O valor da população total não inclui a faixa de 5 a 11 anos, que a pesquisa reporta de maneira independente.

Como melhorar esse retrato?

2.4. Espanha

A pesquisa *Hábitos de Lectura y Compra de Libros en España* (*Hábitos de Leitura e Compra de Livros na Espanha*) mensura a população leitora similarmente à *Retratos de Leitura no Brasil*: leitura de algum material em qualquer meio ao menos uma vez no trimestre, diferenciando entre leitura no tempo livre ou devido ao estudo/trabalho. Os valores totais espanhóis são consideravelmente maiores que os latino-americanos, diferença conhecida e atribuível a múltiplos fatores: em 2017-2024, a média do indicador é de 68%. Diferentemente dos casos latino-americanos, esse indicador apresenta um crescimento geral de 4 pp.

Essa tendência de crescimento é refletida também nos grupos populacionais que leem em seu tempo livre. As mulheres leitoras aumentaram de 65% em 2017 a 72% em 2024 (7 pp) e a porcentagem de homens foi de 54% a 59% no mesmo período (5 pp). Nesse sentido, a Espanha apresenta uma tendência típica no tocante à leitura de livros entre os gêneros.

O crescimento também é observado nas três faixas etárias definidas. Os percentuais médios para a população leitora em seu tempo livre são: 14-24 anos, 73%; 25-64 anos, 65%; 65 ou mais anos, 50%. É de se destacar não somente a alta porcentagem de pessoas leitoras de 65+ anos (consideravelmente superior à do resto dos países), mas também seu notável crescimento de 11 pp no período analisado.

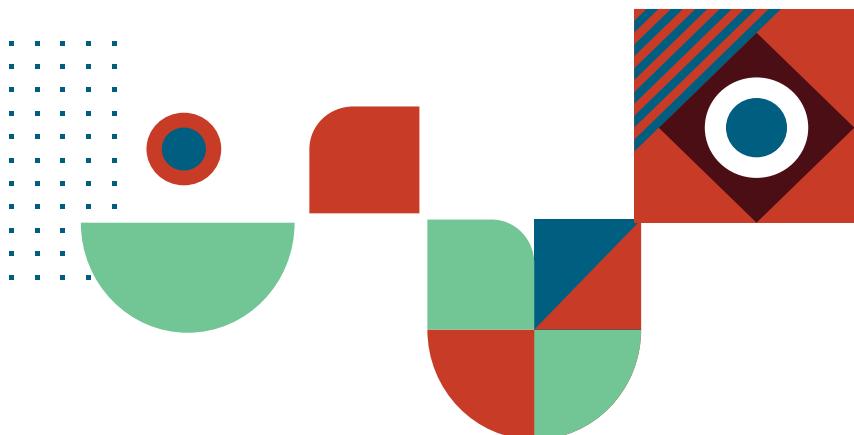


Tabela 5.

População leitora (trimestral) na Espanha entre 2017 e 2024, em população total, dividida por gênero e por faixa etária.

	Anos							
	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Total*	66%	67%	69%	69%	68%	68%	68%	70%
Por gênero**								
Mulher	65%	67%	68%	70%	70%	70%	69%	72%
Homem	54%	56%	56%	58%	59%	60%	59%	59%
Por faixa etária**								
14-24	71%	72%	73%	74%	75%	74%	74%	75%
25-64	61%	63%	63%	66%	67%	67%	66%	66%
65+	45%	47%	48%	49%	50%	52%	54%	56%

Elaboração própria a partir dos resultados da Hábitos de Leitura e Compra de Livros na Espanha.

* Inclui tanto o resultado de leitura em tempo livre como por estudo/trabalho.

** Os dados por gênero e idade correspondem somente à leitura em tempo livre, devido à disponibilidade dos dados nos resultados.

2.5. México

O Módulo sobre Lectura (MOLEC) do México adota uma definição de população leitora similar à da Argentina e Colômbia: pergunta pela leitura de ao menos um livro (entre outros materiais) no último ano. Mesmo não sendo analisada aqui, a pesquisa inclui uma pergunta muito valiosa sobre a autopercepção da prática de leitura (“você costuma ler?”), que, junto da pergunta principal, permite explorar valores sociais vinculados à leitura.

Quanto ao indicador central deste capítulo, México mostra uma tendência similar à dos demais países: uma população leitora de livros com a média aproximada de 50% na última década e uma queda de 8 pp entre 2015 e 2024, a segunda mais alta, atrás da queda do Brasil de 11 pp. As diferenças por gênero mantêm uma tendência de maior leitura entre mulheres (53% em média) frente aos homens (46%), com uma diminuição em ambos os casos de 5 pp entre 2015 e 2024.

Como melhorar esse retrato?

Quanto às faixas etárias, houve quedas mais marcadas nas faixas de 35+ anos: 35 a 44 anos (6 pp); 45 a 54 anos (15 pp); 55 a 64 anos (14 pp); 65 ou mais anos (10 pp). A exceção é o grupo de 25-34 anos, que apresenta um leve crescimento de 2 pp.

Tabela 6.

População leitora (anual) de livros no México entre 2015 e 2024, em população total, dividida por gênero e faixa etária.

	Anos									
	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Total	50%	46%	45%	45%	42%	41%	43%	43%	41%	42%
Por gênero										
Mulher	52%	48%	47%	47%	44%	44%	45%	45%	40%	44%
Homem	48%	43%	44%	44%	40%	38%	41%	41%	42%	39%
Por faixa etária										
18-24	64%	59%	63%	61%	61%	62%	61%	51%	54%	59%
25-34	48%	45%	48%	50%	45%	41%	45%	49%	47%	50%
35-44	45%	41%	40%	38%	35%	36%	39%	39%	39%	39%
45-54	51%	42%	38%	42%	37%	35%	35%	36%	31%	36%
55-64	51%	49%	40%	39%	39%	36%	37%	40%	36%	37%
65+	43%	36%	33%	35%	33%	33%	40%	43%	36%	33%

Elaboração própria a partir dos resultados do Módulo sobre Lectura.

3. Conclusões

Como conclusão podemos notar uma diminuição generalizada na população leitora de livros nos países da América Latina analisados. As únicas exceções foram registradas nos grupos mais jovens da Argentina e da Colômbia, onde há leve aumento na leitura. As médias gerais de população leitora na última década continuam sendo similares na região: Argentina, 50%; Brasil, 56%; Colômbia, 50%; México, 44%.

Evidencia-se também uma divergência entre a Espanha e a América Latina: enquanto nos países latino-americanos o indicador tende à queda, a Espanha apresenta aumento tanto entre os homens quanto entre as mulheres e em todas as idades de diferentes grupos de leitura.

Em termos de disparidades entre gêneros, destacam-se a Argentina e o Brasil, onde a redução da população leitora foi mais acentuada entre as mulheres. Por outro lado, analisando por idade, as maiores quedas concentram-se nos grupos de meia-idade, embora variem de país para país:

- Na Argentina, a diminuição mais acentuada ocorre entre 30 e 49 anos de idade.
- No Brasil, o maior impacto é observado na faixa etária de 14 a 17 anos.
- Na Colômbia, entre 41 e 64 anos.
- No México, entre 45 e 54 anos.

Estes dados contêm elementos-chave para repensar políticas de fomento à leitura e de orientação editorial, considerando tanto as particularidades geracionais quanto as desigualdades de gênero no acesso e sustentabilidade dos hábitos leitores. Além disso, evidenciam a necessidade de avançar em direção a uma maior harmonização metodológica entre as pesquisas de leitura de diferentes países, com a finalidade de facilitar comparações mais precisas e gerar diagnósticos regionais mais robustos.

Por último, as tendências aqui expostas convidam à realização de análises mais aprofundadas e com diversas metodologias que permitam à região entender de maneira precisa as dinâmicas sociais e culturais que explicam as reduções e ampliações nas práticas leitoras identificadas.

Margarita Cuéllar-Barona



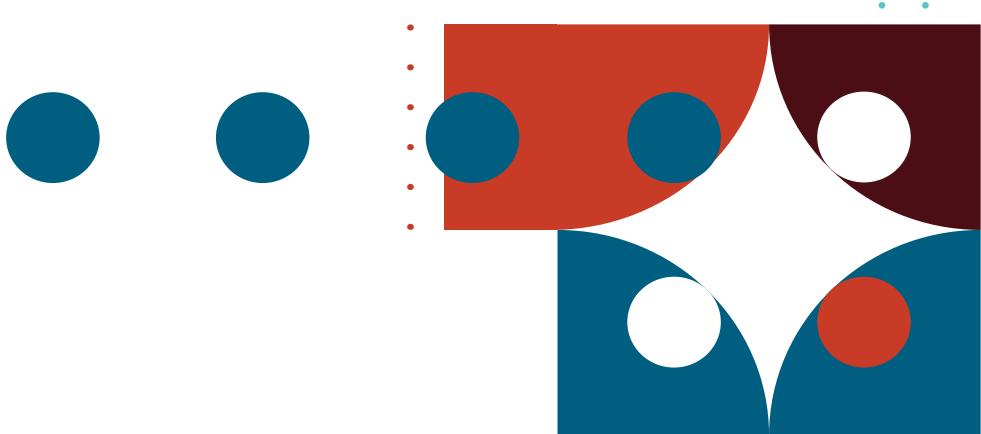
Como melhorar esse retrato?

15. Por um outro retrato da leitura em nossas carteiras de identidade

Fabiano dos Santos Piúba

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* é uma ferramenta para o mercado editorial organizar seu planejamento estratégico, considerando vertentes sobre o comportamento do leitor, hábitos e motivações para a leitura, bem como o consumo e as preferências sobre livros, gêneros e autores. Portanto, é uma pesquisa que cumpre com eficiência as demandas do mercado editorial e auxilia no desenvolvimento da economia do livro em nosso país. Vale ressaltar que, para além dessa perspectiva de mercado, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* tem realizado uma série histórica muito relevante com a produção de informações e indicadores sobre o comportamento do leitor e práticas leitoras, revelando-se uma ferramenta valiosa que lança luzes sobre a qualificação das políticas públicas nos aspectos do acesso ao livro e da promoção da leitura, compreendendo, sobretudo, o papel de ambientes como a família, a escola, a biblioteca e os meios digitais para o desenvolvimento da leitura em nosso país.

Enquanto gestores de políticas públicas, cabe-nos fazer a leitura dos *Retratos da Leitura no Brasil*. Melhor dizendo, fazer as leituras possíveis destes retratos. Se nos socorremos com a Inteligência Artificial (IA):



Um retrato, em termos gerais, é a representação de uma pessoa, seja por meio de pintura, desenho, fotografia, escultura ou outras técnicas artísticas. Em sentido mais amplo, pode referir-se a uma descrição detalhada de uma pessoa ou de seu caráter.

Vendo assim, esta pesquisa é uma espécie de representação da figura do leitor, uma descrição detalhada do perfil do leitor brasileiro. Do leitor e do não leitor, pois o retrato impresso nesta última edição da pesquisa representa uma nação com menos leitores. Ela aponta que 53% dos brasileiros não leem livros. O mais triste é que, na série histórica da pesquisa, esta é a primeira

Esta pesquisa é uma espécie de representação da figura do leitor, uma descrição detalhada do perfil do leitor brasileiro.

vez que a proporção de não leitores é maior do que a de leitores. Isto em todos os segmentos e perfis dos pesquisados, além da média de livros lidos ter diminuído. Evidente que o período da pesquisa ainda sofre com os impactos da pandemia, embora não possamos desconsiderar que a ausência de políticas públicas nacionais para o setor possa também ter contribuído para a fisionomia social destes retratos. O enfraquecimento pelo Governo Bolsonaro das políticas de alfabetização e de formação leitora no Ministério da Educação e a extinção do Ministério da Cultura, com a inoperância do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e do Programa Nacional de Incentivo à Leitura, são fatores que não podem ser ignorados na análise dos números apontados na pesquisa, considerando o período de sua execução.

A Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), lei sancionada em 2024 pelo presidente Lula com a ministra da Cultura Margareth Menezes e o ministro da Educação Camilo Santana, tem como centralidade a formação de uma nação de leitores. Ela se institui "como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil". Mas o sumo desta estratégia é a formação de leitores críticos, autônomos e criativos, na compreensão do direito à leitura como direito de desenvolvimento humano e como promoção da cidadania e da democracia. Nestes termos, defendo a formação cultural

Como melhorar esse retrato?

e educativa como centralidade nas políticas de livro e de leitura. Evidente que o acesso e o desenvolvimento da economia do livro são eixos estratégicos, como nos aponta o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), mas, desagregados de uma política de formação, estaremos fadados a imprimir, a cada quatro anos, um retrato brasileiro com mais não leitores do que leitores. É como recordar aquelas fotografias de nossas caras desnutridas ao longo do século XX.

Falo assim porque a leitura pode promover saúde mental e bem-estar social. A leitura pode nos nutrir. Nutrir a alma com o pensamento crítico e criativo. Ela amplia nossos horizontes e nossos potenciais, não só de ler o mundo, mas de reinventá-lo. Em suma, a leitura em sua função social pode contribuir para a melhoria de todos os indicadores sociais, educacionais e culturais. Ou seja, a experiência da leitura e a formação de leitores com o desenvolvimento de suas competências (ler/escrever) impactam diretamente na melhoria dos índices de desenvolvimento da educação básica. Neste percurso, a leitura melhora o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do país. Por isso gosto de dizer que, se não fizermos de nossas crianças leitoras para a vida inteira, estaremos condenados à injustiça social e ao fracasso como nação soberana. Portanto, se a leitura melhora o IDEB, ela contribui para a evolução dos indicadores sociais, a exemplo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Se a leitura melhora o IDH, ela fortalece a cidadania. Se a leitura promove o avanço do exercício da cidadania, ela combate à pobreza e gera riqueza. Se a leitura gera riqueza, ela desenvolve a economia de um país. E uma economia grande é aquela em que a indústria e o mercado editorial são pujantes em sua *bibliodiversidade*, com os elos criativos e produtivos do livro movimentando o PIB de uma nação. Se a leitura é fator estratégico de desenvolvimento econômico, ela é

A leitura melhora o IDEB, ela contribui para a evolução dos indicadores sociais, a exemplo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).



componente vital para a democratização do acesso aos bens e serviços culturais, bem como à criação, produção, fruição, difusão

A leitura promove o ecossistema social, cultural, educacional e econômico de um país.

e consumo cultural. A leitura promove o ecossistema social, cultural, educacional e econômico de um país. Mas, para tal, é vital uma política de formação de leitores que possa alterar a fisionomia do retrato da leitura no Brasil como uma responsabilidade do poder público em suas esferas federal, estadual e municipal, bem como do setor privado e da sociedade brasileira. Como escrevi num artigo repleto de perguntas em 2012, intitulado “Por uma leitura dos retratos – desafios para o desenvolvimento social da América Latina” no livro da 3^a edição da *Retratos da Leitura no Brasil*¹, retomo e renovo aqui a pergunta mais contundente: “em que medida investir em leitura significa ou garante o desenvolvimento social, econômico, humano e sustentável de uma nação?”. É disso que se trata esta pesquisa. Ela deve ser compreendida também com este aspecto.

Como afirmei acima, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* lança luzes com seus indicadores, apontando problemas e sinalizando desafios em torno do avanço das políticas públicas de livro, leitura, escrita e bibliotecas em nosso país. São excelentes as novidades apontadas nesta 6^a edição, tais como a ampliação das preferências literárias, a literatura sob a perspectiva das crianças, a incorporação de preferências entre os livros digitais e impressos, bem como a possibilidade de leitura dos resultados por unidades federativas, todos novos indicadores conectados com os nossos tempos. Mas vejo que podemos avançar mais ainda. Percebo a necessidade de se dar

¹ PIÚBA, Fabiano dos Santos. Por uma leitura dos retratos. In: FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da Leitura no Brasil* 3. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Pró-Livro, 2012. p. 225.

Como melhorar esse retrato?

um salto quântico, mantendo os indicadores de sua série histórica e aprimorando-os com outras questões, buscando novas perguntas e variáveis no sentido de capturar melhor a realidade dos tempos que correm, em que coabitam o orgânico e o digital, em que os suportes de acesso ao livro são múltiplos, em que a experiência da leitura e da escrita não se resume ao universo de uma única linguagem ou expressão, em que os mediadores de leitura já não são apenas os professores e pais, em que o objeto livro não se restringe ao seu formato físico ou mesmo digital, em que o mundo parece caber na palma de nossas mãos, mas, por vezes, distante da experiência vital da leitura crítica e criativa como uma viagem aberta de formação e de transformação de vidas e de realidades.

Vivemos um momento de crise da mediação da leitura, gerando assim uma crise dos mediadores de leitura, sobretudo, os mediadores formais. Como afirmei há pouco, os mediadores de leitura já não são apenas os professores e pais e a experiência da leitura não se restringe a um único formato ou linguagem. Por exemplo, vejo a garotada que realiza saraus e *slams* nas periferias do Brasil como mediadores de leitura e promotores de escrita criativa, por vezes, mais eficazes do que os professores.

Diante dessas problematizações que compartilho aqui, como a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* pode chegar neste e em outros territórios da palavra e da leitura, inclusive da "oralitura", conceito proposto por Leda Maria Martins, no sentido de valorizar a força da palavra falada e performática como expressão e meio de registro e transmissão de saberes? Como uma pesquisa desta natureza pode formular estes territórios como lugares de leitura e de comportamento leitor? Como estes territórios geram novas representações da leitura? Como eles criam hábitos novos e outras motivações para a leitura e escrita? Como dialogam e se articulam com o papel das escolas, famílias, bibliotecas e universidades em projetos de incentivo à leitura e de escrita criativa e literária? Indo um pouco mais adiante, como a nova produção editorial brasileira, com profundas raízes na literatura produzida por

Vivemos um momento de crise da mediação da leitura, gerando assim uma crise dos mediadores de leitura, sobretudo, os mediadores formais.

escritores e escritoras negros, indígenas e periféricos, tem contribuído para o comportamento leitor e para motivações distintas para o hábito e valorização da leitura? Como – sem qualquer expectativa instrumental – a literatura em geral tem se apresentado na compreensão e na promoção da diversidade étnica, dos

direitos humanos, da democracia, do combate ao racismo e da valorização das cosmovisões afros e indígenas nas identidades e na formação histórica cultural do povo brasileiro? Voltando para o ambiente formal da educação, em que medida a presença ou ausência de projetos de incentivo à leitura dentro das escolas impactam a formação leitora e o comportamento leitor para além da leitura obrigatória? Já que a pesquisa aponta que o professor é um influenciador *masterna* formação de novos leitores, como podemos chegar numa variável de professores leitores e não leitores, considerando, inclusive, a evidência de que a escola não tem revelado sua competência integral de

formar leitores para a vida inteira? No âmbito da família, que novas perguntas podem ser formuladas na perspectiva de pais e filhos leitores em ambientes favoráveis ou desfavoráveis para a leitura dentro das casas? E as bibliotecas? Em que medida elas têm sido equipamentos culturais que, para além do acesso ao livro, tem realizado programação cultural e conseguido promover a formação e influir no comportamento leitor de seus usuários?

Como podemos ver, são muitas as questões possíveis na perspectiva do aprimoramento da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, mantendo, mas superando, suas séries históricas do número de livros lidos ou do percentual de leitores e de não leitores em nosso país.

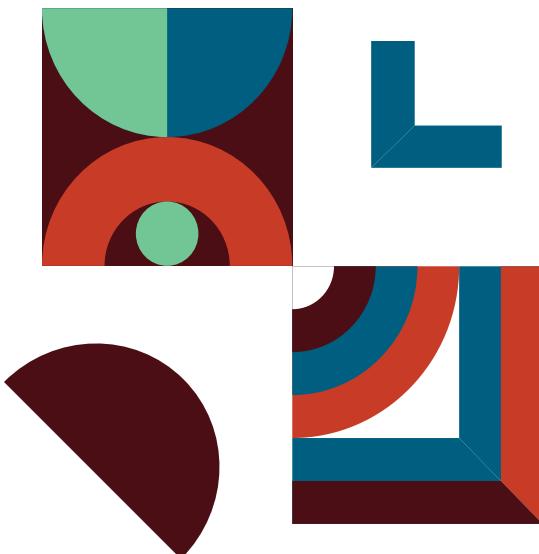
Devemos encarar a crise da mediação como uma oportunidade para reinvenção da experiência da leitura como vivência orgânica, independente dos suportes de leitura. E, aqui, vou buscar um velho companheiro de luta, Jorge Luis Borges. Numa aula proferida em 1978, intitulada “O Livro”, ele diz que “o livro tem uma espécie de santidade que devemos cuidar para que não se perca.

Devemos encarar a crise da mediação como uma oportunidade para reinvenção da experiência da leitura como vivência orgânica, independente dos suportes de leitura.

Como melhorar esse retrato?

Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético". Esta é a primeira defesa: o livro como algo sagrado na percepção estética de alimento da alma. Abrir um livro em silêncio ou em voz alta é um ato estético e sagrado. E segue ele: "o mais importante de um livro é a voz do autor, esta voz que chega a nós". O livro é a obra substancial criada pelo autor. Temos aqui uma segunda defesa: o livro não é um mero objeto, ele é o conteúdo, expressão do pensamento e da criação de seu autor. Alongando a conversa com Borges, outra citação: "O livro é uma extensão da memória e da imaginação". Chegamos à defesa do livro como expressão simbólica e como produto cultural e econômico. Resultado de um processo de criação, produção e circulação, o livro é um produto humano de artes e ofícios do escritor, do editor, do livreiro e do mediador de leitura para o acesso ao conhecimento, para a formação humana e fruição estética, bem como para o fomento da economia das indústrias culturais. Ouçamos o Borges mais uma vez: "Temos que abrir os livros e, então, eles despertam". Chegamos, assim, à defesa mais nobre: o livro como instrumento de formação leitora. Sem a dimensão da leitura, o livro é nada. Ele só acontece plenamente na travessia do leitor com a formação e experiência da leitura. Por isso saliento aqui que esta defesa veemente do livro o comprehende para além de seu formato clássico de acesso ao conhecimento e à informação, tampouco como exclusividade da literatura. A defesa do livro nos tempos que correm implica sua compreensão em formatos e linguagens diversas. Por exemplo, assistir a um filme ou a uma peça de teatro é uma experiência de leitura, ouvir um disco na vitrola ou no

Ouçamos o Borges
mais uma vez:
"Temos que abrir os
livros e, então, eles
despertam"



Spotify é uma experiência de leitura, ver um espetáculo de dança é uma experiência de leitura, visitar uma exposição no museu ou na galeria é uma experiência de leitura, ver um vídeo no TikTok ou uma fotografia no Instagram é uma experiência de leitura, postar ou ler um texto no Facebook é uma experiência de leitura, ler um livro em formato físico ou digital é uma experiência formidável de leitura. Imagino que, de alguma forma ou em algum momento, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* vai ter que expandir seu conceito de comportamento leitor e de experiência da leitura, sem perder a essência dos elementos clássicos do campo do livro.

Retratos da Leitura no Brasil vai ter que expandir seu conceito de comportamento leitor e de experiência da leitura, sem perder a essência dos elementos clássicos do campo do livro.

Se estamos diante de um cenário de ressignificação da leitura, proponho que possamos – juntos – fazer leituras e releituras, críticas e autocríticas da própria pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, na perspectiva de expandir novos conceitos, perguntas e indicadores que possam capturar a realidade brasileira no sentido de revelar com mais contemporaneidade o comportamento leitor como base para o planejamento do mercado editorial e para o aprimoramento das políticas públicas. Temos excelentes especialistas, pesquisadores e acadêmicos que podem desenvolver conceitos e metodologias neste desafio.

Por fim, este artigo não se propõe a fazer análises sobre os indicadores apontados, mesmo aqueles sobre o acesso ao livro e aos ambientes clássicos para a formação de leitores (escola, família, bibliotecas e livrarias). Outros convidados fizeram estas e outras análises, convidando-nos para o bom debate e para a boa ação. Por essa razão, parabenizo ao Instituto Pró-Livro pela realização da pesquisa e publicação deste livro que nos faz chegar à 6^a edição da *Retratos da Leitura no Brasil*, com o apoio da Câmara Brasileira do Livro (CBL), Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel) e Associação Brasileira de Livros e Conteúdos Educacionais (Abrelivros). Trata-se de uma iniciativa interinstitucional louvável, necessária e estratégica para a produção de informações e de indicadores, contando, inclusive, com o patrocínio da Fundação

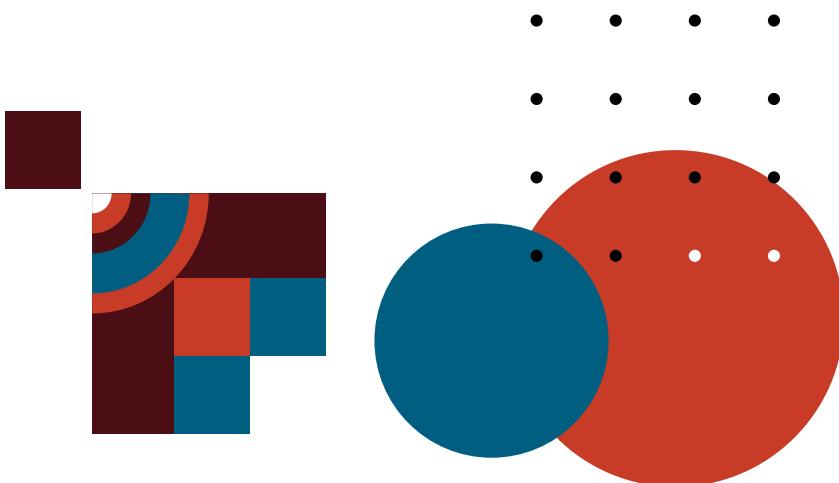
Como melhorar esse retrato?

Itaú por meio da Lei Rouanet, política de incentivo à cultura do Ministério da Cultura.

No mais, reafirmar a relevância da *Retratos da Leitura no Brasil* como uma pesquisa de extrema funcionalidade para a qualificação das políticas de livro e de leitura em nosso país, sobretudo aquelas que são de responsabilidade dos Ministérios da Cultura e da Educação, pois a experiência da leitura cultural e educativa é o que nos move neste desafio gigante (que é de todos) de fazer do Brasil uma nação de leitores autônomos, críticos e inventivos, como sujeitos de suas próprias histórias e responsáveis pela promoção da cidadania e pelo exercício da democracia, afinal, o exercício pleno da democracia passa pelo direito à leitura, compreendendo não apenas o número do consumo de livros lidos ao ano, mas o sumo do que somos capazes de fazer com aquilo que lemos. Urge que trabalhemos por um outro retrato da leitura em nosso país, que possa revelar uma nação de leitores em nossas carteiras de identidade como brasileiros.

Fabiano dos Santos Piúba

Secretário de Formação Cultural, Livro e Leitura do Ministério da Cultura (SEFLI/MinC).



16. *Retratos da Leitura no Brasil* e as Políticas Públicas do Livro e Leitura: o que nos diz a série histórica

José Castilho Marques Neto

Ao/à improvável leitor/a deste capítulo, sinto dizer que a série histórica nos apresenta a evidência de um quadro depressivo na política pública de formação de leitores e leitoras no Brasil, com tendências hemorrágicas nos últimos oito anos.

Caímos do conquistado percentual de **56%** de população leitora em 2015 para **47%** em 2024.

A análise dos dados da 4^a edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, em 2015, gerou satisfação ao indicar que o Brasil havia incorporado 16,5 milhões de novos/as leitores/as nos quatro anos anteriores, **elevando o percentual da população leitora para 56%**. A magnitude do resultado exigiu uma revisão minuciosa, que confirmou a veracidade dos números.

Contudo, o cenário apresentado pela 6^a edição da *Pesquisa Retratos da Leitura*, de 2024, evocou um outro sentimento: profunda indignação da cidadania que aspira ao pleno exercício dos direitos humanos e da justiça social em nosso país. Os números revelados na 6^a edição, somados à expressiva queda já observada na 5^a edição da pesquisa, de 2019, revelam um declínio alarmante no número de leitores/as nos últimos oito anos. **Caímos do conquistado percentual de 56% de população leitora em 2015 para 47% em 2024.**



Se os números de 2015 já mostravam um país dividido também entre os que conquistaram seu direito à leitura e os que seguiam marginalizados, 2019 e 2024 representam um aprofundamento deste trágico quadro. A perda de 4,6 milhões de leitores/as entre 2015 e 2019 e a subsequente perda de 6,7 milhões entre 2019 e 2024 somam **11,3 milhões de leitores/as perdidos/as** após os poucos anos do promissor progresso da política pública em torno do Plano Nacional de Livro e Leitura/PNLL entre 2006} e 2015.

A primeira conclusão da análise da série histórica da *Retratos da Leitura no Brasil* é reveladora e me parece evidente: a oscilação no número de leitores no Brasil está intrinsecamente ligada à atuação, seja pela ausência ou pela deliberada destruição, das políticas públicas voltadas ao livro, à leitura, à literatura e às bibliotecas. Em outras palavras, em um país com profundas desigualdades econômicas, sociais, educacionais e culturais, agravadas por uma história de construção perversa do corpo social, marcada pela exclusão e iniquidade de toda ordem, ter ou não ter uma política pública voltada à formação leitora é vital para o desenvolvimento ou a involução do direito à leitura e à escrita para toda a população.

Embora fatores globais, como a influência da tecnologia e a possível desumanização decorrente do mundo digital neoliberal, possam contribuir para a não leitura e o desprestígio das escritas, eles não superam o impacto e a capacidade estrutural da política pública em promover – ou restringir – o direito à leitura e à escrita em escala nacional, onde os números sempre serão macros no Brasil.

A ausência de surpresa para os especialistas diante dos resultados positivos de 2015 e dos negativos em 2019 e 2024 reflete a clara distinção entre as abordagens governamentais dos primeiros governos Lula/Dilma em relação à formação de leitores/as e o período Temer/Bolsonaro.

Em um país com profundas desigualdades econômicas, sociais, educacionais e culturais, agravadas por uma história de construção perversa do corpo social, marcada pela exclusão e iniquidade de toda ordem, ter ou não ter uma política pública voltada à formação leitora é vital para o desenvolvimento ou a involução do direito à leitura e à escrita para toda a população.

O objetivo era o de criar uma política de Estado que estabelecesse metas estratégicas para superar as múltiplas faces do analfabetismo e o baixo letramento que habitam nosso território.

Entre 2005 e 2015, os governos Lula e Dilma empreenderam um esforço para diagnosticar os problemas e formular um planejamento abrangente, envolvendo cultura, educação, Estado e sociedade. Esse trabalho culminou em um texto-síntese com objetivos e eixos de ação, que foram abraçados por todos os ativistas e instituições públicas ou privadas verdadeiramente comprometidas a reconhecer direitos de cidadania à população e elevar seu nível de capacidade leitora e inclusão na complexa sociedade contemporânea, em que as mudanças tecnológicas exigem letramento tradicional e digital.

O objetivo era o de criar uma política de Estado que estabelecesse metas estratégicas para superar as múltiplas faces do analfabetismo e o baixo letramento que perpetuam a exclusão, ao mesmo tempo que reconhecesse a diversidade e as múltiplas origens e expressões de saberes dos povos que habitam nosso território. O respeito às oralidades e aos saberes tradicionais e contemporâneos confluíu harmonicamente na concepção de letramento baseado nas leituras dos mundos e nas leituras dos textos. Iniciativas de desenvolvimento da educação básica e do ensino superior somavam-se às renovações na área cultural, com o entendimento da cultura como direito, valor simbólico e economia. Resgatados por essas visões de mundo e de um país que se quer inclusivo, os programas de livro e leitura passaram a ingressar no universo dos incentivos governamentais como uma ação necessária da política pública.

Esse percurso, construído principalmente entre 2005 e 2010 após escutas e análises do que melhor se praticava e se produzia teoricamente no Brasil, resultou no primeiro PNLL. Sua estrutura tem como alicerce indissociável a unidade entre a cultura e a educação somada à igual unidade entre o Estado e a sociedade como elos imprescindíveis para sustentar os quatro eixos de programas e ações que constroem leitores/as no país:

Como melhorar esse retrato?

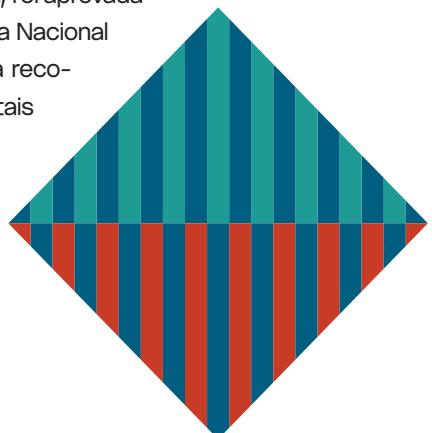
1. Democratização do acesso ao livro e à leitura.
2. Fomento à leitura e à formação de mediadores.
3. Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico.
4. Desenvolvimento da economia do livro.

Foram essas decisões políticas, construídas em ambientes democráticos de escuta e participação ampla, que fomentaram e deram legitimidade a incontáveis ações de incentivo ao livro e à leitura nos Ministérios da Cultura e da Educação naquele período. Abstendo-me de relacioná-las aqui porque já há inúmeros estudos publicados a respeito.

Essa dinâmica, provocada pela política pública, impulsionou iniciativas e mesmo fomentou, via investimentos diretos ou indiretos, a explosão de milhares de iniciativas coincidentes com os quatro eixos do PNLL por todo o país. Essas iniciativas partiram tanto dos poderes públicos – nacionais, regionais e locais – quanto da iniciativa privada e dos ativistas da sociedade que sempre sustentaram a luta pela formação de leitores/as no Brasil. Com uma diferença: agora, todos tinham um norte em comum demarcado por uma política pública construída democraticamente. A viralização da ideia, dos ideais e dos eixos do PNLL por todos os cantos do país não foi resultado de campanha publicitária, mas da identidade que aqueles que fazem a leitura e a escrita no país têm com o plano.

E foi a força persistente desses ativistas que ampliou ainda mais a perspectiva de o Brasil estabelecer uma base legal para realizar uma política de Estado includente voltada à formação de leitores/as. Em 2018, após doze anos de insistência, foi aprovada e sancionada a Lei nº 13.696, que instituiu a Política Nacional de Leitura e Escrita/PNLE. Sintética e objetiva, ela reconhece a leitura e a escrita como direitos fundamentais e as entende como condições básicas para o exercício pleno da cidadania.

É uma lei que, pela primeira vez, tem como objetivo principal a formação de leitores, não se prendendo à defesa corporativa dos diversos elos que compõem a cadeia do livro, da



leitura, da literatura e das bibliotecas. Ao contrário, valoriza todos eles, reconhece seu papel fundamental e identifica o objetivo comum que os une: o leitor e a leitora. Com essa lei, alcançamos um patamar ideal: temos uma política de Estado (permanente), um plano decenal (com metas mensuráveis) e programas/projetos que dão materialidade aos objetivos.

Com essa lei, alcançamos um patamar ideal: temos uma política de Estado (permanente), um plano decenal (com metas mensuráveis) e programas/projetos que dão materialidade aos objetivos.

Se houve, no passado recentíssimo, esses avanços conceituais e políticos, por que defino o resultado dos últimos anos como uma política pública depressiva, escancarada com a perda de 11,3 milhões de leitores/as apontada pela *Retratos de 2024*?

Reafirmo aqui algo que muitos agentes do setor cultural e educacional ainda não absorvem ou concordam: a formação de leitores/as, em escala de política pública, ou seja, para todos os habitantes do Brasil, não será resultado do uso de uma ou outra técnica

- ■ pedagógica ou prática cultural, nem mesmo da distribuição infinitável de livros ou, ainda, da resolução de problemas de alguns dos elos dessa grande corrente.
- ■ Formar leitores/as é uma decisão política estratégica e só se realiza em períodos democráticos e includentes com políticas e planos construídos aos moldes da PNLE e do PNLL. As metodologias, as técnicas de mediação e formação, as estantes e os hardwares cheios de livros em todos os suportes são fundamentais para esses programas, mas só acontecem e têm consequência se decorrentes de decisões políticas estratégicas e não casuísticas. Essas decisões sempre são marcadas pela fase histórica que o Brasil atravessa em sua eterna construção como nação: avanço democrático, em que incluir mais e melhor a cidadania é objetivo soberano, ou retrocesso autoritário, marcado pela inevitável destruição de políticas públicas includentes.

Como melhorar esse retrato?

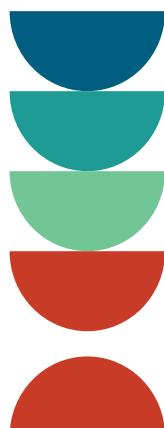
O impasse das políticas públicas de leitura e escrita também reflete as dificuldades em superarmos, mesmo em períodos democráticos, as crises civilizatórias que nossa história e nossa subalternidade econômica global nos impõem. Nenhum governo, em mais de 500 anos de história, priorizou a formação de leitores/as plenos nos moldes preconizados pela lei da PNLE. Somos uma nação onde nenhum dirigente político se furta a elogiar o valor da literatura e dos livros, mas negam-se ao desafio de priorizá-los quando estruturam seus governos e investimentos. O número degradante da persistência do analfabetismo e o elevado número de analfabetos funcionais em pleno 2025 são apenas uma parte que demonstra essa crônica ausência de prioridade.

Enquanto política pública de longo prazo, formar leitores/as transcende períodos governamentais, exigindo ser uma política de Estado e não uma política de Governo. Essa ideia soa pessimamente aos ouvidos populistas ou inábeis das lideranças democráticas. Penso, inclusive, que a compreensão da potencialidade transformadora de um país de leitores/as seja mais compreensível para a ultradireita autoritária, cujos atos de destruição dessas políticas são imediatos assim que assumem o poder no Brasil ou alhures. Vivemos ciclos de políticas públicas marcados pela frustração da descontinuidade e/ou exiguidade de recursos *versus* a destruição pura e simples do que foi construído, como ocorreu recentemente entre 2016 e 2022.

Quero reafirmar o óbvio: toda política pública verdadeira exige fundamentos legais e conceituais, somados a investimentos condizentes para realizá-la. Sem essas duas condições, só a retórica sustentará a ilusão de que se está fazendo política pública.

É nesse universo que programas e projetos aparentemente sólidos acabam sendo esquecidos, como o grande objetivo de universalização das bibliotecas escolares, estabelecido em lei. A mesma equação se aplica à ausência ou descontinuidade crônica de programas de formação continuada de mediadores/as de leitura – professores, bibliotecários, agentes culturais, entre muitos outros –, item imprescindível, junto ao fornecimento de livros às

Quero reafirmar o óbvio: toda política pública verdadeira exige fundamentos legais e conceituais, somados a investimentos condizentes para realizá-la.



bibliotecas, escolas e centros culturais comunitários, como consta no PNLL e na PNLE.

Pesa para o sentimento de frustração que hoje sentimos, nos números da 6^a edição da *Retratos*, esse cenário de incertezas e descontinuidades de uma política pública que tem todos os instrumentos legais e conceituais para se efetivar e se afirmar, mas que ainda está em um país que parece não compreender, ou mesmo prefere recusar deliberadamente, que o valor do livro, das literaturas e de um povo crítico e liberto pelo conhecimento e pela poesia é o fator mais fundamental para avançarmos democraticamente para uma sociedade melhor e mais produtiva coletivamente. Parece que esquecemos de que vivemos numa era de transformações profundas, em que o conhecimento e a informação são as armas mais eficazes contra o vírus patrocinado da disseminação de desinformações e da vulgarização de pseudoconhecimentos, instrumentos centrais de um neocolonialismo autoritário e espoliador do ser humano que ameaça a nossa sobrevivência como espécie.

Ainda não aplicamos políticas públicas de formação de leitores/as condizentes com as necessidades e os direitos do povo brasileiro.

Frente ao retrocesso que a 6^a edição da *Retratos* nos apresenta, não faltarão razões e explicações específicas para a queda de leitores/as. Seguramente, a maior parte dos argumentos serão válidos e justos, mas, ao pensar nos mais de 210 milhões de brasileiros/as, na extensão do nosso território e nas desigualdades existentes, considero fundamental reconhecer que há uma explicação que se sobrepõe a todas as outras: ainda não aplicamos políticas públicas de formação de leitores/as condizentes com as necessidades e os direitos do povo brasileiro. Essa é nossa principal fraqueza e, se não houver correção de rota, marcará novo recorde negativo nos próximos *Retratos da Leitura no Brasil*.

Até lá, minha esperança ativa se afirma tanto nas medidas anunciadas pelo atual governo e seus ministérios, quando da regulamentação da lei da PNLE em 5 de setembro de 2024, quanto naqueles que sustentam a porcentagem de 47% de leitores/as existentes e apontados pela pesquisa, os ativistas de todos os territórios e de todos os dias e noites.

Como melhorar esse retrato?

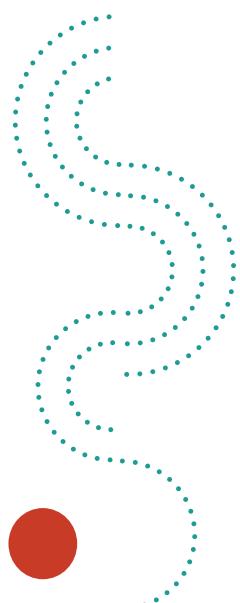
Com esses últimos, principalmente, tenho uma esperança de luta histórica e resiliência – e neles me incluo. Somos milhares, silenciosos, presentes em todos os espaços profissionais e privados do país, mas, principalmente, nas escolas, nas bibliotecas de acesso público, nos centros culturais e comunitários, nos espaços humanizados de saúde e de serviços sociais, nos lares mais humildes das nossas imensas áreas periféricas e rurais. Somos professores/as, bibliotecários/as, editores/as, livreiros/as, estudantes, líderes e pessoas das comunidades, trabalhadores/as de todos os ofícios e, sempre, somos gente que gosta de gente. Por isso amamos as literaturas, as fabulações, as oralidades que nos tornam verdadeiramente humanos e nos afastam do que há de pior em nós. Carregamos a autoridade de quem faz pelo coletivo e pelo desenvolvimento sustentável do nosso país.

Esse trabalho cotidiano de milhares, que resiste e faz avançar, conclama a postura ética e resiliente das autoridades políticas nos três poderes da República: defendam os objetivos da lei da PNLE, façam seu trabalho em todos os níveis da federação e construam a política pública que o Brasil precisa para ser um país melhor e mais inclusivo. É essencial criar novos e mais bonitos *Retratos da Leitura no Brasil*. Não apenas para sairmos bem na foto, mas porque os resultados podem definir o país que teremos.

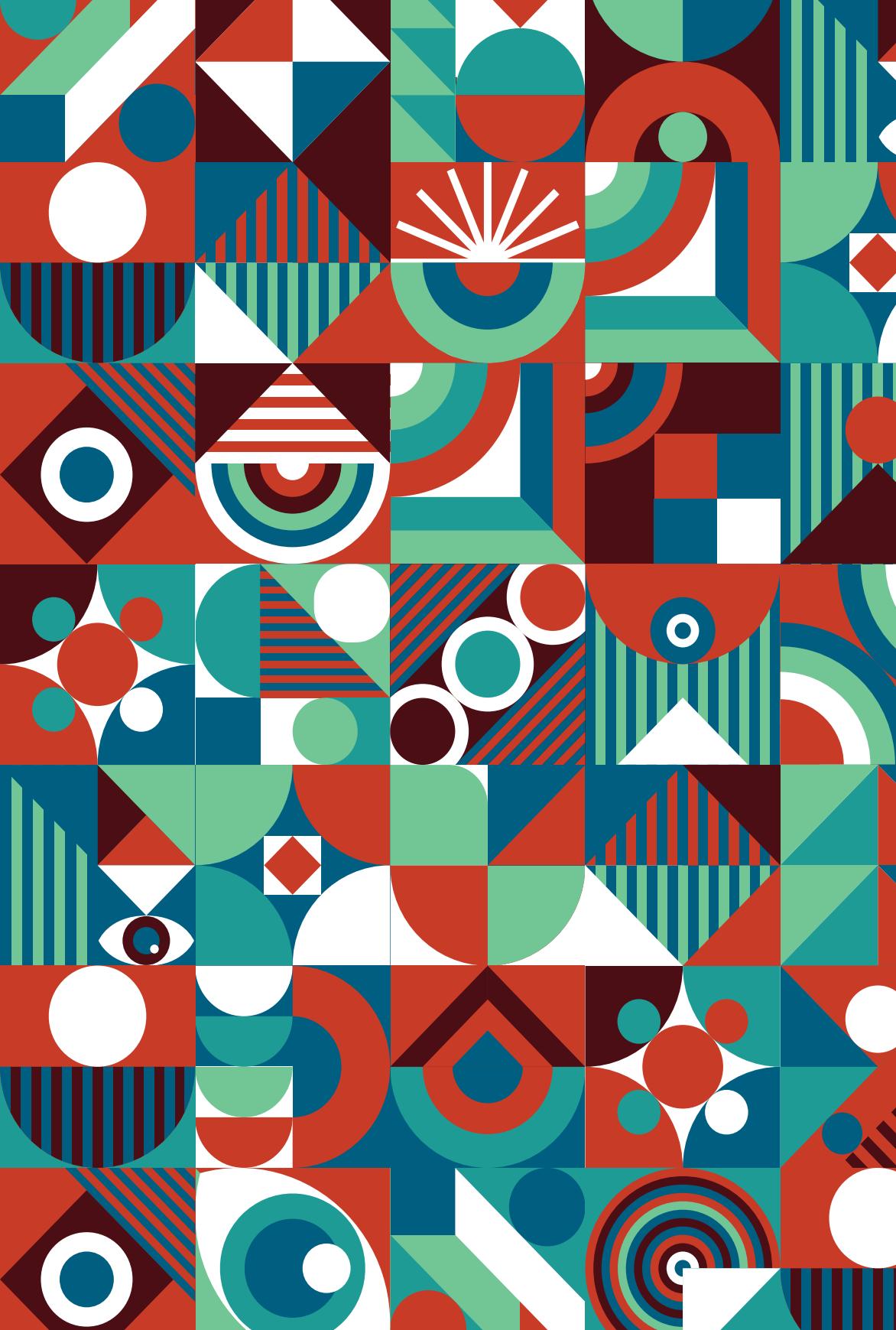
Defendam os objetivos da lei da PNLE, façam seu trabalho em todos os níveis da federação e construam a política pública que o Brasil precisa para ser um país melhor e mais inclusivo.

José Castilho Marques Neto

É doutor em Filosofia pela USP e professor da Unesp. Autor, editor, conferencista, gestor público. Atua na www.jcastilhoconsultoria.com.br e é consultor internacional. Ex-presidente da Editora Unesp, foi secretário executivo do PNLL, diretor da BMA-SP e presidente da ABEU e EULAC. Seu nome apelida a Lei nº13.696/2018 da PNLE.











PARTE 2

O Instituto Pró-Livro



O Instituto Pró-Livro (IPL) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sem fins lucrativos, criada em 2006 e mantida pelas entidades do livro – Associação Brasileira de Livros e Conteúdos Educacionais (Abrelivros), Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel) – com a missão de transformar o Brasil em um país de leitores. Seu objetivo é promover pesquisas e ações de fomento à leitura.

Além da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* – projeto mais conhecido desde a criação do instituto, há 18 anos –, o IPL realizou outras importantes ações, como o programa *Mais Livro e Mais Leitura*, em parceria com o MinC, as instalações infantis em Bienais do Livro e as campanhas *Céu de Histórias* e *Mãe, lê pra mim?*, entre outras. Em 2019, lançou a pesquisa *Retratos da Leitura – Bibliotecas Escolares*, a fim de identificar o impacto das bibliotecas na aprendizagem. Nos anos de 2019 e 2022, aplicou a pesquisa *Retratos da Leitura* nas Bienais do Rio, de São Paulo e na FLUP-Rio, em parceria com o Itaú Cultural. Realizou quatro edições do Prêmio IPL – Retratos da Leitura, criado para homenagear organizações e valorizar e difundir projetos de fomento à leitura. Mantém, ainda, a *Plataforma Pró-Livro*, um ambiente digital colaborativo que reúne informações sobre práticas de leitura em todo o país e estimula a conexão entre essas experiências.

Sobre a *Retratos da Leitura no Brasil*



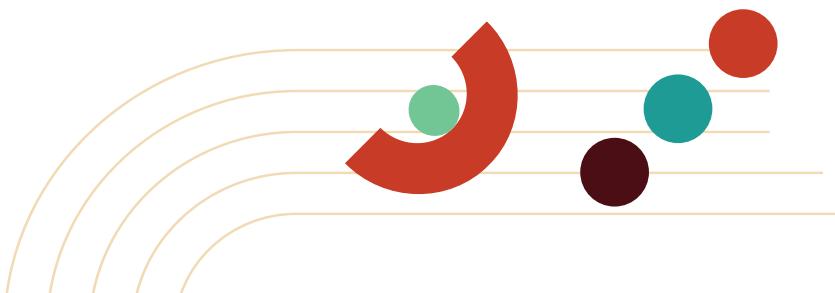
Apresentação

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* passou a ser realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2007, logo após a criação do instituto, em 2006.

Sob a coordenação do instituto, a pesquisa ampliou seu escopo a fim de abranger toda a população brasileira com 5 anos ou mais, passando a ser realizada a cada quatro anos. Adotou metodologia do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe (Cerlalc), da Unesco, o que possibilita a comparação com pesquisas de outros países da Ibero-América e a construção de séries históricas.

É a única pesquisa em âmbito nacional com o objetivo de avaliar o comportamento do leitor brasileiro. Seus resultados são amplamente divulgados, sendo referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros.

A pesquisa tem subsidiado importantes estudos acadêmicos e outras investigações na área de educação, leitura e livro, além de artigos e textos sobre o assunto. Também orienta políticas públicas e ações da sociedade civil, governos e a cadeia produtiva do livro. Ao longo desses anos, tem sido usada no desenvolvimento de estratégias para ampliar o acesso ao livro e estimular as práticas de leitura, com um inegável esforço para transformar o Brasil em um país de mais leitores e para que a educação assuma a condição de prioridade nacional.



Objetivos da Pesquisa

Ao realizar a pesquisa a cada quatro anos, e ao promover debates e a ampla divulgação de seus resultados, o IPL confirma seu compromisso — e o das entidades do livro — com a produção de estudos sobre o comportamento leitor do brasileiro. Além disso, busca construir séries históricas com seus indicadores, de modo a orientar a avaliação de políticas públicas e contribuir para a formulação de ações mais efetivas voltadas à melhoria dos índices de leitura no país, considerados condição para a inclusão cultural e para o aprimoramento da qualidade da educação — elementos essenciais ao desenvolvimento sustentado do Brasil.

Trata-se da única pesquisa, em âmbito nacional, com o objetivo de avaliar o comportamento leitor do brasileiro.

Seu **objetivo central** é promover, a partir desse amplo diagnóstico, reflexões, estudos e decisões acerca de possíveis novas intervenções — tanto do governo quanto da sociedade civil — com vistas à orientação de políticas públicas e à execução de ações que melhorem a qualidade e os atuais indicadores de leitura e de acesso ao livro no país.

A pesquisa tem como **objetivos específicos**: conhecer o perfil do leitor e do não leitor, bem como o comportamento leitor, medindo aspectos como intensidade, forma, limitações, motivação, representações e condições de leitura e de acesso ao livro — impresso e digital — pela população brasileira. Inclui também questões voltadas à identificação do interesse pela leitura de outros materiais, como jornais, revistas e HQs.

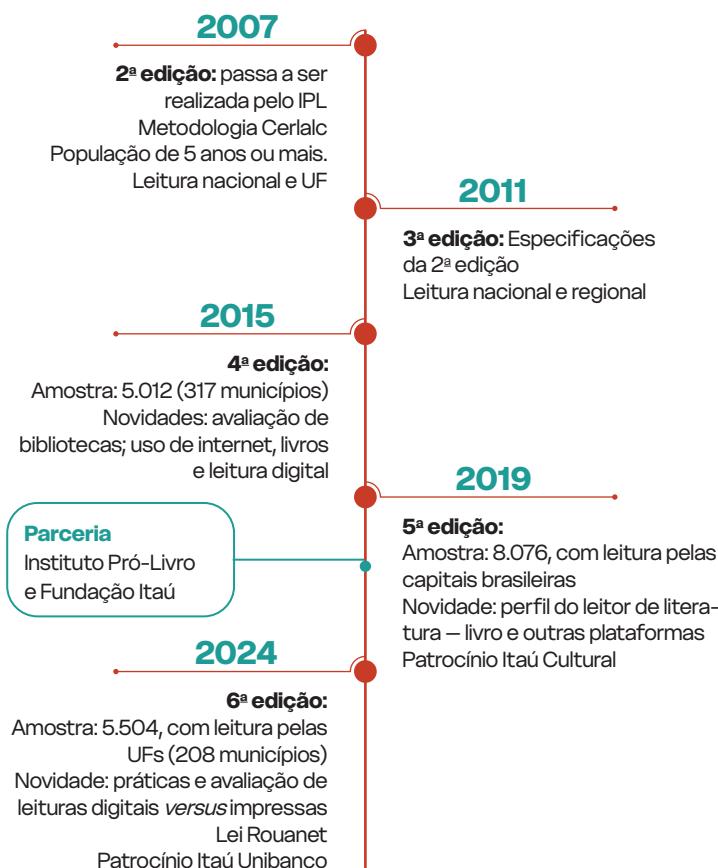
Desde a 5^a edição, aborda também os hábitos de leitura dos leitores de literatura em livros — impressos e digitais — e em outras plataformas, suportes ou meios. Na 6^a edição, incluiu questões para investigar como os leitores de livros impressos e digitais avaliam a compreensão e a experiência de leitura nos diferentes suportes.

Histórico

A *Retratos da Leitura* teve sua primeira edição em 2001, promovida pela CBL e pela Snel com apoio da Bracelpa, com outra metodologia e composição de amostra.

A partir de 2007, já na 2^a edição, passou a ser conduzida pelo IPL e adotou a metodologia de padrão internacional do Cerlalc-Unesco. Essa mudança ampliou significativamente o tamanho da amostra para ter representatividade nacional e das regiões brasileiras. Incluiu crianças a partir de 5 anos, permitindo avaliar a leitura entre estudantes da educação básica, e ampliou as questões para conhecer o perfil leitor e os hábitos de leitura da população.

Linha do tempo



Ao longo dos anos, tem buscado, a cada edição, aperfeiçoar, ampliar e atualizar o escopo desse estudo, com o objetivo de conhecer novas tendências e leituras em diferentes suportes e materiais, incluindo leitura digital, leitura de literatura, consumo de livros, influenciadores tradicionais e digitais e o uso de bibliotecas pelos brasileiros.

Séries históricas, livro e metodologia

Além de estabelecer comparações e estimular o aprofundamento das investigações sobre a situação da leitura no país, desde a segunda edição, a **Retratos da Leitura no Brasil**, apesar do aperfeiçoamento e ampliação no objeto do estudo, mantém a metodologia e o escopo da pesquisa, com o propósito de possibilitar análises comparativas e a construção de séries históricas. Tem mantido a periodicidade de quatro anos para sua aplicação, que foi confiada ao Ibope Inteligência em 2007, 2011, 2015, 2019, e, ao Instituto Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (IPEC), em 2024. O levantamento utiliza entrevistas presenciais, nos domicílios, com brasileiros, residentes, com cinco anos ou mais, alfabetizados ou não.

Livros

A pesquisa tem sido publicada desde a 2^a edição, agregada a artigos assinados por notórios especialistas convidados para analisarem os resultados de cada edição. Todas as quatro últimas edições podem ser baixadas gratuitamente no site do IPL.



Realização

A realização da pesquisa pelo IPL, desde 2007, foi possível com o apoio das mantenedoras: Abrelivros, CBL e SNEL.

A coordenação da Retratos da leitura, desde a 2^a edição, coube a Zoara Failla, do Instituto Pró-Livro, que conta com a assessoria de uma comissão formada por especialistas da área.

Patrocínio

As edições de 2007, 2011 e 2015 foram patrocinadas pelas entidades do livro mantenedoras do IPL: Abrelivros, CBL e SNEL.

Em 2019 o IPL firmou parceria com o **Itaú Cultural** para realização da 5^a edição da pesquisa, o que possibilitou ampliar a amostra de 5 mil para 8 mil entrevistas, o que permitiu conhecer os indicadores de leitura de todas as capitais brasileiras e DF.

Em 2024 a pesquisa foi realizada com patrocínio do **Itaú Unibanco**, graças à Lei de Incentivo Fiscal à Cultura – Lei Rouanet. Contou com parceira da **Fundação Itaú** e apoio da **Abrelivros**, **CBL** e **Snel**.



APOIO	PATROCÍNIO	REALIZAÇÃO

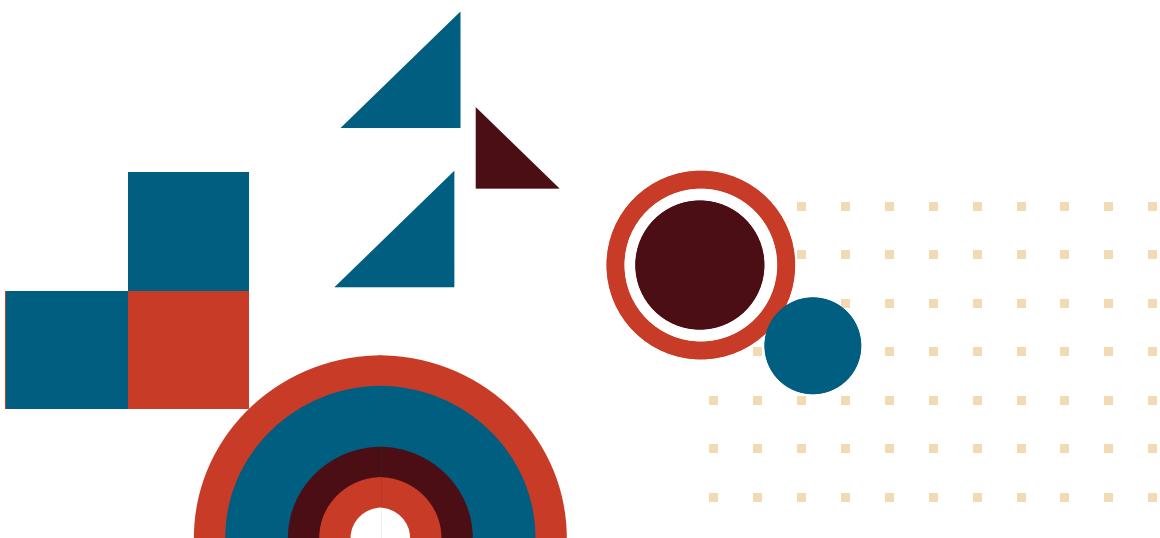
Parceiros da 6^a edição

Sobre a Fundação Itaú

A Fundação Itaú tem como missão inspirar e criar condições para que cada brasileiro se desenvolva como cidadão capaz de transformar a sociedade. Para isso, atua em três frentes — Itaú Cultural, Itaú Social e Itaú Educação e Trabalho — que, em parceria com o poder público e diversos atores, desenvolvem programas, promovem iniciativas e produzem conhecimento e evidências de forma dinâmica, integrada e sinérgica. Com essa abordagem, a Fundação Itaú busca impulsionar mudanças estruturais e inspirar futuros em que todos os brasileiros tenham acesso à arte, cultura e educação.

Sobre o Observatório Fundação Itaú

O Observatório Fundação Itaú foi concebido como um espaço dedicado à produção e disseminação de conhecimento, com o objetivo de embasar a criação e o aprimoramento de políticas públicas. Conectando diferentes setores da sociedade, o Observatório compartilha pesquisas que integram arte, cultura, educação e outras temáticas essenciais para os desafios contemporâneos. Além disso, promove o diálogo e transforma informação em ação, sempre com o propósito de contribuir para uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável.



A 6^a edição da Retratos da Leitura no Brasil – 2024

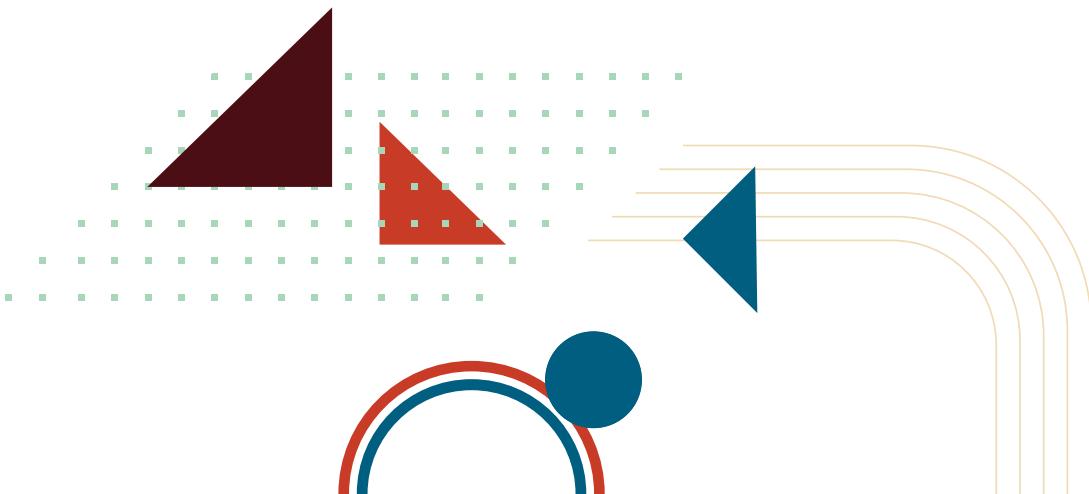
A 6^a edição da pesquisa foi realizada graças ao incentivo fiscal obtido via Lei de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet) e MinC. O IPL contou também com o patrocínio do Itaú Unibanco e a parceria da Fundação Itaú. Além disso, recebeu o apoio das entidades mantenedoras: Abrelivros, CBL e Snel.

Esse apoio possibilitou a ampliação do escopo da pesquisa, aprofundando o entendimento sobre o leitor de literatura em diferentes formatos, incluindo a leitura digital, e mantendo a metodologia e o perfil da amostra para assegurar a continuidade da série histórica sobre o comportamento leitor do brasileiro.

O Ipec, parceiro do IPL nas edições anteriores, foi novamente contratado para a aplicação da pesquisa e a análise dos dados obtidos nesta edição.

Além de permitir o conhecimento dos indicadores e dos hábitos de leitura de todos os brasileiros com mais de 5 anos, esta edição possibilitará a análise dos resultados por regiões do Brasil e por Unidades da Federação. Para alcançar esse objetivo, foram entrevistados, em seus domicílios, 5.504 brasileiros e brasileiras, alfabetizados ou não, em 208 municípios.

Compreender o comportamento do leitor medindo intensidade, forma, limitações, motivações, representações e as condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital – pela população brasileira na atualidade.



Novidades da 6^a edição

A 6^a edição da pesquisa incluiu questões destinadas a identificar como os leitores de livros impressos e digitais avaliam a compreensão e a experiência da leitura em diferentes suportes.

Foram realizadas algumas mudanças no instrumento de coleta em comparação com a edição de 2019:

- Reformulação de perguntas e de itens de resposta de modo a facilitar a compreensão pelo entrevistado, bem como a adequação aos objetivos da pesquisa.
- Preferências literárias: foram introduzidas perguntas para investigação da quantidade de livros lidos por vontade própria nos últimos três meses, considerando preferências literárias e temáticas – livros técnicos, profissionalizantes, científicos ou acadêmicos, livros sobre esportes, culinária ou outros assuntos.
- Literatura sob a perspectiva das crianças: inclusão de questões para compreender o universo literário infantil, levando em conta a quantidade de livros infantis existentes nas residências e os hábitos de leitura dos pais sob a ótica das crianças.
- Práticas de leitura: incorporação de questões voltadas à investigação da preferência por livros digitais ou impressos.
- Possibilidade de leitura dos resultados por Unidade Federativa.



Principais resultados da 6^a edição da *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*

Apresentação

Os principais resultados da 6^a edição da *Retratos da Leitura no Brasil* são apresentados a seguir em tabelas, quadros e gráficos, com comparativos e cruzamentos entre indicadores e diferentes perfis da população estudada.

Para a análise dos dados, dos resultados e das tabelas apresentadas, recomendamos a leitura do **Relatório Metodológico** elaborado pelo Ipec, responsável pela aplicação em campo, tabulação e preparação dos relatórios estatísticos e tabelas. É importante ter em mente que:

- Os dados foram comparados com os das edições anteriores sempre que a metodologia, as questões aplicadas e o tamanho da amostra ou número de respondentes garantiram a confiabilidade, permitindo a construção de uma série histórica. Esses dados também foram cruzados e analisados de acordo com diversas categorias da amostra: gênero, idade/faixa etária, escolaridade, nível de escolaridade dos estudantes, classe social e renda familiar.
- Foram mantidos os conceitos de "livro", "livro lido em parte", "leitor" e "não leitor", conforme definidos no *Relatório Metodológico*, a fim de possibilitar a comparação com os resultados das edições anteriores.
- As avaliações, indicações e informações apresentadas pelos entrevistados, em resposta às questões, não são checadas ou validadas, uma vez que o objeto desta investigação são as percepções e opiniões dos próprios entrevistados.
- É importante que, ao analisar as tabelas, os leitores verifiquem sempre as questões que orientaram as respostas – indicadas nas notas de rodapé –, bem como a base da amostra, com os dados sobre os respondentes.

O questionário aplicado em campo, que orientou as entrevistas domiciliares face a face, contou com cerca de 140 questões desdobradas segundo as variáveis da amostra por perfil e categorias definidas para essa investigação.

Para conhecer a pesquisa completa e outras análises sobre essa edição, acesse o site do IPL: www.prolivro.org.br.

A ampla divulgação desse estudo tem por objetivo disponibilizar os dados para que estudiosos e interessados possam aprofundar a análise e orientar suas ações ou pesquisas.

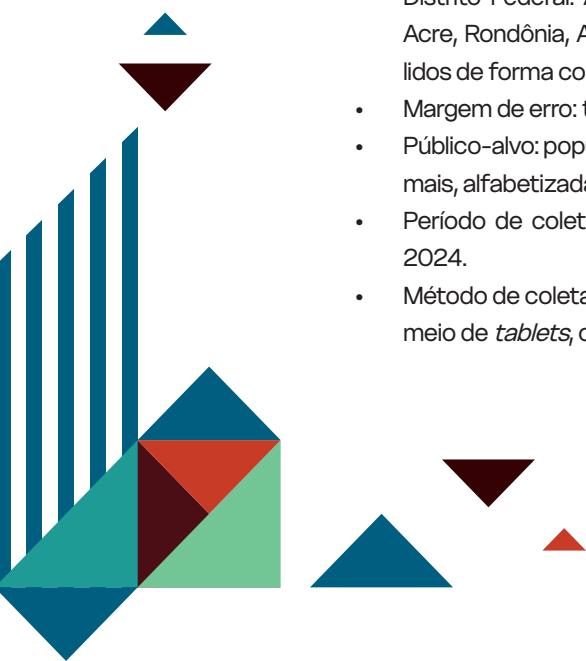


Especificações técnicas e metodologia

Especificações técnicas

Amostra

- Abrangência geográfica: nacional.
- Amostra: 5.504 entrevistas em 208 municípios. A amostra permite a leitura para 21 Unidades Federativas (UFs) e Distrito Federal. A exceção são os estados de Roraima, Acre, Rondônia, Amapá e Tocantins, cujos resultados são lidos de forma conjunta.
- Margem de erro: total da amostra – 1 ponto percentual.
- PÚBLICO-ALVO: população brasileira residente, com 5 anos ou mais, alfabetizada ou não.
- Período de coleta: 30 de abril de 2024 a 31 de julho de 2024.
- Método de coleta: entrevistas domiciliares face a face por meio de *tablets*, com um questionário de 147 questões.



Relatório Metodológico – Ipec

Rosi Rosendo

Coleta de dados

A coleta de dados da 6^a edição da *Retratos da Leitura no Brasil* foi realizada entre os dias 30 de abril e 31 de julho de 2024 em todo o território nacional com pessoas de 5 anos ou mais, alfabetizadas ou não. Vale mencionar que este período de campo foi prolongado por cerca de um mês além do previsto para a conclusão da amostra esperada, especificamente na região Sul do país, em decorrência das enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul no final de abril de 2024. Após a melhora das condições locais e a viabilidade do acesso às cidades, as entrevistas no RS foram realizadas.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas pessoais domiciliares, conduzidas por uma equipe de entrevistadores devidamente treinada, supervisionada e com identificação do Ipec. As entrevistas foram conduzidas por questionário estruturado com 147 perguntas fechadas, semiabertas e de citação, tendo como referência o questionário aplicado em 2019 – de forma a possibilitar a comparação com as edições anteriores –, com algumas atualizações e ajustes necessários. Assim como ocorre desde a edição de 2015, o questionário foi programado em um *software* para tablets, usando a metodologia *Computer Assisted Personal Interviewing* (CAPI).

Principais conceitos e definições

- Livros: consideram-se livros em papel, livros digitais ou eletrônicos e audiolivros digitais, livros em braile e apostilas escolares, excluindo-se manuais, catálogos, folhetos, revistas, gibis e jornais. Este conceito é o mesmo adotado na edição de 2011 da pesquisa.
- Livros lidos em partes: consideram-se como livros lidos em partes aqueles cujos entrevistados leram algumas partes, trechos ou capítulos. Este conceito foi alterado em 2015.

- Leitor: considera-se “leitor” aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de qualquer gênero, impresso ou digital, nos três meses anteriores à pesquisa. A definição é a mesma utilizada nas edições anteriores da pesquisa desde 2007.
- Não leitor: assim como nas edições anteriores, “não leitor” é aquele que declarou não ter lido nenhum livro ou parte de livro nos três meses anteriores à pesquisa, mesmo que tenha lido nos 12 meses anteriores à pesquisa. A definição é a mesma utilizada nas edições anteriores da pesquisa desde 2007.
- Leitor de livros de literatura: aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de literatura (como contos, crônicas, romances ou poesias) por vontade própria nos três meses anteriores à pesquisa.
- Leitor de literatura apenas em outros meios ou formatos: aquele que leu literatura (contos, crônicas, romances ou poesias) nos três meses anteriores à pesquisa apenas em formatos que não sejam livros (por exemplo, em redes sociais, aplicativos de mensagens, blogs, sites na internet, jornais, revistas ou outros materiais impressos que não sejam livros).
- Leitor de literatura independente do meio: são aqueles que leram literatura nos três meses anteriores à pesquisa por meio de livros ou por outros meios que não sejam livros.
- Comprador de livros: considera-se “comprador” o responsável que declarou ter comprado algum livro¹, em papel ou formato digital, nos três meses anteriores à pesquisa.

¹ Considera-se a compra de livros didáticos (indicados pela escola ou faculdade), livros de literatura, como contos, romances ou poesias (indicados pela escola ou faculdade ou comprados por vontade própria), outros livros em geral (comprados por vontade própria) ou apostilas, xerox de livros ou partes de livros.

- Escolaridade: refere-se à última etapa formal de estudos que a pessoa cursou. As opções de resposta se dividem em 17 itens, que foram agrupados em cinco categorias. Assim, temos as categorias: pessoas não alfabetizadas; pessoas que cursaram até o 5º ano do Ensino Fundamental; aqueles que cursaram do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; aqueles que cursaram da 1ª à 3ª série do Ensino Médio; e, por último, aqueles com Ensino Superior incompleto, completo ou mais.
- Renda familiar: é a soma da renda individual de todos os moradores do mesmo domicílio, incluindo o respondente. Para divulgação dos resultados da pesquisa, foram estabelecidas cinco faixas de renda, iniciando-se pelo salário mínimo definido pelo Ministério do Trabalho e Emprego, cujo valor para 2024, no momento da realização da pesquisa, era R\$ 1.412,00.
- Classe: o critério utilizado na pesquisa para definição da classe dos respondentes é o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). O CCEB levanta a posse e quantidade de itens de conforto e consumo doméstico, além do grau de instrução do chefe de família declarado e das características do domicílio, como a presença de água encanada e rua pavimentada. É estabelecido um sistema de pontuação, no qual, para cada item, são atribuídos pontos, que são somados ao final das perguntas, resultando na classificação em classes econômicas A, B1, B2, C1, C2 e DE.



Categorias de interesse para análise e divulgação

Os resultados da pesquisa, além de divulgados para a população-alvo, são analisados e, alguns deles, publicados em categorias definidas com base nas variáveis descritas a seguir:

- Sexo: feminino ou masculino.
- Faixa etária: divisão em faixas de 5 a 10 anos, 11 a 13, 14 a 17, 18 a 24, 25 a 29, 30 a 39, 40 a 49, 50 a 69 e 70 anos ou mais.
- Escolaridade: divisão em "Analfabeto ou Não frequentou escola formal", "Ensino Fundamental I (1^a a 4^a série ou 1^º ao 5^º ano)", "Ensino Fundamental II (5^a a 8^a série ou 6^º ao 9^º ano)", "Ensino Médio (1^º ao 3^º ano)" e "Ensino Superior".
- Renda familiar: divisão em faixas de "até 1 SM", "mais de 1SM a 2 SM", "mais de 2 SM a 5 SM", "mais de 5 SM a 10 SM" e "mais de 10 SM".
- Classe social: segmentação em classes A, B, C e DE.
- Condição de ocupação: categorização em "Ocupados" (que trabalham, ou seja, exercem alguma atividade remunerada, dentro ou fora de casa, incluindo trabalho formal, com carteira assinada ou não, e autônomos) e "Não ocupados".
- Região: divisão regional do país, segundo definições do IBGE, nas macrorregiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.
- Religião: separação em "católica", "evangélica", "ateu/não tem religião/não acredita em Deus" e "outras".
- Condição de município: separação em capital, interior ou região metropolitana.
- Porte do município: agrupamento em três categorias com base no número de habitantes – "até 20 mil", "mais de 20 mil a 100 mil" e "mais de 100 mil".

Além das variáveis descritas, os resultados também são analisados para as categorias "leitor *versus* não leitor", "leitor de literatura", "leitor de literatura apenas em meios digitais", "professor ou atua na área de educação", "estudante *versus* não estudante", "comprador de livros *versus* não comprador de livros" e "gosto pela leitura" (gosta muito, gosta pouco ou não gosta de ler).

Dimensionamento amostral

Foram realizadas 5.504 entrevistas, em 208 municípios brasileiros. O dimensionamento considerou uma amostra de 5.008 entrevistas representativas da população acima de 5 anos, estratificada com alocação proporcional à população de cada estado brasileiro, permitindo a leitura para o total do Brasil, para cada região do país e para 21 UFs e Distrito Federal. A exceção são os estados de RO, AC, RR, AP e TO, cujos resultados devem ser lidos de forma conjunta. Além disso, foram realizadas 496 entrevistas distribuídas desproporcionalmente entre os estados de Alagoas, Amazonas, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Piauí, Rio Grande de Norte e Sergipe, além do Distrito Federal, complementares à amostra principal de 5.008 entrevistas.

Esse desenho garante o mesmo nível de qualidade e comparabilidade com as edições anteriores da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a série histórica.

Desenho da amostra

Para o desenho amostral da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, foram utilizados os dados da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* (PNAD Contínua) de 2022. A amostra é representativa da população acima de 5 anos de idade (universo), estratificada com alocação desproporcional à distribuição da população por UFs, de modo a garantir a leitura dos resultados para o total das amostras de 26 capitais brasileiras.

A amostra foi selecionada em três estágios: seleção aleatória de municípios no interior das UFs, seleção probabilística de setores censitários nos municípios selecionados pelo método de Probabilidade Proporcional ao Tamanho, e seleção dos respondentes considerando cotas de sexo, idade, escolaridade e ocupação definidas com base nos dados mais atualizados do IBGE (PNAD Contínua 2022). Dessa forma, garantiu-se uma leitura consistente e segura dos resultados em todas as segmentações necessárias e exigidas pelo estudo.

Devido à realização de 496 entrevistas complementares distribuídas entre dez estados brasileiros, os resultados foram ponderados para corrigir a desproporção entre as UFs. O cálculo dos

fatores de ponderação considerou a distribuição da população com 5 anos ou mais em cada UF de acordo com a PNAD Contínua 2022 do IBGE.

Margem de erro

Com um intervalo de confiança de 95%, a margem de erro estimada é de 1 ponto percentual para mais ou para menos sobre os resultados observados no total da amostra. Para o público de leitores, a margem de erro é de 2 pontos percentuais para mais ou para menos, considerando um intervalo de confiança de 95%. Quanto às leituras por UF, a margem de erro varia de 3 a 9 pontos percentuais, com um nível de confiança de 95%.

Alterações no instrumento de coleta

Na 5^a edição da pesquisa, foram realizadas diversas adequações no instrumento de coleta de dados para aprimorar a qualidade das respostas sem comprometer a possibilidade da construção da série histórica.

As alterações no questionário em relação à edição anterior da pesquisa, realizada em 2019, foram as seguintes:

- Reformulação de perguntas e de itens de respostas: para facilitar a compreensão do entrevistado e adequar o questionário aos objetivos da pesquisa, houve reformulação de perguntas e de alguns itens de respostas pré-codificadas.
- Preferências literárias: foram incluídas perguntas para investigar a quantidade de livros lidos por vontade própria nos últimos três meses, considerando livros técnicos, profissionalizantes, científicos ou acadêmicos, além de livros sobre esportes, culinária ou outros assuntos.
- Literatura sob a perspectiva das crianças: foram incluídas questões para compreender o universo literário infantil, levando em conta a quantidade de livros infantis existentes nas residências e os hábitos de leitura dos pais sob a ótica da criança.

- Práticas de leitura: foram incorporadas questões para investigar a preferência por livros digitais ou impressos.
- Os dados foram organizados de modo a permitir a análise dos resultados por unidade federativa.

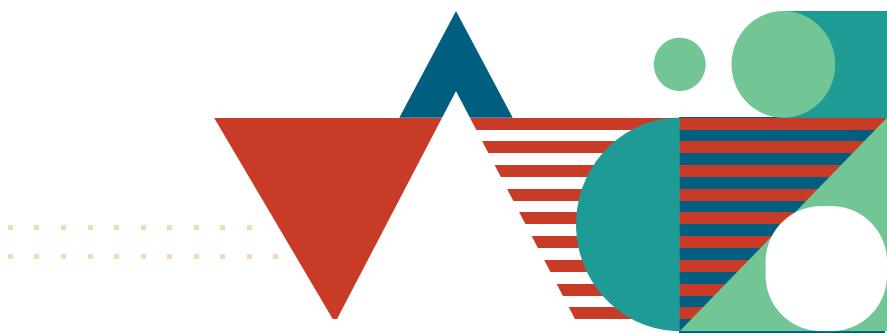
Disseminação dos resultados do estudo

Os resultados divulgados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* referem-se ao total da amostra. Para alguns deles, são apresentados recortes como sexo, faixa etária, escolaridade e renda familiar, entre outras variáveis.

Para a interpretação adequada dos dados, porém, é fundamental considerar os seguintes aspectos:

- Questões com uma baixa base de respondentes devem ser analisadas com cautela, priorizando o número absoluto de respondentes. Não é adequado realizar projeções ou inferências em relação ao universo com base nos dados dessas questões.
- Arredondamentos podem fazer com que, em alguns resultados, a soma das categorias parciais não totalize 100% em questões com só uma opção de resposta. Já em questões nas quais é possível escolher mais de uma opção de resposta, o somatório das frequências pode ultrapassar 100%.
- É importante, além disso, atentar-se às comparações entre os resultados das diferentes edições da pesquisa. Devido a mudanças metodológicas, no fluxo do questionário, nos enunciados ou nas opções de resposta, alguns dados disponibilizados podem não ser comparáveis entre si.

Por fim, ao comparar indicadores ao longo do tempo, é essencial considerar fontes de dados que tenham utilizado a mesma metodologia amostral e sejam da mesma natureza.





O leitor de livros: perfil



Leitor:

Percentual e Estimativa populacional

Leitor

é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de qualquer gênero, impresso ou digital, nos últimos 3 meses.

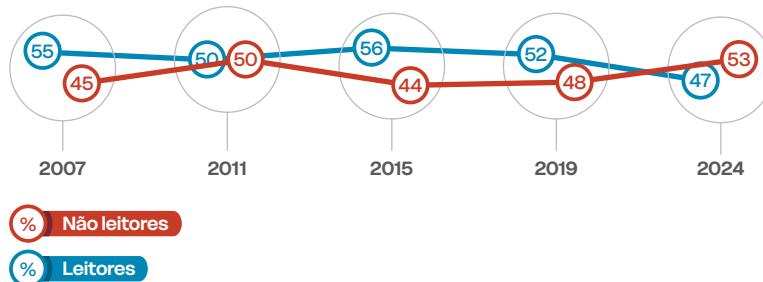
Não leitor

é aquele que declarou não ter lido nenhum livro, ou parte de um livro, nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

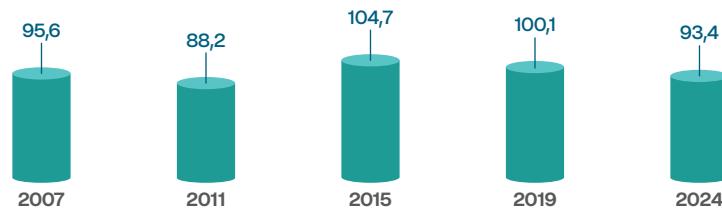
Para os índices de leitura, a referência são os **3 meses anteriores à pesquisa**.

A definição de leitor/não leitor se mantém desde a edição de 2007.

Percentual (%)



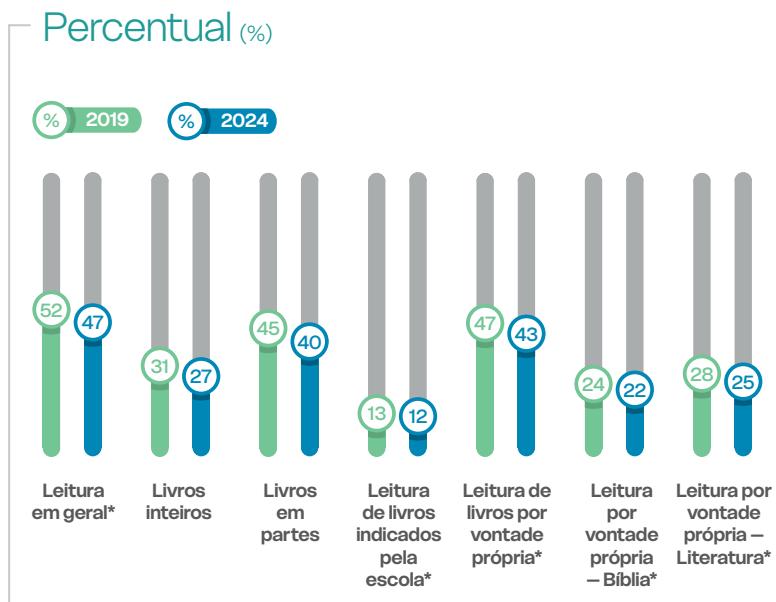
Estimativa populacional



Base: População brasileira com 5 anos ou mais – 2007 (173 milhões) / 2011 (178 milhões) / 2015 (188 milhões) / 2019 (193 milhões) / 2024 (201 milhões)

Penetração de leitura

de livros nos últimos 3 meses: Brasil



Estimativa populacional (em milhões)

2024	93,4	53,0	80,6	23,9	85,5	44,0	50,4
2019	100,1	59,9	87,0	26,1	91,8	45,7	54,1

Leitura em geral*	Livros inteiros	Livros em partes	Leitura de livros indicados pela escola*	Leitura de livros por vontade própria*	Leitura por vontade própria – Bíblia*	Leitura por vontade própria – Literatura*
-------------------	-----------------	------------------	--	--	---------------------------------------	---

Base: Amostra 2019 (8076) / 2024 (5504)

* Considerando tanto os livros inteiros quanto em partes.

** A penetração é calculada considerando quem leu pelo menos um livro, inteiro ou em partes, nos últimos três meses.

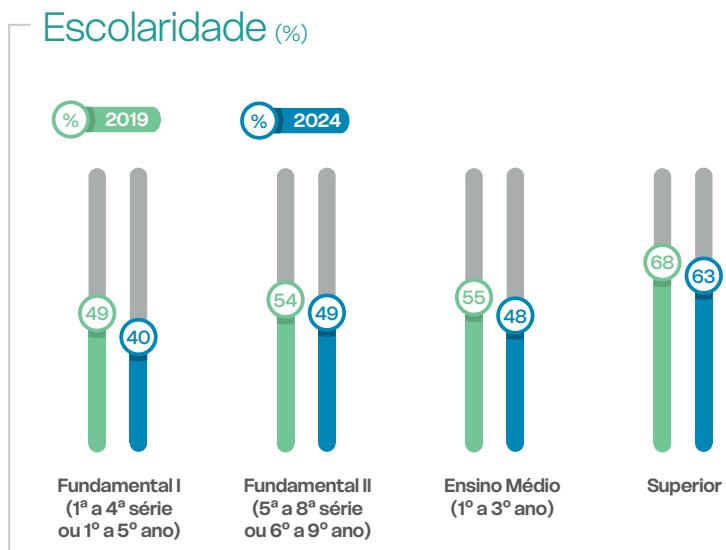
Percentual de leitores

Estudante e escolaridade de quem estuda atualmente – 2019 versus 2024



Escolaridade

2019 versus 2024



Estimativa de leitores (em milhões de habitantes)

	2024	2019		
Fundamental I (1 ^a a 4 ^a série ou 1 ^º a 5 ^º ano)	13,7	21,1		
Fundamental II (5 ^a a 8 ^a série ou 6 ^º a 9 ^º ano)	22,2	23,3		
Ensino Médio (1 ^º a 3 ^º ano)	34,2	34,5		
Superior	23,2	21,1		

Gênero e idade

2019 *versus* 2024

Gênero (%)



Estimativa de leitores

(em milhões de habitantes)

	2024	50,4	42,9
	2019	54,2	45,9

Feminino Masculino

Idade (%)



Estimativa de leitores

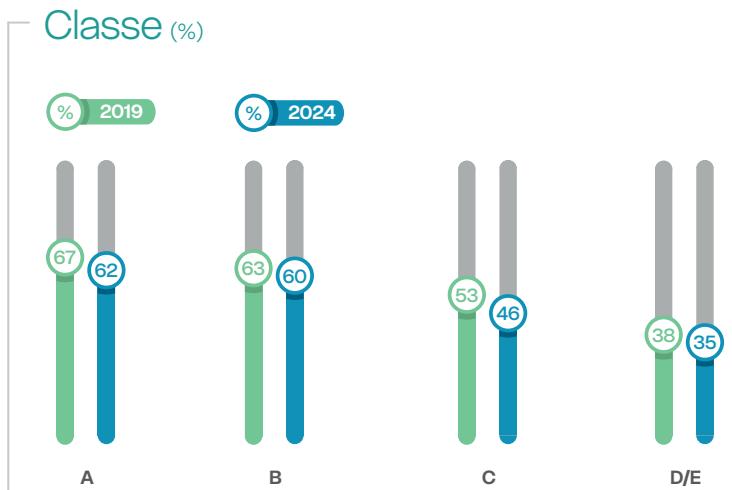
(em milhões de habitantes)

2024	7,7	7,6	10,1	12,2	9,5	14,2	13,2	15,3	3,4
2019	11,7	6,5	9,8	13,8	8,7	18,2	12,2	16,6	2,7
	5-10	11-13	14-17	18-24	25-29	30-39	40-49	50-69	70 e mais

Base: Amostra 2019 (8076) / 2024 (5504)

Classe e renda familiar

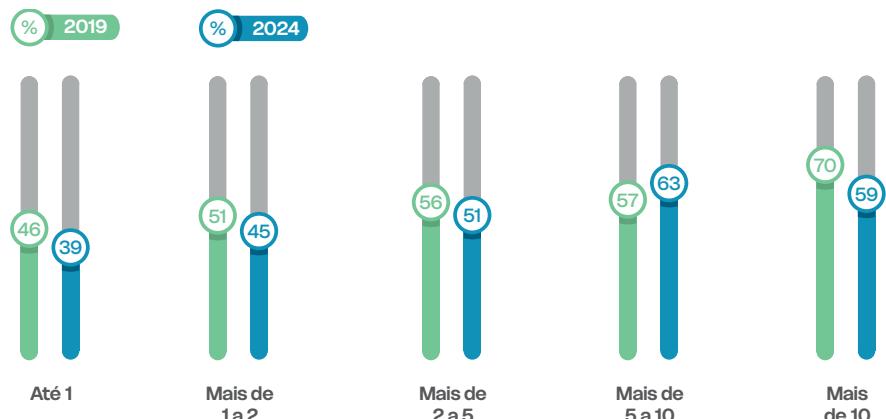
2019 *versus* 2024



Estimativa de leitores (em milhões de habitantes)

	A	B	C	D/E
2024	3,0	27,0	44,4	19,0
2019	3,9	26,4	48,9	21,0

Renda familiar (em salários mínimos)



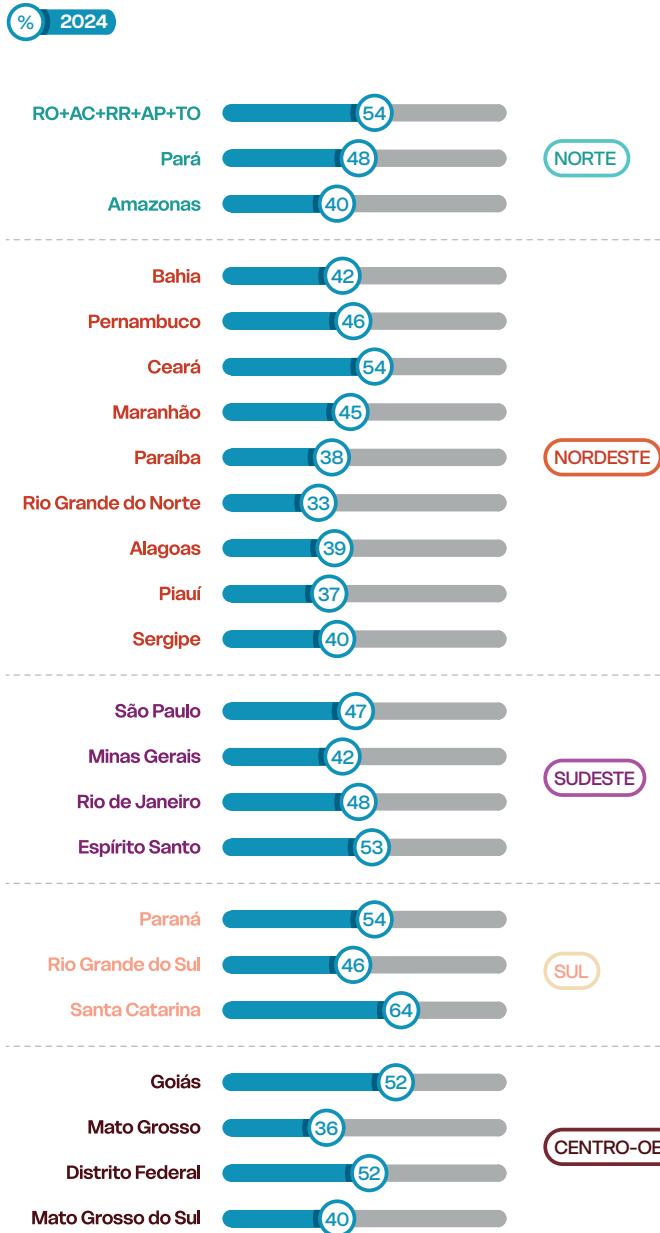
Estimativa de leitores (em milhões de habitantes)

2024	19,3	24,9	26,3	9,5	3,3
2019	22,6	25,7	25,3	12,7	3,5
Até 1					
Mais de 1 a 2					
Mais de 2 a 5					
Mais de 5 a 10					
Mais de 10					

Região

2019 *versus* 2024



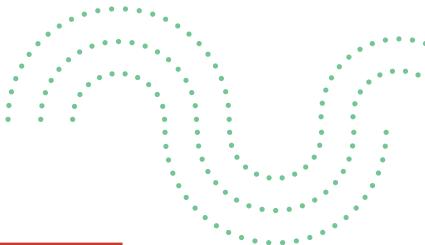




Indicadores de leitura: livros lidos e leitores

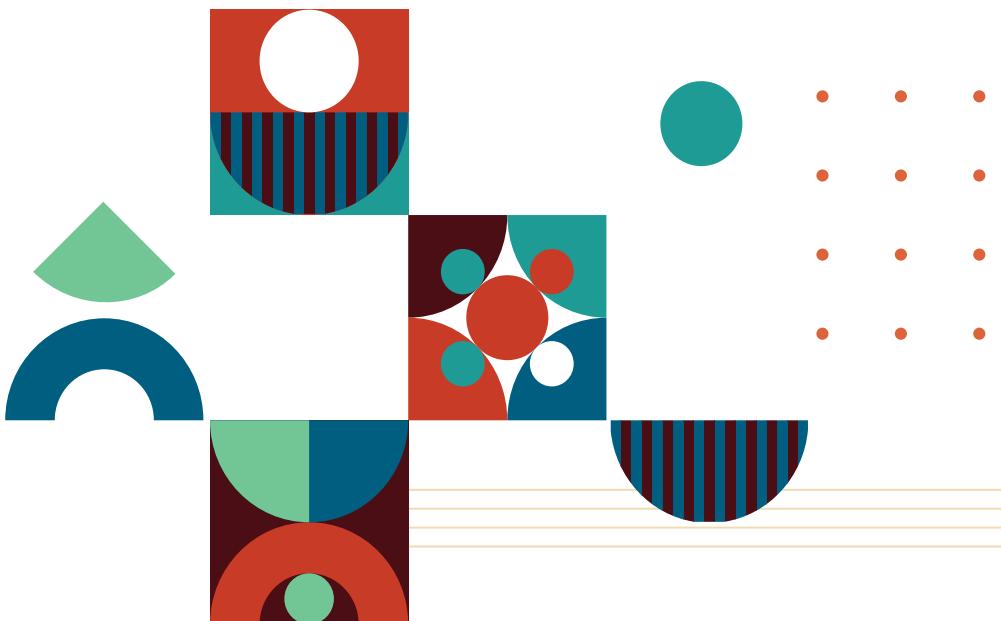


Média de livros lidos



Em 2024 separamos livros técnicos, científicos e profissionalizantes de outros tipos como biografias, culinária, esportes e outros assuntos.

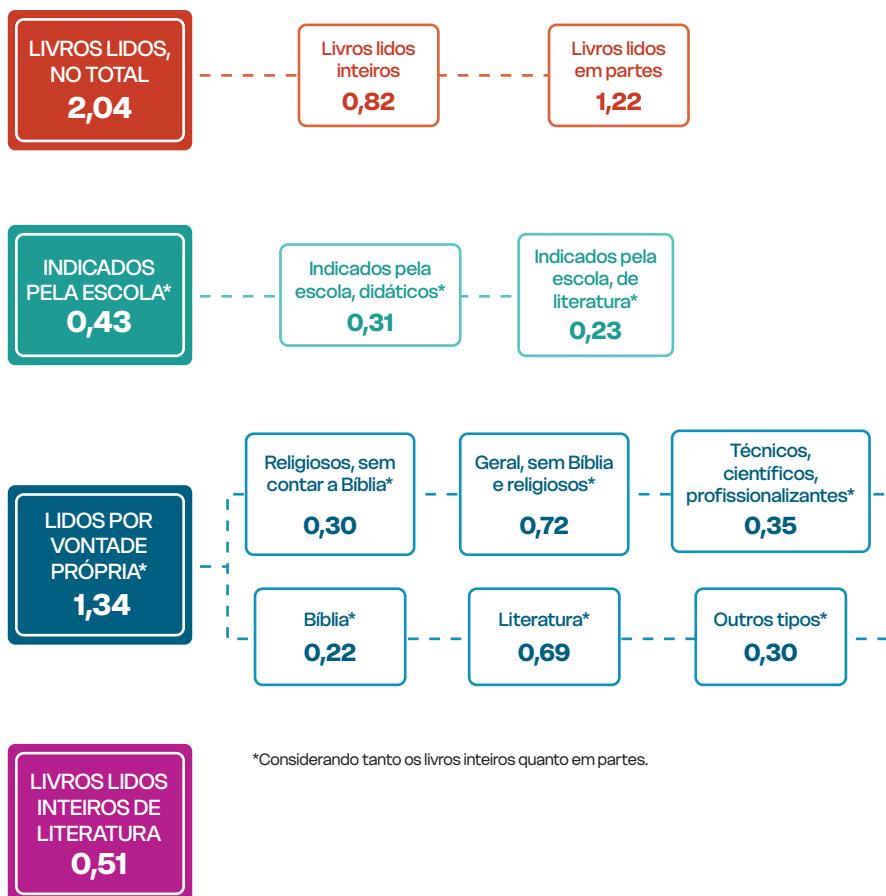
À exceção dos indicadores de livros em geral, inteiros e em partes, os demais indicadores não são passíveis de comparação entre edições devido às mudanças de filtros e dos enunciados das perguntas.



Média de livros lidos:

Nos últimos 3 meses entre todos os entrevistados - 2024

2024



Nos últimos 3 meses entre todos os entrevistados – 2011, 2015 e 2019

2011



2015

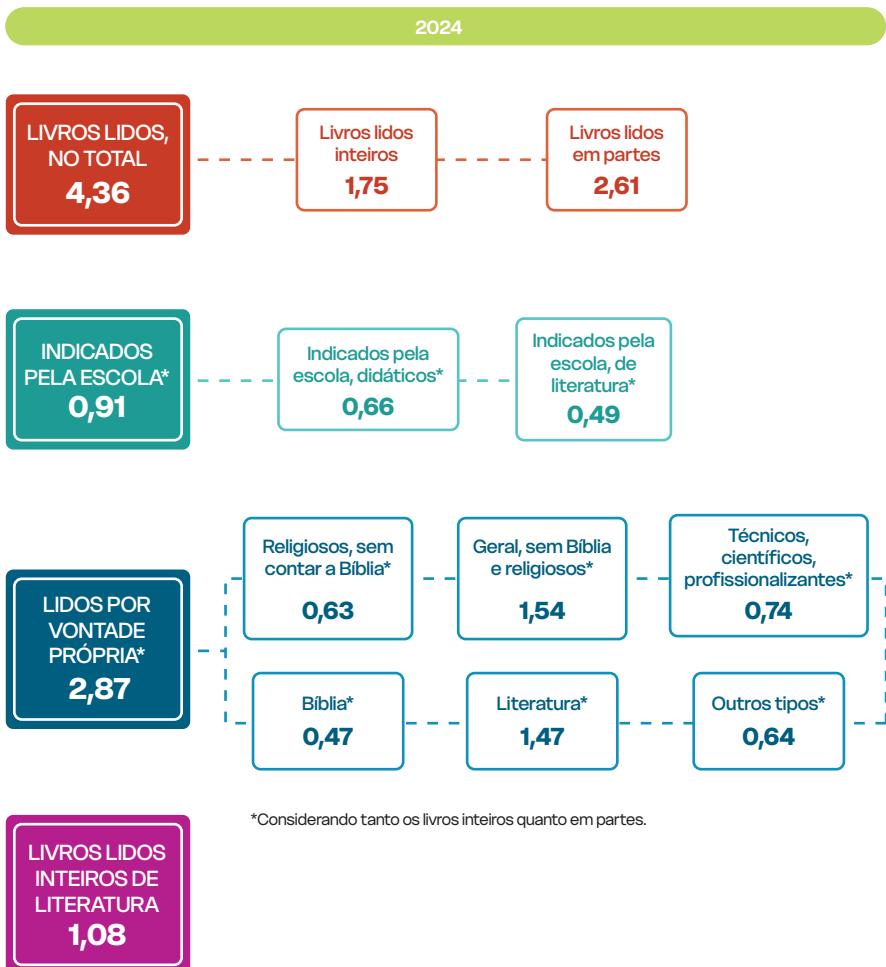


2019



Média de livros lidos:

Nos últimos 3 meses entre leitores - 2024



Em 2024 separamos livros técnicos, científicos e professionalizantes de outros tipos como biografias, culinária, esportes e outros assuntos.

Nos últimos 3 meses entre leitores - 2015 e 2019

2015

LIVROS LIDOS,
NO TOTAL
4,54

Livros lidos
inteiros
1,91

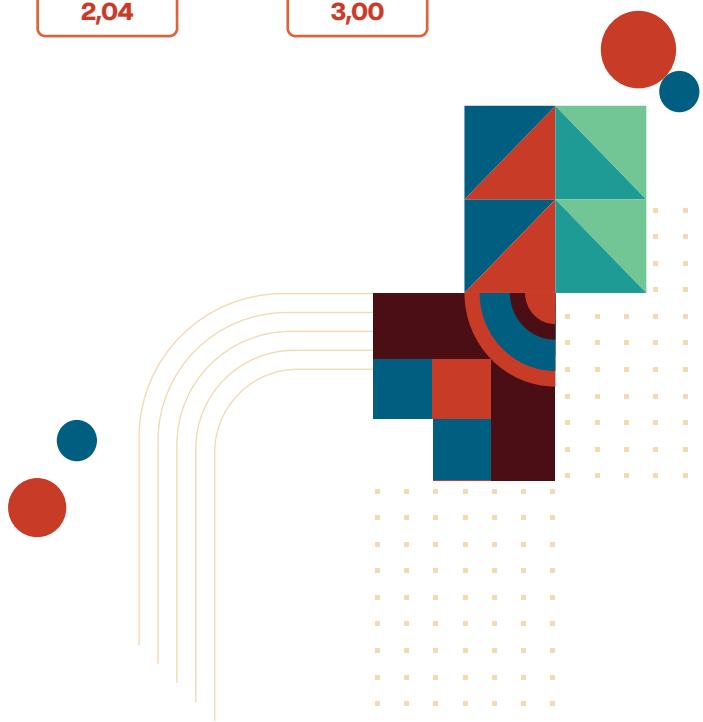
Livros lidos
em partes
2,64

2019

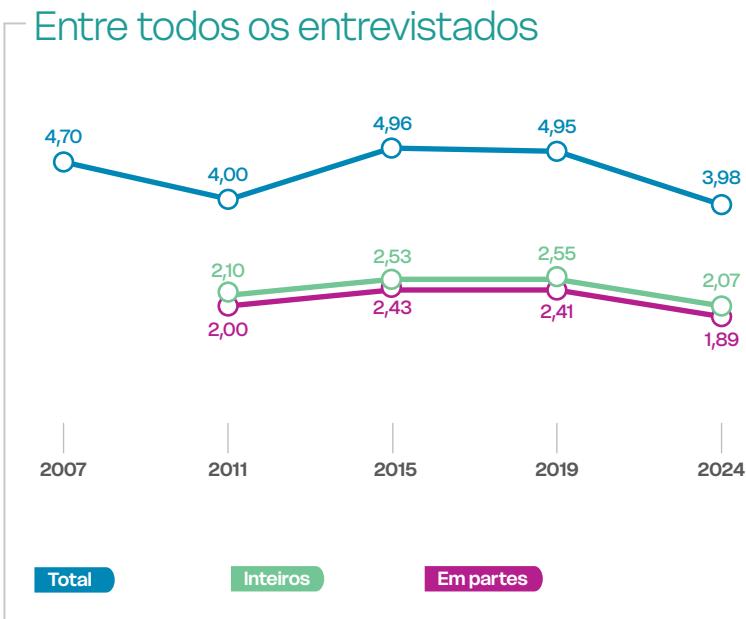
LIVROS LIDOS,
NO TOTAL
5,04

Livros lidos
inteiros
2,04

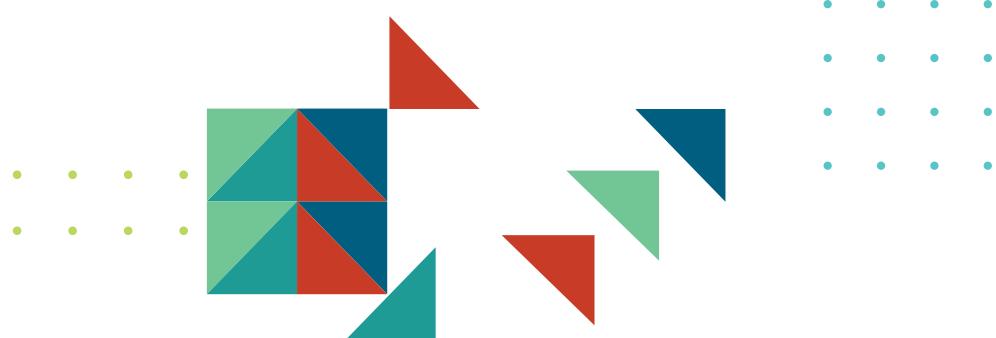
Livros lidos
em partes
3,00



Média de livros lidos por ano



*Considerando tanto os livros inteiros quanto em partes.



Média de livros lidos

nos últimos 12 meses entre leitores

2024



*Considerando tanto os livros inteiros quanto em partes.

2019





Motivações e hábitos de leitura

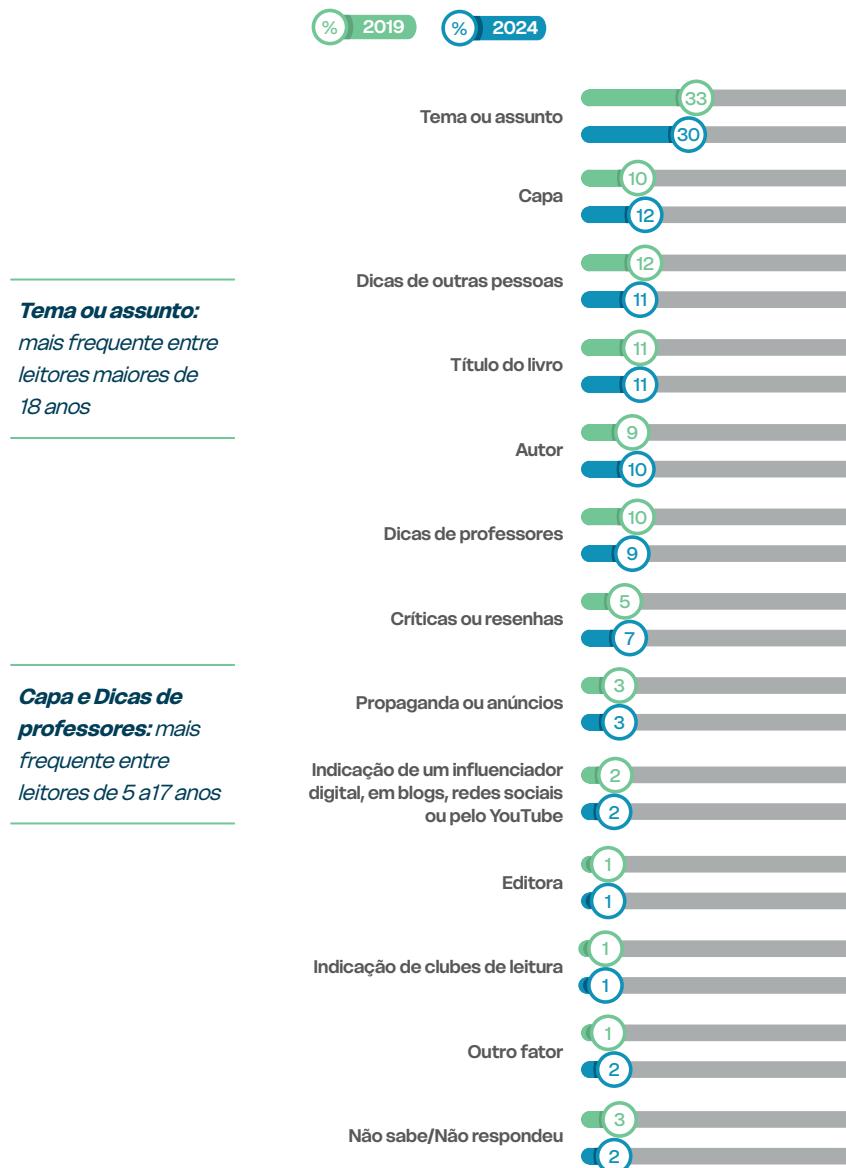


Principal motivação para ler um livro (%)



Base: Leitores -2019 (4270) / 2024 (2547). P.35) Qual é a principal razão para o(a) sr(a) ler? Escolha somente uma opção.

Fatores que influenciam na escolha de um livro (%)



Base: Leitores 2019 (4270) / 2024 (2547).

P.36) Qual destes fatores mais influencia o(a) sr(a) na hora de escolher um livro ou autor para ler? Escolha somente uma opção:

Frequência de leitura

de livros de literatura por vontade própria, independente do suporte

2024

Com que frequência lê livros de literatura por vontade própria, como contos, crônicas, romances ou poesias

Por escolaridade (%)

	ESCOLARIDADE				
	TOTAL	Fundamental I (1º a 4º série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5º a 8º série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Superior
Base: Sabe ler e escrever	(5158)	(940)	(1256)	(1956)	(1006)
Todos os dias ou quase todos os dias	7	6	7	7	9
Pelo menos 1 vez por semana	11	10	13	10	11
Pelo menos 1 vez por mês	9	5	9	9	11
Pelo menos 1 vez a cada 3 meses	6	2	5	7	9
Menos de uma vez a cada 3 meses	5	3	4	5	8
Não lê	62	74	61	62	52

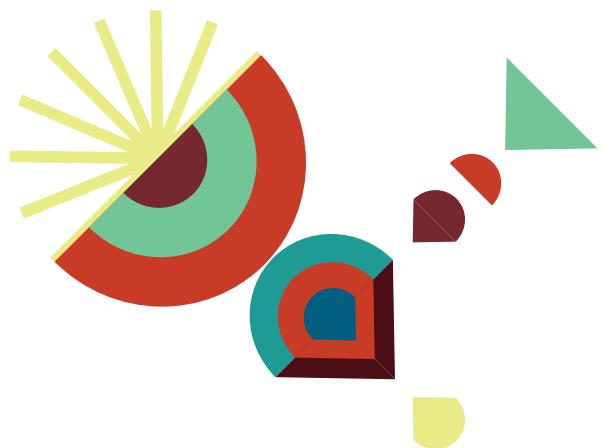
P.32D) O(a) sr(a) lê livros de literatura por vontade própria, como contos, crônicas, romances ou poesias todos os dias ou quase todos os dias, pelo menos uma vez por semana, pelo menos uma vez por mês, pelo menos uma vez a cada 3 meses, ou menos de uma vez a cada 3 meses? Por favor considere a leitura que o(a) sr(a) realiza em papel ou em formato digital.

Frequência de leitura

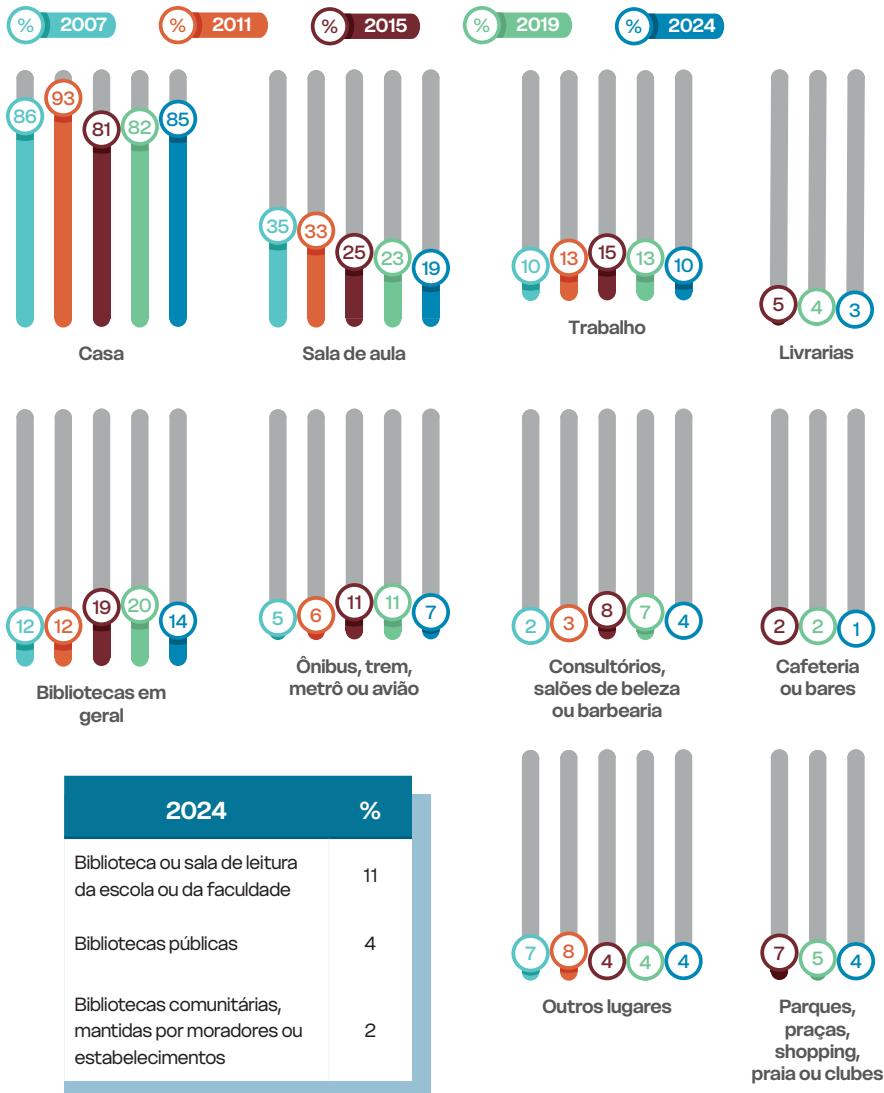
de livros de literatura por vontade própria,
independente do suporte

Por faixa etária (%)

	TOTAL	FAIXA ETÁRIA									
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais	
Base: Sabe ler e escrever	5158	266	261	452	627	518	840	838	1128	228	
Todos os dias ou quase todos os dias	7	16	18	12	9	9	6	4	4	4	
Pelo menos 1 vez por semana	11	25	24	16	10	9	9	10	6	5	
Pelo menos 1 vez por mês	9	10	11	12	12	9	8	8	6	6	
Pelo menos 1 vez a cada 3 meses	6	2	8	6	8	6	6	5	5	2	
Menos de uma vez a cada 3 meses	5	2	3	4	3	7	6	5	5	6	
Não lê	62	46	35	49	57	61	64	67	73	78	



Lugares em que costuma ler livros (%)



Base: Leitores 2007 (2745) / 2011 (2506) / 2015 (2798) / 2019 (4270) / 2024 (2547).

P.33A) Em qual destes lugares o(a) sr(a) costuma ler livros, sejam eles em papel ou digital?

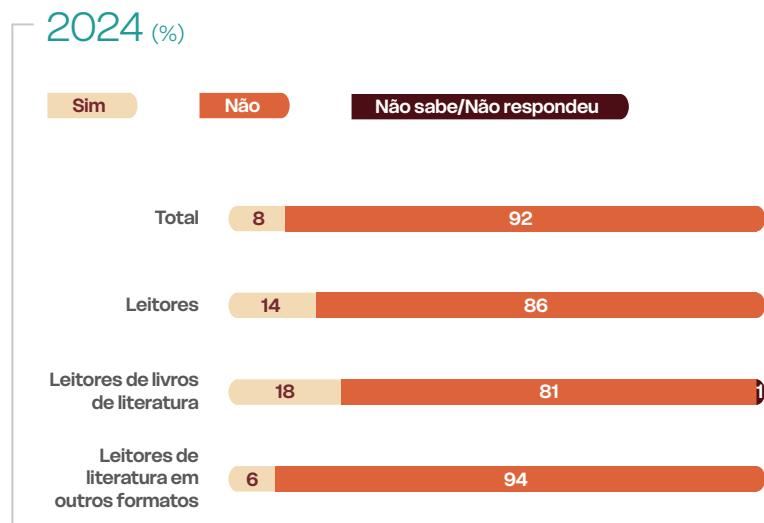
Gêneros que costuma ler (%)

	2011	2015	2019	2024
Bíblia	42	42	35	38
Contos	23	22	22	22
Romance	31	22	22	20
Religiosos	30	22	22	17
Poesia	20	12	16	12
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	11	11	13	12
Infantis	22	15	14	11
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	32	16	16	11
História em quadrinhos, Gibis ou RPG	19	13	11	10
Biografias	11	8	9	9
Autoajuda	12	8	8	9
Ciências	-	10	10	8
Técnicos ou universitários, para formação profissional	-	10	10	8
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"	7	10	9	8
Artes	6	7	8	7
Saúde e Dietas	-	8	8	6
Educação ou pedagogia	-	6	5	6
Juvenis	11	7	5	5
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)	-	5	4	4
Viagens e esportes	-	5	4	4
Direito	-	3	3	4
Esoterismo ou ocultismo	2	2	2	2
Enciclopédias e dicionários	9	4	4	2
Outros	1	-	1	0
Não sabe/Não respondeu	-	5	1	2
MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO	-	2,8	4,1	2,4

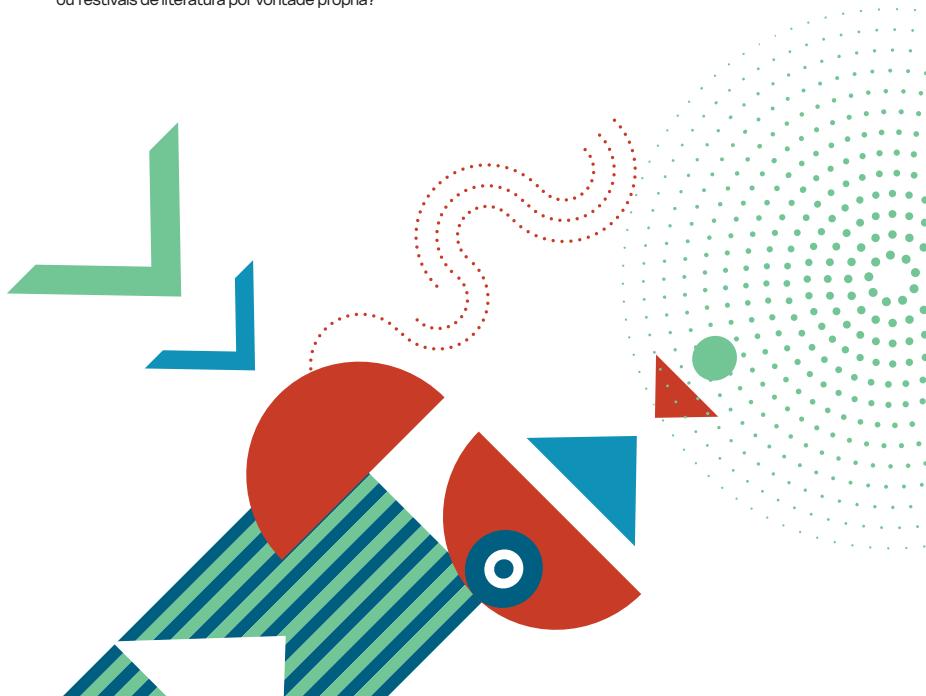
Base: Leitores 2011 (2506) / 2015 (2798) / 2019 (4270) / 2024 (2547).

P.37) Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr(a) leu no último ano?

Participação em evento literário



Base: Amostra (5504), Leitores (2547), leitores de literatura (1372), leitores apenas em outros meios (1463). F1) Nos últimos 12 meses, o(a) sr.(a) foi a algum evento literário, como bienais ou feiras do livro ou festivais de literatura por vontade própria?



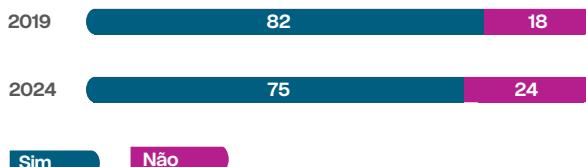


Barreiras para a leitura

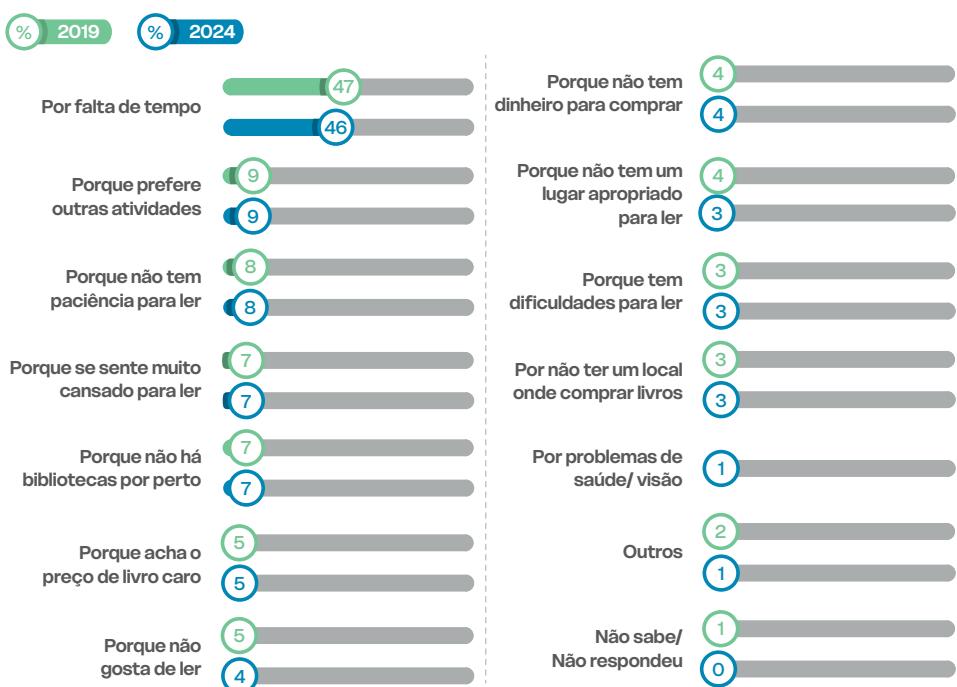


Razões para não ter lido mais Entre os leitores

Gostaria de ter lido mais (%)



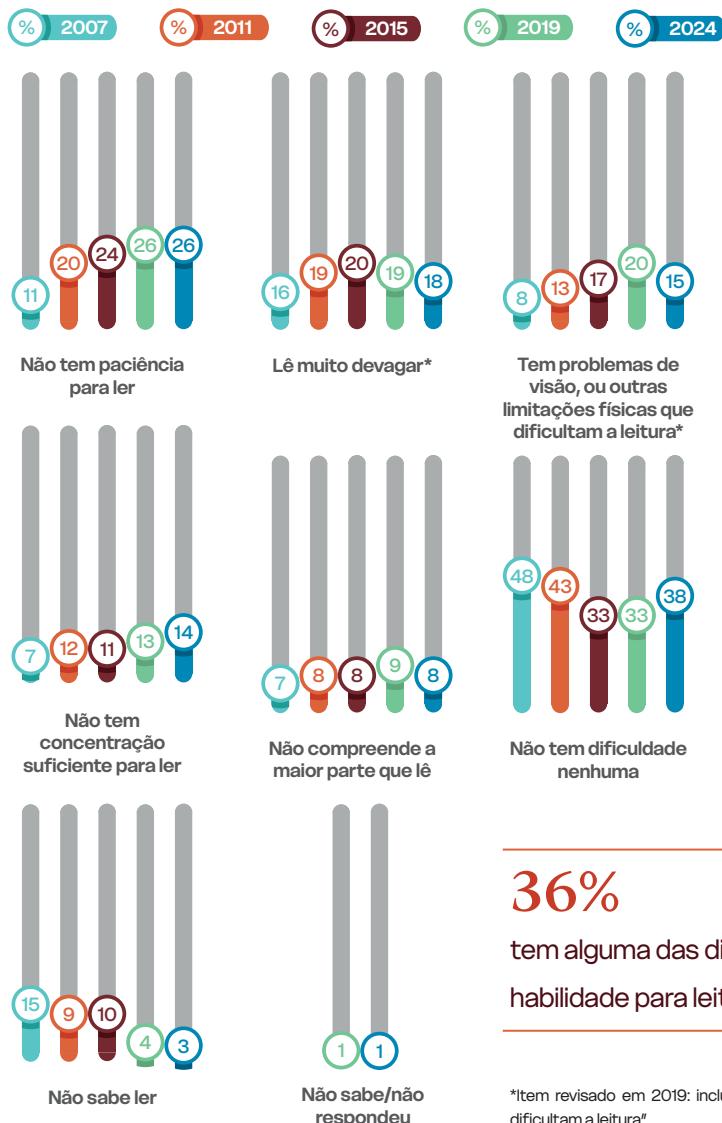
Por que não leu mais (%)



P13) O(a) sr(a) gostaria de ter lido mais livros do que o(a) sr(a) leu nos últimos 3 meses?

P14) (SE SIM) Por quais razões o(a) sr(a) não leu mais livros nos últimos 3 meses?

Dificuldades para ler (%)



36%

tem alguma das dificuldades de habilidade para leitura*

*Item revisado em 2019: incluída a explicação “que dificultam a leitura”

O que gosta de fazer em seu tempo livre

O que faz (% de sempre)

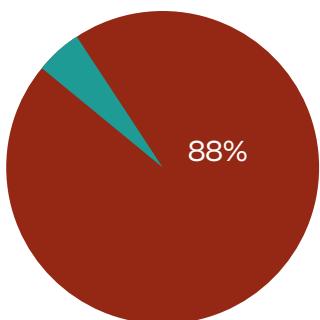
	2007	2011	2015	2019	2024
Usa a Internet	18	24	47	66	78
Usa WhatsApp ou Telegram	-	-	43	62	71
Assiste televisão	77	85	73	67	60
Escuta música ou rádio	54	52	60	60	57
Assiste vídeos ou filmes em casa	29	38	44	51	53
Usa Facebook, Twitter ou Instagram	-	18	35	44	49
Reúne-se com amigos ou família ou sai com amigos	-	-	45	44	41
Escreve	21	18	40	46	41
Pratica esportes	24	23	24	25	25
Passeia em parques e praças	19	19	23	21	23
Lê jornais, revistas ou notícias	36	28	24	24	21
Lê livros em papel ou livros digitais	-	-	24	24	20
Joga games ou videogames	10	13	12	16	15
Vai a bares, restaurantes	15	18	14	14	15
Desenha, pinta, faz artesanato ou trabalhos manuais	-	-	15	17	14
Escuta Podcast (novo)	-	-	-	-	12
Faz aulas como cursos de idiomas, formação complementar ou cursos online (novo)	-	-	-	-	8
Participa de aulas e/ou oficinas de arte (novo)	-	-	-	-	7
Vai ao cinema, teatro, concertos, shows, museus, exposições ou centros culturais	9	10	6	6	6
Não faz nada, descansa ou dorme	-	-	19	18	20
MÉDIA DE ATIVIDADES POR ENTREVISTADO	-	-	5,5	6,0	6,4

Base: Amostra: 2007 (5012) / 2011 (5012) / 2015 (5012) / 2019 (8076) / 2024 (5504).

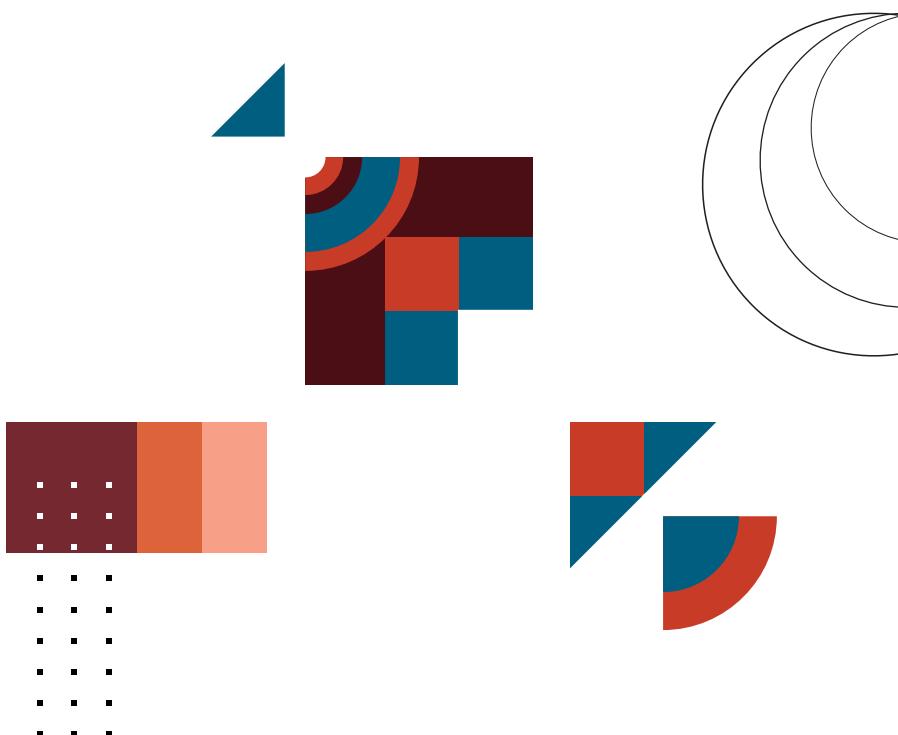
P.08) Quais das atividades que eu vou ler o(a) sr(a) realiza no seu tempo livre? O(a) sr(a) _____ sempre, às vezes ou nunca?

P.67B) O(A) senhor(a) usou a Internet pela última vez?

Proporção de respondentes que são usuários de Internet:*



*Acessaram a Internet há menos de 3 meses em 2024.



Leitor versus Não leitor (% de sempre)

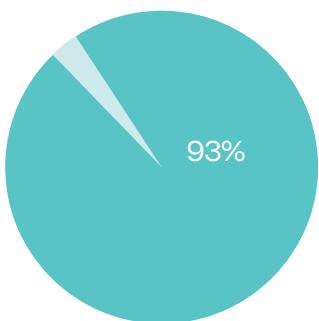
	Leitor	Não Leitor
Usa a Internet	87	70
Usa WhatsApp ou Telegram	77	66
Assiste televisão	58	61
Escuta música ou rádio	65	50
Assiste vídeos ou filmes em casa	63	44
Usa Facebook, Twitter ou Instagram	55	44
Reúne-se com amigos ou família ou sai com amigos	47	36
Escrive	58	27
Pratica esportes	33	18
Passeia em parques e praças	28	18
Lê jornais, revistas ou notícias em papel ou digitais	30	13
Lê livros em papel ou livros digitais	37	6
Joga videogames ou outros jogos	20	11
Vai a bares ou restaurantes	16	14
Desenha, pinta, faz artesanato ou trabalhos manuais	20	8
Escuta Podcast	17	8
Faz aulas como cursos de idiomas, formação complementar ou cursos online	14	3
Participa de aulas e/ou oficinas de arte	11	4
Vai ao cinema, teatro, concertos, shows, museus, exposições ou centros culturais	8	4
Não faz nada, descansa ou dorme	20	20
MÉDIA DE ATIVIDADES POR ENTREVISTADO	7,6	5,3

Base: Amostra Leitor (2547) / Não leitor (2957).

P08) Quais das atividades que eu vou ler o(a) sr(a) realiza no seu tempo livre? O(a) sr(a)_____ sempre, às vezes ou nunca?

P67B) O(A) senhor(a) usou a Internet pela última vez?

Proporção de leitores que são usuários de Internet*



*Acessaram a Internet há menos de 3 meses em 2024.



Faixa Etária 2024 (% de sempre)

	FAIXA ETÁRIA									
	TOTAL	5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
Base: Amostra	(5504)	(340)	(267)	(456)	(633)	(522)	(864)	(883)	(1250)	(289)
Usa a Internet	78	68	88	93	91	91	89	79	62	37
Usa WhatsApp ou Telegram	71	26	52	78	84	88	88	82	61	39
Assiste televisão	60	70	65	59	49	51	54	60	65	71
Escuta música ou rádio	57	37	52	67	68	65	60	58	50	47
Assiste vídeos ou filmes em casa	53	64	63	67	65	64	55	50	40	24
Usa Facebook, Twitter ou Instagram	49	10	37	67	71	69	62	52	33	17
Reúne-se com amigos ou família ou sai com amigos	41	38	44	52	48	48	40	39	36	35
Escreve	41	67	74	57	42	39	41	35	30	28
Pratica esportes	25	38	55	43	28	24	23	19	16	18
Passeia em parques e praças	23	26	28	30	27	25	24	21	19	8
Lê jornais, revistas ou notícias em papel ou digitais	21	7	7	13	19	24	25	29	23	18

(continua)



P.08) Quais das atividades que eu vou ler o(a) sr(a) realiza no seu tempo livre? O(a) sr(a)_____ sempre, às vezes ou nunca?

Faixa Etária 2024 (% de sempre - continuação)

	TOTAL	FAIXA ETÁRIA									
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais	
Lê livros em papel ou livros digitais	20	25	22	23	19	22	19	19	19	22	
Joga videogames ou outros jogos	15	43	39	34	19	15	13	6	4	3	
Vai a bares ou restaurantes	15	6	5	11	21	20	17	17	14	6	
Desenha, pinta, faz artesanato ou trabalhos manuais	14	50	26	15	9	9	9	10	12	12	
Escuta Podcast	12	4	7	15	17	21	15	12	7	3	
Faz aulas como cursos de idiomas, formação complementar ou cursos online	8	5	12	16	14	11	9	6	4	2	
Participa de aulas e/ou oficinas de arte	7	20	21	11	6	5	3	5	5	8	
Vai ao cinema, teatro, concertos, shows, museus, exposições ou centros culturais	6	4	6	9	8	8	6	6	4	2	
Não faz nada, descansa ou dorme	20	27	24	22	21	16	19	19	19	23	

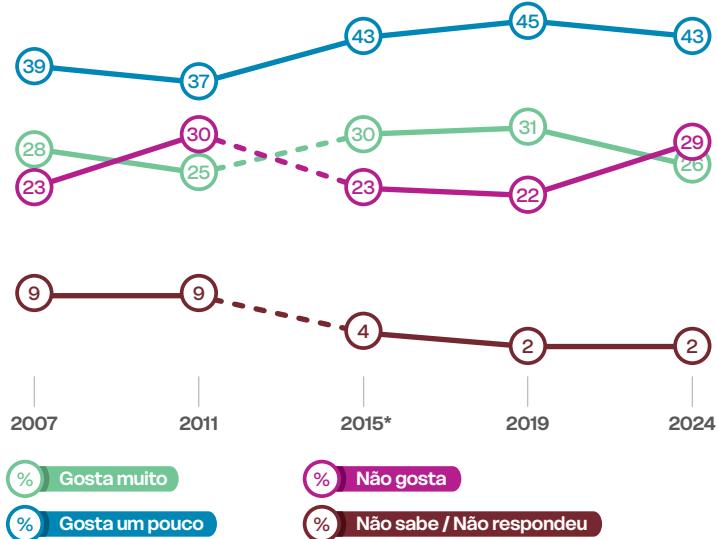


Gosto pela leitura e representações

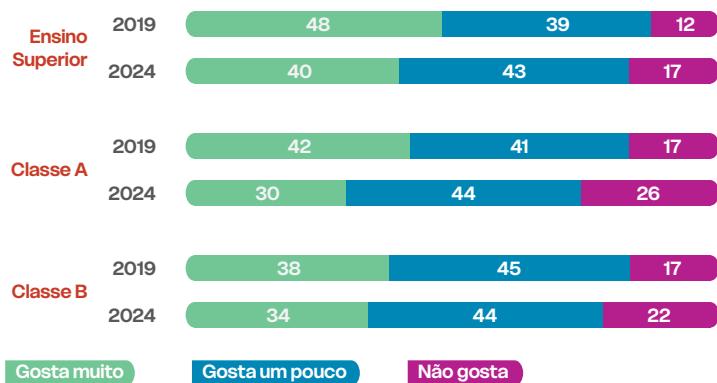


Gosto pela leitura

Gosta de ler? (%)



2024 x 2019 - Ensino superior - classe A e B (%)

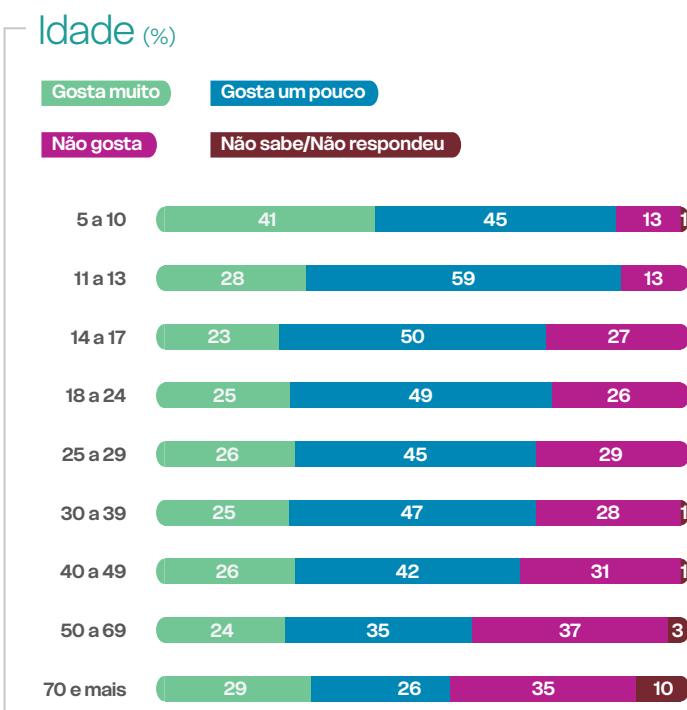


Até 2011, os respondentes “analfabetos” não respondiam essa pergunta, e eram incluídos na opção de resposta “Não sabe ler”. A partir de 2015, todos responderam a pergunta (incluindo os analfabetos). Assim, a opção de resposta “Não sabe ler” foi alterada para Não sabe/Não respondeu.

Base: Amostra 2007 (5012) / 2011 (5012) / 2015 (5012) / 2019 (8076) / 2024 (5504)

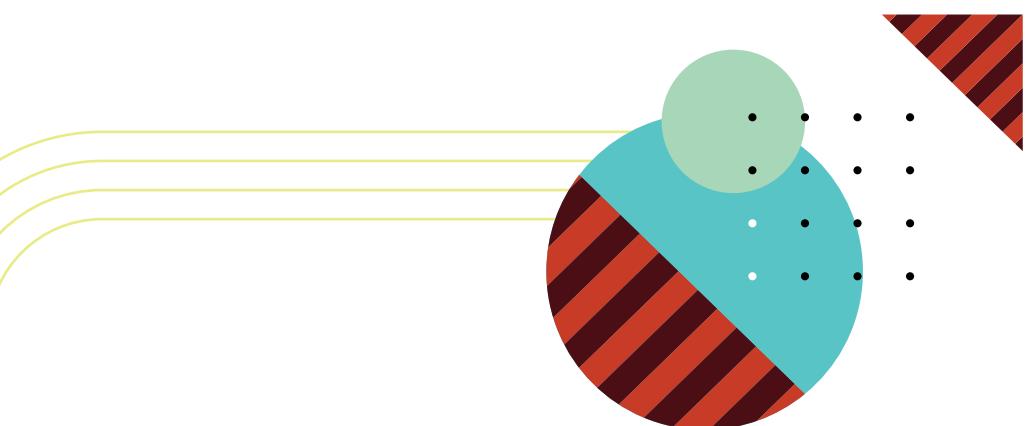
P.27) De maneira geral, o(a) sr(a) gosta muito, gosta um pouco ou não gosta de ler?

Gosto pela leitura por perfil - 2024



Base: Amostra (5504)

P.27) De maneira geral, o(a) sr(a) gosta muito, gosta um pouco ou não gosta de ler?



O que a leitura significa, por perfil leitor *versus* não leitor- 2024

Leitor *versus* não leitor (%)

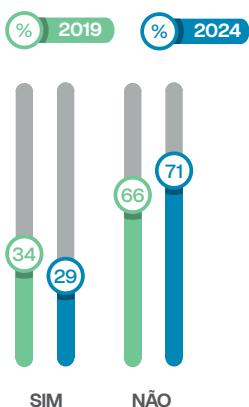


Base: Leitor (2547) Não leitor (2957). P.46) Qual das seguintes frases mais se aproxima do que significa leitura para você? E em segundo lugar?

Principais influenciadores

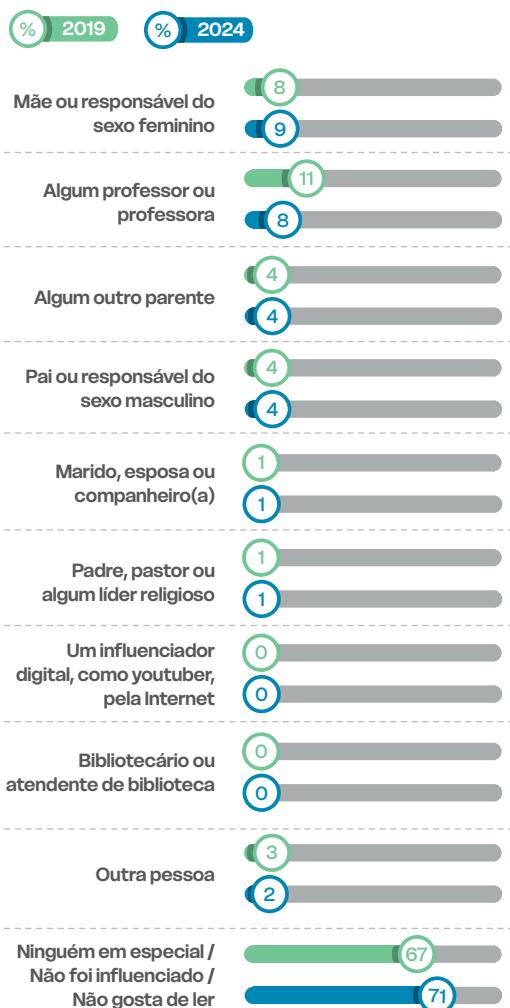
Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura

Houve influência de alguém para gostar de ler?



Base: 2019 (8076) / 2024 (5504)

Quem, principalmente?



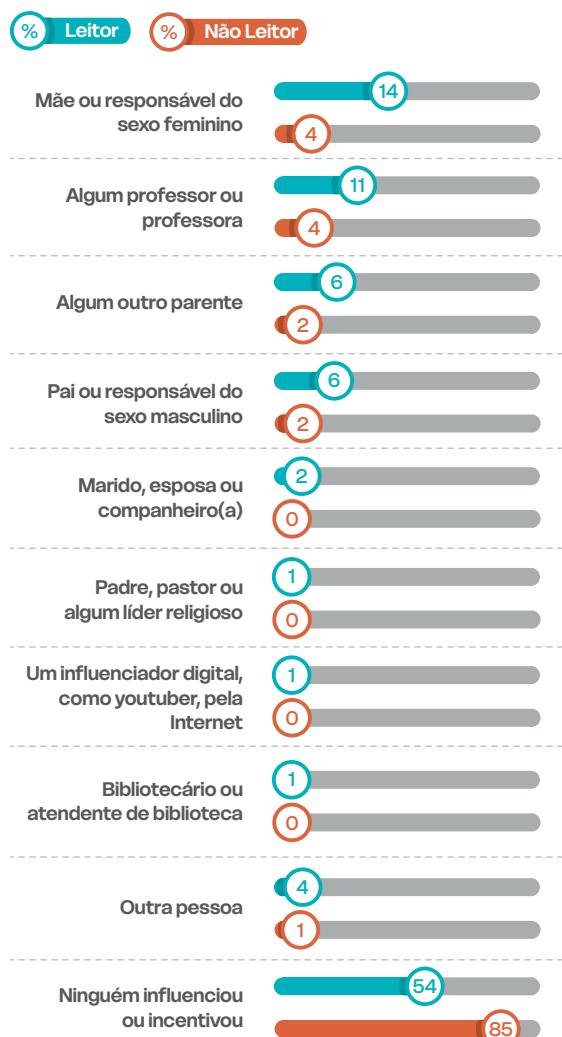
P.28A) Alguém influenciou ou incentivou o(a) sr(a) a gostar de ler livros?

P.28B) (SE SIM) Qual foi a pessoa que mais influenciou ou incentivou o(a) sr.(a) a gostar de ler? Escolha somente uma opção.

Quem mais influenciou o gosto de leitura

Por perfil leitor *versus* não leitor

2024 (%)

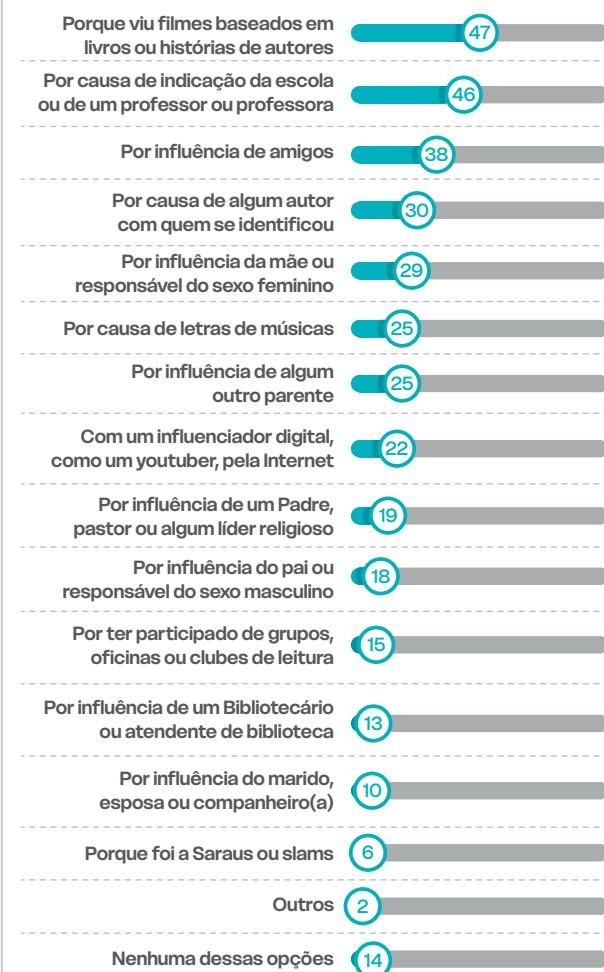


Base: Amostra Leitor (2547) / Não Leitor (2957). P.28B (SE SIM) Qual foi a pessoa que mais influenciou ou incentivou o (a) sr.(a) a gostar de ler? Escolha somente uma opção.

Origem do interesse por literatura

Como começou a se interessar por literatura...

2024 (%)



Base: Leitores de literatura independentemente do meio 2024 (2835)

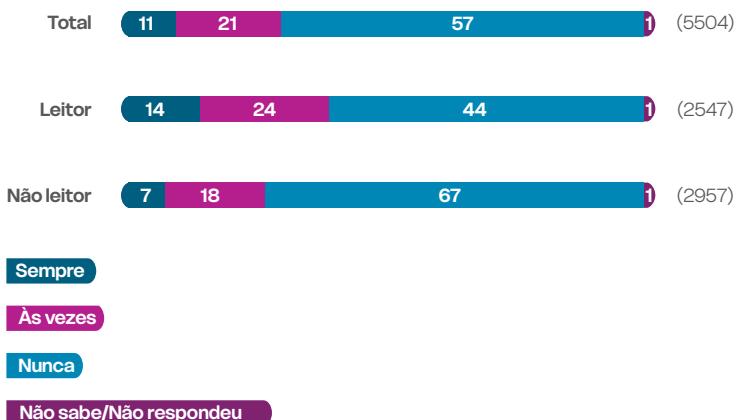
LT1) Como o(a) sr.(a) começou a se interessar por literatura como contos, crônicas, romance ou poesia?

Seus pais ou outros parentes costumavam ler para você?

O seu pai, mãe ou outro parente costumavam ler para você?

2024 (%)

Base



P.23C) O seu pai, mãe ou outro parente costumavam ler para você?

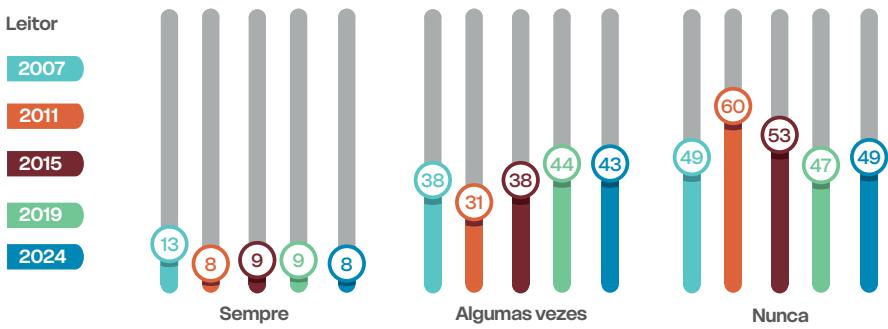
Percepção sobre ser presenteado com livros: Hábito e frequência

Hábito de ganhar livros de presente

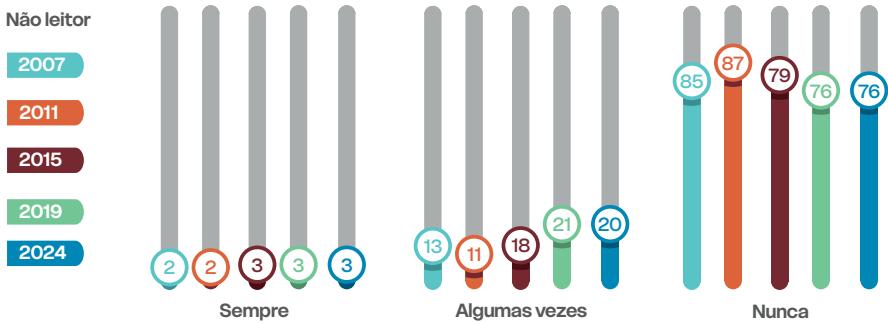


Base: Amostra 2019 (8076) / 2024 (5504)

Frequência em que ganhava livros



Base: Leitores: 2007 (2757) / 2011 (2506) / 2015 (2798) / 2019 (4270) / 2024 (2547)



Base: Não leitores: 2007 (2256) / 2011 (2506) / 2015 (2214) / 2019 (3806) / 2024 (2957).

P24A) Seus pais ou alguém da família já lhe deram livros de presente ?

P24B) Eles lhe davam livros sempre ou algumas vezes?



Leitura atual:

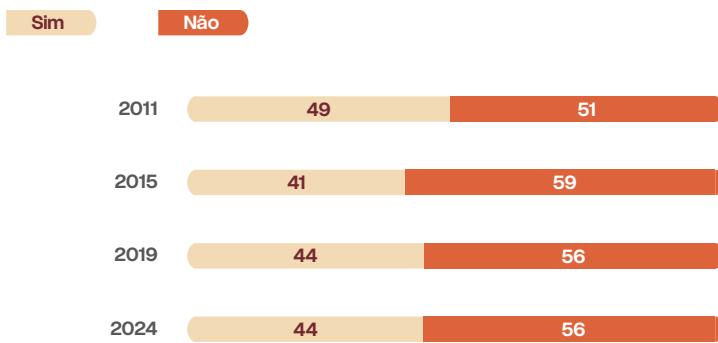
o que está lendo



Leitura atual: o que está lendo

Está lendo algum livro atualmente?

Está lendo algum livro? (%)

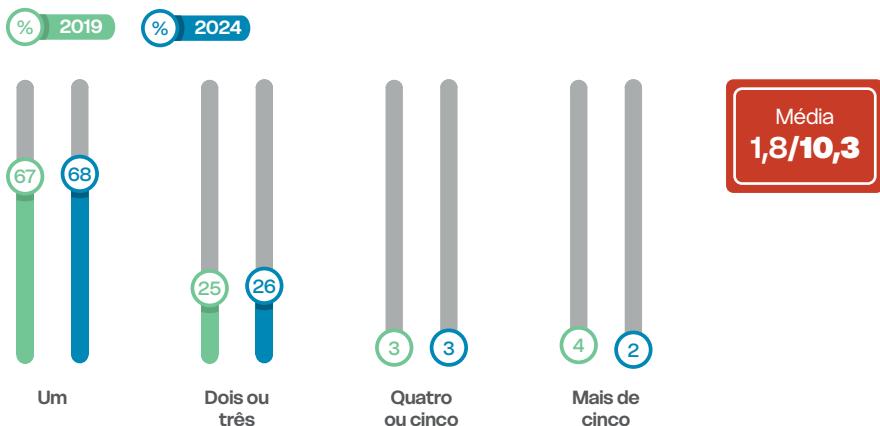


Base: Leitores: 2011 (2506) / 2015 (2798) / 2019 (4270) / 2024 (2547)

P15) Atualmente, o(a) sr(a) está lendo algum livro?

P16) (SE SIM) Quantos livros o(a) sr(a) está lendo atualmente?

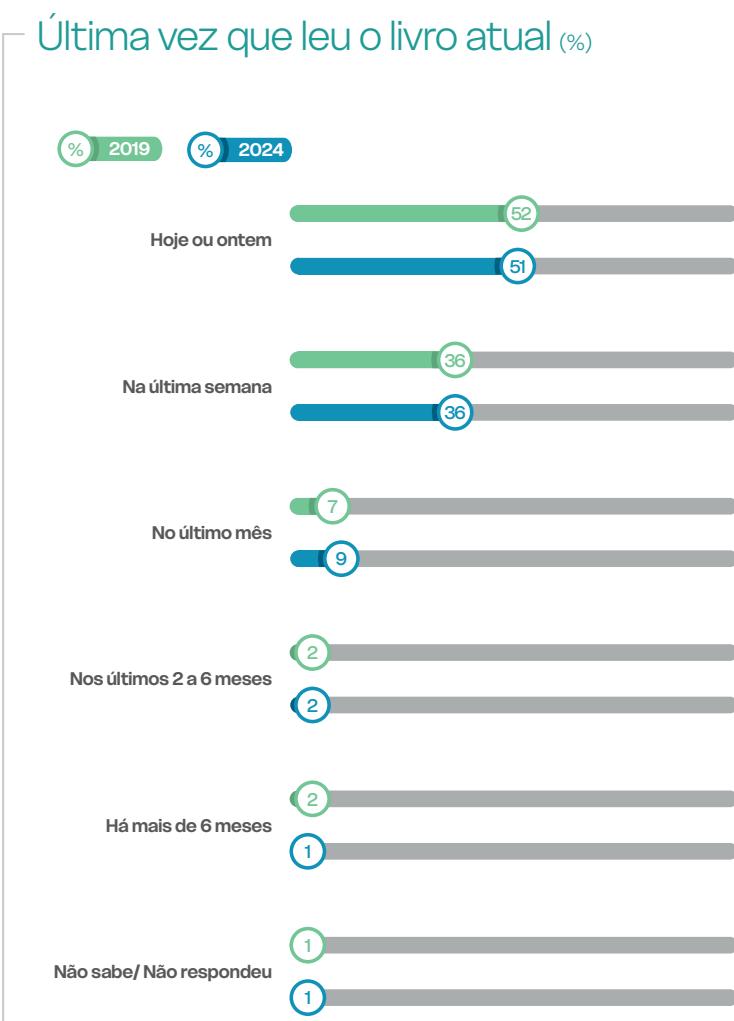
Quantidade de livros que está lendo atualmente (%)



Não sabe/ Não respondeu 1%

Base Está lendo atualmente: 2019 (1998) / 2024 (1115)

Frequência de leitura e motivação para ler o livro atual



Motivos para ler o livro atual (%)



Último livro lido ou que está lendo

Os 37 mais citados

	2007	2011	2015	2019	2024	
	CLASSIFICAÇÃO				NÚMEROS ABSOLUTOS	
Bíblia	1º	1º	1º	1º	172	
O Grande Conflito	-	-	-	-	11	
Café com Deus Pai	-	-	-	-	8	
O Pequeno Príncipe	-	-	-	6º	7	
Diário de um Banana	-	-	2º	2º	7	
O Diário de Anne Frank	26º	7º	-	-	6	
Harry Potter	-	-	-	4º	6	
Pai Rico, Pai Pobre	-	-	-	21º	6	
Turma da Mônica	-	-	-	3º	6	
A Culpa é das Estrelas	4º	10º	28º	-	5	
Casamento Blindado	-	-	32º	8º	4	
Ansiedade	-	-	4º	35º	4	
O Segredo	-	-	-	-	4	
O Alquimista	-	-	3º	-	4	
O Menino Maluquinho	-	-	-	-	4	
A Arte da Guerra	-	-	-	18º	3	
O Poder do Hábito	-	-	-	-	3	
A Cabana	-	-	-	5º	3	
Ninguém É de Ninguém	-	-	-	13º	3	
Capitães da Areia	-	3º	20º	-	3	
Como Eu Era Antes de Você	-	-	9º	-	3	
Os Segredos da Mente Milionária	-	-	-	-	3	
Mais Esperto que o Diabo	-	-	-	-	3	

BASES BAIXAS

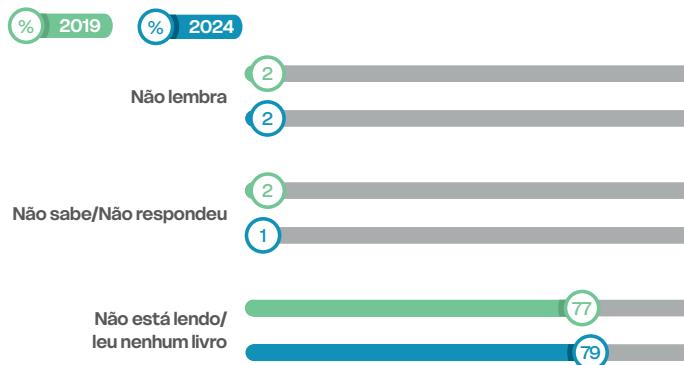
(continua)

Leitura atual: o que está lendo

Os 37 mais citados (continuação)

	2007	2011	2015	2019	2024	NÚMEROS ABSOLUTOS
	CLASSIFICAÇÃO					
Seja Feliz Para Sempre	-	-	-	-	-	3
Historinha/ Contos Infantis	-	-	-	-	-	3
O Poder da Mente	-	-	5º	-	-	3
Olhos Ó Agua					-	2
O Poder da Esperança				-	-	2
Gestão de Pessoas				-	-	2
1984				-	-	2
Na Hora da Estrela				-	-	2
As 48 Leis do Poder	-	-	-	-	-	2
Textos para tocar cicatrizes -						
Textos cruéis demais	8º	-	-	-	-	2
A Menina que Roubava Livros	-	-	-	34º	-	2
Drácula	-	19º	15º	-	-	2
Um	-	-	-	-	-	2
Five Nights at Freddý s	-	-	-	-	-	2

BASES
BAIXAS



Base: Amostra 2007 (5012) / 2011(5012) / 2015 (5012) / 2019 (8076) / 2024 (5504)

Último livro de literatura lido

Os 14 mais citados

NÚMEROS ABSOLUTOS	
O Pequeno Príncipe	20
Bíblia	18
Harry Potter	15
Diário de um Banana	15
A Culpa é das Estrelas	8
Turma da Mônica	8
Como Eu Era Antes de Você	7
O Diário de Anne Frank	6
Dom Casmurro	6
As Crônicas de Nárnia	6
O Alquimista	6
Crepúsculo	5
Poesias	5
Romeu e Julieta	5

2024

Não lembra

36

Não sabe/Não respondeu

7

Base Leitores de livros de literatura (1372)

P19) E qual é o último livro que c(a) sr(a) leu ou está lendo?

P19B) E qual é o último livro de literatura, como contos, crônicas, romance ou poesia que o(a) sr(a) leu?

Autor do último livro lido ou que está lendo

Os 26 mais citados

	NÚMEROS ABSOLUTOS
Apóstolos	25
Ellen G. White	11
Augusto Cury	10
Colleen Hoover	8
Jk Rowling	7
Machado de Assis	7
João Ferreira de Almeida	7
Napoleon Hill	6
Chico Xavier	6
Zibia Gasparetto	5
Jorge Amado	5
Paulo Coelho	5
George Orwell	4
Mário Sérgio Cortella	4
Rick Riordan	4
Edir Macedo	4
Anne Frank	3
Dan Brown/ Adam Brown	3
Nicholas Sparks	3
Igor Pires da Silva	3
Monteiro Lobato	3
L. M. Montgomery	3
Allan Kardec	3
Agatha Christie	3
Junior Rostirola	3
Maurício de Sousa	3

BASES
BAIXAS

*Destaque
em **vermelho**
são autores
religiosos.

2024

Não está lendo nenhum livro

79

Não lembra

7

Não sabe/Não respondeu

5

Último autor de literatura lido

Os 14 mais citados (2024 - números absolutos)

	LEITORES DE LIVROS DE LITERATURA	LEITORES DE LITERATURA APENAS EM OUTROS MEIOS
Machado de Assis	23	10
Colleen Hoover	18	-
Zibia Gasparetto	14	6
Paulo Coelho	12	6
Jk Rowling	9	2
Jorge Amado	9	5
Agatha Christie	6	1
Nicholas Sparks	6	-
Augusto Cury	5	5
Jeff Kinney	5	-
Monteiro Lobato	5	5
Carlos Drummond de Andrade	4	4
Jane Austen	4	-
Rick Riordan	4	1

% LEITORES DE LIVROS DE LITERATURA

% LEITORES DE LITERATURA APENAS EM OUTROS MEIOS

Não lembra

52

Não sabe/Não respondeu

17

59

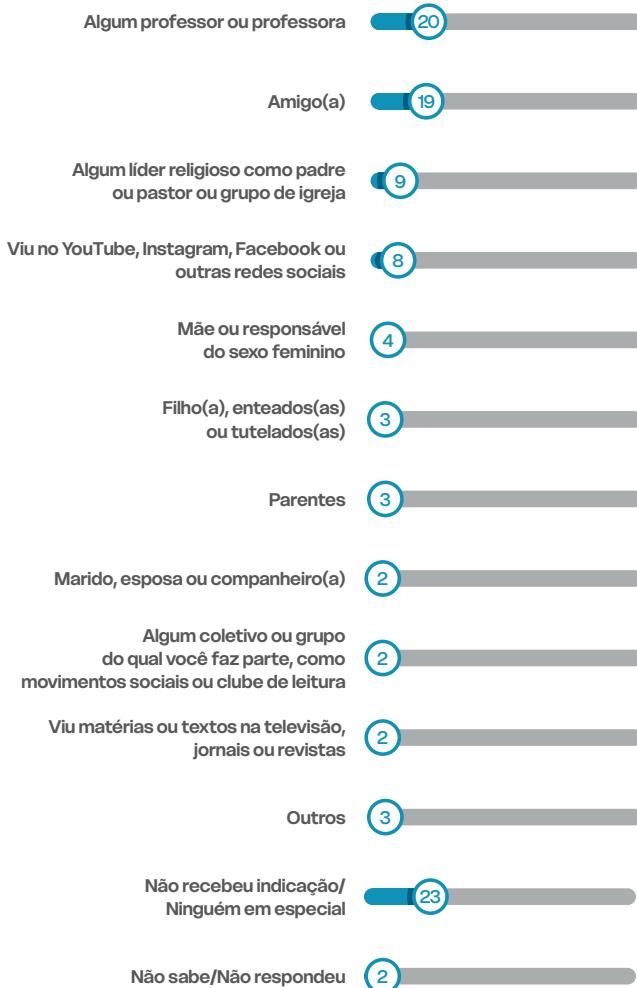
25

Base Leitores de livros de literatura (1372) / leitores de literatura apenas em outros formatos (1457)
 P20B) E quem é o autor deste último livro de literatura, como contos, crônicas, romance ou poesia que o(a) sr(a) leu?
 P20C) E quem é o autor do último conto, crônica, romance ou poesia que o(a) sr(a) leu?

Indicação do último livro

Quem indicou o último livro que leu ou está lendo

% 2024



Indicação do último livro

Por faixa etária (%)

	FAIXA ETÁRIA				
	TOTAL	5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24
Base: Leitores	(2547)	(213)	(216)	(283)	(337)
Algum professor ou professora	20	53	50	40	19
Amigo(a)	19	7	13	22	26
Algum líder religioso como padre ou pastor ou grupo de igreja	9	2	1	2	4
Viu no YouTube, Instagram, Facebook ou outras redes sociais	8	1	4	7	16
Mãe ou responsável do sexo feminino	4	11	7	3	4
Filho(a), enteados(as) ou tutelados(as)	3	1	0	0	1
Parentes	3	3	2	2	3
Marido, esposa ou companheiro(a)	2	0	0	0	3
Algum coletivo ou grupo do qual você faz parte, como movimentos sociais ou clube de leitura	2	1	1	1	1
Viu matérias ou textos na televisão, jornais ou revistas	2	1	2	2	1
Outros	3	1	2	3	4
Não recebeu indicação/ Ninguém em especial	23	21	17	15	17
Não sabe / Não respondeu	2	1	2	2	2

(continua)





Por faixa etária (% - continuação)

	FAIXA ETÁRIA				
	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
Base: Leitores	(260)	(385)	(355)	(410)	(88)
Algum professor ou professora	11	11	5	5	2
Amigo(a)	20	22	23	18	5
Algum líder religioso como padre ou pastor ou grupo de igreja	8	9	13	17	26
Viu no YouTube, Instagram, Facebook ou outras redes sociais	16	13	7	3	4
Mãe ou responsável do sexo feminino	5	3	1	1	4
Filho(a), enteados(as) ou tutelados(as)	2	3	6	9	13
Parentes	3	3	4	5	4
Marido, esposa ou companheiro(a)	3	3	4	3	4
Algum coletivo ou grupo do qual você faz parte, como movimentos sociais ou clube de leitura	2	2	2	2	4
Viu matérias ou textos na televisão, jornais ou revistas	3	1	3	1	1
Outros	4	4	3	3	0
Não recebeu indicação/ Ninguém em especial	23	24	28	30	33
Não sabe / Não respondeu	2	1	1	4	4

P28B_C) Quem indicou esse último livro que o(a) sr(a) leu ou o que está lendo? (LER OPÇÕES - RU)



Livros e autores

que conhece e prefere



2007

2011

2015

2019

2024

Bíblia *Diário de um Banana*
O Pequeno Príncipe *Meu Pé de Laranja Lima*
50 Tons de Cinza
Violetas na Janela *50 Tons de Cinza*
Gibis/ História *Crepúsculo*
Crepúsculo em Quadrinhos *Harry Potter* *Pai Rico, Pai Pobre*
O Pequeno Príncipe *Iracema* **Os Três Sítio do Pica-Pau Amarelo** *Vidas Secas* **Porquinhos**
Sítio do Violetas na Janela *Os Três Porquinhos*
Pica-Pau Amarelo *Diário de um Banana* *Iracema*
Como Eu Era Antes de Você
Crepúsculo *Dom Casmurro* *O Menino Maluquinho*
As Crônicas de Nármia
Pai Rico, Pai Pobre *O Alquimista* *Vidas Secas* **Harry Potter**
Chapeuzinho Vermelho *O Grande Conflito* **O Pequeno Príncipe**
Meu Pé de Laranja Lima *Harry Potter* **Diário de um Banana**
Harry Potter *Iracema* **Turma da Mônica**
Cinderela *Iracema* **A Culpa é das Estrelas** **A Cabana**
O Pequeno Príncipe *Turma da Mônica* *Como Eu Era Antes de Você*
Como Eu Era Antes de Você
Gibis/ História em Quadrinhos *Harry Potter* *Dom Casmurro* **A Culpa é das Estrelas**
Sítio do *O Diário de Anne Frank* **das Estrelas** *O Diário de Anne Frank*
Pica-Pau Amarelo *Crepúsculo* *Gibis/ História em Quadrinhos* **Bíblia**
Violetas na Janela *Os Três Porquinhos* **Sítio do**
Gibis/ História *A Arte da Guerra* **Pica-Pau Amarelo**
em Quadrinhos *Cinderela* **Turma da Mônica**
Como Eu Era Antes de Você *A Cabana* **A Cabana**
50 Tons de Cinza *A Culpa é das Estrelas* *Sítio do Pica-Pau Amarelo*
Violetas na Janela **Bíblia** **A Cabana**

Livros mais marcantes

Os 28 mais citados

	2007	2011	2015	2019	2024	
	CLASSIFICAÇÃO				NÚMEROS ABSOLUTOS	
Bíblia	1º	1º	1º	1º	485	
O Pequeno Príncipe	5º	5º	4º	3º	59	
Turma da Mônica	-	-	7º	4º	54	
Harry Potter	4º	8º	14º	6º	45	
Diário de um Banana	-	-	6º	7º	32	
A Culpa é das Estrelas	-	-	2º	5º	29	
Sítio do Pica-Pau Amarelo	2º	4º	9º	12º	27	
A Cabana	-	2º	3º	2º	23	
Crepúsculo	-	7º	10º	9º	20	
Violetas na Janela	9º	9º	8º	8º	18	
O Menino Maluquinho	-	-	-	-	17	
Gibis/ História em Quadrinhos	7º	6º	12º	-	17	
Dom Casmurro	-	-	-	11º	16	
Pai Rico, Pai Pobre	-	-	5º	-	15	
50 Tons de Cinza	14º	11º	18º	-	15	
Capitães da Areia	-	-	-	-	13	
As Crônicas de Nárnia	-	-	-	-	12	
O Diário de Anne Frank	-	-	-	17º	11	
Como Eu Era Antes de Você	26º	22º	17º	13º	11	
Vidas Secas	-	-	-	27º	11	

BASE
BAIXA

(continua)



Base: Quem estudou/ sabe ler / escrever 2007 (4210) / 2011 (4560) / 2015 (4579) / 2019 (7645) / 2019 (7645) / 2024 (5158). P.42) Qual é o livro que mais marcou o(a) sr(a) ou que o(a) sr(a) mais gostou de ler?

Livros e autores que conhece e prefere

Livros mais marcantes

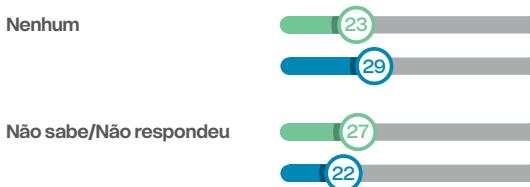
Os 28 mais citados (continuação)

	2007	2011	2015	2019	2024	NÚMEROS ABSOLUTOS
	CLASSIFICAÇÃO					
Cinderela	13º	15º	-	-		11
Os Três Porquinhos	3º	23º	19º	28º		10
Iracema	30º	-	15º	16º		10
A Arte da Guerra	-	-	-	-		10
O Grande Conflito	-	-	-	-		10
O Alquimista	-	-	-	-		10
Chapeuzinho Vermelho	-	-	-	24º		10
Meu Pé de Laranja Lima	-	-	-	26º		10

} BASE BAIXA

2019/2024

% 2019 % 2024



Base: Quem estudou/ sabe ler / escrever 2007 (4210) / 2011(4560) / 2015 (4579) / 2019 (7645) / 2024 (5158)

P.42) Qual é o livro que mais marcou o(a) sr(a) ou que o(a) sr(a) mais gostou de ler?

Machado de Assis
Monteiro Lobato
Mauricio de Sousa
Clarice Lispector
Jorge Amado
Drummond
Augusto Cury
Paulo Coelho
Cecília Meireles
Zibia Gasparetto
Chico Xavier
Jk Rowling
Ariano Suassuna
Fernando Pessoa
Colleen Hoover

Autores mais conhecidos

Os 15 mais citados

	NÚMEROS ABSOLUTOS
Machado de Assis	306
Monteiro Lobato	186
Mauricio de Sousa	114
Clarice Lispector	100
Jorge Amado	90
Carlos Drummond de Andrade	89
Augusto Cury	82
Paulo Coelho	83
Cecília Meireles	66
Zibia Gasparetto	59
Chico Xavier	53
Jk Rowling	44
Ariano Suassuna	39
Fernando Pessoa	34
Colleen Hoover	32

} BASE BAIXA

Base: Amostra (5504)

P.40) Quais são os autores que o(a) sr(a) conhece?

2024 (%)

2024

46

23

Nenhum

Não sabe/não respondeu



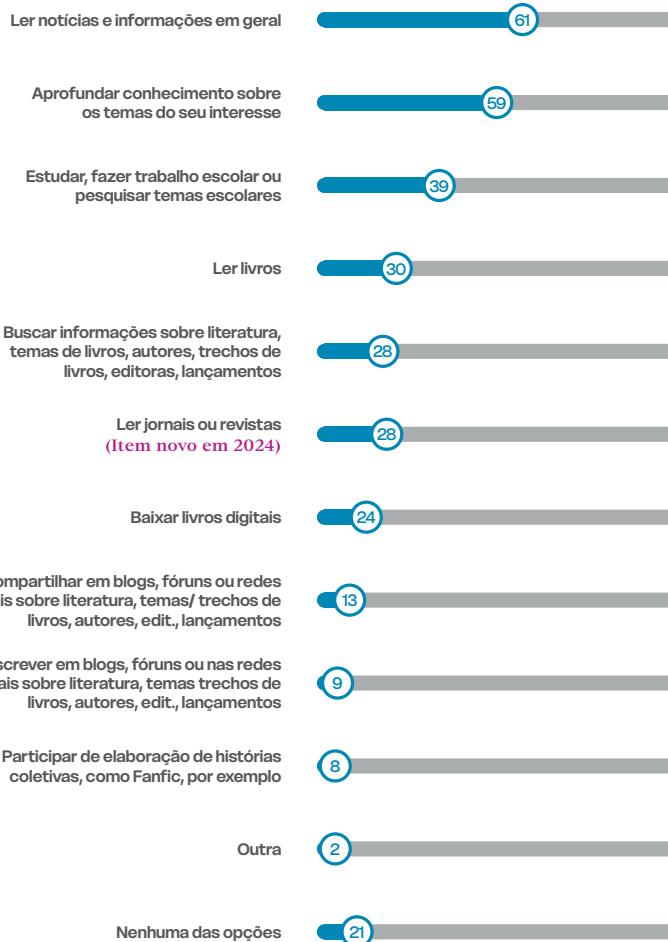
Leituras digitais

e em outros suportes e meios



Atividades relacionadas à leitura que realiza na Internet - Respostas estimuladas

2024 (%)



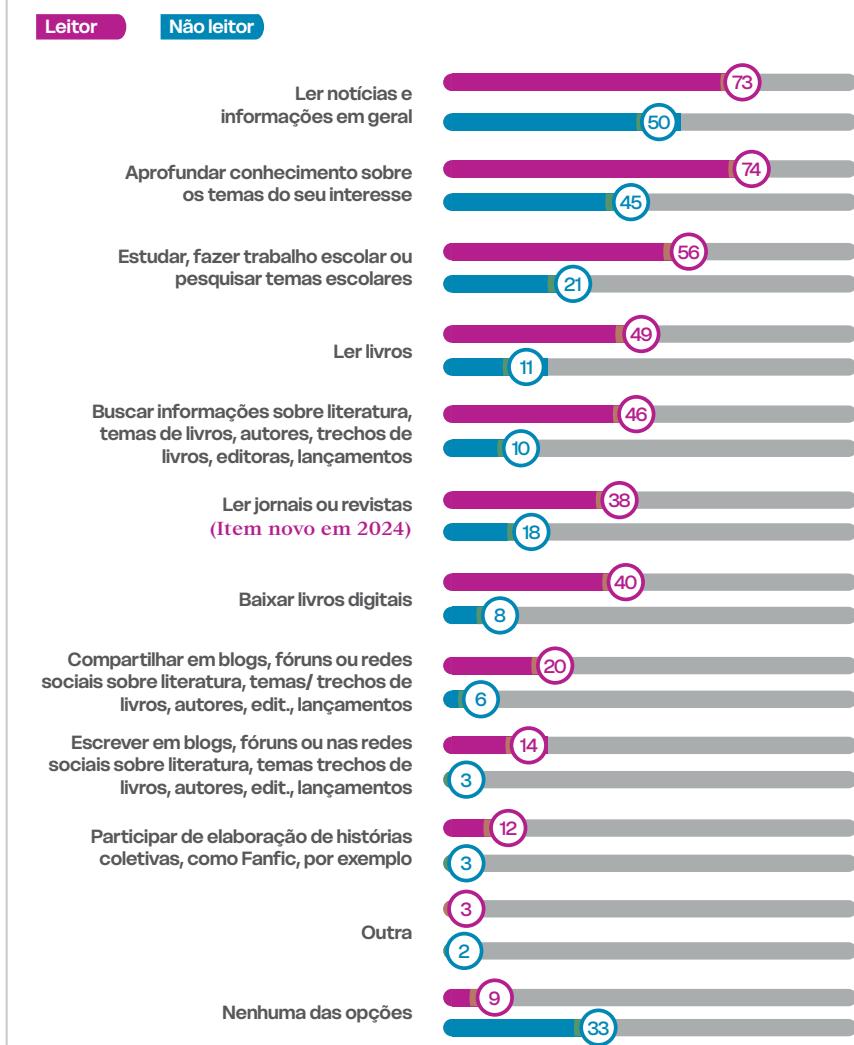
Base: Usou a Internet nos últimos 3 meses 2024 (4816)

P69A) O(A) sr(a) usa a Internet para_____:

Atividades relacionadas

à leitura que realiza na Internet - Respostas estimuladas

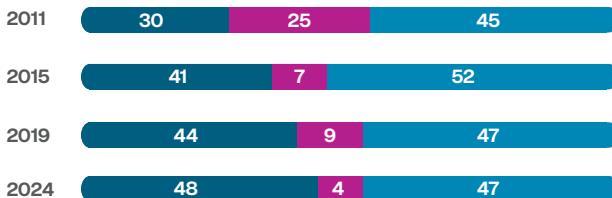
Leitor versus não leitor 2024 (%)



Base Usou a Internet nos últimos 3 meses 2024 – Leitos (2367) / Não leitor (2449)
P69A O(A) sr(a) usa a Internet para_____:

Livros digitais

Já ouviu falar?



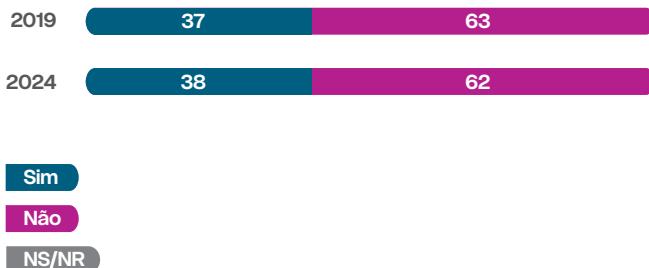
Já ouviu falar

Nunca ouviu falar, mas gostaria de conhecer

Nunca ouviu falar

Base Amostra: 2011 (5012) / 2015 (5012) / 2019 (8076) / 2024 (5504)

Já leu?



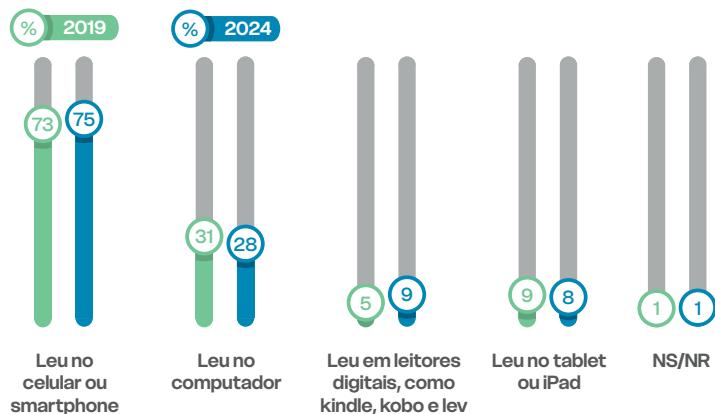
Base Já ouviu falar em livros digitais: 2015 (2063) / 2019 (3809) / 2024 (2648)

P.70) O(a) sr(a) já ouviu falar de livros digitais, os chamados e-books?

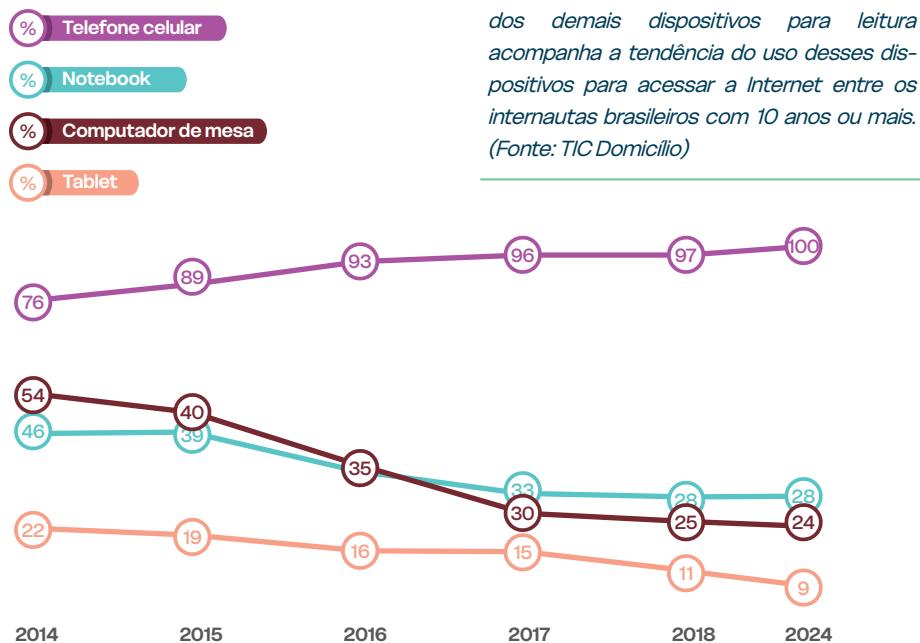
P.71) E o(a) sr(a) já leu algum livro digital?

Dispositivos de leitura digital

Para quem já leu livro digital (%)



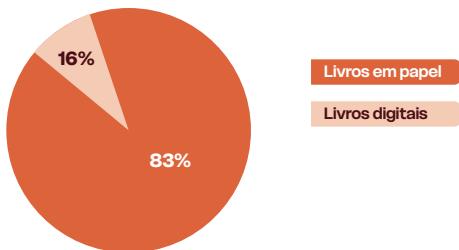
2019 versus 2024 (%)



Base Já leu livro digital: 2015 (539), 2019 (1452) / 2024 (999)
P.72) E o(a) sr(a) leu o livro digital:

Formato

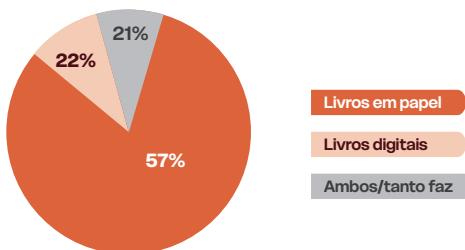
Formato do último livro que leu ou está lendo (%)



Base: Leitores (2547).

C2) O último livro que o(a) sr.(a) leu ou o que está lendo é digital ou em papel? (ESPONTÂNEA – RU)

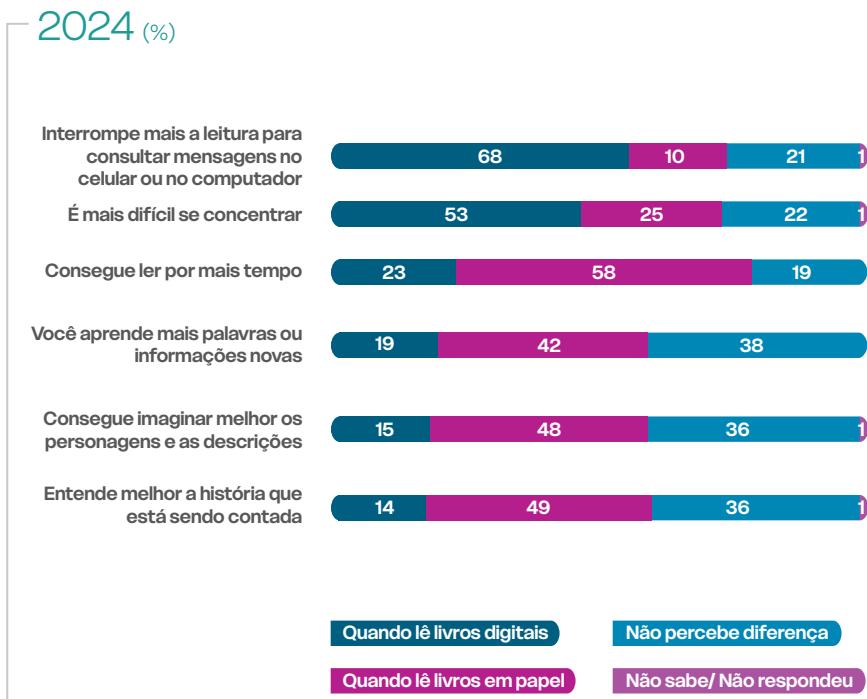
Formato que prefere ler 2024 (%)



P79) O(a) sr.(a) prefere ler _____.

Base: Já leu livro digital e leu algum livro inteiro ou em partes nos últimos 3 meses (846)

Percepção sobre leitura de livros digitais ou livros em papel



Base: Já leu livro digital e leu algum livro inteiro ou em parte nos últimos 3 meses 2024 (846)

P81) Eu vou ler algumas frases sobre leitura de livros e gostaria de saber sua opinião sobre elas, comparando livros digitais com livros em papel. O(a) Sr(a) diria que:

Percepção sobre leitura de livros digitais ou livros em papel, onde consegue ler por mais tempo - por escolaridade e faixa etária

Escolaridade 2024 (%)

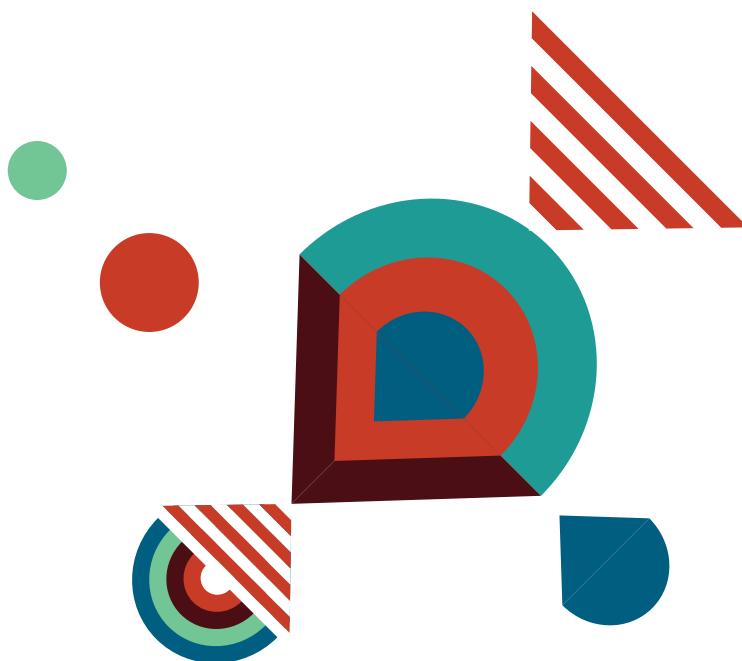
	ESCOLARIDADE				
	TOTAL	Fundamental I (1º a 4º série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5º a 8º série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Superior
Base: Já leu livro digital e leu algum livro inteiro ou em parte nos últimos 3 meses	(846)	(39**)	(130*)	(341)	(336)
Quando lê livros digitais	23	(6)	28	28	17
Quando lê livros em papel	58	(22)	54	52	65
Não percebe diferença	9	(11)	18	19	18
Não sabe (ESP)	0	(0)	0	1	0

* Bases baixas / ** Bases baixas – dados apresentados em números absolutos

P81) Eu vou ler algumas frases sobre leitura de livros e gostaria de saber sua opinião sobre elas, comparando livros digitais com livros em papel. O(a) Sr(a) diria que: Consegue ler por mais tempo

Faixa etária 2024 (%)

	TOTAL	FAIXA ETÁRIA								
5 a 10		11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais	
Base: Já leu livro digital e leu algum livro inteiro ou em parte nos últimos 3 meses	(846)	(31**)	(48**)	(103*)	(159)	(140*)	(150)	(125*)	(82*)	(8**)
Quando lê livros digitais	23	(6)	(15)	31	26	21	18	21	22	(3)
Quando lê livros em papel	58	(18)	(23)	48	56	61	60	67	57	(2)
Não percebe diferença	9	(7)	(10)	21	18	18	22	12	21	(2)
Não sabe (ESP)	0	(0)	(0)	0	0	0	0	0	0	(1)



Percepção sobre leitura de livros digitais ou livros em papel, onde interrompe mais a leitura para consultar mensagens no celular ou no computador - por escolaridade e faixa etária

Escolaridade 2024 (%)

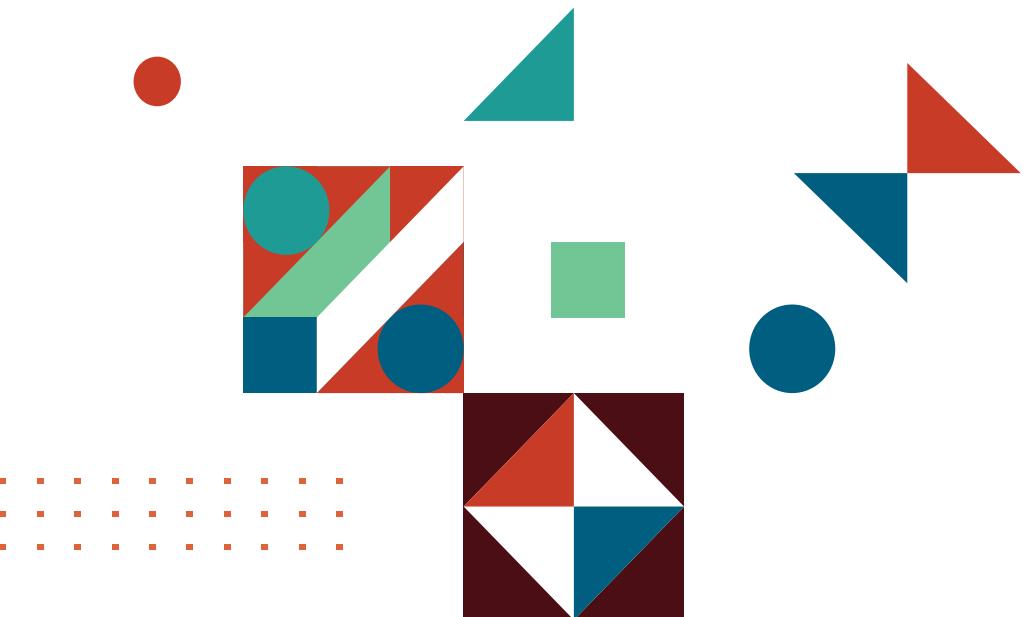
	ESCOLARIDADE				
	TOTAL	Fundamental I (1º a 4º série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5º a 8º série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Superior
Base: Já leu livro digital e leu algum livro inteiro ou em parte nos últimos 3 meses	(846)	(39**)	(130*)	(341)	(336)
Quando lê livros digitais	68	(20)	71	65	71
Quando lê livros em papel	10	(6)	9	12	6
Não percebe diferença	21	(10)	19	21	22
Não sabe / Não respondeu (ESP)	1	(3)	1	2	1

* Bases baixas / ** Bases baixas – dados apresentados em números absolutos

P81) Eu vou ler algumas frases sobre leitura de livros e gostaria de saber sua opinião sobre elas, comparando livros digitais com livros em papel. O(a) Sr(a) diria que: Interrompe mais a leitura para consultar mensagens no celular ou no computador

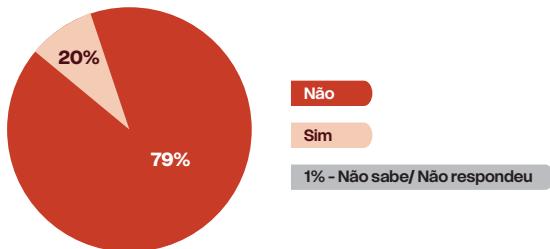
Faixa etária 2024 (%)

	TOTAL	FAIXA ETÁRIA								
5 a 10		11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais	
Base: Já leu livro digital e leu algum livro inteiro ou em parte nos últimos 3 meses	(846)	(31**)	(48**)	(103*)	(159)	(140*)	(150)	(125*)	(82*)	(8**)
Quando lê livros digitais	68	(17)	(34)	72	70	68	72	68	52	(3)
Quando lê livros em papel	10	(4)	(7)	11	9	10	6	10	8	(1)
Não percebe diferença	21	(8)	(7)	16	20	22	20	21	34	(3)
Não sabe / Não respondeu (ESP)	1	(2)	(0)	1	0	0	1	1	6	(1)



Leituras digitais e em outros suportes e meios

Ouviu audiolivros? 2019 (%)



Base: Amostra 2024 (5504)

P71A) E o(a) sr(a) já ouviu algum audiolivro ou audiobook?

40%

Ens. Superior

35%

Compradores de livro

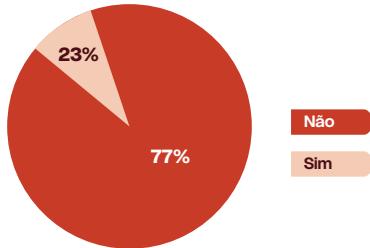
33%

Leitores de literatura

31%

Classe B

Ouviu audiolivros? 2024 (%)



Base: Amostra 2024 (5504)

P71A) E o(a) sr(a) já ouviu algum audiolivro ou audiobook?

44%

Ens. Superior

43%

Compradores de livro

35%

Leitores de literatura

36%

Classe B



Leitores de Literatura

em livros e outras plataformas

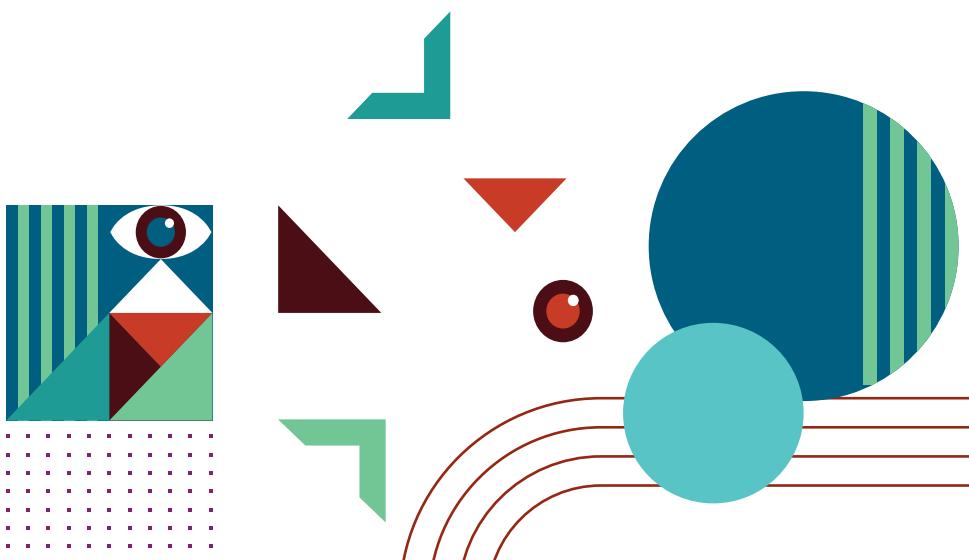


Leitores de literatura

Definições

Definições de leitores de literatura usadas no decorrer da apresentação:

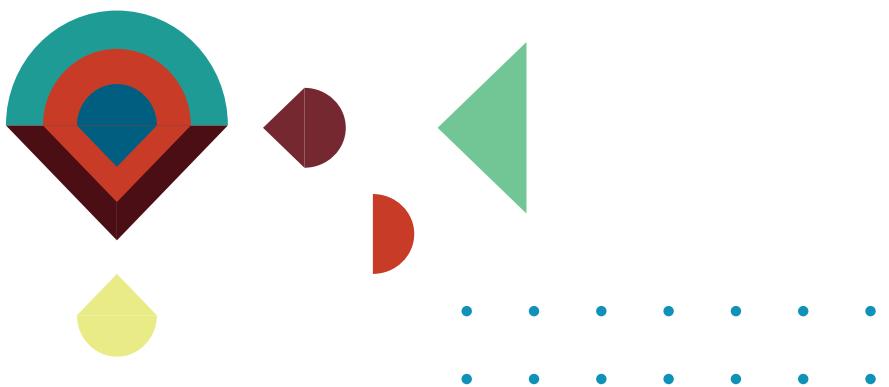
- **Leitores de livros de literatura:** é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de literatura (como contos, crônicas, romances ou poesias) por vontade própria, nos últimos 3 meses
- **Leitores de literatura apenas em outros meios ou formatos:** é aquele que leu literatura (contos, crônicas, romances ou poesias) nos últimos 3 meses apenas por meios que não sejam livros - redes sociais, aplicativos de mensagens, blogs, sites, revistas, jornais ou outros materiais impressos que não sejam livros
- **Leitores de literatura independente do meio:** é aquele que leu literatura nos últimos 3 meses, independente do meio – livros ou meios que não sejam livros



Gênero literário lido

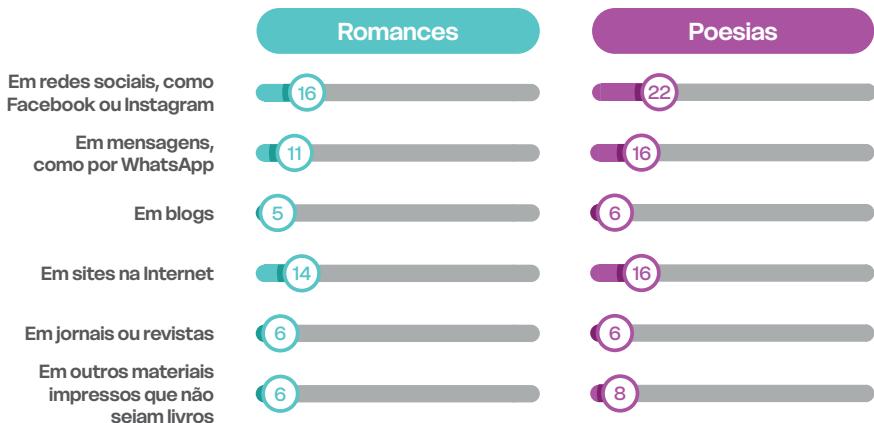
nos últimos 3 meses por meios que não sejam livros - 2024

Gêneros por meio (%)



Base: Alfabetizados (5158). C1.1) Agora pensando em literatura, nos últimos três meses, o(a) sr.(a) leu contos? C1.2) E nos últimos três meses, o(a) sr.(a) leu crônicas? C1.3) Ainda pensando em literatura, nos últimos três meses, o(a) sr.(a) leu romances? C1.4) E nos últimos três meses, o(a) sr.(a) leu poesias?

Gêneros por meio (%)



Leitura em redes sociais como Facebook ou Instagram é mais frequente entre pessoas de 14 a 29 anos: para contos é, em média,

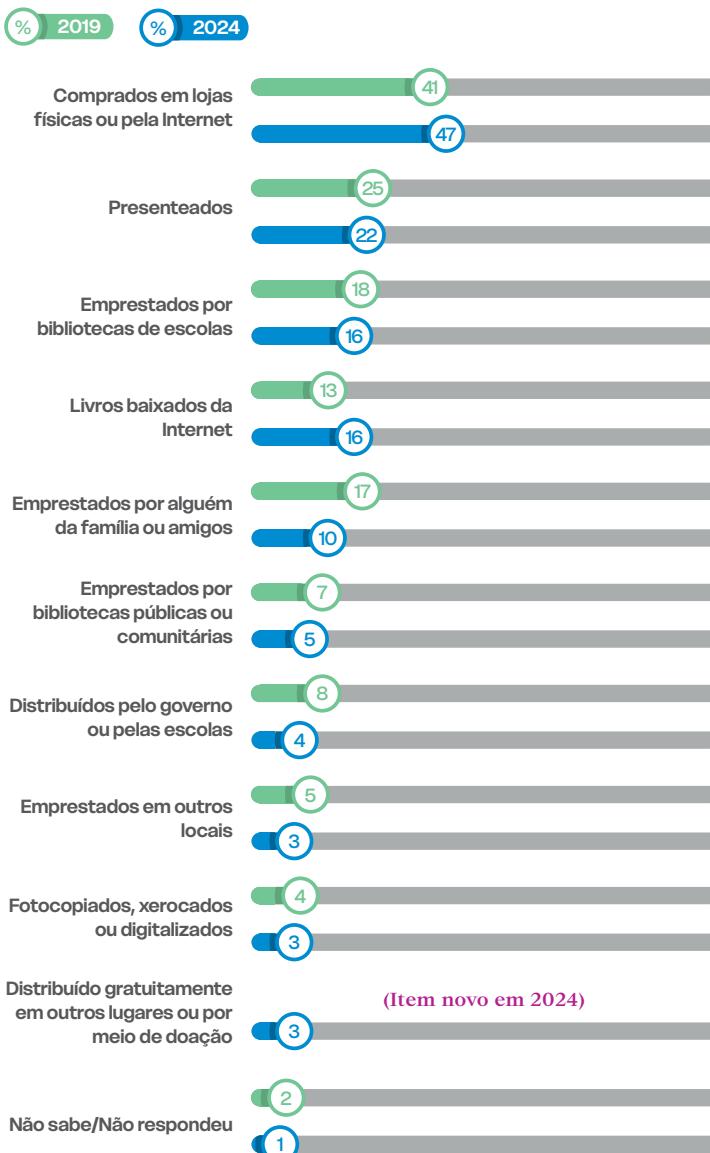
30%



Acesso aos livros: consumo e compra



Principais formas de acesso aos livros (%)



Base: Leitores 2019 (4270) / 2024 (2547).

P.38) Os livros que o(a) sr(a) costuma ler são _____?

Compra de livros nos últimos 3 meses

Comprou algum livro nos últimos 3 meses?

Sim Não

2019 23 77

2024 19 81

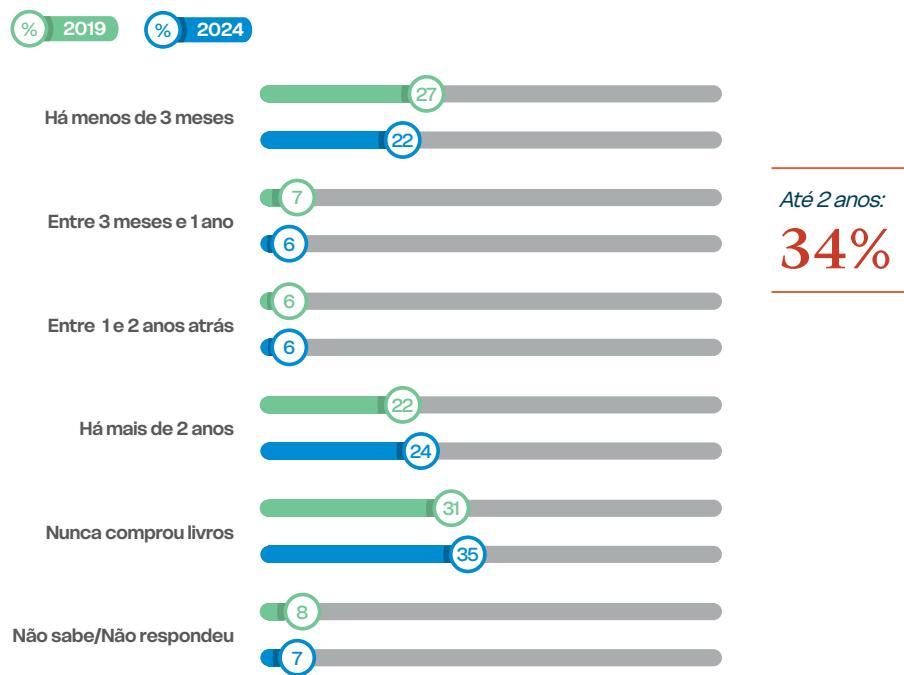
**Estimativa
populacional:
38 milhões**

de pessoas compraram algum livro nos últimos 3 meses (sem considerar os que compraram somente xerox ou apostilas), seja em papel ou em formato digital.

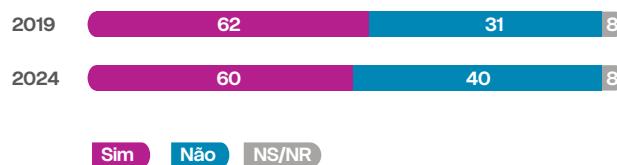
Base: Amostra 2019 (8076) / 2024 (5504)

P.47A) Nos últimos três meses, o(a) sr(a) comprou ____ em papel, em formato digital ou não comprou?

Há quanto tempo comprou o último livro (%)



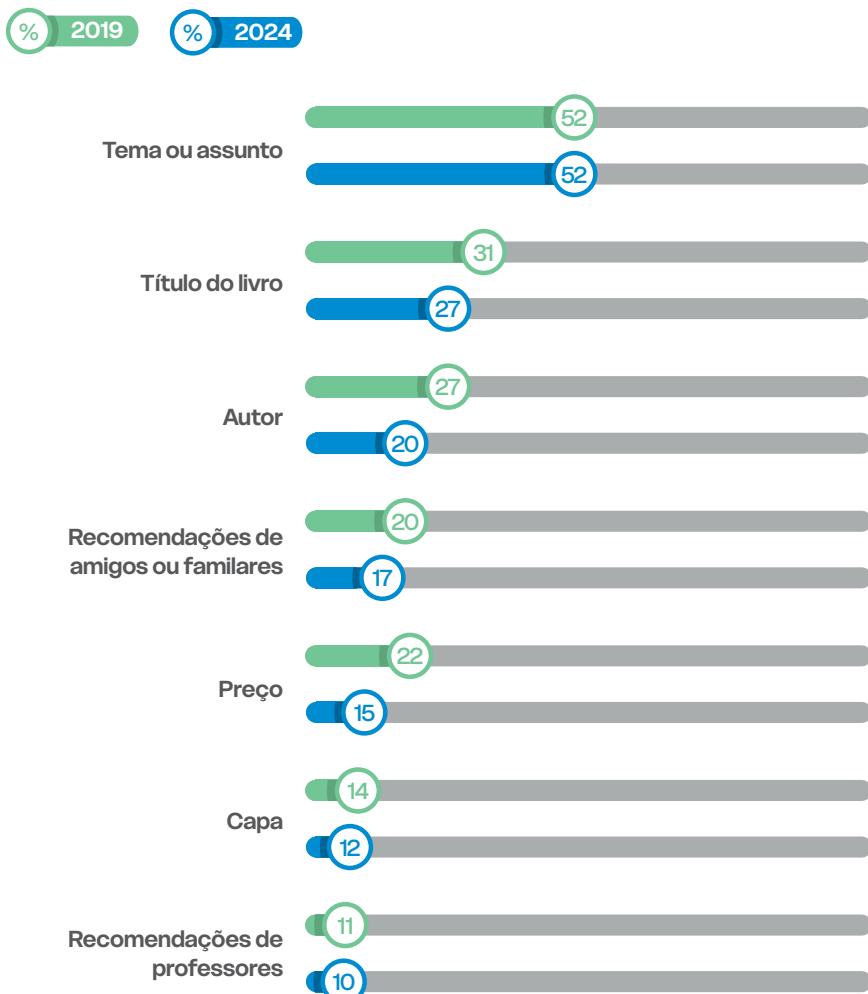
Já comprou livros, independente do período? (%)



* Para o restante do bloco, serão considerados como base os respondentes que já compraram algum livro, independente do período.

Principais fatores que influenciam a escolha de um livro para compra

Principais fatores de influência (%)

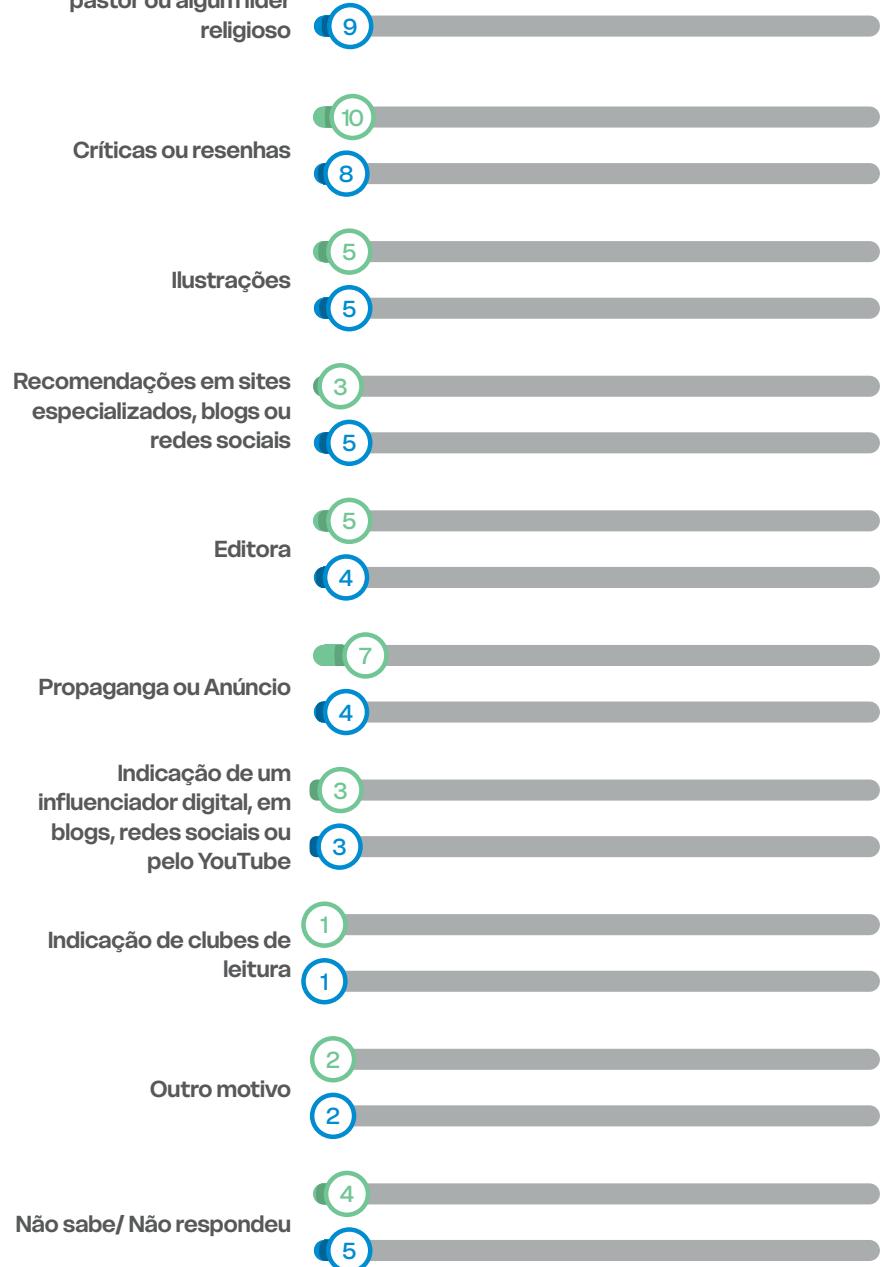


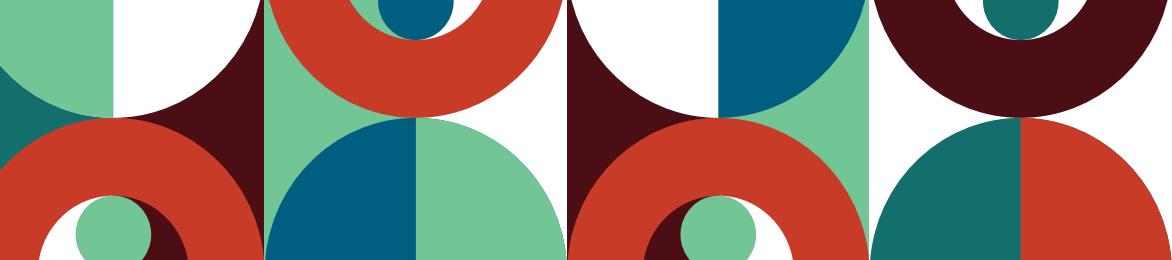
Base: Já comprou livros: 2019 (5548) / 2024 (3248)

P.51) Qual destes fatores mais influencia o(a) sr(a) na hora de escolher um livro para comprar?

Principais fatores de influência continuação (%)

Indicação de um padre, pastor ou algum líder religioso (Item novo em 2024)



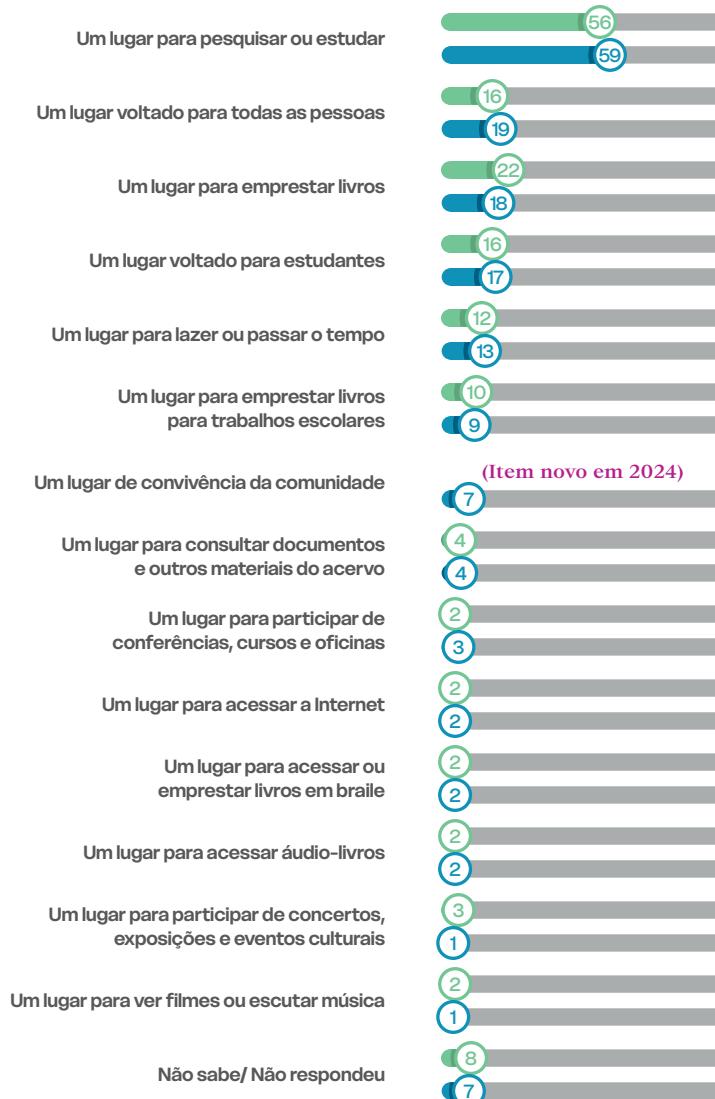


Bibliotecas escolares e universitárias: percepções e uso



O que a biblioteca representa (%)

% 2019 % 2024

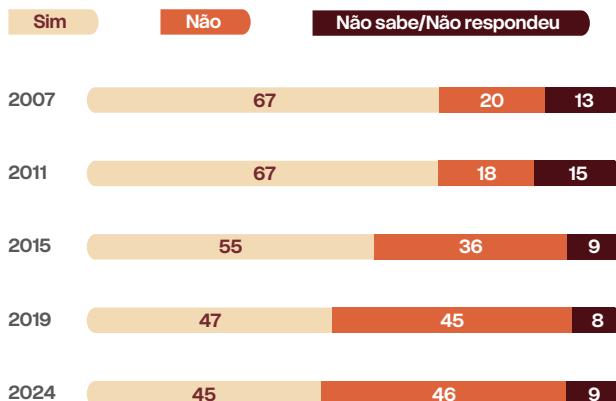


Base: Amostra 2019 (8076) / 2024 (5504).

P.66) Dentre estas opções, o que representa para o(a) sr(a) a biblioteca?

Existência de biblioteca

Existe na sua cidade ou bairro uma biblioteca pública? (%)



Existe na sua cidade ou bairro biblioteca comunitária, mantida por moradores ou estabelecimentos? (%)



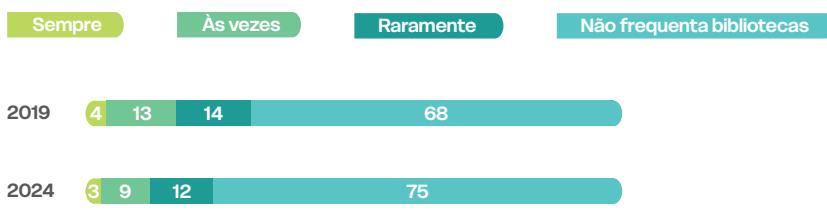
Base: Amostra 2007 (5012) / 2011 (5012) / 2015 (5012) / 2019 (8076) / 2024 (5504)

P58) Pelo que o(a) sr(a) sabe ou ouviu falar, existe na sua cidade ou bairro _____ onde o(a) sr(a) poderia pegar livros emprestados?

Frequência em bibliotecas

Frequência com que costuma ir a bibliotecas

2019 versus 2024 (%)



Base: Amostra 2019 (8076) / 2024 (5504). P.52) O(a) sr(a) diria que costuma ir a bibliotecas _____?

Entre estudantes,

49%

não frequentam biblioteca.

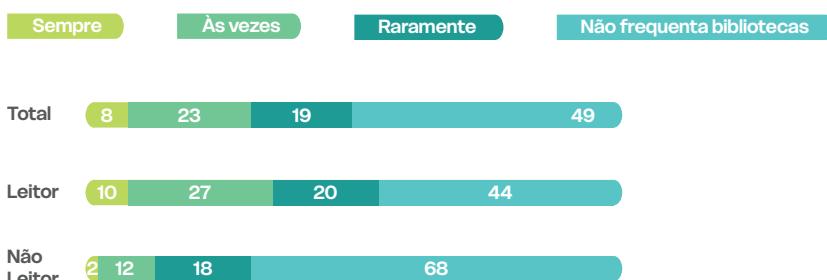
Entre leitores esse

percentual é de

60%.

Frequência com que costuma ir a bibliotecas

Entre estudantes - total, leitor e não leitor (%)

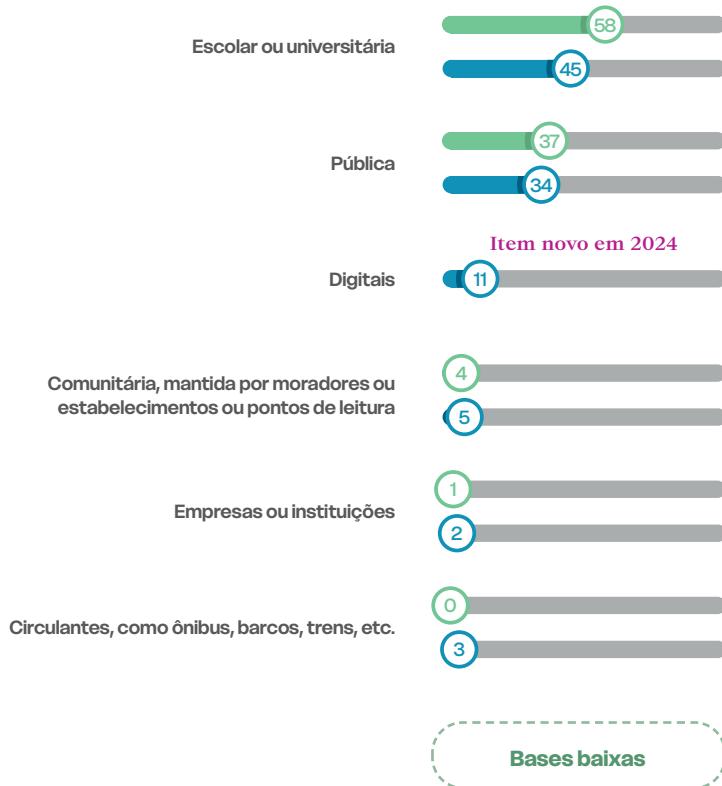


Base: Estudantes 2024 (1304)

Frequência em bibliotecas

Que tipo de biblioteca mais frequenta? (%)

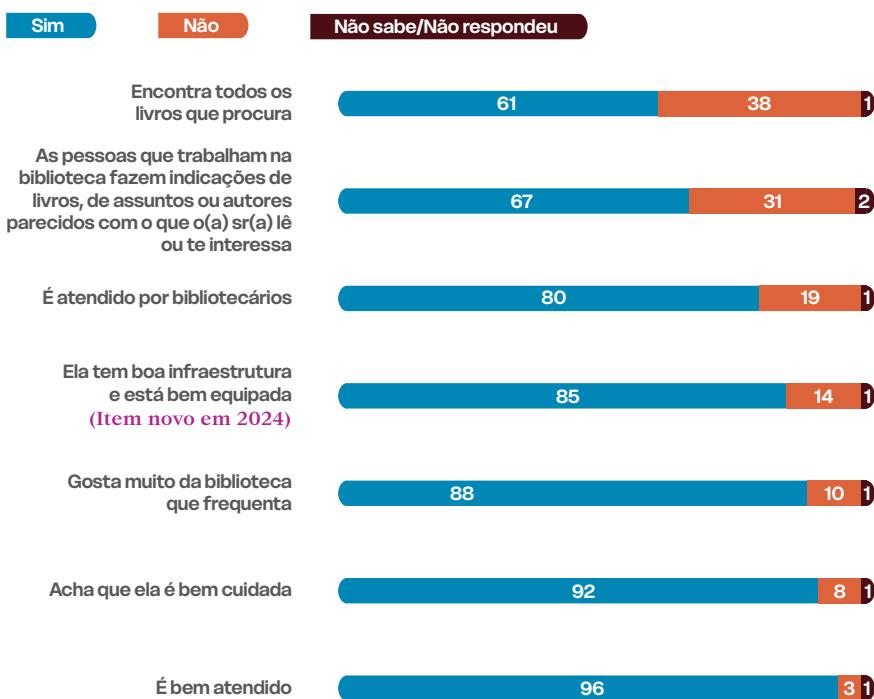
(%) 2019 (%) 2024



Base: Quem costuma frequentar mais de um tipo de biblioteca 2019 (227) / 2024 (93*)
P52B E quais desses tipos de biblioteca o(a) sr(a) MAIS frequenta?

Avaliação da biblioteca que frequenta

2024 (%)



Base: Quem costuma ir a bibliotecas sempre ou às vezes 2024 (654)
P54) Na biblioteca que o(a) sr(a) frequenta, o(a) sr(a) diria que _____:

Avaliação de bibliotecas escolares e universitárias

Encontra os livros que gostaria de ler? (%)



Os professores indicam livros para a leitura? (%)



Base: Quem estuda atualmente e tem na escola onde estuda uma biblioteca ou sala de leitura com livros 2019 (1778) / 2024 (1059)

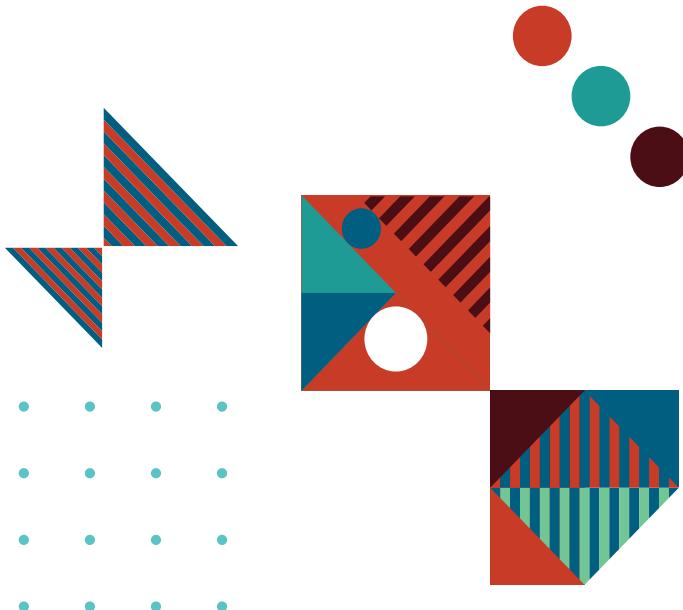
P.63) E lá o(a) sr(a) encontra os livros que gostaria de ler?

P.64) Os professores da sua escola ou faculdade indicam livros para leitura?

Por escolaridade 2024 (%)

	ESCOLARIDADE				
	TOTAL	Fundamental I (1º a 4º série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5º a 8º série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Superior
Base: Estuda atualmente e tem na escola onde estuda uma biblioteca ou sala de leitura com livros	(1059)	(207)	(392)	(272)	(188)
Encontra todos os livros indicados pelos professores	30	37	31	24	28
Encontra parte dos livros indicados pelos professores	28	17	26	32	41
Não encontra os livros indicados pelos professores	8	5	11	10	4
Não procura os livros indicados pelos professores na biblioteca/sala de leitura	10	8	9	10	13
Professor não indica livros	21	29	22	20	10
Não sabe / Não respondeu	3	3	2	4	4

P.65) E nessa biblioteca ou sala de leitura o(a) sr(a) _____



6^a Edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 2024

Realização e Comissão Técnica

Realização e parcerias

Realização

Instituto Pró-Livro – IPL

Ministério da Cultura – MinC (Lei de Incentivo à Cultura – Lei Rouanet)

Parceria

Fundação Itaú

Patrocínio

Itaú Unibanco

Apoio

Abrelivros, CBL e Snel

Coordenação da pesquisa

Instituto Pró-Livro – IPL

Sevani Matos *Presidente IPL*

Zoara Failla *Coordenadora das pesquisas Retratos da Leitura*

Camila Del Nero *Assistente*

Comissão técnica

Instituto Pró-Livro

Zoara Failla *Coordenação da Comissão*

Consultores IPL

Bel Santos Mayer

Dolores Prades

José Castilho Marques Neto

Mariana Bueno

Fundação Itaú Observatório da Fundação Itaú

Alan Pessoa Valadares

Ana Maria Fernandes Cardoso

Aplicação da pesquisa

Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (Ipec)

Rosi Rosendo *Coordenação*

Guilherme Militão

Monize Arquer

Alexandre Carvalho

Instituto Pró-Livro

Diretoria Biênio maio/2023 a maio/2025

Presidente - Sevani Mattos (Presidente da CBL)

Vice-Presidente Administrativo - José Ângelo Xavier de Oliveira (Abrelivros)

Vice-Presidente Técnico - Dante José Alexandre Cid (Snel)

Primeiro Secretário - Jorge Yunes (Abrelivros)

Segunda Secretária - Karine Gonçalves Pansa - (CBL)

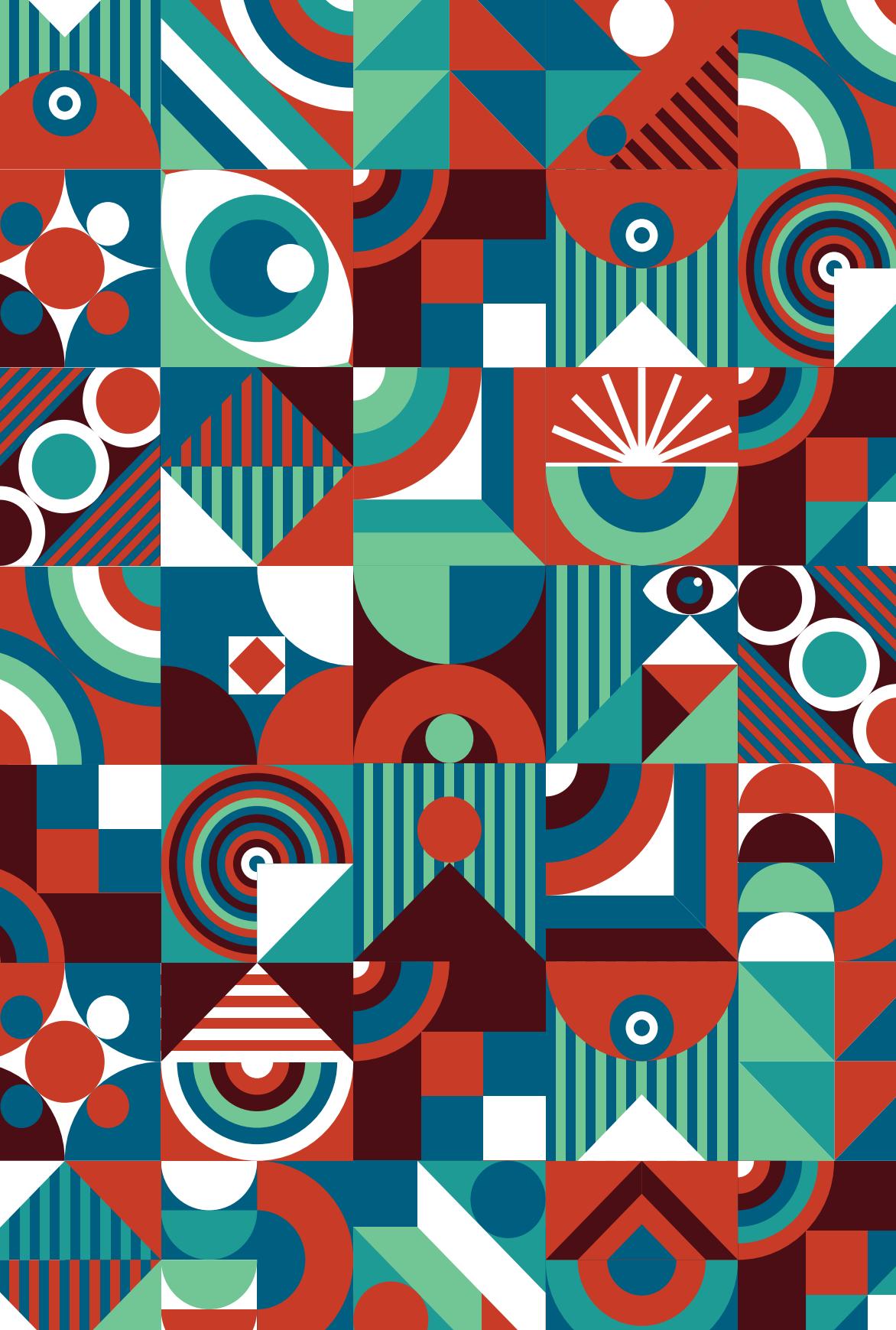
Primeiro Tesoureiro - Paulo Vicente Ruiz de Las Heras Moregola (CBL)

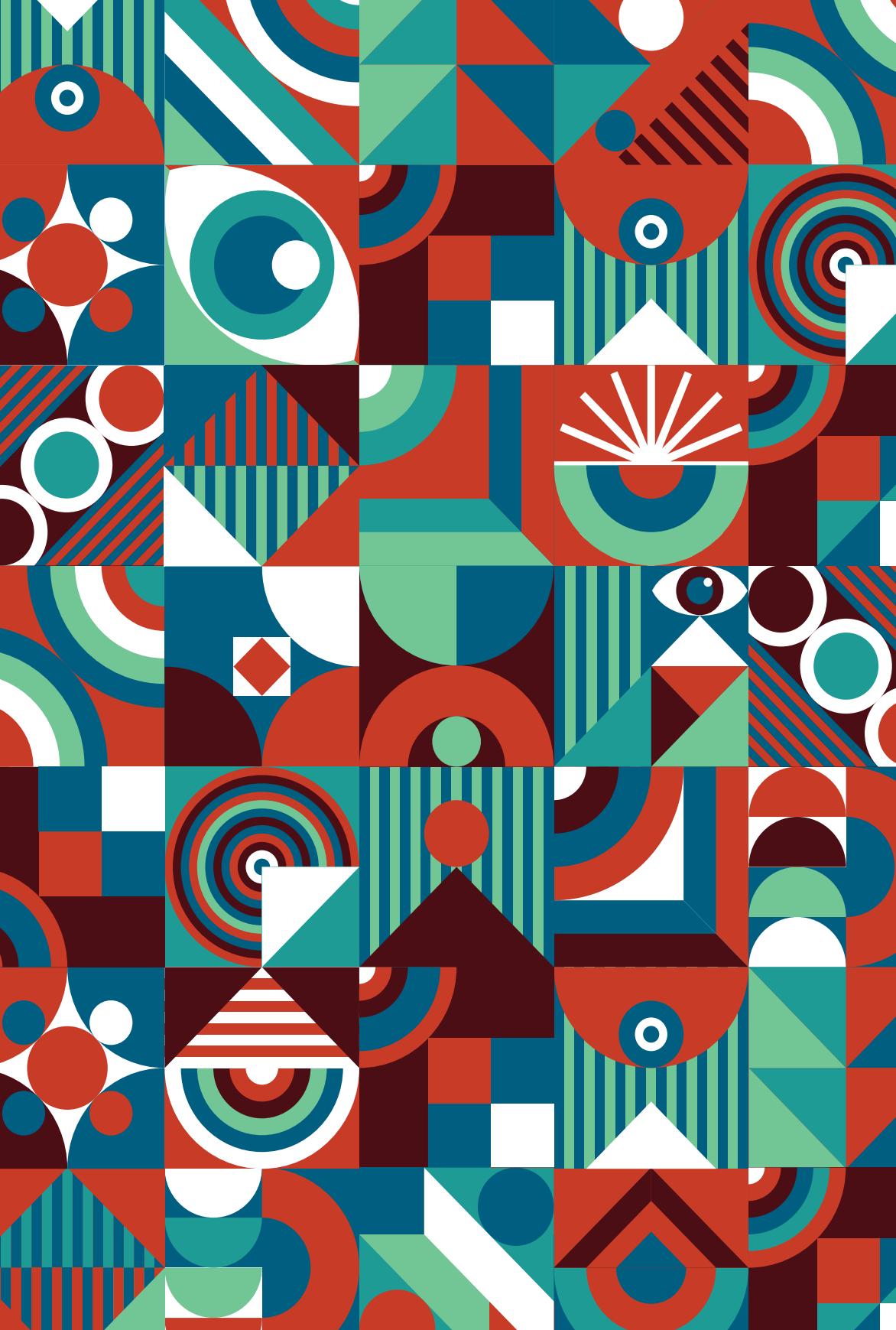
Segundo Tesoureiro - Marcos da Veiga Pereira (Snel)

Fundação Itaú

Eduardo Saron *Presidente*

Carla Christine Chiamareli *Gerente Observatório da Fundação Itaú*







APOIO



PATROCÍNIO



PARCERIA



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA CULTURA

